

REG-54/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0575,p.1/7



[Handwritten mark]

[Handwritten mark] 186

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PAULINHO E O SACI PERERÊ
NEY COSTA

PEÇA GERAL INFANTIL

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

PROC.-	186
LIV.-	01
PAG.-	02
REG.-	054

[Handwritten signature]

Distribuição

[Handwritten signature]

DR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574 p2



029595 -3 MAI 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL
TURMA DE CENSURA DIVERSÕES PÚBLICAS

Handwritten signature/initials

Of.nº 021/TCDF/DR/RS

PoA., 29 de abril 1968.

DO Delegado Regional/RS
AO Senhor Chefe Serviço Censura Diversões Públicas-DPF-Brasília
Assunto: Solicitação-faz.

ANEXO: Três (3) scripts.
Peça Teatral "O Patinho Torto".

Senhor Chefe:

Em cumprimento a Portaria nº 768, de 6 novembro de 1967, do DPF-SCDP-BRASILIA, esta TCDF/DR/RS, remete a Vossa Senhoria, três (3) Scripts da Peça Teatral, intitulada "O PATINHO TORTO" (Ou Os Minstérios Do Sexo), de Coelho Neto, a ser encenada nesta Capital, nos primeiros dias do mês de junho do corrente exercício, a fim de que a mesma seja submetida à Censura para o competente Certificado.

Aproveito o ensejo para renovar a V.Sa. os meus protestos de estima e consideração.

Handwritten signature of Ito do Carmo Guimarães
ITO DO CARMO GUIMARÃES GEN R/1
Delegado Regional / RS

Handwritten initials

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI *Ex/03/5* 1968 AS 16 HA

ASS. *[Signature]*
CENSO DE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSR)

Paim.

*Librado para 14 dias
Paim no curso*

033920 - 311118

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574.p.3

Paicera

Libro original "O Patambo Torto",
interessante comédia escrita por Celso
Getto em 1917.

Em um tom colegial, o autor conta
a história de um mosaico que se torna
homem, num texto sem qualquer
distância moral dentro de uma linguagem
própria da época (1917), e passada no
Rio de Janeiro.

Tudo em vista o seu conteúdo, e
observadas as deleznâncias em vigor
indico a restrição da obra de 74 dias (Qua-
tre dias).

É esse o livro Paicera

Brasília, 11 de Maio de 1968

Jonhny Padua
Comun Federal 18-B
Dat. 2095.858

Psim.

do Censur
mesma.

madure =

abaixo indicada,
que procedeu

NOME DA PEÇA:
AUTOR:
RESTRIÇÃO SU

*O Patinho Torto
Coelho Neto*

[14 (atorze) anos]

OBS:

13 maio 68

VISTO

Encaminha-se ao processo à apreciação do Senhor Chefe do BCE

DESPACHO

do Censur



R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574p.5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 246/68

PEÇA - / O PATINHO TORTO / -

ORIGINAL DE COELHO NETO

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 13 de MAIO de 19 69

Brasília, 13 de MAIO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LETO NETO

Chefe do S. C. D. P.

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p. 6

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -09-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ O PATINHO TORTO /-

Original de COELHO NETO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Tendo sido censurada em 11 de M A I O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de M A I O de 19 68


- CARLOS LUCIO MENEZES -

1
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

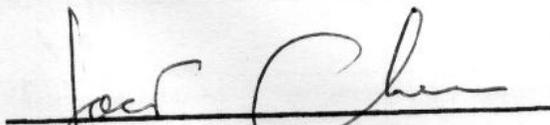


Ao
Serviço de Censura Federal
Divisão de Diversões Públicas
Brasília - D.F.

Eu, João Checa, responsável pelo Grupo de Teatro " O TEARTE " , venho mui respeitosamente solicitar A V.S. a Censura da Peça em tres (3) atos de Coelho Netto, " O PATINHO TORTO " .

O Tearte tem sua sede a Rua Frederico ...
Alvarenga, 260 - 5º andar - Aptº. 51 - S.P. Capital.

São Paulo, 13 de Agosto de 1.969


João Checa

X/12

Censura Federal
Diversões

... João Chaves, responsável pelo ...
... a Comissão de ... (3) ...
... "O Teatro ..."
... São Frederico ...
... 54 ... Capital,

São Paulo, 13 de Agosto de 1953

[Handwritten signature]



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p.9

Direitos de Representação

Autorização Nº 165447

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

Original de Calho Neto
Música de _____
Tradução de _____
No Teatro Diversos Cidade Rio de Janeiro
Empresa OTART Pela Cia. _____
nos dias para Censura da peça
sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de _____% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados em moeda corrente.

Rio de Janeiro, _____ de Agosto de 1969

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

COPIA DE RECIBO DE RECEITA DE SOBREVIVENTES DE AUTORES TEATRAIS
VISTO (pela SBAT)
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições e irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

"O PATINHO TORTO"
ou
"OS MISTÉRIOS DO SEXO"
de
COELHO NETTO

PERSONAGENS :

CUSTÓDIA	IRACEMA DE ALENCAR
CLEMENTE	JOÃO DAS NEVES
BIBI	SÉRGIO MAMBERTI
DONÁRIA	MARILENA CARVALHO
IRACEMA	SUELY FRANCO
EUFÊMIA	EMÍLIO DI BIASI
DR. PATUREBA	CARLOS VEREZA
DONA AUGUSTA	HULDA MACHADO
BATISTA	N.N.

Cenografia e Figurinos CARLOS SORENSEN

Os cenários são decorados por DACOSTA com móveis de "MONTMARTRE" Jorge

Cenotécnica	JARDEL e ALFAIATE
Publicidade	NEIDE COELHO e ADÉLIA REID
Produção	GLAUCE ROCHA
Assistente de Direção	ALDOMAR CONRADO

DIREÇÃO GERAL ANTÔNIO GHIGONETTO

"O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO", original de COELHO NETTO, só poderá ser representada, total ou parcialmente, em teatro, profissional ou amador, rádio, televisão, disco, cinema ou por qualquer outra modalidade, com licença expressa dos herdeiros do autor, por intermédio da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, Rio de Janeiro, GB., Brasil.

O PATINHO TORTO

ATO PRIMEIRO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa ao centro coberta por um pano de crochê, sôbre a qual se acumulam revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela a esquerda, baixa.

Custódia está sentada no sofá, à esquerda. Clemente na cadeira de braços, ao lado de Bibi, sentado junto à mesa de centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTÓDIA — Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufêmia... Deus me livre Eu tinha os meus burros, ficava embezzerrada...

CLEMENTE — *(Sorrindo)* Era bicho p'ra burro, como agora se diz, hem comadre?

CUSTÓDIA — *(Sem compreender)* Bicho? Como bicho!?

CLEMENTE — Burros, bezerros...

CUSTÓDIA — *(Dando de ombros)*. Ora, compadre... Trato sério. Então o senhor não sabe que isto é um modo de falar? Ficava jururu, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doida de chorar. Mas Eufêmia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe ela está lá dentro com Iracema. Vá vê-la.

CLEMENTE — Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo... lembra-se? era uma pomba sem fel, mas fôsse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma feral! Nervos.

.. BIBI — *(Cantarolando baixinho)*. A Bahia é terra boa.

Ela lá e eu aqui... *(Continua assobiando)*.

DONÁRIA — *(Aparecendo ao fundo com um samburá de compras no braço)*. Minh'ama...

CUSTÓDIA — Que é?

DONÁRIA — Subiu sim senhora.

CUSTÓDIA — Quem?

DONÁRIA — O açúcar. Subiu um tostão.

CUSTÓDIA — Um tostão! Isso é um de-

saforo! *(A Clemente frenética)*. Mas que há de ser de nós, compadre?!

CLEMENTE — *(Indiferente)* Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI — *(Pedante)* — É a vertigem das alturas.

CLEMENTE — Nós, comadre, somos do tempo das casas térreas, do feijão com carne seca, de bacalhau na quaresma, das procissões, das fogueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava e com um de dois vintens o pobre fazia o seu almôço. Hoje em dia com essa história de aveação...

BIBI — *(Corrigindo)* Aviação, papai.

CLEMENTE — *(Repontando)* Então eu não sei que é aviação?

CUSTÓDIA — É a mania de emendar a gente.

CLEMENTE — Mas, como eu dizia: hoje, com essa história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTÓDIA — Pelos ares... Pelos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de vêr.

CLEMENTE — Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças: só temos pernas: os homens, para trocá-las na Avenida, bolinar nos cinemas; as mulheres, para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA — Menos o meu.

CLEMENTE — É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA — Anquinhas! Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente. Uma senhora de cauda está sempre composta.

CLEMENTE — Depois... a cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história de parcimonia, cortam o rabo à casaca e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA — *(Ingênua)* Já cortaram, compadre. Agora a casaca é um casibêque que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esmeno...

BIBI — *(Corrigindo)* Smocking.

CUSTODIA *(Aborrecida)* Já vem você, Bibi.

CLEMENTE — Ah! sim... Isso é um filho de casaca. Nasceu sem rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI — Nós mesmos: se não fôsse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTODIA *(Com um mômoo)* Ora, Bibi... tire o seu cavalo da chuva. Quer você dizer que nós...?

BIBI — Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTODIA — Pois Darwin que não seja tolo. Filho de macaco é êle!

CLEMENTE — O rapaz sabe, comadre.

CUSTODIA — Sabe nada! Fidúcias...

DONARIA — Minh'ama, olhe que eu estou aqui esperando.

CUSTODIA — O que?

DONARIA — O açúcar.

CUSTODIA — Pois vai buscar o açúcar. Que se há de fazer? Dá, dá o tostão a êsse gatuno. Há de lhe ficar atravessado na garganta. *(Tostão é grande! Donaria entra à esquerda-fundo)* Eu já não sei mais que hei de fazer. Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um tostão...

CLEMENTE — A três vintens comprei eu muitas na Praia do Peixe, no Largo da Sé...

CUSTODIA — Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não tira uma assimzinha.

CLEMENTE — *(Acendendo um cigarro)* Esta guerra... esta guerra! Nem sei! Enfim... *(Pausa)* Então sinhá esta noite?...

CUSTODIA — *(Atalhando-o)* Ih! compadre... não a chame de Sinhá.

CLEMENTE — Por quê?

CUSTODIA — Não quer. Diz que tem nome. *(Clemente encolhe os ombros)*. Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada. A pobre de minha filha não pregou olho nem deixou ninguém dormir — era de um lado para outro, falando, atirando coisas. Um desespero! *(Suspirando)* Ah! compadre, a falta que me está fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era um homem! Se êle vivesse outro galo nos cantaria. O senhor não imagina o que eu tenho sofrido! E com essa história de Eufemia então é um horror. *(Chama do telefone)* Bibi, tem paciência, meu filho, vai vêr quem é.

(Bibi vai atender, continuando a cena entre os dois enquanto êle fala entrecortadamente).

BIBI — *(Ao telefone)* Alô!... Sim, senhora... Bibi... Eu mesmo... Às quatro? Sim, senhora. Ciúme! Eu? não, senhora. Se

puder. Sim, senhora. Até logo... Obrigado.

CUSTODIA — Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita, mas às vêzes... não sei. Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...

CLEMENTE — Isso passa, comadre.

CUSTODIA — Passa... passa. E as manias, compadre! É cada exquisitece que eu até tenho vergonha de contar. *(Bibi desliga o telefone e volta a sentar-se. Interrogando-o)* Quem é?

BIBI — Clotilde. *(Custódia faz um mômoo)* Está convidando Eufemia para o training logo mais, no Fluminense.

CUSTODIA — *(Aborrecida)* É isso. São êsses trens que lhe estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das môças do meu tempo eram os romances de lã... hoje!

CLEMENTE — É o progresso.

CUSTODIA — Que progresso, compadre! Progresso é uma môça saber tomar conta da casa, serzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.

BIBI — Ora, D. Custódia...

CUSTODIA — Ora... o que? Quando precisares de quem te pregue um botão nas ceroulas as de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. *(Aborrecida)* É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa história de Fluminense.

BIBI — Ela é torcedora.

CUSTODIA — Torcedora... Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está assim virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.

BIBI — Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça? *(Com ênfase)* Na Esparta de Licurgo as môças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhia dos rapazes.

CUSTODIA — *(Rilhando os dentes)* Ah! eu lá com um bom chicote!...

BIBI — Veja a americana.

CUSTODIA — Que tem a americana?

BIBI — É mulher para tudo.

CUSTODIA — Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar petéca com uma pá de barbante e não entender de um refogado? Você come petéca? Come? Não. Pois é... Eu hei de vêr. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufemia... Está aí com os nervos que nem sei.

CLEMENTE — Mas afinal... que disse o Dr. Camacho?

CUSTODIA — Ora o Dr. Camacho... é outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar petéca, fazer ginástica. E sempre a mesma lenga-lenga: que isso é da idade, que o casamento a põe boa. Como se casamento fôsse coisa de botica, como magnesia.

CLEMENTE — Eles, às vêzes, dão em droga, mas só depois da lua de mel.

CUSTODIA — (*A Bibi*) A propósito: você vai ou não buscar o Dr.?

BIBI — Às onze horas.

CLEMENTE — Pois então? São dez e meia.

BIBI — É aqui ao lado.

CLEMENTE — Mas vai.

(*Bibi levanta-se e sai pelo fundo.*)

CUSTODIA — (*Depois de um momento*) Ó compadre, com franqueza: o senhor não acha Bibi um pouco frio?

CLEMENTE — Frio! Quem? Bibi?! Ora, comadre... Não fôsse êle meu filho... Bibi é um forno! Fria é Eufemia. (*Caramunhandô*) Não tem alma. O rapaz chega-se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... murro não é graça.

CUSTODIA — (*Interrogativa*) Mas?...

CLEMENTE — Ora! Cada um!...

CUSTODIA — Olhe, compadre, se ela o esmurra é porque êle...

CLEMENTE — Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Nem parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá no meu entender, tem direito de fazer festas à sua noiva. Ou bem que se é ou bem que se não é. Até é bom, para se irem habituando. (*Gravemente*) Eu também fui noivo, comadre.

CUSTODIA — Também eu. Mas festas de noivo... hum! começam em brincado e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (*Voze à direita. Prestando atenção.*) Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, compadre. O senhor, às vêzes, solta cada uma de arrepiar os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufemia é um lírio.

CLEMENTE — Pelos modos a comadre acha que eu sou imoral?

CUSTODIA — Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufemia (não é por ser minha filha) está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.

CLEMENTE — Pois olhe, comadre, a gente, lá na roça, chama a sensitiva: malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência

velha. O que o povo diz Deus assina. (*Soa um relógio*)

CUSTODIA — (*Prestando atenção à esquerda*) Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma matinée decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, compadre: Sonde-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.

CLEMENTE — Vá descansada.

CUSTODIA — Até já. (*Entra à esquerda*)

CLEMENTE — (*Levantando-se fleumáticamente*) Sim senhor...! E chama-se assim um homem de sem vergonha cara a cara. (*Põe-se a folhear uma revista. Eufemia aparece à porta da direita fumando. Traz no queixo uma cruzeta de pontos falsos. Ao vêr Clemente atira o cigarro ao chão. Clemente apanha-o, lança-o pela janela e diz pachorrento*) Mais prudência menina. Com fogo não se brinca. (*Encarando-a*) Está com dôr de dentes?

EUFEMIA — Eu? Não. Por quê?

CLEMENTE — Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando está com dôr de dentes.

EUFEMIA — Preconceitos. (*Gravemente, com arrogância*) Por que não pôde a mulher fumar? Por quê?

CLEMENTE — Porque... Ora essa! Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.

EUFEMIA — Nem Adão.

CLEMENTE — (*Perlongando a sala*) — Isso é que eu não sei.

EUFEMIA — Sei-o eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil quinhentos e quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da Civilização.

CLEMENTE — Ah! sim? pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nós interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!

EUFEMIA — (*Naturalmente*) Não, é um talho à tóa: cortei-me com a navalha.

CLEMENTE — (*Espantado*) Com a navalha no queixo?... tu!?

EUFEMIA — Pois então, padrinho? Que há nisto de extraordinário?

CLEMENTE — Mas... (*De repente*) Ó Sinhá... (*Eufemia atalha-o com um gesto, Lembrando-se*) Ah, sim... tens nome: Eufemia. (*Outro tom*) Mas Eufemia, que diabo tens tu, hem?

EUFEMIA — Que tenho? tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minh'alma impelindo-me a sair de mim mesma.

CLEMENTE — A sair de ti mesma?! por onde? para onde?

EUFEMIA — *(Com entusiasmo)* Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!

CLEMENTE — Deixa-te de maluquices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.

EUFEMIA — *(Com um momo de desprezo)* Sexo... Sempre a palavra ridícula.

CLEMENTE — Palavra ridícula!?

EUFEMIA — Sim, padrinho. *(Cruzando os braços em atitude de desafio)* Que é sexo?

CLEMENTE — *(Atarantado)* Sexo? Ora! que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. *(Outro tom)* Olha, menina, nessas coisas o melhor é não bolir, estás ouvindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. Demais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!

EUFEMIA — Pois se não sabe vá a um dicionário.

CLEMENTE — Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. *(À parte)* E é isto a sensitva. Está fresca, pois não.

EUFEMIA — *(Com decisão)* Ouça-me, padrinho. *(Senta-se cruzando a perna)* Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?

CLEMENTE — *(Observando-lhe os modos)* Pelo menos é o que está assentado de pedra e cal.

EUFEMIA — Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.

CLEMENTE — Desastre? Como?

EUFEMIA — Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.

CLEMENTE — Não o amas?

EUFEMIA — Amor... O meu amor é feito de energia; amor forte, heróico.

CLEMENTE — É o que serve.

EUFEMIA — ...com impulsão para lutas, para conquistas!

CLEMENTE — *(Escandalizado)* Conquistas!...

EUFEMIA — Sim — Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...

CLEMENTE — Na Cruz Vermelha?

EUFEMIA — Qual Cruz Vermelha! Na aviação. *(Com heroísmo)* Voar sôbre o inimigo! fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! combater no espaço como as águias. O ar! O éter! Glória in excelsis!

CLEMENTE — *(À parte)* — Está varrida de uma vez.

EUFEMIA — *(Sacudindo o vestido com desprezo)* Quando me vejo nesta túnica de

Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caiada de pó de arroz, eu, que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu amarrado ao Caucaso. É horrível! *(De repente)* Dê-me a sua mão.

(Clemente mal lhe estende a mão, que ela aperta, agacha-se, encolhe-se gemendo).

CLEMENTE — *(Sacudindo a mão e soprando-a)*. Irra!

EUFEMIA — *(Com orgulho)* Pulso, hem?

CLEMENTE — Pulso de homem!

EUFEMIA — E o senhor ainda não viu o melhor.

(Iracema aparece à porta da direita, de branco, cabelos soltos, com um lírio na mão)

IRACEMA — *(Romântica)* Papai...

CLEMENTE — Ora muito bom dia. *(Beija-a na frente)*.

IRACEMA — *(Languida)* Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.

EUFEMIA — Deixa-te de fumaças...! *(A Clemente)* Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? *(A Iracema)* Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.

IRACEMA — Tem muito sentimento, não? *(Atitude poética, olhos em alvo, voz languida)*

Oh! não me chames coração de gelo!

Bem vê: trai-me no fatal segrêdo.

Se de ti fujo é que te adoro e muito,

És bela; eu môça; tens amor; eu medo!...

EUFEMIA — Agora eu! *(Mascula, voz trovejante, gestos largos)* Oh! não me chames coração de gelo! etc. etc.

(Plantando-se diante de Clemente em atitude arrogante) Então?

CLEMENTE — Então, que? É a mesma coisa.

EUFEMIA — Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...

CLEMENTE — A tua é mais cheia, isso é, mais grossa... talvez do fumo.

EUFEMIA — Qual fumo! É que eu tenho voz de barítono.

CLEMENTE — Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.

EUFEMIA — Pois é a minha voz.

DONARIA — *(Ao fundo)* Seu almôço está na mesa, seu Clemente. *(Retira-se)*

IRACEMA — Papai já vai almoçar?

CLEMENTE — *(Carinhoso)* Sim, filhota. Tenho um negócio ao meio dia em ponto. *(A Eufemia)* Manda chamar-me logo que chegue o médico. *(Sai pelo fundo à esquerda)*

IRACEMA — Que tens? Tu não és a mesma, Eufemia. Há nuvens densas em tua alma.

EUFEMIA — O que há em minh'alma é uma vontade danada de fazer um escândalo!

IRACEMA — (*Repreensiva*) Que coisa, Eufemia!

EUFEMIA — Já viste uma garrafa de champanha quando a rolha começa a subir e os gases lá dentro borbulhar, a ferver até que, de repente, PUM! Pois assim estou eu.

IRACEMA — Como uma garrafa?

EUFEMIA — Como uma garrafa de champanha.

IRACEMA — Estás brincando. (*Meiga*) Não, querida tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abra-te comigo. Despejas tuas mágoas no meu seio.

EUFEMIA — As minhas mágoas, Iracema... se eu as despejasse ia tudo raso.

IRACEMA — Tens o somno muito agitado. Ainda esta noite... até tive medo.

EUFEMIA — Medo? Medo de quê?

IRACEMA — Não sei. Enfim... pode ser que tenha sido pesadelo. (*Outro tom*) Mas por que me escondes o teu segrêdo? Não confias em mim?

EUFEMIA — O meu segrêdo... (*Trágica*) O meu segrêdo é horrível, Iracema! Se eu to dissesse, cairias fulminada como por um raio.

IRACEMA — Credo! (*Ingenuamente*) É assim grande?

EUFEMIA — É enorme!

IRACEMA — Entretanto nunca me pareceu que tivesses na alma uma coisa assim.

EUFEMIA — (*Voz cava*) Não é n'alma. (*Outro tom*) E como havias tu de descobrir se eu só agora é que dei por êle? (*Nervosa*) Eu não me suicido, Iracema, queres saber porque? Porque tenho medo de morrer. (*De Repente*) Se houvesse escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasses os envelopes, não seria um horror!

IRACEMA — (*Ingenuamente*) Conforme.

EUFEMIA — Pois foi o que se deu comigo. (*Sacudindo o vestido*) Esse envelope não é o meu.

IRACEMA — (*Sem compreender*) Que envelope?

EUFEMIA — (*Sacudindo furiosamente o vestido*) Isto!

IRACEMA — (*Abaixando-lhe as saias*) Não te descomponhas assim, Sinhá, que modos feios!

EUFEMIA — (*Desempenada*) Qual descompondo, qual nada!

IRACEMA — Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

DONARIA — (*Aparecendo ao fundo aza-*

famada) O cheira-cheira está aí, gente. (*As duas olham-na espantadas*). (*Explicando:*) O doutor da casa de saúde aqui do lado. (*Aborrecida*) Oh! vocês também...

IRACEMA — Ah! Espera... É êsse que anda sempre de sobretudo e galochas?

DONARIA — Pois então? Está aí com o seu Bibi. Vou avisar minh'ama. (*Entra a esquerda correndo*)

IRACEMA — (*Notando o desalinho de Eufemia*) Arranja êsses cabelos ao menos. Parece uma fúria! (*Põe-se a lhe arranjar os cabelos*). (*Curiosa:*) Mas que história é essa de cartas, de envelopes?... Alguem escreveu-te?

EUFEMIA — Não.

IRACEMA — Então?

EUFEMIA — (*Limpando as mãos aos ombros de Iracema. De olhos cravados nela, como a hipnotisá-la*) Olha bem para mim. Bem! Sabes quem sou?

IRACEMA — Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?

EUFEMIA — Não sabes. (*Voz soturna*) Eu sou um grande desgraçado, Iracema!

IRACEMA — Um grande quê?

EUFEMIA — Desgraçado!

IRACEMA — Ainda se dissessees desgraçada...

EUFEMIA — Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!

IRACEMA — Com "o"?

EUFEMIA — Com "o"!

IRACEMA — Oh! (*Olhando-a como magnetizada*) Mas então é um milagre!

EUFEMIA — Qual milagre! Um horror é que é!

IRACEMA — (*Em solilóquio.*) Com "o" ... Mas então... (*De olhos apavoradamente fixos em Eufemia, vai-se-lhe a boca escancando, mascara-se-lhe a fisionomia de horror e com os braços duramente estendidos, como na repulsa de uma visão, vai recuando, recuando, até a porta da direita e, depois de nela haver desaparecido, solta um grito estridente*)

EUFEMIA — (*Baixa a cabeça e meneia-a desoladamente dizendo em tom sombrio*) O mal secreto de Raymundo Correia. Ah, poetas... poetas.

BIBI — (*Ao fundo*) Entre, Dr. (*Dr. Patureba aparece ao fundo, muito miope, de sobretudo e galochas apalpando o terreno com o guarda-chuva. Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a Eufemia*) O Dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufemia Arrobas. (*O Dr. aperta por engano a mão de Bibi*) Não, Dr. (*Tomando a*

mão de Eufemia e colocando-a na mão do Dr.)
A mão dela é esta, a minha.

DOUTOR — Dela... sua? Como?

BIBI — Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

DOUTOR — Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... (*Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pin-cenez*) Muito bem. (*Sentando-se*) A doente é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo pouco, só de muito perto. (*Chega-se muito a Eufemia e toma-lhe o pulso*) Pulso um pouco agitado. Mais isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.

EUFEMIA — Para que, Dr.?

DOUTOR — Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro (*Eufemia mostra-lhe a língua*) Assim. U pouco de saburra. Se a menina fôsse homem, eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFEMIA (*Levantando-se vivamente*) Dr., meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... Como direi, coisa de que se expõe à mostra na vitrina.

DOUTOR — Por que?

EUFEMIA — Porque...ninguém expõe contrabandos.

DOUTOR — Contrabandos... Como contrabandos?

EUFEMIA — Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI — Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...

EUFEMIA — Não é cerimônia, Bibi, é... (*Custodia entrando pela esquerda apressada*)

CUSTODIA — Desculpe-me, Dr. Eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora, bem? Os meninos?...

DOUTOR — Todos bem, obrigado.

CUSTODIA — Então? ... Já examinou, Dr.?

DOUTOR — Ia examiná-la agora, mas... pelos modos... acho-a muito escrupulosa.

EUFEMIA — Sim, preciso ficar a sós com o doutor.

CLEMENTE — (*Entra pelo fundo, com o guardanapo ao pescoço. Vendo o médico de-tem-se. Tira o guardanapo e chamando Bibi à parte, pergunta-lhe baixinho*) Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda, banhada em lágrimas.

(*Custodia e Eufemia discutem nervosamente*)

BIBI — Não sei.

DOUTOR — O senhor é o pai?

CLEMENTE — Não, Dr., padrinho apenas.

BIBI — É verdade, não os apresentei. (*Apresentando*) Coronel Clemente Lameira, meu pai. Dr. Patureba.

DOUTOR — Felismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.

CLEMENTE — Muito obrigado, Dr.

CUSTODIA — Mas então, Dr... Como há de ser? ela insiste em ir só.

DOUTOR — No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até lá em casa é melhor porque temos tudo à mão.

CUSTODIA — Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?

DOUTOR — (*Formalizado*) Eu não sou homem, minha senhora.

CUSTODIA — O senhor!?

CLEMENTE — Essa agora!...

DOUTOR — Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo, é neutro.

BIBI — Lá isso...

EUFEMIA (*Decidida*) Vou só. Só ou então... (*Ao doutor*) Vou pôr o chapéu. Com licença. (*Entra à direita*).

CUSTODIA — Mas... (*Troca olhares com Clemente*) Não sei... Mas acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... Até é bom porque não tenho coragem para essas coisas. Mas uma pessoa da família... Não está direito.

DOUTOR — Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.

CLEMENTE — Há um meio. Não por causa do Dr., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.

CUSTODIA — A língua do mundo.

CLEMENTE — Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.

DOUTOR — É. Pode ficar na secretaria. está muito, bem. Enfim... eu estou por tudo.

CUSTÓDIA — É só por causa da bôca do mundo, Dr. O senhor nem imagina esta vizi-nhança por aí. Não escapa ninguém.

BIBI — Papai não tinha uma entrevista ao meio dia?

CLEMENTE — (*Distraído*) — Hem?...

Ora... Vou à noite. (*A Custódia e ao Doutor*) Bem, eu vou indo.

CUSTODIA — Olhe, compadre... fale-me pelo telefone.

CLEMENTE — Sim, sim.

DOUTOR — Espere na secretaria. (*Clemente sai pelo fundo à direita*)

CUSTODIA — Será preciso ferro, Dr.?

DOUTOR — Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso, não será para hoje. Hoje farei apenas o exame.

CUSTODIA — Seja tudo pelo amor de Deus! (*Eufemia aparece de chapéu*)

EUFEMIA — As suas ordens, doutor.

CUSTÓDIA — (*Choramando*) Ah! minha filha... tem coragem.

EUFEMIA — Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com êle.

BIBI — (*Baixo a Eufemia*) Ingrata!

EUFEMIA — (*Com uma rabanada*) Não me amoles! (*A Custódia*) Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!

CUSTODIA — Que é isso, menina!!...

EUFEMIA — É o que lhe digo! Vamos, Dr.

CUSTODIA — Você também nem parece homem, Bibi.

BIBI — Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer.

CUSTODIA — Vai minha filha. Deus te acompanhe.

DOUTOR — As suas ordens, minha senhora. E fique tranquila. Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranquila.

(*Custódia e Bibi acompanham até o fundo. Custódia apoia-se a uma das omzeiras chorando. Bibi prossegue conduzindo o médico, que vai tateando, curvado sobre os passos.*)

IRACEMA — (*Aparece à direita e vendo Custódia a chorar adianta-se nervosa, abraça-a e interroga-a aflita*) Que é? Que houve? (*Olhando em volta*) Onde está sinhá?

CUSTODIA — Foi com o Dr. para a casa de saúde.

IRACEMA — Para a casa de saúde?!

CUSTÓDIA — Parece que tem de ser operada!

IRACEMA — Operada?! Ah! (*Cai desfeita*)

CUSTODIA — Virgem mãe do céu! (*Aos gritos*) Bibi! Donaria! Acudam!

BIBI — Que foi?!

CUSTODIA — Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chama Donaria.

BIBI — Minha pobre irmã! (*Correndo ao fundo em grande aflição*) Donaria! (*Volta, ajoelha junto de Iracema e põe-se a bater-lhe nas mãos, a esfregar-lhe os pulsos*) Iracema! Minha irmã!

CUSTÓDIA — O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!

DONARIA — (*Entra afogeadamente pelo fundo, de avental, as mangas arregaçadas*) Que é? (*Vendo Iracema desmaiada*) Misericórdia Mas que foi, minh'ama?

CUSTODIA — Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.

DONARIA — (*Com as mãos na cabeça*) Virgem! Operada! ...Sinhá... (*Desata a chorar desesperadamente*)

CUSTODIA — Que é isso, rapariga! Vocês em vez de me darem coragem, ...já se viu uma coisa assim? ...Cala a bôca Donária!

DONARIA — Coitada de Sinhá. Aquele diabo do cheira-cheira... não é atoa que eu embirro com êle.

(*Iracema volta a si, senta-se, olhando em volta, airada*)

CUSTODIA — Iracema!

BIBI — Minha irmã! (*Chamada ao telefone. Bibi corre a atender*)

CUSTODIA — (*A Iracema mas voltada para o telefone*) Estás melhor, minha filha?

DONARIA — Pobresinha de Nha Eufemia nas mãos daquele diabo que não enxerga.

BIBI — (*Ao telefone*) Beira mar: oito, nove, seis, quatro. (*Desliga*)

CUSTÓDIA — Chega de chorar, Donária. (*A Iracema*) Estás melhorzinha? (*A Bibi*) Quem é?

BIBI — (*Sentando-se ao lado de Iracema*) Foi engano.

IRACEMA — Que fatalidade! (*Abraça-se em Custódia soluçando*)

P A N O

FIM DO PRIMEIRO ATO



*Cêna de "O PATINHO
TORTO" ou "OS MISTÉRIOS
DO SEXO", com
SUELY FRANCO,
JOÃO DAS NEVES e
SÉRGIO MAMBERTI,
criadores dos papéis de:
"Iracema", "Clemente"
e "Bibi".*

A T O S E G U N D O

CUSTÓDIA — *(Sentada no sofá, com as mãos abandonadas no colo, suspira com desalento:)* Ai... ai... *(A Donaria, que está encostada num dos umbrais da porta do fundo)* Já acendeste a lamparina do oratório?

DONARIA — Já, sim senhora. Mas eu achava que, para uma coisa assim, era melhor uma vela de cêra. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem fôrça: os santos nem ligam. Cêra é cêra, minh'ama.

BIBI — Tudo é luz, Donaria

DONARIA — Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja. O que se manda é cêra. Eu não mandei uma barriga? Mandei. Vocemê pensa que os santos não vêem essas coisas? Ora se vêem...! Santo Antônio então!...

CUSTÓDIA — Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai duma vez.

DONARIA — De quanto?

CUSTODIA — Dez tostões. Pois não chega?

DONARIA — De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um fósforo. Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.

CUSTODIA — *(Impaciente)* Pois compra, rapariga. Compra!

DONARIA — Ué! Minh'ama fica zangada. Eu tenho culpa!? Está tudo pela hora da morte.

CUSTODIA — *(Enfuzada)* Morte, morte. Até parece agouro.

DONARIA — *(Resmungando)* Hum... Nossa senhora! *(Sai pelo fundo à esquerda)*

BIBI — *(Consultando o relógio)* Vinte minutos para uma.

CUSTODIA — Está demorando muito. E o compadre, nada? Se você tocasse para lá, Bibi?

BIBI — Não. Se papai não fala é porque a operação ainda não terminou.

CUSTODIA — *(Alarmada)* Operação! Que operação?! Pois ela vai ser operada? *(Com as mãos na cabeça)* Bem que eu estava adivinhando. *(Põe-se a andar de um para outro lado, desesperada).*

BIBI — Espere. Tenha calma. Eu queria dizer exame.

CUSTODIA — *(Avoada)* Não! Não! *(Chamada ao telefone. Alvorçada)* Vai ver, Bibi. *(Bibi corre ao aparelho e Custodia fica em atitude expectante).*

BIBI — Alô? Como? Aqui é Beira mar:

oito, nove, seis, quatro. *(Um instante)* Beira mar.

CUSTODIA — Que é?

BIBI — Pois não. *(Desliga)*

CUSTODIA — Que é?

BIBI — Engano. *(Pausa)*

CUSTODIA — Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.

BIBI — Olha, D. Custodia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença de Eufemia é o cinema.

CUSTÓDIA — *(Sem entender)* Como cinema?

BIBI — Essas môças vão ao cinema, vêem coisas, impressionam-se e é isso.

CUSTODIA — Mas que coisas terá ela visto para ficar assim.

BIBI — Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de môça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos, ele só irá aos cinemas comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.

CUSTODIA — Ora Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufemia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu me engane, mas, para mim... *(Suspira)* Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI — Ora! Os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.

IRACEMA — *(Entrando pela direita)* Nada ainda?

CUSTODIA — Qual, minha filha! E você como vai? *(Fa-la sentar-se ao seu lado)*

IRACEMA — Estou preocupada. *(Tomando a mão de Custodia e encostando-a ao peito)* Olha o meu coração como está.

BIBI — Não há nada. *(Chamada ao telefone)*

CUSTODIA — Vai ver, Bibi. *(Bibi vai atender. As duas mulheres levantam-se e acercam-se do aparelho ansiosas. Baixo a Iracema)* Estou com medo.

BIBI — Alô... *(Sófrego)* É papai? Sim, sou eu. Então? *(Movimento das mulheres)* Como? Um terno? Aqui? Só se fôr o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? *(A Iracema)* Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA — Tenho, um que êle comprou ontem. Pediu-me que lhe repregasse os botões.

Setembro - Outubro de 1964

BIBI — (Ao telefone) Mas para quem é o terno, papai? ((Espantado) Como? Para Eufemia?

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — (Atônito) É papai que está pedindo um terno para Eufemia.

CUSTÓDIA — (Com uma rabanada) Ora, teu pai está maluco.

BIBI — (Ao telefone) Mas porque, papai? Que extravagância é esta? Não vem? Por que? Como! (Nervoso) Não é Eufemia? Que diz? Hem? Eu... que? Eu macho?! Não compreendo. (Vivíssimos sinais de assombro) Hem? Oh! (Deixa cair o fone e fica estatelado diante das senhoras, de olhos esgazeados.)

CUSTÓDIA — (Num grito) Morreu! Minha filha morreu!

BIBI — (Arfando com voz surda) Sim, sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva, viúvo!

CUSTÓDIA — (Escandalizada) Como?! Pois era... e não aparecia. (A Iracema) Vá lá para dentro, Iracema. (De punhos fechados e entredentes) Mas quem será o miserável? Eu esgano-o...! (Iracema fica parada no meio da sala e olha ora para um, ora para outro.) (A Bibi) Menino ou menina? (Falando-lhe em rosto. Voz trágica) Quem sabe se não foi você, Bibi?!

BIBI — Eu? Eu... que?

IRACEMA — (De pé no meio da sala olha os dois desconfiada)

CUSTÓDIA — Menino ou menina?

BIBI — Menino? Menina?

CUSTÓDIA — (Frenética) Pois você não disse que ela...?

BIBI — Ela? Não há mais ela. É êle.

CUSTÓDIA — (Frenética) Êle? Que êle? Homem, Bibi, eu não te entendo. Êle quem?

BIBI — Eufemia.

CUSTÓDIA — Então Eufemia é êle, Bibi?

BIBI — É sim senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA — O médico examinou... o médico examinou. E daí...?

BIBI — É isso.

CUSTÓDIA — Isso o que?

BIBI — Ela só pode vir para casa...

CUSTÓDIA — Carregada, já sei. (Depois de uma volta) Se é por causa do pequeno...

BIBI — Que pequeno?

CUSTÓDIA — Que pequeno?!... O do infame!

BIBI — E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame! (A Iracema) Vai lá para dentro, Iracema. (Iracema entra a direita desconfiada)

CUSTÓDIA — E agora?

BIBI — Pois a senhora não compreende? (Custodia faz apalermadamente um gesto negativo) Eu vou mandar o meu terno para Eufemia.

CUSTÓDIA — Para Eufemia... teu terno, êsse... (Sarcástica) Então Eufemia há de vir por aí vestida de homem?

BIBI — Naturalmente, porque êsse é o traje que ela deve usar. (Custodia enclavinha as mãos e encarava boquiaberta). (Explicando com mistério) Dona Custodia, Eufemia é um erro da natureza, que nos enganou a todos: a senhora, a mim...

CUSTÓDIA — Erro da natureza?... (Donaria entra pelo fundo)

DONÁRIA — Aqui está a vela.

CUSTÓDIA — (Irritada) Deixa-me com essa vela, rapariga!

DONÁRIA — (À parte) Credo! (Entra à esquerda colocando de passagem o fone no gancho.)

BIBI — (Misteriosamente) Papai acaba de comunicar-me que Eufemia é homem.

CUSTÓDIA — (Num jato) Seu pai perdeu a cabeça. (Ameaçando-o com os punhos) Então, minha filha?...

BIBI — É homem, tanto que, para voltar à casa, faz questão de um terno e, como não há outro vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.

CUSTÓDIA — (Giro, girando atordoada) Não. Não é possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufemia... isso é lá possível! (Chamada ao telefone Bibi adianta-se mas Custodia toma-lhe a frente) Não! Eu mesmo falo. (Ao telefone) Quem fala? Aqui é Custodia Arrobas. (Interrompendo) Não seja malcriado, sabe!? (Desliga)

BIBI — (Escarapelandose) Que hei de eu dizer aos meus íntimos...! Com que cara vou eu aparecer em público!... Isto vai ser um escândalo!

CUSTÓDIA — Mas como foi?

BIBI — Sei lá como foi! (Chamada ao telefone. Custodia acode)

CUSTÓDIA — Alô! Sim, senhor. É o comadre? Ah, o Dr... Então, Dr.? (Pausa) (o espanto vai pouco a pouco descompondo-lhe o rosto) Mas não é possível, Dr. O senhor viu bem? Mas... não sei, Dr... só se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calculo! Está inconsolável! Sim, senhor. (Desliga e fica apatetada, os braços caídos ao longo do corpo, meneando com a cabeça desoladamente).

BIBI — Então, D. Custodia? (*Ela encara-o com ar de idiota*) Está convencida?

CUSTODIA — (*Acena negativamente com a cabeça; depois de uma pausa*) Olhe, Bibi, eu vou fazer cinquenta e dois anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (*bate com as mãos nas faces*) (*outro tom*) E agora? Que vou fazer de tôda essa roupa que ela tem aí?

BIBI — Ora a roupa...! A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim, ...vou mandar-lhe o terno.

CUSTÓDIA — É... que remédio! Está lá teimando — que não vem! Que não vem. Manda Donaria levar.

IRACEMA — (*Entrando pela direita com um embrulho. A Bibi*) Está aqui o pijama de papai. (*A Custódia*) Então ela operou-se mesmo?

CUSTODIA — (*Depois de a encarar com ar atoleimado*) Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disso, é que, de hoje em diante não me fio em mais ninguém.

IRACEMA — Nem em mim, D. Custodia? (*Bibi entra a direita com o embrulho*)

CUSTODIA — Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... (*Persignando-se*) Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... *bumba!* Homem. Eu sei lá! (*Entra à esquerda gesticulando*) (*Iracema senta-se junto à mesa folheando distraidamente as revistas. Donaria aparece ao fundo, seguida de Augusta que traz uma bolsa de couro.*)

DONARIA — Hué! Minh'ama não está aí? Está, D. Iracema?

AUGUSTA — (*Dirigindo-se para Iracema de mão estendida muito lampeira e saracoteado*) A senhora! Então como vai! Não sabia que estava por cá.

IRACEMA — (*Friamente*) Como vai a senhora, D. Augusta?

AUGUSTA — Rolando... (*Fazendo-lhe mimos*)... cada vez mais bonita, benza-a Deus! (*Põe a bolsa numa cadeira*) Já sei que veio tratar do enxoval, hem? (*Iracema encolhe os ombros com indiferença*) Quando chegou?

IRACEMA — No sábado.

AUGUSTA — Está aqui mesmo?

IRACEMA — Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.

AUGUSTA — Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recebi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza! Rendas, bicos, crivos, labirinto, até nhanduti. E barras de saias, golas, cabeções, lenços... tenho vendido muito. Já viu as rendas de fi-

bra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. (*Faz menção de abrir a bolsa. Iracema detem-na*)

IRACEMA — Não, D. Augusta; depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

AUGUSTA — (*Tirando do bolso um vidro de sais*) Cheire isto. É um santo remédio. (*A Donaria*) Donaria, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma xicrinha de café?

DONARIA — Pois não, D. Augusta.

BIBI — (*A direita chamando*) Donaria!

DONARIA — Senhor? (*Entra à direita*)

AUGUSTA — Pois é verdade... (*Pausa*) Venho da casa de uma freguesa. Estou estrompada. Ah! menina, ...esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio, tenho de fiar; uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... é automóvel, Municipal, festas, sedas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcaria de vinte e cinco mil reis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bonde tenho gasto mais do que fiei. Vou lá, bafo e é aquela certeza: "Não está. Está no ranho." Há dias fui lá de manhã, veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para S. Paulo. À tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu, fiz que não vi (*Insistindo com o vidro de sais*) Cheire um pouco. (*Iracema aceita*) (*Donaria com um embrulho atravessa a cena da direita para o fundo por onde sai a correr*) A senhora sofria de enxaquecas? (*Anima-a*)

IRACEMA — As vezes.

AUGUSTA — Isto é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Por que não experimenta? (*Com malícia*) E olha, na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido, ali na Praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto.

IRACEMA — (*Aborrecida*) Não penso em casamento D. Augusta.

AUGUSTA — (*Com enlevo*) É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.

IRACEMA — A senhora é casada? (*Augusta faz tristemente com a cabeça um gesto negativo*) Viúva? (*Mesmo gesto*) Como sabe então?

AUGUSTA — (*Com um arrancado suspiro*) Por informações, meu bem. Perdi o meu tempo de môça em maluquices. Não conheci o mundo. Que quer a senhora? E não me faltaram partidos e bons! Mas tanto esco-

lhi, tanto escolhi, que aqui estou. A vida era boa, e eu não sentia o tempo, que é como um morcego que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.

IRACEMA — Nem por isso, D. Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA — Ora, coraçãozinho... não estou velha... eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da rua — não se enxerga o porcaria — andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... mas eu, pois sim. *(Puxando a palpebra inferior de um dos olhos)* Eu vejo longe! Comigo não há lambanças. O que êle queria sei eu: mais isso!!! *(Tocando com a mão espalmada ora numa espádua ora noutra)* Prá cá, mais prá cá! Não, que me tem custado! *(Custódia entra pela esquerda amuada)* *(Augusta levanta-se com alborço e vai-lhe ao encontro)*

CUSTODIA — *(Friamente)* Com está D. Augusta) *(A Iracema)* Falaram para cá?

IRACEMA — Não, senhora.

AUGUSTA — Eu trouxe a sua encomenda.

CUSTODIA — Que encomenda?

AUGUSTA — Para o enxoval da menina.

CUSTODIA — Ah! *(Fica um momento como alheia e de repente)* Olha, D. Augusta: o dito por não dito, eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA — *(Ressentida)* A senhora parece que está sentida comigo, D. Custódia.

CUSTODIA — Sentida? Não, D. Augusta.

AUGUSTA — Nem tem razão. Bem sabe que, negócios aparte, eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

CUSTODIA — *(Falando a toa)* É verdade.

AUGUSTA — Pois então?

CUSTODIA — É... Mas... *(Desorientada)* Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora há de pensar que é mentira. A senhora está me vendo aqui, assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA — Mas que tem?

CUSTODIA — Que tenho? Eu sei lá, D. Augusta.

AUGUSTA — Não será algum embaraço no estômago? *(Bibi aparece à porta da direita de pijama e estaca ao vêr D. Augusta. Faz um sinal de cabeça à Iracema a perguntar quem é?)*

IRACEMA — Entra. Não faz mal, é D. Augusta. *(Bibi adianta-se com acanhamento)*

BIBI — Não repare.

AUGUSTA — Reparar em que? O senhor está tão bem. *(A Iracema)* É seu irmão, não?

IRACEMA — Sim, senhora.

AUGUSTA — Ora, com cerimônias... Pois não está decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA — De pijama?

AUGUSTA — Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTODIA — *(Baixo a Bibi)* Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI — Já, sim, senhora.

CUSTODIA — E agora, com esta mulher metida aqui... como há de ser? Esta é uma língua!

BIBI — Que se há de fazer! *(Outro tom)* Mas eu ainda não acredito D. Custódia, só vendo.

CUSTODIA — E eu, Bibi.

AUGUSTA — Mas então, D. Custódia, quer ver ou não as rendas para a menina.

CUSTODIA — Que menina?

AUGUSTA — Sua filha...

CUSTODIA — *(Com um muchôcho)* Pois sim... *(Iracema levanta-se e vai debruçar-se à janela. Bibi bate um cigarro na mesinha, tira a caixa de fósforos do bolso, mas fica como esquecido. Augusta interdita sem compreender os modos misteriosos dos que a cercam, olha para um, para outro. Custódia passeia nervosamente pela sala, estrincando os dedos, vai ao telefone como para falar, detém-se diante do aparelho e, sungando os ombros, torna à sala. Augusta disfarça o seu mal-estar abrindo a bolsa e examinando-lhe o conteúdo. Rumor fora. Movimento na sala.)*

DONÁRIA — *(Aparecendo ao fundo, esgazeada)* Minha ama! *(Vai a Custódia, pronta a falar, esta, porém, impõe-lhe silêncio com um gesto. Falando-lhe em seguida.)* Sinhá passou debaixo do arco da velha, minha ama. *(Clemente aparece ao fundo e, logo em seguida, Eufêmia, vestindo o terno de Bibi. Espanto mudo.)*

CLEMENTE — *(A porta do fundo, solene.)* Ecce homo!!!

IRACEMA — *(rindo)* Que é isso, gente?

CUSTODIA — *(Atrando-se para Eufêmia de braços abertos)* Minha filha!

EUFEMIA — *(Solene)* Filho, mamãe, filho!

AUGUSTA — E não é que ela fica bem assim?

EUFEMIA — *(Arrogante)* Ela, quem?

AUGUSTA — *(Sorrindo enleada)* Quem há de ser?

EUFEMIA — *(Com superioridade)* Ele, minha senhora. Eu sou êle. Dela restam-me apenas os cabelos que vou mandar cortar hoje

mesmo. (*A Clemente*) Onde é o seu cabeleireiro, padrinho?

CLEMENTE — Eu corto por aí...

EUFEMIA — Isto é a corrente que me prende à outravida. (*Mette furiosamente os dedos pelo penteado sollando os cabelos que se lhe despenham pelas costas/ sacudindo a cabeça triunfante*) Enfim! (*A Donaria*) Vai à esquina e diz ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.

CUSTODIA — (*Energica*) Nunca! Isso nunca!

EUFEMIA — (*Tranquilamente*) Vai Donaria.

BIBI — Eufemia!

(*Eufemia fulmina-o com um olhar furibundo*).

IRACEMA — Sinhá!

EUFEMIA — (*A Donaria com gesto imperativo*) Vai!

AUGUSTA — (*Baixo a Custodia*) Se foi promessa, D. Custodia... Tenho uma freguesa...

CUSTODIA — Qual promessa D. Augusta! Deixe-me pelo amor de Deus!...

DONARIA — (*Hesitante*) Mas, então...

EUFEMIA — Vai Donaria e que venha já. (*Donaria sai pelo fundo*)

AUGUSTA — (*À parte*) Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, está no hospício.

EUFEMIA — A vida agora sorri-me. (*A Iracema*) Não imaginas o que é isto, cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre enfim. (*A Bibi*) Da cá um cigarro. Os meus ficaram no saco. (*Bibi da-lhe um cigarro e acende-o*) Obrigado.

CUSTÓDIA — (*Deixando-se cair num sofá*.) Eu não digo? Ninguém acredita.

AUGUSTA — (*À parte pasmada*) Fumando! Como está este mundo! (*Pausa*) Rio de Janeiro, quem te viu e quem te vê!

CUSTODIA — (*Corre a Clemente e diz-lhe baixo escandalizada*.) Compadre, tenha paciência... Veja se leva D. Augusta lá para dentro. Eu já não tenho cara.

IRACEMA — (*Muito meiga estendendo os braços a Eufemia*) Sinhá!

EUFEMIA — (*Afastando Iracema*) Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu és uma; eu sou outro. O passado morreu para nós.

BIBI — E eu? Afinal que papel represento eu nisso tudo?

CLEMENTE — (*Baixo a Custodia*) Pois não... (*A Augusta*) Desculpe-me D. Augusta, mas a senhora não podia esperar um minuto lá dentro, só enquanto resolvemos aqui uma questão de família.

AUGUSTA — Não. Eu vou indo. Já é muito tarde e tenho que ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesa. (*Misteriosamente*) Mas diga-me aqui uma coisa? (*Apinha os lábios indicando Eufemia*) Cabeça virada não?

CLEMENTE — Cabeça? Não senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou!

AUGUSTA — Então que foi? (*Clemente fala-lhe em segredo. Augusta recua formalizada*) Senhor?! Eu sou donzela, sabe? (*Toma a bolsa e vai despedir-se de Custodia muito digna*) D. Custodia... (*Voz lacrimosa*) A senhora conhece-me: sou pobre é verdade, mas honrada. Não admito que me faltem com o respeito. Isso não!

CUSTODIA — (*Espantada*) Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, D. Augusta?

AUGUSTA — Aquele senhor, sua filha... todos enfim, (*Enxugando lágrimas*)

TODOS A UM TEMPO — Eu!!!

AUGUSTA — Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi, nunca!

CLEMENTE — (*Batendo no peito*) Eu?!

CUSTODIA — (*Baixo a Clemente com tom de reproche*.) Sempre a bôca suja, ^opadre. O senhor não se emenda.

CLEMENTE — (*Indignado*) Bôca suja! Perdão... (*A Augusta*) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta diante de todos.

AUGUSTA — O senhor não repete!

CUSTODIA — (*Baixo a Clemente*) Olhe as meninas, compadre!

AUGUSTA — Não é capaz!

CLEMENTE — Não repito?

AUGUSTA — Não repete!

CLEMENTE — Ora essa! (*Furioso*) O que eu lhe disse é a pura verdade. Tão pura como essa luz que nos alumia. (*A Eufemia*) Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?

EUFEMIA — Homem!

AUGUSTA — (*Depois de relancear por todos o olhar airado, tomando estabandamente a bolsa*) Sabem que mais, eu não me presto a debiques. Troças comigo não. (*Espanto geral*.) Tenham paciência! (*A Custódia, sentida*) Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custódia. Não mereço, não. (*Caminha para o fundo meneando com a cabeça um gesto negativo*).

CUSTODIA — Mas acredite, D. Augusta... É a pura verdade.

AUGUSTA — Acreditar em que, D. Custódia. Então eu sou tola?

CLEMENTE — (*Dirigindo-se para o fundo*) Mas... minha senhora.

IRACEMA — (*Mesmo jôgo*) D. Augusta...
CUSTODIA — (*Andando de um lado para outro desolada*) Eu não digo!

BIBI — D. Augusta...

EUFEMIA — (*Encolhendo os ombros*) Não quer acreditar, melhor. (*Augusta sai.*)

BIBI — Realmente...

CLEMENTE — (*Irritado*) Está danada, porque perdeu uma freguesa, e atira a culpa pra cima de mim, É boa.

CUSTODIA — (*Dando de mão diante dos olhos*) Ninguém acredita... ninguém!

(*Senta-se com os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos*)

EUFEMIA — (*Sentando-se de pernas cruzadas*) Mas afinal o que há nisto de extraordinário?

CUSTODIA — Olha, Eufemia... Seja como fôr o melhor é você ficar como está. Você tem vivido até hoje assim, porque há de mudar? Isto vai ser uma atrapalhação para todos...

EUFEMIA — Como, atrapalhação?

CUSTÓDIA — Pois então! Todo mundo conhece-te como Eufemia, e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e a outros que não és mais Eufemia? Ponha o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... ninguém toma a sério uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (*olha enternecidamente para Bibi. A Clemente*) Não acha, compadre?

CLEMENTE — (*Fugindo à questão*) Isso agora, comadre... é lá com êles.

EUFEMIA — (*Levantando-se de impeto.*) Casar-me com Bibi? eu)

CUSTODIA — Depois aquele médico, um catacego. Sei lá! Eu só digo que ainda perco a cabeça nessa barafunda.

CLEMENTE — (*Atarantado*) E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (*A Iracema, acariciando-a*) Vai lá para dentro, filhota.

IRACEMA — (*Ingenuamente*) Ora, por que? Que pensam então? Eu sei tudo.

CLEMENTE — (*Aterrado*) Sabes tudo!

IRACEMA — (*Baixando os olhos*) Então, e não é de hoje.

CLEMENTE — (*Agarrando-a por um braço*) Hem?

CUSTODIA — Como? (*Com as mãos na cabeça, à parte.*) Virgem!

IRACEMA — Sinhá nunca teve segredos para mim.

CLEMENTE — Mau, mau! (*Severo*) Tu... então? (*Aceno afirmativo de Iracema. A Cus-*

tódia.) Sua filha, minha senhora... ou filho...

CUSTODIA — (*Enfesada*) Olhe, compadre, quer saber de uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (*A Eufemia, amuada*) Você faz lá as suas maluquices e sou eu que pago.

EUFEMIA — Que maluquices.

CLEMENTE — (*A Eufemia com voz soturna*) A senhora... e senhor!... Ah! Mas eu vou pôr essa história em pratos limpos.

EUFEMIA — Mas afinal... que há?

IRACEMA — Eu dei a entender a Bibi.

BIBI — A mim?

IRACEMA — Sim, senhor. Mais de uma vez.

BIBI — A mim, não. Tu nunca me disseste nada.

CUSTODIA — (*De mãos postas à parte*) Que vergonha, meu Deus!

IRACEMA — Como não disse?

CUSTÓDIA — E por que não me disseste, a mim?

CLEMENTE — E a mim?

IRACEMA — Ora... porque... porque os senhores faziam questão do casamento, fôsse como fôsse. Mas a Bibi eu disse. Se êle teima é porque quer. (*A Bibi*) Então eu não te disse mais de uma vez que Sinhá não gostava de ti? Não disse?

BIBI — (*Aparvalhado*) Sim... isso disseste.

EUFEMIA — (*Intervindo*) Perdão... expliquemo-nos.

CLEMENTE — (*Desassombrado*) Mas então é isso que sabes? Que ela...

EUFEMIA — (*Imperativa*) Êle!

CUSTODIA — Deixa, minha filha, é o costume...

CLEMENTE — (*Insistindo*) ...que ela! (*A Eufemia*) Eu refiro-me ao passado! (*A Iracema*) ... Que ela não gostava de Bibi?

IRACEMA — Pois então. (*Clemente respira desafogadamente*) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de pagode.

EUFEMIA — (*Muito grave*) Enganas-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta vida.

IRACEMA — (*Sorrindo com intenção*) Pois sim. (*Outro tom*) Eu quero muito bem Bibi. Mas acho que Sinhá tem razão. Uma môça que se casa contra a vontade, não pode ser feliz. Eu cá penso assim.

CUSTÓDIA — (*Baixo a Eufemia, esperançada*) Mas então é porque não te queres casar com Bibi?

EUFEMIA — (*Superiormente*) Não, mãe.

CUSTÓDIA — Então, porque é?

EUFEMIA — É porque é mesmo.

DONARIA — (*Aparecendo ao fundo*) Já dei o recado. Seu Batista vem aí.

CUSTÓDIA — Que Batista?

DONARIA — O barbeiro da esquina.

CUSTÓDIA — O que vende o bicho? Que vem êle fazer aqui?

DONARIA — Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?

CUSTÓDIA — (*Com um muchocho*) Ora!

DONARIA — (*De trombas*) Eu faço o que mandam. (*Vai pelo fundo resmungando*)

CLEMENTE — (*Que tem estado a maturar a um canto, à Custódia, gravemente.*) Comadre, a senhora dá-me uma palavra em particular?

CUSTÓDIA — (*Intrigada*) Pois não, comãdre. Aqui mesmo?

CLEMENTE — Não, é melhor lá dentro.

CUSTÓDIA — Pois vamos, estou às suas ordens. (*Custódia e Clemente entram à esquerda*)

IRACEMA — (*Baixo à Eufemia.*) A mim é que você não me engana. (*Entra à direita rindo.*)

BIBI — (*Depois de espiar a tôdas as portas planta-se diante de Eufemia e exclama com desafogo*) Enfim... sós...

EUFEMIA — Dá cá outro cigarro, Bibi.

BIBI — Não. Agora não. Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isso não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá é uma coisa séria.

EUFEMIA — De acôrdo. Muito séria. É a base da família, o princípio fundamental da sociedade etc., mas dá cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente. (*Bibi dá-lhe um cigarro*) Fósforo. (*Bibi atende*) (*Depois de acender o cigarro, cruzando a perna.*) Muito bem, estou às tuas ordens.

BIBI — (*Cruzando os braços e encarando-a severamente.*) Que queres tu dizer? Como pilheria, acho-a de mau gsto. Tens alguma queixa de mim? Com franqueza?

EUFEMIA — Eu? Não, por que?

BIBI — Então que quer dizer isso? Explica-te.

EUFEMIA — (*Severamente*) Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que so mos incompatíveis.

BIBI — Incompatíveis?

EUFEMIA — Incompatibilíssimos. (*Com severidade*) Bibi, durante dezoito anos, vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo. Por mais

que eu dissesse como... não me lembro a quem: "il y a quelque chose là", ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer crochê, puseram-me em uma escola de meninas, e eu... (de repente) Conhece a história do Patinho Torto?

BIBI — Não.

EUFEMIA — Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. (*Pondo-se à vontade*) Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes, e sentindo-se a rainha dêles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh, que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma maternidade, compreendes? (*Aceno afirmativo de Bibi*) Os patos, porém, sentindo um inimigo, levantaram tamanha grasnada, que os cisnes abalaram em alvoroço... e com êles, a Rainha mãe. A pata, dona do ninho, deitou-se sôbre os ovos, sem dar tento em mais um que ali aparecera... e chocou-os... No tempo próprio, saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado, e tão comprido pescoço, que se tornou, desde logo, vítima dos remoques não só dos patos adultos, como dos próprios irmãos... como direi, de leite, não... de chôco. Apelidaram-no O Patinho Torto. Pois meu caro, o monstro não era nem mais nem menos, que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à percepção dos patos, que o traziam de canto chorado, achouse, um dia, no lago entre outros cisnes. Vendos e comparando-se com êles, ficou surpreso com a semelhança, compreendendo então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça, que não tinham os patos. (*Levantando-se com ar pimpão*) Pois, meu caro Bibi, a minha história, é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

BIBI — Como?

EUFEMIA — Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dictérios, que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bares, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horri-veis, meu velho. (*Encarando-o*) Olha que tens mau gosto. Apaixonar-se por um homem, por uma tipa como eu era... só mesmo tu.

BIBI — Pois eu...

EUFEMIA — Homem, cala-te! Um dia que eu era feito, ou feita à machado. Outro, que não tinha gosto, que era brutalhada. Que estava muito boa para ir para a guerra, responder ao quatrocentos e vinte boche. Riam-se

Setembro - Outubro de 1964

de meu buço. Achavam-me sem modos, e no Fluminense, quando eu torcia... não te digo nada, estive uma vez vai não vai a quebrar a cara de um sujeito, um tal que espicha os olhos muito delambidos para as arquibancadas, para ver...

BIBI — Sei, o homem das pernas,

EUFEMIA — Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacamarte... no outro sexo era esse seu criado, O Patinho Torto, cisne como tu e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão a frente.

BIBI — Mas... e o atestado?

EUFEMIA — Que atestado?

BIBI — Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar de nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.

EUFEMIA — Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... compreendes que, com a mudança, tendo passado de pato ou pata à cisne, o nosso casamento é impossível. Continuemos como bons amigos, e as confidências que eu dantes fazia a Iracema, farei doravante a ti.

BIBI — Qual... eu não me conformo!

EUFEMIA — Não te conformas? Essa agora!

BIBI — Não, Sinhá, eu... (*Intrigado*) Como diabo eu hei de chamar-te agora?

EUFEMIA — Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos por enquanto esta: Eufemia & Cia., em liquidação.

DONARIA — (*Aparecendo ao fundo*) Sinhá, seu Batista está aí.

EUFEMIA — Entre, seu Baptista.

BATISTA — (*Aparece ao fundo com um embrulho e vendo Eufemia de traje masculino, com os cabelos soltos, deixa cair o embrulho e pasma estatelado*) Oh!

EUFEMIA — Não se espante, seu Batista.

E lavre lá um tento, porque arranhou mais um freguês de barba e cabelo.

BATISTA — (*Hebetado*) De barba... barba?

EUFEMIA — O caso é simples: como nasci muito enfezadinho, mamãe fez a promessa de vestir-me de mulher até eu completar dezoito anos. Terminando hoje o prazo do voto, reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com tôdas as honras, e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar abaixo agora mesmo.

BATISTA — Ah! bem... compreendo... Então, dezoito?

EUFEMIA — Dezoito. Vamos entrando. (*A Bibi*) Espere-me aqui um instante. Tens aí o último número do "D. Quixote". Ri à vontade. Vamos, seu Batista. (*Entra à direita. Batista acompanha-a mas Donária detém-no à porta.*)

DONARIA — Olha aqui, seu Batista, o senhor aceita duzentos reis na dezena e duzentos reis no grupo?

BATISTA — (*Sorrindo maliciosamente.*) Dezoito, não? Cachorro e porco. (*Consulta o relógio*)

DONARIA — O senhor é ladino!

BATISTA — Pudera! Com um palpitão destes, vá lá. (*Entra à direita*)

DONARIA — (*Depois de um momento*) Seu Bibi, ainda que mal lhe pergunte, o senhor acredita nessa história de Sinhá?

BIBI — Sei lá. Donaria.

DONARIA — Pois olha... eu é porque não sou linguaruda, mas sempre desconfiei...

BIBI — Tu? O que?

DONARIA — (*Misteriosamente*) Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. (*Batendo na bôca.*) Cala a bôca, Donaria.

(*Sai pelo fundo seguida pelo olhar suspeito de Bibi.*)

P A N O

FIM DO II ATO



*"O PATINHO TORTO"
ou "OS MISTÉRIOS
DO SEXO", cena
onde aparecem:
IRACEMA DE ALENCAR,
no papel de Custódia;
MARILENA CARVALHO,
"Donária" e EMÍLIO
DI BIASI, "Eufêmia".*

Setembro - Outubro de 1964

A T O T E R C E I R O

(Ao levantar-se o pano ouve-se a voz de Donária cantando, à direita, fundo, a "Canção do Soldado Paulista". Bibi caminha pela sala preocupada, gesticulando; pára d'olhos altos, carrancudo, como em meditação e, falando consigo, continua a perlongar a sala. Batista sai da direita com o embrulho, faz cumprimento a Bibi, que não corresponde alheado de tudo, e sai pelo fundo à direita. Custódia entra vagarosamente pela esquerda, sombria, detém-se junto à mesa mexendo distraidamente nos jornais; por fim, arrancando do peito um suspiro angustioso, senta-se no sofá, cabisbaixa com as mãos espalmadas nas coxas.)

DONÁRIA — (No interior à direita.) Adeus, seu Batista. Olhe a minha encomenda, hem? Na dezena e no grupo. (Eufêmia de cabelo cortado entra pela direita triunfante com uma trança na mão)

EUFEMIA — Livre, enfim!... (Bibi ao dar os olhos em Eufêmia cai em uma cadeira como fulminado, balbuciando em voz quase extinta)

BIBI — Sinhá!

CUSTODIA — (Levanta os braços horrorizada e deixa escapar um grito.) Misericórdia!

BIBI — Que fizeste, Sinhá!

EUFEMIA — Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.

CUSTÓDIA — E agora, menina?

EUFEMIA — Agora, vou desfraldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo.

CUSTODIA — Que pavilhão, filha de Deus?...

EUFEMIA — A barba! A Sansão levou a tesoura as forças; a mim, fê-las vir... (Ufano) Agora sim: sou gente! (Sopesando a trança) Não pesam tanto os grilhões a um galé como me pesava esta ignominia. Vou lançá-la ao fogo!

....(Encaminha-se resolutamente para o fundo. Custódia toma-lhe a frente arrancando-lhe a trança da mão)

CUSTÓDIA — Nunca! Queimá-la... nunca! (Contemplando a trança com enlévo.) É preciso não ter coração. (Desata a chorar abraçando-se com a trança e cobrindo-a de beijos frenéticos.) Ah! minha trancinha querida! Trança do meu coração! Que sina a tua!

EUFEMIA — (Passando o braço pelos ombros de Custódia) Coragem, mamãe!

BIBI — (A Eufêmia, baixinho.) Mas então... tu...?

EUFEMIA — (A Bibi) Então... que? (A Custódia) Levante as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que éle acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança e eu, ou antes: nós, lucrámos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso doravante, tomando a direção dos nossos negócios que, por falta de um pulso, iam por água abaixo.

CUSTÓDIA — E tu tens jeito para homem, Sinhá, tens?

EUFEMIA — No principio é natural que me atrapalhe um pouco, mas hei de aprender, descanse. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!

CUSTODIA — Pois sim, vai querendo! Mas queira Deus que não te saia o trunfo às avessas. Se fôsse só querer... enfim... isso é lá contigo. (Outro tom) E o mundo? Que dirão por aí êsses diabos que falam de tudo?

BIBI — (Meneando com a cabeça) É nisso que eu penso.

EUFEMIA — Falam enquanto não se lhes tapa a bôca, mamãe; mas eu tenho rolha, não se incomoda. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes não vai para diante. Lembre-se da fábula do camponês e o filho. Que me importa a mim o mundo!

CUSTÓDIA — Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir boa por aí.

BIBI — (Esticando o beijo) — E eu!

EUFEMIA — (A Custódia) Se eu, quando era mulher, não aturava desaforos, quanto mais agora. Que se metam comigo! (A Bibi) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque eu não te queira, e muito! que retiro a minha palavra, mas tu compreendes: Dois bicudos não se beijam.

BIBI — Sim. Se é verdade o que dizes?

EUFEMIA — Pois ainda duvidas?

CUSTODIA — Sendo assim, ainda mesmo que ela quizesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro, diz o ditado. O remédio agora... nem eu sei mesmo. (Hebetada) Nunca vi uma coisa assim. Até parece feitiço, palavra!

BIBI — Papai está lá dentro?

CUSTODIA — Está.

BIBI — Com licença. (Entra à esquerda)

CUSTODIA (Seguindo Bibi com um olhar piedoso; penalizada.) Ai! meu Deus! Pobre rapaz! Tanta coisa, tanta coisa p'ra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é bom pensar.

(*Eufêmia repuxa as calças remexendo-se como incomodada*) Que é? Que é que tens?

EUFEMIA — São as calças.

CUSTODIA — Eu não digo?! Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! são dezoito anos de saias, a gente habitua-se.

EUFEMIA — Não, mamãe!... Isto agora ou vai ou racha!

CUSTODIA — Que é isto, menina!

EUFEMIA — (*Dando um forte safanão às calças.*) É o que lhe digo. (*Outro tom*) Mas afinal... A senhora queria dizer-me alguma coisa.

CUSTODIA — Sim... é... é uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... francamente... não está em mim. Eu só falei à vontade com um homem neste mundo e êsse Deus lá o tem na sua glória.

EUFEMIA — Mas eu sou seu filho, mamãe.

CUSTODIA — É... mas... não sei... Enfim... façamos de conta que ainda és Eufêmia.

EUFEMIA — Pois sim, mas só na intimidade. Para a senhora, muito bem. Para os mais Eufêmia morreu (*Custodia persigna-se supersticiosamente*) Fale. Que há?

CUSTÓDIA — (*Vexada*) Foi o compadre que me disse. E êle tem razão, isso tem. Êste mundo é de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (*Atrapalhada*) Eu mesma não sei.

EUFEMIA — Mamãe quer falar de Iracema?

CUSTODIA — É...

EUFEMIA — (*Muito digna*) Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTODIA — Eu sei. Mas o mundo, minha filha... o mundo, você sabe, tem a bôca muito grande.

EUFEMIA — Ora, o mundo!...

CUSTODIA — Não, é "ora"! não. O compadre diz que vão falar.

EUFEMIA — Falar?!?

CUSTODIA — É.

EUFEMIA — Falar de que?

CUSTODIA — Ora, de que... De que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFEMIA — Mas mamãe acha-me capaz?

CUSTODIA — Eu não. Quem acha é o compadre.

EUFEMIA — Oh! (*Com muito pundonor*) Mamãe, eu sou um homem de bem!

CUSTODIA — Eu sei, menina... eu sei. (*À parte*) Qual! eu não me posso conformar com essa história de homem. Não posso!

EUFEMIA — (*Com um olhar à direita*) Olhe, aí vem Iracema. Interrogue-a.

CUSTODIA — Eu?

(*Iracema entra pela direita. Ao dar com Eufêmia estaca boquiaberta, emitindo um oh! surdo e oscila amparando-se a um móvel, fica um momento como atordoada d'olhos fechados passando a mão pela fronte. Eufêmia precipita-se para socorrê-la, cinge-a com o braço pela cinta, Iracema abre os olhos, fita-os em Eufêmia, volta depois para Custódia e com um sorriso de desvaio põe-se a passar a mão pela cabeça de Eufêmia entrando a rir nervosa. O riso aumenta, vibra-lhe na garganta, o corpo tomba-lhe hirto nos braços de Eufêmia, que o sustém e o repousa alfin no sofá sobre almofadas.*)

CUSTODIA — Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qualquer coisinha é isto.

EUFEMIA — Onde está o éter, mamãe?

CUSTODIA — Que éter? Sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mesma é chamar o compadre. (*A esquerda, chamando.*) Compadre!

EUFEMIA — (*Procurando desviar Iracema*) Iracema! Ó Iracema!

CUSTODIA — (*Atarantada*) Se eu não ficar doida desta vez então...

(*Clemente e Bibi entram pela esquerda avoroados.*)

CLEMENTE — Que é?

BIBI — (*Vendo Iracema desfalecida.*) É Iracema com o ataque.

CUSTODIA — Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE — (*A Eufêmia*) Homem... você também... que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para prepararmos o espirito da menina. Isso assim de repente... (*outro tom*) Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BIBI — Isto passa. (*Iracema move-se lentamente, estica os braços, suspira.*) Está passando.

CLEMENTE — (*Vendo Iracema abrir os olhos*) Sou eu, filhota. Então?

CUSTODIA — Estás melhorando? (*Iracema senta-se alquebrada*) Queres ir lá para dentro? É melhor. Tiras o colete, ficas à vontade.

(*Iracema levanta-se de golpe, atravessa resolutamente a cena e entra pela esquerda seguida de Custódia.*)

CLEMENTE — (*Voltado para a esquerda, preocupado.*) A pequena é capaz de fazer alguma asneira. (*A Eufêmia repreensivo.*) O senhor! O senhor!

EUFEMIA — O padrinho suspeita-me de alguma coisa?

CLEMENTE — Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem é um homem.

EUFEMIA — E um gato é um bicho.

CLEMENTE — Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.

EUFEMIA — Como?

CLEMENTE — Como? Ora, como! casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFEMIA — Hem?!

BIBI — Papai tem razão.

EUFEMIA — Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não saí de uma alhada já me querem meter em outra?

CLEMENTE — Alhada? E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam: em casa, na rua, dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Falei à comadre e estamos de acordo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFEMIA — Dos papéis?!

CLEMENTE — Pois então? Primeiro o restabelecimento da tua idoneidade.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Depois dos papéis de casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI — Papai tem razão.

EUFEMIA — (*Explodindo*) Ah! tem razão... tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amoles! (*A Clemente*) Dêem-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos, respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajeito nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE — Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFEMIA — Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de back e hão de ver o fiasco.

CLEMENTE — (*Sem entender a Bibi*) Que diz ela?

BIBI — É linguagem de futebol.

CLEMENTE — Inglês. Não entendo. (*A Eufemia*) Que queres dizer?

EUFEMIA — Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE — Que treino? Quem falou aqui em treino?

EUFEMIA — Falo eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.

CLEMENTE — Jogar?...

BIBI — Ela quer dizer: casar.

CLEMENTE — Então casamento é jogo?

BIBI — É giria de futebol.

CLEMENTE — E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples.

EUFEMIA — Parece-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples, Entre em campo e há de ver.

CLEMENTE — Que campo?

EUFEMIA — Nada.

CLEMENTE — Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma idade, diferença de meses. Casam-se, dão uma satisfação à sociedade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?

EUFEMIA — Eu?

BIBI — Estava: comigo.

EUFEMIA — Você está off-side.

CLEMENTE — Eu já não me entendo na língua, quanto mais nas estrangeiras. Deixa-te de inglês. (*Outro tom*) Ora, rapaz... nós estamos falando sério. Não te metas, (*A Eufemia*) Pois é o que eu digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça, casa-se com uma pessoa conhecida.

EUFEMIA — Pois sim. Mas se eu lhe disser que Iracema não é livre!

CLEMENTE — Não é livre?! Como não é livre?

EUFEMIA — Sim. O senhor sabe que nós não tínhamos segredo uma para a outra. Conheço o coração de Iracema, como conheço o meu. E então?

CLEMENTE — Então... que?

EUFEMIA — Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?

CLEMENTE — A outro? Que outro?

EUFEMIA — Outro homem.

BIBI — Não é possível!

EUFEMIA — (*Severamente*) Eu não minto, Bibi.

CLEMENTE — Que homem?

EUFEMIA — Um homem.

CLEMENTE — Duvido! Sem licença minha, duvido!

EUFEMIA — Não lhe posso dizer. É um homem.

CLEMENTE — Ah! É um homem... e você não pode dizer? Muito bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida!

(Furioso) Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (*Encaminha-se para a esquerda mas volta-se de repente*) De mais, quando êsse homem souber que você também é o que é... só se for mesmo... (A Bibi) Não te parece?

BIBI — É claro!

CLEMENTE — Claríssimo. (A Bibi) Você casava-se, hem? Casava-se? (*Gesto negativo de Bibi.*) Nem eu. (*Dá alguns passos em direção a porta da esquerda e volta-se repentinamente encarando a Eufêmia.*) Você diz que precisa fazer não sei o que.

BIBI — Treinar-se.

CLEMENTE — Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, comem quatro. (A Bibi) Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidem-se logo. (*Custódia e Iracema aparecem à esquerda.*)

BIBI — (*Que se tem encaminhado para a esquerda, voltando-se.*) Ai está ela! (*Clemente vai ao encontro de Iracema e a atrai a si, passando-lhe o braço pela cintura*)

CLEMENTE — (*Muito meigo*) Então, filhota?

Iracema — (*Languida*) Ah! papai... (*Pende a cabeça sobre o ombro de Clemente*) Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal!! Vibro que nem sei.

CLEMENTE — Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fia-te em mim que sou o teu anjo da guarda. (*Fa-la sentar-se. A Custódia discretamente.*) Falei, comadre.

CUSTÓDIA — (*Em voz baixa e ansiosa.*) E então?

CLEMENTE — (*Radiante*) Ora! (*Custódia d'olhos em alvo*)

CUSTÓDIA — Louvado seja Deus! (*Outro tom.*) Mas olha, compadre, que isto seja breve, porque pôde vir por aí outra história e eu já não posso comigo.

CLEMENTE — Sim, sim... nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.

CUSTÓDIA — Que noivos?

CLEMENTE — Que noivos!? Bibi e... Eufe... (*Caindo em si*) Homem, tem razão; é o hábito, comadre. Veja se os leva daqui, porque preciso conversar com a pequena.

CUSTÓDIA — Pois não. (*Chamando*) Sinhá! (*Eufemia voltando-se*) Você não ouve? Bibi! (*Voltando-se, dirigindo-se para o fundo*) Venham cá dentro um instante. (*Os três saem pelo fundo à esquerda.*)

CLEMENTE — (*Esfregando as mãos*) Pois é verdade, filhota, Está tudo arranjado.

IRACEMA — Tudo, que?

CLEMENTE — O teu casamento

IRACEMA — (*Com espanto*) Meu!?!...

CLEMENTE — Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.

IRACEMA — (*Pondo-se vivamente de pé*) Meu casamento?! Com quem?

CLEMENTE — Com que há de ser? Com Sinhá.

IRACEMA — (*Com sinais de assombro*) Com Sinhá! Papai está louco!? Casar-me com Sinhá! (*Desata a rir*)

CLEMENTE — Ris? Pois o caso não é para rir, minha filha, é sério! Muito sério!

IRACEMA — (*Encarada em Clemente*) Não compreendo.

CLEMENTE — Como, não compreendes?

IRACEMA — Pois Sinhá não é mulher?

CLEMENTE — (*À parte*) Agora é que são elas!

IRACEMA — (*Insistindo*) Não é mulher?

CLEMENTE — Foi.

IRACEMA — Foi?!

CLEMENTE — Sim: foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA — Passou por ser... cada vez entendo menos.

CLEMENTE — (*Puxando-a para si*) Olha, senta-te aqui. (*Sentam-se no sofá.*) (*Falando paulatinamente.*) Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobrezinha veio ao mundo de luto. Tanto que a ama de leite que lhe deram, era uma negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem — porque você sabe; um homem é tudo em uma casa — pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob as suas vistas era fazê-lo passar por menina. E assim fez. Se ela lhe dissesse que era menino, êle havia de querer andar solto, em companhia doutros, fazendo travessuras pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonecas, a sua cestinha de costura, e etc. E assim cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam, como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA — Mas...

CLEMENTE — Bem. Com a idade, você compreende, começaram a aparecer certas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro e etc... etc... etc...

IRACEMA — Mas, se D. Custódia sabia que Sinhá era homem, como consentiu o casamento dela com Bibi?

Setembro - Outubro de 1964

CLEMENTE — Como? Ora, como... (*De repente*) Por tua causa.

IRACEMA — Por minha causa?

CLEMENTE — Sim, por tua causa. Inteligente, como é, Sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões, sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, dêsse jôgo de bola, e possuindo alguma coisa de seu, nós — por que foi combinação minha com a comadre — para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedisse-a em casamento, tratamos de pôr uma pedra no caminho e essa pedra foi...

IRACEMA — Bibi.

CLEMENTE — Justo! Chegou, porém, o dia de revelar-nos o segrêdo e tudo esclarece-se. Está aí, o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.

IRACEMA — E foi o Dr. Patureba?...

CLEMENTE — O Dr. Patureba!?...

IRACEMA — Sim, êsse da casa de saúde? Pois Sinhá não foi lá?

CLEMENTE — Ah, sim... foi o Dr. Patureba, grande médico. Um pouco de clorofórmio e... pronto! Quando ela abriu os olhos, era êle... (*Outro tom*) E êsse é o espôso que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu que és a própria pureza, alegria e o orgulho de teu velho pai! (*Beija-a na frente*) E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA — Papai, não sei.

CLEMENTE — Como não sabes?

IRACEMA — A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.

CLEMENTE — Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA — Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância? Dai, porém... a que-la para marido, vai muito.

CLEMENTE — Não acho. A amizade está muito perto do amor: é só virar a esquina.

IRACEMA — Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE — Mau conselheiro. Enfim... ouve-o. Mas sê breve, êste caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (*Iracema baixa a cabeça, pensativa.*) Pensa. (*Medindo a sala a largas passadas, cabisbaixo, de mãos postas*) Uma quer treinar-se ou não sei que à inglesa, outra quer ouvir o coração num caso desses de: pão-pão, queijo-queijo.

IRACEMA — (*De repente.*) E que diz Sinhá?

CLEMENTE — Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem, a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA — E Bibi?

CLEMENTE — Ora... Bibi. Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA — (*Depois de uma pausa.*) Preciso ouvir o coração, papai.

CLEMENTE — Pois ouve-o à vontade. Se queres, eu saio, pode ser que o teu coração...

IRACEMA — Não. Fique. (*Languida*) Eu sou de uma sensibilidade, papai...

CLEMENTE — Eu sei. (*Consultando o relógio*) Mas, não te demores, porque tenho ainda umas voltas a dar na cidade, e faço questão de sair daqui com a tua resposta.

IRACEMA — (*Indecisa*) Não sei. (*Depois de um momento consigo mesma*) Perjura. (*A Clemente.*) Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouça-me. (*Sentam-se*) (*Um momento, poéticamente.*) Uma noite, era em maio, mês das flôres. A lua...

CLEMENTE — Sim. Conheço isso. É bonito, não há dúvida. Mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.

IRACEMA — (*Ressentida*) Oh! papai, então não queres ouvir?

CLEMENTE — Quero, quero. Mas sem a lua. E está claro, não achas? Que vem fazer a lua de maio, às duas horas da tarde, de uma quinta-feira de setembro?

IRACEMA — Papai não tem alma.

CLEMENTE — Parece-te. Queres que tenha alma quando tenho compromisso sério na cidade... (*Consulta o Relógio*)

IRACEMA — Pois saiba, papai, que eu amo um homem, com tôdas as veras de minha alma. É o astro da minha vida. É a minha Estrela Polar.

CLEMENTE — Algum comêta?

IRACEMA — Seu Desiderio.

CLEMENTE — (*Num salto*) O boticário?

IRACEMA — O boticário... Porque não dizes farmacêutico? É mais distinto.

CLEMENTE — Ora, menina... palavra. Sempre pensei que tivesses mais gosto. Um gasnito daqueles, que tresanda a unguentos e cataplasmas a um quilômetro de distância, Francamente, Iracema...

IRACEMA — Unguentos e cataplasmas... e o senhor já o ouviu recitar o "Noivado do Sepulcro"?

CLEMENTE — Eu? Quero lá saber de casamento em cemitério! Casamento é entre vivos como você e Sinhá. Noivado do Sepulcro! Ora, não me faltava mais nada. (*Resoluto*) Deixe lá o Desiderio com as suas purgas.

e xaropadas. Eu sei isto o que é. Além dos colonos, não vias outro homem lá em casa, senão o Desidério. E deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.

IRACEMA — Que Eva?

CLEMENTE — A nossa primeira mãe que se casou com Adão. Porque não havia outro homem no Paraíso. Não, minha filha, deixe mo-nos de drogas. Entre um boticário da roça, como Desidério, e um rapaz da cidade como Sinhá, bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não há que hesitar.

IRACEMA — E a minha palavra.

CLEMENTE — Ora a tua palavra... Palavras valem pelo peso, palavras levianas são como o fumo que o vento leva.

IRACEMA — E se êle morrer de amor?

CLEMENTE — Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se arranje. (*Concludente*) E se morrer, enterra-se, e reza-se-lhe uma missa pela alma. (*Outro tom*) Mas deixemos o Desidério. Sinhá é o marido que te convém. Demais já está tudo combinado.

IRACEMA — (*Hesitante*) Não sei. (*Um momento, timidamente.*) Enfim, só vendo...

CLEMENTE — Como, vendo?

IRACEMA — De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não conheço Sinhá.

CLEMENTE — Não conhece Sinhá? Essa agora...

IRACEMA — Quero dizer, não conheço essa Sinhá... de cabelo cortado, conheço, a outra.

CLEMENTE — Pois é a mesma, mudou apenas de roupa.

IRACEMA — Só?

CLEMENTE — Só. Pois então? (*Outro tom*) Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal, não é tão impenetrável como parece. Os noivos para lograrem-no, devem conhecer-se a fundo e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah, porque você me enganou? "Eu pensei que você era assim ou assado..." São as queixas que se ouvem frequentemente, prenunciando discordias domésticas. Com vocês não se dará isto. Vocês conhecem-se desde pequenas, criaram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA — (*Mordendo o lenço.*) É... Mas eu tenho medo.

CLEMENTE — Medo? Medo de que? Então depois de tanto tempo, agora é que você tem medo?

IRACEMA — (*Põe-se a caminhar pela sala pensativamente.*) Não sei.

CUSTÓDIA — (*Entrando pela esquerda*

irritada) Olhem que é preciso ter paciência de santo!

CLEMENTE — Que é, comadre?

CUSTÓDIA — Donaria, há mais de meia hora que pedi o café e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero. (*Andareja enfesada*) (*Clemente aborda-a e fala-lhe em segredo, voltando-se radiante*) Como?

CLEMENTE (*Em voz baixa*) Contei-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho mas isto...

CUSTÓDIA — Um boticário? Fazendo o que?

CLEMENTE — Recitando o Noivado do Sepulcro.

CUSTÓDIA — Que agouro! E para que?

CLEMENTE — Para casar.

CUSTÓDIA — Estão vendo só! Feitiçaria, não, compadre?

CLEMENTE — Sei lá. Varri fóra. E está tudo arranjado.

CUSTÓDIA — Posso então abraça-la?

CLEMENTE — Pois não.

CUSTÓDIA — (*Indo a Iracema*) Dá cá um abraço, minha filha. (*Abraça-a na Iracema e beija-a*) Que Deus vos faça felizes. Não é atoa que se diz que casamento e mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadre, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser, tem muita fôrça, veja lá. (*A Clemente*) Assim, como assim, ela não sai da família. Era noiva de Bibi, (*A Iracema*) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, compadre?

CLEMENTE — Sem tirar nem por.

(*Eufêmia entrando pela direita, vestindo peignoir branco e fumando a grandes baforadas. Assombro de todos.*)

CLEMENTE — (*Sarapantado*) Hem! Virou outra vez?

CUSTÓDIA — (*Exultante*) Minha filha! Minha Sinhá!

IRACEMA — (*Desapontada*) Ela! (*A Clemente*) E êle?

CLEMENTE — Sei lá. Essa criatura ora está pelo direito, ora pelo avesso. O diabo que entenda.

EUFEMIA — (*Olhando em volta surpresa*) Que há? Que barafunda é esta? (*Compreendendo o motivo do alvoroço*) Ah, sim... (*Sacudindo o peignoir*) Que remédio! Ainda não estou prevenido. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, meti-me de nôvo nessa frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado. O "Colôm-

Setembro - Outubro de 1964

bo", até agora nada. Decididamente preciso mudar de pêlo.

CUSTODIA — (*Enlevada*) Ficas tão bem assim, minha filha. Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... Vá lá... mas aqui...

EUFEMIA — Não, mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo terrível que vivi no outro sexo. Homo sum!

CLEMENTE — De acôrdo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, isso não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (*Outro tom*) Bem, agora outra coisa. (*Baixo*) Está tudo arranjado.

EUFEMIA — Tudo!? Tudo o que?

CLEMENTE — O teu casamento com Iracema.

EUFEMIA — Meu casamento?! Mas isso assim, de pé pra mão, não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano, pelo menos. Se ainda nem roupa tenho. Então é só casar? Estou chegando do outro sexo, ainda em traje de viagem e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Embrulho comigo, não.

CLEMENTE — Embrulho... então você...?

EUFEMIA — Ora, ouça-me: que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia, que prestasse exame... digamos: de álgebra, sem uma só lição? Diria com certeza que era um idiota, não?

CLEMENTE — Um asno. Duas matérias tão diferentes.

EUFEMIA — Pois o meu caso é... análogo ao que figurei. Eu sou o aluno e o senhor é o lente. (*Desabafando*) Eu não sei patavina da matéria. Só hoje adiquiri o compêndio, e o senhor exige que eu preste exame a muque. Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

BIBI — (*Entra pela esquerda vestindo o costume com que aparece no I ato e dirige-se a Clemente*) Papai, quer alguma coisa da cidade?

CLEMENTE — Eu? Nada. Ah, espera... os jornais da tarde.

EUFEMIA — Traz-me dois maços de cigarros, turco-goiano médios. (*Bibi vai ao fundo onde as senhoras.*)

CLEMENTE — (*A Eufemia*) Pois bem, dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente como você, acho que chega e sobra.

EUFEMIA — Não perdendo tempo, estudando dia e noite, talvez.

CLEMENTE — Sim... mas cuidadinho, nada de exageros. Olho vivo nos livros e cautela com os cursos. Há por aí alguns que são verdadeiros abismos.

EUFEMIA — Bibi deve ter prática dessas coisas.

CLEMENTE — Bibi...? Tem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. (*Outro tom*) Pois é isto. Tens um ano a partir de hoje... E sem prorrogação.

EUFEMIA — E se forem muitas as matérias?

CLEMENTE — Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estuda bem os preparatórios e deixa o mais. Está dito?

EUFEMIA — Está dito.

CLEMENTE — De hoje a um ano?

EUFEMIA — Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE — (*Desconfiado*) Se Deus não mandar o contrário... (*Resoluto*) Se Deus mandar o contrário, casas com Bibi. Ah, isso... (*Dirige-se para o fundo.*)

EUFEMIA — Não há como escapar. Prêso por ter cão e preso por não ter. (*Dando de ombros*) Enfim...

CLEMENTE — Comadre, meus filhos... (*Custódia, Bibi e e Iracema descem formando grupo com Clemente. Com solenidade.*) Acabo de ajustar as bodas para daqui a um ano. Combinamos o seguinte. Se as coisas se mantiverem no pé em que estão, Sinhá casará com Iracema. Se houver modificação...

CUSTÓDIA — Não, compadre... Credo! Nem é bom pensar nisso.

CLEMENTE — Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI — Souvent femme varie.

CLEMENTE — Nessa caso, casará com Bibi. Seja como fôr, por faz ou por nefas, de hoje a um ano, far-se-á o casamento. (*A Iracema*) Contigo ou... (*A Bibi*) contigo, conforme. (*Solene*) E agora, que são noivos, abraçam-se.

(*Eufêmia, que se acha entre Bibi e Iracema, é abraçada por ambos.*)

CUSTÓDIA — (*Enlevada*) Assim, é que eu os queria ver.

(*Eufêmia e Iracema conversam animadamente à direita rindo. Bibi passeia encasmurrado, fumando.*)

CLEMENTE — Esperemos, comadre. Quem sabe lá o que o destino nos reserva.

CUSTÓDIA — Ainda?!

CLEMENTE — Por que não? O mundo dá tantas voltas, enfim... êles aí estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abençoe.

(Donária entra pela direita com um serviço volante de café e biscoitos. Bibi é o único que recusa. Continuando no passeio amarrado. Clemente senta-se à mesa, chamando a si um prato de biscoitos.)

IRACEMA — (A Eufemia) Lembro-me, como não? Era uma história que nos contava a Andreza. Mas Patinho Torto, você?... (Ri)

(Eufêmia diz-lhe um segredo malicioso,

ela encara-o, baixa os olhos disfarçando o vexame)

CUSTÓDIA — (Recebendo de Donária uma xícara de café pergunta-lhe baixinho.) Que bicho deu?

DONÁRIA — (De trombas) Vosmecê ainda pergunta... que bicho havia de ser? Foi o galo!

P A N O

N O T A :

Na "REVISTA DE TEATRO" n.º 337, de janeiro-fevereiro de 1964, publicamos uma excelente biografia de COELHO NETTO, de autoria do Professor LOPES GONÇALVES, de onde colhemos os elementos biográficos contidos neste número, ilustrado com a fotografia do grande escritor maranhense, cujo centenário de nascimento estamos comemorando neste ano.



Nesta cena de
"O PATINHO TORTO"
aparecem:
Marilena Carvalho
(Donária), Suely
Franco (Iracema),
Emilio Di Biasi
(Eufêmia) e
Carlos Vereza
(Dr. Patureba).



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

22
/

P A R E C E R

Documentação

- a) Título em Português: "O PATINHO TORTO"
- b) Título original: _____
- c) Autor: COELHO NETTO
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIA, para menores de 14 anos

Análise Esta Peça basea-se na história do Patinho Torto, comédia escrita em meados do ano de 1.917.

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: Eufemia; foi criada até a idade dos 17 anos, na ilusão de que era feminina, porém em tôdas as suas atividades, ela se salientava pelos seus jestos grosseiros e amasculinados. Noiva de Bibi; rebutava / contra o casamento, por não se sentir em condições de fazer o noivo feliz. Finalmente resolveu ir ao médico e êste lhe disse que êle pertencia sexo masculino e não feminino, como até então pensava. Dai a família ficou em polvorosa, custando acreditar no acontecido. Seu noivo Bibi; // abriu mão do casamento e Eufemia (o) casou-se com a prima.
- c) 1 - Mensagem: Não tem mensagem específica.

2 - Impressão final: Peça com bastante conteúdo e divertida.

d) Diálogos: Próprios do ambiente em que se desenrola a peça.

e) Cenas: Sugiro muito cuidado no ensaio geral, pois; em determinados momentos da leitura, verifica-se claros que poderão permitir cenas que não estão incursas no escripto. Ex.: Em determinado momento, Eufemia diz para Bibi, que vai mostrar a sua verdadeira face ao mundo. Ao ouvirem essas // palavras suas primas ficam aterrorisadas. Nesse caso só o ensaio geral //

f) Personagens: CUSTODIA ; CLEMENTE ; BIBI ; DONARIA ; IRACEMA ; EUFEMIA ;
BATISTA.

g) Valor educativo: Nenhum.

III) Conclusão

Brasília, 9 de setembro de 1969

Sr. Chefe da Seção de Censura

Técnico de Censura - Cart. nº 21

Lúcio Jaimes Acosta
Lúcio Jaimes Acosta

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado LUCIO JAIMES ACOSTA, que a examinou.

TÍTULO:- O PATINHO TORTO

AUTOR:- Coelho Neto

RESTRIÇÃO: 14 anos, condicionada ao exame do E. Geral.

Em, 10/setembro/69

José Sampaio Braga
JOSÉ SAMPAIO BRAGA

TCTC-SC/SCDP

*A consideração do senhor
Chefe do SCDP.*

Em 10/9/69

Em 10 Set 69

Ad

Especiais desta peça

(Sloperov)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado N° 1708/69

PEÇA - / : : : O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO : : : / -

ORIGINAL DE COELHO NETO



APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 11 de SETEMBRO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 11 de SETEMBRO de 1969

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. ALCISIO MUEHLHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574 p.40.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 54, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO

Original de COELHO NETO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de APTº 51 GRUPO DE TEATRO "TESRTE"-RUA FREDERICO ALVARENGA, 260 -5º ANDAR

Tendo sido censurada em 10 de SETEMBRO de 1969 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (CATORZE) ANOS CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E APLICAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º ART. 1ª LEI 55-36/68.

QBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO E DO SCDP.

24
/

Mem.167-TCTC

12-09-69

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPF/SÃO PAULO

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa Dr, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistirrensaos gerais das peças teatrais " TEMPESTA EM AGUA BENTA", "O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO", "SO-TODOS DO JARDIM DA INFÂNCIA", "MATEUS, 6.21 (O CASTELO DO ROCHER NEGRO", e "BEIJO NO ASPALTO";

2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados - com qualificações e endereços constantes dos versos dos respectivos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2 (dois).

Atenciosamente,

ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Recebi

AMT

12-9-69

TEATRO EXPERIMENTAL MOGIANO

SÉDE: Rua Dr. Paulo Frontin n.º 225

MOGI DAS CRUZES — Estado de São Paulo

||

Ab
[Handwritten signature]

Mogi das Cruzes, 4 de dezembro de 1970

Ao
Serviço de Censura Federal
Brasília

A
General
11.12.70
[Handwritten signature]

Prezados Senhores:-

O T.E.M.-Teatro Experimental Mogiano-
com séde à Rua Candido Vieira 556, na cidade de Mogi das
Cruzes, estado de São Paulo, vem por intermédio dêste so
licitar de Vv.Ss. o Certificado de Censura da peça /
"O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO", de Coelho /
Neto.

Sem mais, esperando ser atendido o
mais b́reve possível em seu pedido, firma-se.

Atenciosamente

-Teatro Experimental Mogiano-
-José Carlos Moreno-
-Secretário-



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

78

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: — o —
- b) Título original: "O Patinho Torto" ou "Os Mistérios do Sexo"
- c) Autor: Coelho Neto
- d) Tradutor: — o —
- e) Diretor: Não indicado
- f) Produtor: Teatro Experimental Bogiano
- g) Companhia: Teatro Experimental Bogiano
- h) Classificação da Censura: 18 (dezoito) anos

II) Análise

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: Engênia era noiva de Bibi, quando revela a família não ser de sexo feminino, e sim homem também, criada como mulher por ignorância da mãe viúva. A partir desse fato, o autor explora uma série de situações e diálogos cômicos, com o personagem central esforçando-se por adaptar-se à nova condição de homem. A família tenta casá-lo logo com a irmã do ex-noivo, mas ele consegue a suspensão do casamento por
- c) 1 - Mensagem: um ano, para "treinar" como homem.

De crítica a preconceitos sexuais, em tom de comicidade

2 - Impressão final:

Embora com tema delicado, o tratamento dado à peça é sóbrio, não chegando o espetáculo a ser imoral.

d) Diálogos:

Limpos, sem expressões de baixo calão.

e) Cenas:

Impossível visualizá-las, sem assistir ao ensaio geral

f) Personagens: Cestodia, Clemente, Bibi, Dornáia, Iracema,
Euzébia, Dr. Paturoba, Dr. Augusta e Batista

g) Valor educativo: Nihil

III) Conclusão Libera do para maiores, por tratar-se de
seu adulto.

Brasília, 18 de dezembro de 1970

[Signature]
Técnico de Censura - Cart. nº 7095823



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: O Patinho Tôrto ou Os Mistérios do Sexo
- b) Título original: _____
- c) Autor: Coelho Neto
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: Teatro Experimental Mogiano - Mogi das Cruzes - SP
- g) Companhia: Idem.
- h) Classificação da Censura: Liberada para maiores de 16 anos.

II) Análise

- a) Gênero: Cômico-dramático
- b) Argumento: Conto do famoso Coelho Neto, levada ao teatro de forma inteligente, enfocando o drama de duas famílias cariocas nos meados do século XX. Eufêmia, jovem noiva de Bibi, filha de Custódia de tradicional família traumatiza a todos com a revelação de que é de fato um rapaz do sexo masculino e não uma moça. Clemente, pai de Bibi e de Iracema, fica igualmente em situação difícil, pois desejava o casamento da filha com Eufêmia. Após marchas e contra-marchas obtém a promessa do agora rapaz de se casar então com Iracema. Por sua vez Bibi, se conforma com a revelação mesmo sabendo que irá sofrer chacotas dos amigos.
- c) 1 - Mensagem: Enfoca em seu contexto o problema do sexo e os pudores e tabus da época, e por outro lado o início da rebeldia da juventude contra os pais por ausência de diálogos finalmente contornados em face da impossibilidade de lutar contra a própria natureza.
- 2 - Impressão final: A de uma moça que somente se interessava por ações típicas do sexo oposto e que mais tarde vem a descobrir ser um homem, provocando com esta descoberta um verdadeiro trauma em todos.
- d) Diálogos: São simples, puros e até certo ponto inocentes, se bem que enfocando uma problemática que choca, ainda em nossos dias.
- e) Cenas: Compatíveis ao que parece com o tema. Todavia, fica condicionada ao ensaio geral.

f) Personagens: Eufêmia, a jovem que se transforma em rapaz; Bibi, noivo de Eufêmia; Iracema irmã de Bibi e posteriormente noiva de Eufêmia, D. Custódia, mãe de Eufêmia; Clemtne, pai de Bibi e de Iracema etc. São todos simples, honestos e sinceros.

g) Valor educativo: É válido, principalmente considerando o problema do sexo, que anteriormente era considerado um tabú indecifrável e irremovível e que nos dias atuais é enfrentado com honestidade, inclusive levado ao terreno educacional, com largo proveito.

III) Conclusão A obra teatralmente falando não pode ser considerada boa, mas do ponto de vista literário é muito útil, visto haver sido teatralizado um dos contos mais bonitos de Coelho Neto. Por outro lado devo mencionar a habilidade do adaptador em conduzir a temática, por sua natureza séria dentro de um clima de humor e comicidade, numa linguagem comunicativa que não chega a chocar o espectador. Tendo em vista porém a temática ser de relativa aduldade abordando um problema que o menor na certa não entenderia, sendo passível de interpretação errônea, opino pela liberação para maiores de 16 anos.

Brasília, 28 de dezembro de 1970

Sebastião Minas Brasil Coelho

Técnico de Censura - Cart. nº _____

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENGAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA CORIOLANO FAGUNDES E SEBASTIÃO MINAS BRASIL, QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO- O PATINHO TORTO -OU- OS MISTÉRIOS DO SEXO (!)

AUTOR - COELHO NETO

RESTR.- 18-DEZOITO- ANOS *** CORIOLANO

16-DEZESSEIS ANOS ** BRASIL

EM 30 DE DEZEMBRO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

CHEFE DA TCTC

Sr. Chefe:
Proporho seja a presente peça liberada com a classificação maior, de 18 anos.

Eu: 30/12/70

Wipew/mi

libere-se com
a impropositadade
de 18 anos
considerando



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

80
[Handwritten signature]

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3375/71

PEÇA === " O PATINHO TORTO " ou " OS MISTÉRIOS DO SEXO "===

ORIGINAL DE COELHO NETO

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 05 de JANEIRO de 19 76

Brasília, 05 de JANEIRO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

[Handwritten signature: Genaleus]

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p.48.
M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 06, de registro de peças
tais, o assentamento da peça intitulada " O PATINHO TORTO " ou " OS
MISTÉRIOS DO SEXO "

Original de COELHO NETO

Tradução de _____

Adaptação de _____

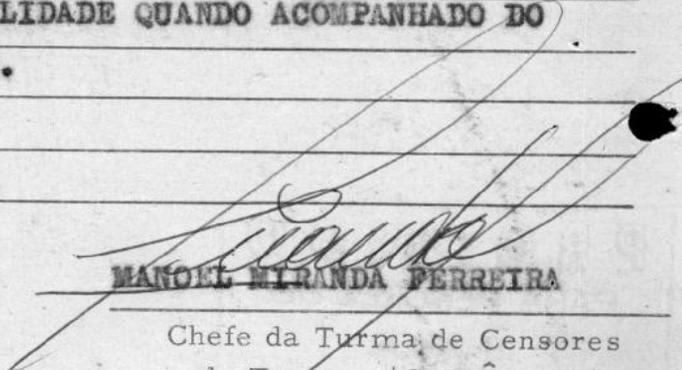
Produção de TEATRO EXPERIMENTAL MOGIANO - MOGI DAS CRUZES / SP.

Tendo sido censurada em 28 de DEZEMBRO de 19 70 e recebido
a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

**O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SODP.**

Brasília, 05 de JANEIRO de 19 71


MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE, M. G.
TEATRO UNIVERSITÁRIO

Of. 040/71.

Em 04 de maio de 1971

Senhor Chefe,

Vimos pelo presente, encaminhar-vos três cópias do texto "O Patinho Torto", de Coelho Neto, o que pedimos censurá-lo.

Cientificamo-vos que esta peça deverá ser estreitada em Ouro Preto-M.G., em 02/07/71, por ocasião do Festival de Inverno, para posteriormente ter sua temporada regulamentar nessa praça.

Sem mais, contamos com a costumeira atenção deste Serviço de Censura e subscrevemo-nos.

Saudações.

Haydée Bittencourt

Teatro Universitário da U.F.M.G.

Haydée Bittencourt

Diretora



Ilmo Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
Edifício do B.N.D.E. - 4º Andar.
Brasília - D.F.

f) Personagens: INCONFORMADOS

g) Valor educativo: IRRELEVANTE.

III) Conclusão UM PROBLEMA DE ORDEM SOCIAL, ENCARADO NORMALMENTE. NÃO CON-
TEM RESTRIÇÕES, ENTRETANTO NOS LEVA A OPINAR POR UMA IMPROPRIEDADE DE
14 ANOS POR TRATAR-SE DE ASSUNTO DELICADO, EMBORA JÁ EXISTENTE NO CON-
TEXTO ATUAL.

*J. Serre - M.
J. Serre - M.
19.05.71*

Brasília, 14 de MAIO de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 029

Teresa Paternostro
TERESA PATERNOSTRO

Sr. Chefe:

*Trata-se de peça liberada
anteriormente c/a clari-
ficacão na proposta.*

*H- S- 21
Flauvalho*

DE ACÓRDO
Wilson de Queiróz Garcia
WILSON DE QUEIRÓZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

86

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado N° 3767-71

PEÇA " O PATINHO TORTO "

ORIGINAL DE COELHO NETO

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de MAIO de 19 76

Brasília, 19 de MAIO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Genalecio
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574,p.53
M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 18, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

" O PATINHO TORTO "

Original de COELHO NETO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO UNIVERSITÁRIO DA U.F.M.G. -BELO HORIZONTE-MG

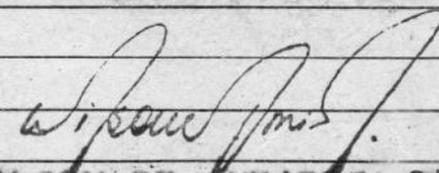
Tendo sido censurada em 14 de MAIO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS.

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

-O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.-

Brasília, 19 de MAIO de 19 71


WILSON DE QUEIROZ GARCIA

-CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

-Chefe da Turma de Censores
-de Teatro e Congêneres

Centro de Estudos Teatrais
GRUPO DIVULGAÇÃO
(FaFile) — Juiz de Fora — Minas Gerais

MJ-DPF-SRA/BSB

19 JUN 14 16 027835

RECEBIDO POR *Antonio*



Juiz de Fora, 14 de junho de 1972.

Exm^o. Sr.

Chefe do SCDP

Ed. do BNDE

Brasília - DF

Prezado Senhor:

O Centro de Estudos Teatrais vem, mui
respeitosamente, solicitar a liberação do texto " O patinho tor
to ou Os mistérios do sexo ", de Coelho Netto.

Para isso junta os três textos da
peça e a autorização da SBAT e

Pede Deferimento

Jose Luiz Ribeiro
jose luiz ribeiro
coordenador geral

S. C. T. C.



TÍTULO: O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM
Já liberada? SIM
Cls. etária anterior 14 ANOS
Praça JUIZ DE FORA - MG
D.F., 20/06/72 [Signature]
p/ Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Téc. Censura Osmar
Téc. Censura _____
Téc. Censura _____
Data p/exame: de 21/6/72 a 23/6/72
OBS: PEÇA JÁ CENSURADA,
CONFRONTO DE TESTO
D.F., 20/6/72 [Signature]
Resp. P. Programação

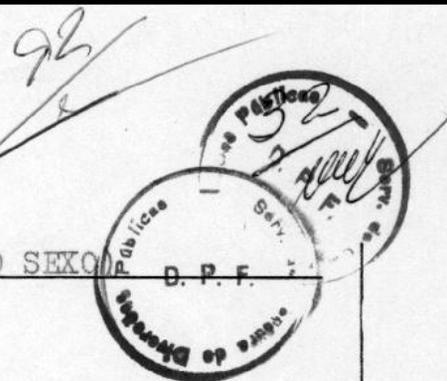
3) S.C.T.C.

4) CHEFE S.C.

H. Dei. DCDP
De acordo com o parecer
elaborado de fls. 32.
Existe um certificado com
restrições para 18 anos e, outros
dois para 14 anos.
Ratificando a proposta
da tida no referido parecer
sugiro a substituição do certi-
ficado de 18 anos por um de
14 anos.
28/6/72 [Signature]
[Signature]

5) DIRETOR D.C.D.P.

LIBERE-SE
com impropriedade para meno-
res de 14 anos
Brasília, 28 de 6 de 1972
[Signature]
Rogério Nunes



TÍTULO O PATINHO TORTO (ou OS MISTÉRIOS DO SEXO)

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS

A presente peça tem três certificados em vigor: um com a impropriedade de 14 anos, válido até 11 de setembro de 1974; outro, com a impropriedade de 18 anos, válido até 5 de janeiro de 1976; e, finalmente, um terceiro com a impropriedade de 14 anos, válido até 19 de maio de 1976, além de um certificado já vencido em 1969, com a impropriedade de 14 anos.

Li o texto que me foi submetido, original de Coelho Neto, que narra a estória de uma moça — Eugêmia — que se torna homem. É um texto sério, sem distorções morais do ponto de vista censório, dentro de um estilo literário clássico, o que o recomenda à liberação para apresentação pública.

Tendo em vista a existência da impropriedade anterior de 14 anos — que a meu ver é a mais indicada para a peça — opino seja ela mantida como a definitiva, corrigindo-se a de 18 anos, se isto for de interesse do grupo teatral portador do certificado com essa impropriedade.

É o meu parecer.

Brasília, 26 de junho de 1972

Wilson de Queiroz Garcia
 Técnico de Censura.

Certificados, na forma
do parecer: 14 (quatorze) AHO.5649

Em 26.6.72

[Signature]
Tete



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574, p.58.
 23
 2

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5137/72

PEÇA : O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

ORIGINAL DE : COELHO NETTO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 27 de JUNHO de 19 77

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 27 de JUNHO de 19 72

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes
 - ROGÉRIO NUNES -

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574.p.59

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 62, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: **" O PATINHO TORTO " OU " OS MISTÉRIOS DO SEXO "**

Original de: **COELHO NETTO**

Tradução de _____

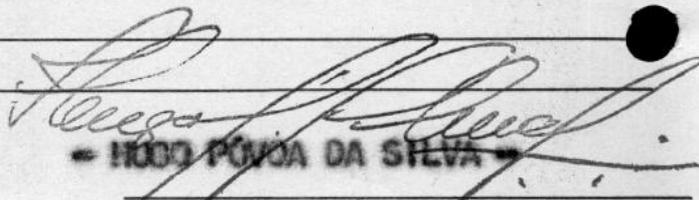
Adaptação de _____

Produção de **CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS - MG -**

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDI-
CIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-
LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDF.**

Brasília, 27 de JUNHO de 19 72


- HUGO PÓVOA DA SILVA -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



GREMIO DOS FUNCIONÁRIOS ELETRORADIOBRAZ S/A.

RUA JESUINO PASQUAL, 36/44 - FONES 221-2111 - 221-4111 - RAMAIS

C. G. C. 61.811.071/001

399
400
401
402

EXMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL

MI-OPP-SRA/BSB

10 OUT 15 12 056957

ALCIDES RODRIGUES CANO, Brasileiro, maior, portador da cédula de identidade nº RG. 2 859 535, coordenador geral do GFERSA, Grêmio dos funcionários da ELETRO RADIOBRAZ S/A, com sede à Rua Jesuino Paschoal nº 36/44, nesta Capital, vem mui respeitosamente requerer à V.Excia., a censura da peça teatral abaixo qualificada, para espetáculos a serem realizados em caráter popular, com funcionários da empresa acima referida, a partir do dia 25 de outubro de 1973, em locais previamente estabelecidos. Para tanto, anexa 3 (três) cópias do texto e a devida autorização da SBAT.

nome da peça: " O PATINHO TORTO " ou " OS MISTÉRIOS DO SEXO "

autor: COELHO NETO

gênero: comédia

nº de atos: 2 (dois) atos

Nêstes Têrmos,
P.Deferimento,

ALCIDES RODRIGUES CANO

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

MI - DPF - SRA/BSB

- 9 ABR 1976 016696

97

BRASILIA

RECORRIDO POR *[Signature]*

EU *Orozimbo Luiz Pivaldi*
 Residente a Rua (Av.) *Cel. José Braz*
 N.º *1617* Apto. — Estado Civil *casado*
 venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar
 a Peça: *O PATINHO TORTO -*
 Autoria de: *COELHO NETTO*
 Trad. (Adap.) _____
 Que será representada a partir do dia *10* *MAIO* *1973*
 na Cidade *MARILIA* Estado *SÃO PAULO*
 pelo Grupo ou Empresa *GETAM = GRUPO ESTUDANTIL DE*
 com Cobrança de Ingressos. *TEATRO AMADOR DE*
MARILIA
 Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.
 & Autorização da SBAT N.º _____

Nos referidos termos

P. deferimento

[Signature]

9.9.62

S. C. T. C.

TÍTULO: O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO

GÊNERO: FECA

1) S. ARQUIVO

Estudado

Documentação: Em ordem

Já liberada? sim

Cls. Estária anterior: 14 anos

Praça: MARILIA - SP

DF. 10104173

Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

Sa. Lisboa
A presente por
causa por vícios de
ter sido liberada por
a maioridade de qua-
trante anos para
este S.C. O texto é
gratuito por isto
segue se apresentada
e proposta de classifi-
cação livre.
10104173
J. Paulino

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de ____ a ____

OBS:

DF. ____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Vide verso

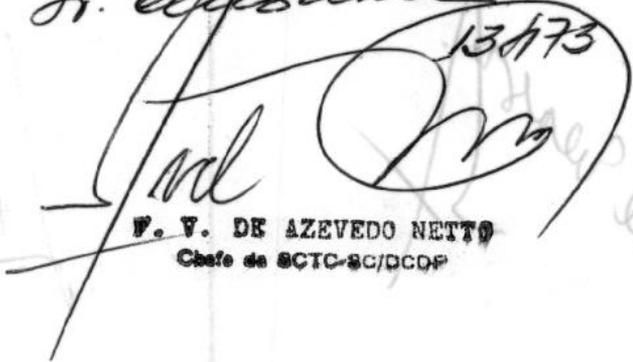
5) DIRETOR DA D. C. D. P.

Liber. 4
(14 anos)
SM 170473
14 (catase) anos
RECEBIMOS
Livre

1. Esta Chefia discorda da classificação etária sugerida, eis que o tratamento de congruente, deve ser obedecido a decisão já adotada - QUATORZE (14) ANOS, sem coets, conforme despacho de fls, do Sr. Diretor da DCD, mesmo porque há absoluta necessidade de ser a Comissão Federal referente consigo mesma, o que não se concibe e a adoção de decisões discrepantes.

2. Limita-se, em consequência, as certificações, com impropriedade para menores de QUATORZE (14) ANOS, sem coets, condições, entretanto, ao curso geral, e com validade até 27.7.77.

3. Submetta-se a apreciação do Sr. Dir. do Sr. Cel. [nome]

13/73

F. V. DE AZEVEDO NETTO
 Chefe de SCTC-SC/SCOP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 2178/73Título: O PATINHO TORTO ou Os mistérios do Sexo. (Confronto)Classificação Etária: 18 AnosEspécie: Peça teatral Com cortes: NãoBoa Qualidade: *x* Livre P/Exportação: -x-Dublado: -x- Legendado: -s-Vedada a Exploração Comercial: nãoCenas: Vide pareceres anterioresÉpoca: hipotética Gênero: DramaLinguagem: simplesTema: Psico socialPersonagem: vide enredoMensagem: de critica a preconceitos sexuaisEnredo: vide pareceres anteriores.1 - Cortes: Não os há.

2 - Conclusão: Peça com Certificado de Censura em vigor, o que nos leva a atender ao disposto no art.10 da lei 5536 já que os **originais** são semelhantes. Somos pela liberação com a classificação de IMPRÓPRIO ATE' 18 anos já que o original comparado teve essa classificação.

Brasília, 12 de abril de 1973

Joel Ferraz-Tec. Cens.

DPF-507

6
AA

101
2

179/73 - SCTC/SC/DCDP

12 abril

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF = SÃO PAULO

" O PATINHO TORTO "

" COELHO NETTO "

SUPERINTENDENTE

NA CIDADE DE MARILIA



FVAN/fnn.

246/73

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETTO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
14
QUATROZEL ANOS

27 JULHO 77
17 ABRIL 73
Rogério Nunes
- ROGÉRIO NUNES *

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p.67

01 08
: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO.

: COELHO NETTO

GETAM -- GRUPO ESTUDANTIL DE TEATRO AMADOR DE MARÍLIA - SP -

12 ABRIL 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDI-
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI -
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: OROZIMBO LUIZ GIRALDI

17 ABRIL 73

PROIBIDO PARA
MEMBROS DE
[Signature]
- DEUSETI BURLAMAQUI -



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 9562/73Título: "O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO" - Autor:
COELHO NETTO.Classificação Etária: 18 (DEZOITO) ANOS.Espécie: PEÇA TEATRAL Com cortes: NãoBoa Qualidade: - - Livre P/Exportação: - -Dublado: - - Legendado: - -Vedada a Exploração Comercial: NãoCenas: Após o ensaio-geral.Época: Contemporânea Gênero: ComédiaLinguagem: ComumTema: PsicossocialPersonagem: Alegres, retrógrados, ingênuos, desajustados,
evoluídos, traumatizados.Mensagem: IndefinidaEnredo: - CONFRONTO -

1 - Cortes:

Procedendo ao confronto do texto com os originais anteriores, constatei haver identidade no texto. Enfoca o problema sexo, expondo os conflitos de "uma jovem" que constata

2 - Conclusão:

pertencer ao sexo masculino, após submeter-se a tratamento médico. Essas situações conflitantes são focalizadas no decorrer da peça, dentro de um clima que se torna desaconselhável ao adolescente, podendo suscitar interpretações errôneas. Pelo exposto, sugiro que seja liberada para maiores de 18 anos.

Brasília, 23 de outubro de 1973.

Ivelice G. de Andrade - Téc. Cens.

DPF-507

109
d

TEATRO

TÍTULO O Batiulho torto, ou os mistérios do Seep 106

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 14

Praça São Paulo - S. H

Obs.: _____

DF. 11/10/73

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

S. Micaela
Opino pela
liberação para mais
res de quatro
anos, na forma
dos textos anterior
mente examinados

30/10/73

[Signature]
Bulhões

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Ivelice

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de 15/10/73 a 17/10/73

DF. 15/10/73

[Signature]
Resp pela Programação

3) S. C. T. C.

Vale verso
[Signature]

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 31/10/73 1973

[Signature]
Rogério Nunes

Se Deje:

A presente peça já foi
diversas vezes examinada por
esta DCD, liberada algumas
vezes para maiores de Dezeto (18)
Anos e outras para Quatorze.
Contudo, porém, que as últimas
liberações se acham com im-
propriedade até Quatorze
(14) Anos, conforme despacho
do Sr. Diretor. Assim sendo,
não obstante o parecer 9567/73,
opino, sim, pela manutenção
da faixa etária já estabele-
cida.

Assinada de l. f.

30/10/73
F. V. DE AZEVEDO NETTO

Chefe de SCTO-8C/DCDP

De acordo. Proceder
Em 30/10/73

J. Duranqui

1.080/73-SCTC/SC/DJDP

31 outubro 3

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO"

COELHO NETO

Superintendente:

São Paulo/São Paulo

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p.72

246/73

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

31 OUTUBRO
ROGERIO NUNES

73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p. 73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

O PATINHO TORTO OU MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETO

ELETRO RADIOBRAS - SP

23 OUTUBRO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DOS TEXTOS DEVIDAMENTE CARIMBADOS PELA DCDP.

31

OUTUBRO 73

DEUDET H BURLAMAQUI

DPF - SRA
n.º
R.º



JAN 1974 003600

Handwritten signature

109

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

Of. nº 459/74-SCDP/SR/SP

Em, 18 de janeiro de 1974

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Expº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Policia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente encaminho a V.Exa., pa
ra os devidos fins, relatórios de ensaios gerais das peças teat
rais "QUANDO A VIOLENCIA DOMINOU A TERRA" autoria de Francisco-
Cavalcante, "ENIGMA CIGANO" autoria de Teresa Leite de Oliveiray
"O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO" original de Coelho -
Neto.

Handwritten notes:
D.P. do nosso parecer
testes de estima e apreço.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.-
com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., pro

Handwritten notes in a box:
O conteúdo
dos relatórios
de peças
teatrais
deve ser
analisado
e aprovado
pelo
superintendente
regional
para
ser
encaminhado
ao
departamento
de polícia
federal

Handwritten signature of Antonio Brandão Andrade
PR. - ANTONIO BRANDÃO ANDRADE
Superintendente Regional

ABA/acb. -

of. 459/74
SR/SP

110
/

SENHOR CHEFE

Assisti ao ensaio geral da peça "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO" de COELHO NETTO, comédia em dois atos, encenada pelo grupo amador Gefersa.

O cenário compõe-se de mesa com quatro cadeiras e um divan com varias almofadas espalhadas, tenda ao fundo vitrais e uma porta tudo no estilo Art- Noveau.

O guarda-roupa da década de 30, assim como as musicas de Carmen Miranda.

O texto foi inteiramente respeitado e a marcação do espetáculo não alterou em absoluto o sentido da peça.

Sugeri fosse trocada o termo "Viado" por Zebra, no que fui atendida. ✓

Na minha opinião a impropriedade cabível deve ser a de 18 anos, porque o tema abordado é unica e simplesmente homossexualismo, em desacordo com a decisão de Brasilia que a impropriedade é de 14 anos. ✓

São Paulo, 10 de Janeiro de 1974

DM. Nereia
Téc. de Censura 342

S. Paulo, 18/01/74

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia através da Superintendencia.

M. Opereira

TEATRO

TÍTULO O PATINHO TORTO, OU...

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior _____

Praça São Paulo - SP

Obs.: ALTERAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

DF. 22/01/74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

[Handwritten note:]
Na prova de leitura
do Sr. Isidor da Costa
com base no emai-
geral, proceder como
sempre o Sr. Vizeu
da S.C.C.

[Handwritten note:]
Em 28.09.74

[Handwritten signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

[Handwritten note:]
A SE para dar cum-
primento ao respeitável
despacho do Sr. Diretor,
no tocante a restrição
de livros censurados,
na forma do relato-
rindo ensaio qual, se
seja com um período de
placares de depósito (18) A-
nos.

[Handwritten note:]
Quil se a SE for
fundo subs. técnica de cen-
sura, com a evolução
dos distritos

[Signature]
F. V. DE AZEVEDO NETTO

5) Diretor da D. C. D. P.

Of. nº 080/74 - SC/DCDP

23 de janeiro de 1.974

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF - SÃO PAULO

: " O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO "

Senhor Superintendente:

Encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do Certificado da peça teatral supracitada, de autoria de Coelho Netto, de interesse do Grêmio dos Funcionários Eletrora diobraz S/A, solicitando mandar proceder a substituição pelos anteriormente emitidos, face da alteração de impropriedade, devendo os mesmos serem recolhidos e devolvidos a esta DCDP.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES

DIRETOR

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574,p.78.

246/74

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETO

**PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS**

27 JULHO

77

25 JANEIRO

74

ROGÉRIO NUNES

115
9mm

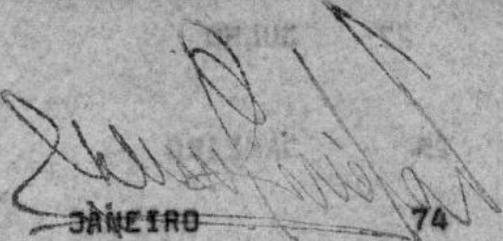
97 01-1858 NS.CPR.TEA.PTE.
: O PATINHO TORTO BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574.p.79

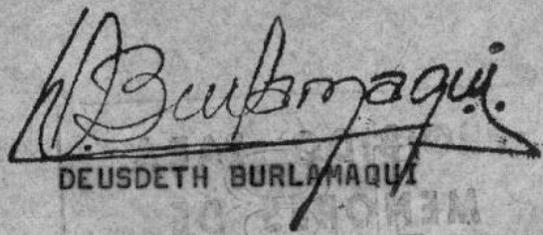
: COELHO NETO

: ELETRO RADIOBRAZ S/A

10 JANEIRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.CONDICONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE '
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.


25 JANEIRO 74


DEUSDETH BURLAMAQUI



J-DPF-SRA/BSB



15 MAR 11 08 7 014758

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
RECEBIDO POR [Signature]
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

[Signature]
115

OFÍCIO Nº 620/74-SCDP/SR/PE

Em, 11 de março de 1.974

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminhamos a V.Sa. 03 (três) scripts da peça teatral, intitulada: "OS MISTÉRIOS DO SEXO", de Coelho Neto, para que sejam devidamente censurados por essa Divisão.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. protestos de estima e distinta consideração.

Hiran G. Cavalcanti
HIRAN GOMES CAVALCANTI - Major
Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilm^o. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
BRASÍLIA-DF

TEATRO

UP
[Signature]

TÍTULO OS MISTÉRIOS DO SEXO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praça RECIFE - PE

Obs.: _____

DF. 18/3/74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Sr. Diretor pela in-
propriedade de 18
(dezoito) anos, sem
cortes.

Em 01/04/74
havendo sido
Chefe do S.C. Subst.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer
1395/74 - Dezoito (18) a-
nos - sem cortes, condi-
tionado, fracionado, ao e-
stado do exame geral.

Espera-se os certifi-
cados, observada a va-
lidade já estabelecida
e o título com que vem
sendo liberada a obra.

[Signature]
[Signature]

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da S.C.T.C./DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

[Signature]
[Signature]

ROSELI NUNES
Diretor da D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº

13951/74

Título: "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: teatro Com cortes: não

Boa Qualidade: - Livre P/Exportação: -

Dublado: ~ Legendado: -

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: sujeitas a exame no ensaio geral

Época: 1917 Gênero: comédia

Linguagem: cômica, irreverente, comum

Tema: de natureza social

Personagem: maliciosos, travestido, simples.

Mensagem: de entretenimento

Enredo: Em síntese, a peça gira em torno de Eufêmia, rapaz criado como se fora moça. #

1 - Cortes: não há.

2 - Conclusão: No confronto constatamos que houve uma atualização da linguagem. Em 1917, Eufêmia era apenas um caso de engano, mas nos dias de hoje assume características de homossexualismo, principalmente diante da circunstância de modernização da linguagem, agora maliciosa e direta. Julgamos a "priori" que na apresentação da peça, Eufêmia certamente será um homossexual, ou adotará o comportamento deste. Por isso, recomendamos 18 anos.

Brasília, 27 de março de 1974

DPF-507

199/74-SCTC/SC-DCDP

28.03

119
4

Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

- O PATINHO TORTO -

COELHO NETO

Superintendente:

em Recife

FVAB/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p.84

OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETTO

TEATRO ESPONTÂNEO DO RECIFE - T.E.R.

27 MARÇO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29

MARÇO

74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
SUBSTITUTO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574 p.85

246/74

OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETTO

27

JULHO

77

29

MARÇO

74

ROBÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS



MJ - DPF - SRA/BSB

- 3 MAI 09 44 74 025889

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

OFICIO Nº 34/74/DPF/MA/SCDP São Luis, 30 de abril de 1974

*Do Acervo
recit. sem 03/05/74*

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DPF/MA

Senhor Diretor,

Pelo presente, em anexo, encaminho a V.sª, para a devida censura 3 (tres) vias da peça teatral "Mistérios do Sexo ou o Patinho Torto" original de Coelho Neto, que, se liberada, será encenada por grupo desta cidade.

Na oportunidade renovo a V.Sª protestos de consideração e apreço.

Theotônio Madeira Dias
Bel. Theotônio Madeira Dias
Diretor da DPF/MA.

Ilmº.Sr.

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF
Brasilia-DF

TEATRO

Handwritten initials/signature

TÍTULO O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO.

1) S. ARQUIVO

4) SERVIÇO DE CENSURA

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praça SÃO LUIS - MA

Obs.: _____

DF. 7 / 15 / 94

Handwritten signature
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

5) Diretor da D. C. D. P.

despacho em folha em separado

Handwritten signature and stamp
10/15/94

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Peça teatral: "O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO" 961

Senhor Chefe do Serviço de Censura:

Esta Chefia por diversas vezes tem discordo do pronunciamento de Técnico de Censura relativamente a elevação de faixa etária, quando se trata de confronto. É o caso específico desta peça, conforme pode-se verificar pelos despachos exarados, respectivamente, em 13.4.73 e 30.10.73. Entretanto, da última, o Técnico de Censura do SCDP da SR/SP, que procedeu ao exame do ensaio geral, entendeu descabida a impropriedade para menores de Quatorze (14) anos e sugeriu elevação para a classificação máxima. Acatado o parecer pelo Sr. Diretor (despacho de 21.1.74), foi substituído o certificado.

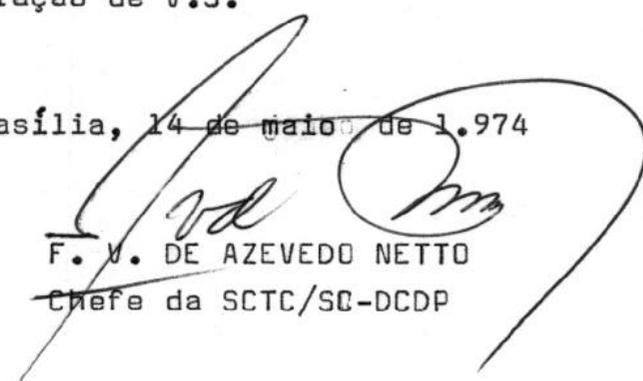
Novamente examinada a obra (parecer nº 13.951/74), mereceu a classificação máxima.

O último pedido de liberação examinado pelo Técnico de Censura Reginaldo Oscar de Castro (parecer nº 15.118/74), teve sugerida a sua impropriedade para menores de Quatorze (14) anos.

Diante dos fatos aventados, acode este titular ao seu despacho de 13.4.73 para reiterar a necessidade de decisões uniformes, a fim de que todas as liberações de obra para o mesmo veículo de informação se dêem com idêntica classificação.

Submeto, assim, o parecer nº 15.118/74 , que concordo, à consideração de V.S.

Brasília, 14 de maio de 1.974


F. V. DE AZEVEDO NETTO

Chefe da SCTC/SC-DCDP



1270

~~_____~~

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

P A R E C E R 15118/74

Título -: "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO".
CONFRONTO

AUTOR -: COELHO NETTO

TIPO -: PEÇA TEATRAL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA -: 14 (quatorze) anos.

Sr. Chefe -:

Após conhecido o conteúdo do presente texto, verifiquei a sua identidade com os anteriores e constatei que as modificações nele inseridas não alteram a sua temática original, fato bastante a que se recomendasse a sua liberação com as mesmas restrições contidas nos certificados já expedidos pela DCDP.

Entretanto, à vista do processo, pode-se facilmente constatar que não existe uniformidade nos entendimentos anteriores, alguns permitindo liberações para menores de 14 anos, outros para 16 anos e até mesmo com a impropriedade máxima, o que não é interessante à coerência de nossas decisões, normalmente esperada pelas partes interessadas.

Aliás, o caso já mereceu atenção do Censor Wilson de Queiroz Garcia, levando-o a proferir o parecer de fls. 32, onde propõe a pacificação da impropriedade, recomendando fosse ela fixada em 14 anos, face à seriedade do texto que habilmente coloca o tema em nível puramente literário, sem se permitir a explorar distorções morais ou sociais.

Por minha vez, sou pelo mesmo entendimento, pois não concordo que exista no tema questões que possam envolver homossexualismo, mas sim crítica à ignorância social com a qual foi contemporâneo o autor, resultante de defeitos e mazelas provenientes do sistema educacional então usado.

Assim, reportando-me ao parecer de fls. 32 e mais outros constantes do processo, recomendo seja a presente peça liberada para maiores de 14 (quatorze) anos, após examinadas as marcações a serem adotadas.

Reginaldo B. Castro
Reginaldo B. Castro

Brasília, 13 de maio 1974.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Proc. nº 025889/74-SRA-BSB.

Peça: "Mistérios do Sexo" ou "O Patinho Torto".

1. De acordo com a ficha de Fabela e de 18 (dezoito) anos, a faixa etária deve ser alterada para 18 anos, conforme pareceres anexos.

Sr. Diretor da DCDP:

Examinando o presente processo verifico

que embora ele já tenha sido liberado por esta DCDP por diversas vezes, por diferentes grupos teatrais e com diferentes classificações etárias, existe apenas um relatório de ensaio geral anexado ao mesmo, procedente de São Paulo (no sétimo processo, sem folha rubricada ou numerada) e referente a pedido da Eletroradiobrás (folha amarela). Esse relatório indica a necessidade de ser aumentada a faixa etária para 18 anos, o que foi levado em consideração por essa direção, em despacho exarado no ofício n. 459/74-SCDP-SR/SP, de 18 de janeiro deste ano, que determinou a substituição dos certificados anteriores, de 14 anos, por outros, com 18 anos, conforme ofício nº 080/74-SC/DCDP, de 23 de janeiro também deste ano, e igualmente anexado ao processo.

Sendo o relatório do ensaio geral o documento hábil para orientar esta DCDP sobre a classificação e etária mais apropriada ao público, e já havendo decisão anterior dessa direção acolhendo o sugerido no mesmo, opino no sentido de que se considere como definitiva a impropriedade de 18 anos.

Por oportuno, sugiro que a DCDP volte a insistir junto às Superintendências Regionais para a necessidade de serem enviados a este Serviço de Censura, sem exceção, os relatórios dos ensaios gerais de todas as peças teatrais que sejam encenadas nas áreas de suas jurisdições.

*Edi: 15.5.74.
W. S. M. J. M.
P. do S.C.*

ROGERIO VUNES
Diretor da DCDP

(VIRE)

Retornar à SE, para substituir os Certificados, dando-lhes a validade legal de 5 (cinco), de acordo com o artigo 10 da Lei nº 5.536/68.

Com: 21.5.74.

Wilson de Quiroz Garcia

WILSON DE QUIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

317/74 - SCTG/SC/DCDP

16.maio

129
4

Diretor da Divisão de Polícia Federal - MARANHÃO

" O PATINHO TORTO "

" COELHO NETTO "

Diretor:

São Luiz-MA.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574.p.93

MISTÉRIO DO SEXO OU O PATINHO TORTO

MISTÉRIO DO SEXO OU O PATINHO TORTO

COELHO NETO

REYNALDO FARAY COELHO

13

MAIO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBO PELA DCDP. =X=X=X=X=X=X

20

MAIO

74

Jev.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA.

PARA

DE

DE

DE

[Handwritten signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p. 94

246/74

MISTÉRIOS DO SEXO OU O PATINHO TORTO

COELHO NETO

27

JULHO

77

20

MARÇO

74

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

ROGERIO NUNES



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

0373

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado N° 246/73

PEÇA : O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

ORIGINAL DE : COELHO NETO

APROVADO PEŁA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 27 de JULHO de 19 77

Brasilia, 31 de OUTUBRO de 19 73

ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

PROIBIDO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento

da peça intitulada : O PATINHO TORTO OU MISTÉRIOS DO SEXO

Original de : COELHO NETO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574, P.96

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de ELETRO RADIOBRAS - SP -

Requerida por _____

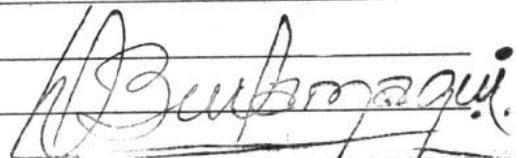
Tendo sido censurada em 23 de OUTUBRO de 19 73 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE

QUANDO ACOMPANHADO DOS TEXTOS DEVIDAMENTE CARIMBADOS PELA DCDP.

Brasília, 31 de OUTUBRO de 1973



DEUSEDTH BURLAMAQUI

mhf

Chefe do Serviço de Censura

FICHADO
S. A. DCDP



MJ - DPF - SRA/BSB

DPF - BSB
N.º
R.º *Helio*

10 JUN 15 20 74 035360

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR *Helio*

133

373

OFÍCIO Nº 1454 /74-SCDP/SR/PE

Em, 04 de junho de 1974

*De ordem
ao arquivo
em 10/06/74
CWO*

Senhor Diretor,

Anexo, encaminhamos a V.S^ª. o Relatório das Atividades do Serviço de Censura de Diversões Públicas desta Superintendência Regional, durante o mês de maio do ano em curso.

Ao ensejo, renovamos a V.S^ª. protestos de alta estima e distinta consideração.

Hiran G. Cavalcanti

HIRAN GOMES CAVALCANTI Major

Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilm^º. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB

BRASÍLIA-DF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/PE

Do: Fiscal de Censura - JOSÉ TENÓRIO TAVARES

Ao: Sr. Chefe da Seção de Fiscalização - SCDP/SR/PE

Assunto: Relatório de Ensaio Geral (apresenta)

Senhor Chefe:

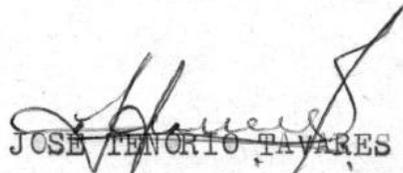
Informo a V.Sa., que cumprindo ordens do Sr. Chefe do SCDP, compareci ao Nosso Teatro, no dia de ontem às 19:00 hs., com o objetivo de assistir o ensaio geral da peça cômica, "OS MISTÉRIOS DO SEXO", original de Coelho Neto, cuja liberação ocorreu no dia 27 de março de 1974, conforme certificado nº 246/74, válido até 27 de julho de 1977.

O ensaio geral começou na hora prevista, com a participação de 09 atores. Em relação ao guarda-roupa utilizado nada tenho a declarar, já que o mesmo se enquadrava perfeitamente com a parte cênica da peça.

O cenário e as marcações foram apresentados de acordo com o Script, não havendo nenhuma alteração digna de registro.

Era o que tinha a informar.

Recife, 21 de maio de 1974.


 JOSÉ TENÓRIO TAVARES
 Fisc. de Censura

FICHADO
S. A. SCDP



MJ - DPF - SRA/BSB

12 JUL 14 3 4 PM 42811

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO SR *Antônio*

373

135

OFÍCIO Nº 1716 /74-SCDP/SR/PE

Em, 02 de julho de 1.974

*No
Arquivo
por Sr. S.C.C.
em 15.7.74
- [assinatura]*

Senhor Diretor,

Anexo, encaminhamos a V.Sª. o Relatório das Atividades do Serviço de Censura de Diversões Públicas desta Superintendência Regional, durante o Mês de junho do ano em curso.

Ao ensejo, renovamos a V.Sª. protestos de alta estima e distinta consideração.

Hiran G. Cavalcanti
HIRAN GOMES CAVALCANTI Major

Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilmº. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
BRASÍLIA-DF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Do: Chefe do SCDP/SR/PE
 Ao: Sr. Superintendente Regional do DPF/SR/PE
 Assunto: Relatório (apresenta)

136
 [assinatura]

Senhor Superintendente,

Cumprindo determinação de V.Sª. desloquei-me, no dia 08.06.74, com destino a cidade de Caruaru, a fim de assistir ao Ensaio Geral da Peça Teatral: "OS MISTÉRIOS DO SEXO", em três atos, de autoria de COELHO NETTO, encenada no dia 08.06.74, no Teatro JOÃO LIRA FILHO.

O ensaio geral, iniciou-se na hora prevista.

Os atores, em número de 09 (nove), atenderam com exatidão as marcações contidas no script.

Nenhuma anormalidade foi verificada, estando assim, de acordo com o que determina a Legislação vigente, foi então autorizada a apresentação.

É o que tenho a relatar.

Recife, 09 de julho de 1.974


 Hilton José Canavarro Nascimento
 Chefe do SCDP/SR/PE - Substituto

TEATRO

140

TÍTULO O PATINHO TORTO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 18

Praça MOGI DAS CRUZES - SP

Obs.: _____

DF. 30/8/74

Jose
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

*'Acondicionadas do
Senhor Diretor 18
anos, sem cortes.*

*Em 09/10/74
Manoel Francisco Claverio Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.*

3) S. C. T. C. *Concordo com o Parecer no 20383/74.*

Emite-se os certificados, 18 anos, sem cortes, condicionados, toda via ao exame do ensaio quel. A consideração do Senhor Chefe do S.C.

Em, 4.10.74
Manoel Francisco Claverio Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres/SB

5) Diretor da D. C. D. P.

Liber. 10/10/74
5/10/74
ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP



141

PARECER Nº 20.282 174

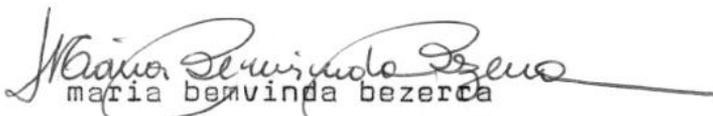
TÍTULO: " O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: " DEZOITO ANOS "

AUTOR: COELHO NETO - ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

Na realização do confronto que procedi, constatei perfeita identidade do "script" com os originais que se encontra no arquivo da DCDP do DPF. Por esta razão, e atendendo ao disposto no art 10, da LEI Nº 5536, e ainda considerando o despacho do Diretor da DCDP às fls.08 do Proc.025889/74, sugiro seja mantida a liberação para maiores de dezoito anos.

Brasília, 1º de outubro de 1974.


maria benvenida bezerra

142
09/1074 ✓

811/74-SCTC/SC/DOCP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

" O PATINHO TORÇO "

Coelho Netto

Superintendente:

Mogi das Cruzes-SP

MFCG/rs

143

" O PATINHO TORTO "

COELHO NETO

246/74

TESTE EXPERIMENTAL FISIANO

" O PATINHO TORTO "

CLAUDIA MARIA MAGLIONI

79

OUTUBRO

10

PRESENCIA PARA MENORES DE 18 ANOS. CONDICAO

COELHO NETO

HAO AS EXAMES DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALOR

CADA BUNDO RECONHECIDO DO " SCITUM " DENEGAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

08

OUTUBRO

79

08

OUTUBRO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

Handwritten signature

Handwritten signature

ROSETO MUNEZ

22

" O PATINHO TORTO "

COELHO NETO

TEATRO EXPERIMENTAL MOGIANO

CLAUDIA MARIA MAGGIONI

01 OUTUBRO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO " SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA ODCP.

OUTUBRO

08

OUTUBRO

08

OUTUBRO

74

[Handwritten signature]

Manoel Francisco C. Guido
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS
SUBST:



MJ-DEF-SRA/BSB

144

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais 016043

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

RECEBIDO POR: *[Signature]*

Rio de Janeiro , 12 de Março de 1955

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

O PATINHO TORTO

Original de Coelho Netto

Tradução de _____

Próxima apresentação de Festival de Teatro Mador Estudantil

Teatro Grupo Amadores Teatrais Viriato Correa Cidade Tres Rios

Estado Rio de Janeiro

A estréia está prevista para Abril 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

[Signature]



TEATRO

145
w

TÍTULO O PATINHO TORTO

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM
Clas. Anterior 18 anos
Praça RIO DE JANEIRO - RJ
Obs.: _____

DF. 24, 03, 75

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

'A considerações do senhor Diretor inapropriedade 18 anos, tem até

Em 03/04/75
[Signature]
Manoel Francisco Claret
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 2334/75.

1. — A L.B. para emitir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes, todavia, condicionada ao exame do ensaio geral.
2. — A Considerações do Sr. Chefe do S.C.

Em 2/04/75.

[Signature]
Carvalho Queirós
Subst. Chefe da Seção de Censura
Teatro e Congêneres 730

5) Diretor da D. C. D. P.

[Signature]
Em 03.04.75

MÁRIO NUNES
Arquivo da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ORDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p.108.

146
cm

PARECER Nº 2334195

TÍTULO: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS.

Esta peça de Coelho Neto já foi liberada diversas vezes por esta DCDP com diferentes classificações etárias. Confrontando o presente texto com o anterior, e constatando a sua semelhança, / opino pela manutenção da impropriedade de 18 anos.

Brasília, 2 de abril de 1975.

J. Camelier
J. Camelier

T.Cens.

147
ver

030475

259/75-SCTC/SG/DCDP.

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF NO RIO DE JANEIRO

" O PATINHO TORTO "

(COELHO NETO)

SUPERINTENDENTE:

no Rio de Janeiro

148

Vaan

246

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO.

COELHO NETO

02 ABRIL

80

02 ABRIL

75

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p. III

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO.

COELHO NETO

GRUPO AMADORES TEATRAIS VIRIATO CORREA - RJ.

02 ABRIL

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE /
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

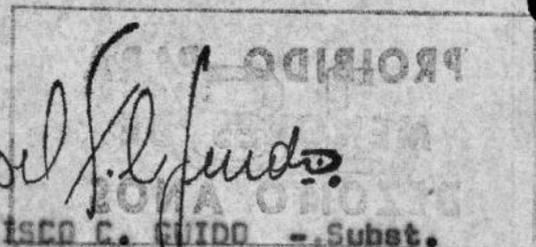
02

ABRIL

75

mlon

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - Subst.



TEATRO

TÍTULO © PATINHO TORTO, ou...1) S. ARQUIVO *ps*Documentação EM ORDEMClas. Anterior BauwPraça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 12/06/75*W. Wainz*
p/Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. concordo c/o parecer
n.º 5375-75.

1- A Seção de Expedientes para emitir certificado com impropriedade de até 18 anos, sem portes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2- A consideração do Sr. Chefe do S.C. Em 16/06/75.

*Florivaldo de Carvalho Queiroz*Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor ins-
propriedade de 18
sem portes.

Em 18/06/75*Manoel Francisco Clade y Guido*
Manoel Francisco Clade y Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma de parecerEm 18/06/75*Manoel Francisco Clade y Guido*
Manoel Francisco Clade y Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.



PARECER Nº 5375, 75

TÍTULO: O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO (teatro).

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS.

Peça teatral de autoria de COELHO NETO.

Peça teatral já liberada diversas vezes, com certificado em vigor até abril de 1980, com imprpriedade para menores até 18 (dezoito) anos.

Tendo lido o presente Script em confronto com o anterior, constatei a identidade entre ambos, e sugiro sua liberação com a mesma classificação anterior.

Brasília, 16 de junho de 1975.

Avelino Bambim
AVELINO BAMBIM

190675

477/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

O PATINHO TORTO ou
OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETO

Superintendente:

Rio de Janeiro - RJ

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETTO

246/75

EMPRESA SPOT PRODUCOES ARTISTICAS LTDA. - RJ -
O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO TEM VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

COELHO NETTO

18 JUNHO 80 REQUERENTE:

18 JUNHO 75

PROIBIDO PARA
DEZOITO ANOS

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

: COELHO NETTO

EMPRESA SPOT PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. - RJ -

16

JUNHO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

REQUERENTE:

18

JUNHO

75

Manoel F. Guido

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO



MJ-DPF-SRA/BSB

DPF-BSB
4

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO POR [Handwritten Signature]
28 AGO 1975 049239

FICHA DO
S. A. DCDP

OFÍCIO Nº 2798/75-SCDP/SR/PE

Recife, 27 de agosto de 1.975

*Ad Arquivo
Superior em 29/8/75*

Senhor Diretor,

Tendo em vista o Grupo Teatral Espontâneo do Recife ter extraviado o Certificado de Censura nº 246/74, da Peça Teatral "OS MISTÉRIOS DO SEXO" de COELHO NETO, solicitamos providências de V.Sª. no sentido de que seja fornecido uma 2ª VIA do Certificado supracitado.

Anexo, seguem uma via do requerimento e script da Peça em tela.

Ao ensejo, renovamos a V.Sª. protestos de alta estima e distinta consideração.

[Handwritten Signature]
Bel. EDYR CARVALHO

Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilmº, Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
BRASÍLIA-DF

TEATRO

TÍTULO OS MISTÉRIOS DO SEXO

1) S. ARQUIVO

Documentação Com ordemClas. Anterior 18 anosPraça Recife - PEObs.: Omissão do 2º dia
de certificados.DF. 01 / 09 / 75W. W. W.
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Seção de Expedientes
para de conformidade com
o Ofício 2748-75-SCDP-SR/PE,
expedir 2ª via do certificado
do de 02-04-75.

Em 1º 09-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

A apreciação do
Sr. Diretor da D.C.D.P.,
tendo em conta os
pareceres dos censa-
res que examina-
ram a peça, os
quais propõem a
classificação eti-
ria de 18 (dezoito)
anos, sem corte.

Em 4/9/75
CláudioCoriolano de Loyola Cabral Tagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

5) Diretor da D. C. D. P.

João
per 519
ROGERIO NUNES
Diretor

Ofício nº 1027/75-SCTG/DCDP

, 03 de setembro de 1.975

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DCDP

Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/PE

Encaminhamento (Faz)

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado.

Ref. Of. nº 2798/75-SCDP/SR/PE

Senhor Chefe,

Encaminho a Vossa Senhoria as anexa 1ª e 2ª vias do certificado de Censura da peça teatral intitulada "OS MISTÉRIOS DO SEXO", de autoria de Coelho Neto, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

CAF
CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
Chefe do Serv. de Censura-DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

: COELHO NETTO

TEATRO ESPONTÂNEO DO RECIFE - PE -

JOSÉ CARLOS DE MACEDO

27 MARÇO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

27

AGOSTO

75

[Handwritten signature]

Coriolano de L.C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574, p. 121

246/75

2ª VIA

O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

COELHO NETTO

27 JULHO

77

27 AGOSTO

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS



1 ABC 140175 043187

 0373
 FICHADO
 S. A. DCDP

 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 416/75-SCDP/SR/RJ

Em, 30 de julho de 1975

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

 De ordem
 Ao Arquivo
 em 04.8.75
 P/Clas. Arquivada

Senhor Diretor:

Com este, encaminho a V.Sa. o parecer nº 1027/75, de peça intitulada "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO", com impropriedade para 16 anos, bem como, os pareceres de programas de televisão, acompanhados das cópias dos certificados correspondentes, conforme discriminação abaixo:

TÍTULOS	ESTAÇÃO	CERTIFICADO
RIO DA SAMBA Nº 27	TV RIO	337/75/RJ ✓
SENDAS DO SABER Nº 08	TV TUPI	347/75/RJ ✓
TOP OF THE POP Nº 35	TV RIO	348/75/RJ ✓
RIO DA SAMBA Nº 28	TV RIO	349/75/RJ ✓
PORTUGAL SEM PASSAPORTE Nº 99	TV TUPI	350/75/RJ ✓
GLOBO REPORTER DOCUMENTO	TV GLOBO	351/75/RJ ✓
GLOBO REPORTER FUTURO Nº 28	TV GLOBO	352/75/RJ ✓
CONCERTOS PARA A JUVENTUDE DE 16	TV GLOBO	353/75/RJ ✓
FANTASTICO, O SHOW DA VIDA Nº 102	TV GLOBO	354/75/RJ ✓
MAURO MONTALVÃO Nº 30	TV TUPI	356/75/RJ ✓
MOACIR FRANCO ESPECIAL Nº 05	TV GLOBO	358/75/RJ ✓

Ao ensejo, apresento a V.Sa. protestos/ de estima e consideração.

As cópias dos certificados acima mencionados foram arquivados em 4/8/75

 Wilson de Queiroz Garcia
 Chefe do SCDP/SR/DF

LSL/.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SR/RJ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1027/75

TÍTULO: " O PATINHO TORTO " OU " OS MISTÉRIOS DO SEXO "
 CLASSIFICAÇÃO: 16 ANOS

A peça teatral em epígrafe, focaliza uma época em que os jovens permaneciam em total inocência a respeito de sexo.

A figura principal, Eufêmia, que se transforma em homem, não é a portadora de uma anomalia sexual. Trata-se de uma anormalidade causada pelo fato de um homem haver sido criado como mulher e que, por culpa da inocência da época, não se apercebe antes do seu sexo e até necessita de chamar um médico para se certificar.

O diretor, aproveitando-se da intensão do personagem Bibi, noivo de Eufêmia, de manter a palavra dada pelo noivado, no fim da peça apresenta, através de um piscar de luz, a figura do atorque representa o personagem aludido, vestido de mulher, deixando ao público a interpretação de que êle poderia estar querendo manter o compromisso por outros motivos que não o citado.

Como isto foi mostrado de maneira sutil, somente no fim do espetáculo, cabendo ao público a interpretação, como a encenação foi levada de modo jocoso, sem intenções obscenas, sou pela liberação do espetáculo para menores de 16 anos.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1975.

Lucia de Rivoledo Cristofolini
 LUCIA DE RIVORÉDO CRISTOFOLINI.

cart, 381 mat. 6 189 284

ENCAMINHE-SE A
D.C.D.P.-DPF-BSB/DF.
 Em 20/07/75
 Wilson de Gualroz Garcia
 Chefe do S.C.D.P. - SR/GB.Rf

- A este respeito, a Polícia Federal, localizada em Brasília, DF, em 20/07/75, informou que não possui informações sobre a pessoa mencionada no item 1 do relatório.

- A Polícia Federal, localizada em Brasília, DF, em 20/07/75, informou que não possui informações sobre a pessoa mencionada no item 2 do relatório. O nome mencionado no item 2 do relatório não foi encontrado em nenhuma das bases de dados consultadas.

- O nome mencionado no item 3 do relatório não foi encontrado em nenhuma das bases de dados consultadas. O nome mencionado no item 4 do relatório não foi encontrado em nenhuma das bases de dados consultadas.

- Como este foi o resultado da pesquisa realizada, a Polícia Federal, localizada em Brasília, DF, em 20/07/75, informou que não possui informações sobre a pessoa mencionada no item 5 do relatório.

- O nome mencionado no item 6 do relatório não foi encontrado em nenhuma das bases de dados consultadas. O nome mencionado no item 7 do relatório não foi encontrado em nenhuma das bases de dados consultadas.

TEATRO

TÍTULO O Pailinho Torto ou os mistérios do sexo

Loelha Neto

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça Campina Grande - PB

Obs.: _____

DF. 18/10/1961

Resp. [assinatura] pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação _____

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censo, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 16 de nov. de 1976

[assinatura]
Maria Arlete R. Gama
Ch. S.C.T.C.-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 (dezoito)

anos

Brasília-DF, 17/11/1976

[assinatura]
Coriolano de Aguiar Cabral Aguiar
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.



PARECER Nº 6335 176

TÍTULO: "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos

P A R E C E R

Após confrontado o texto "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO", de Coelho Netto, / constatamos que não houve alterações no mesmo, podendo assim, ser mantida, a sua classificação para "MAIORES DE DEZOITO ANOS", pois, embora a linguagem seja ingênua, o epílogo apresenta uma solução chocante para a situação criada pelo enredo.

Brasília, 12 de novembro de 1976

Regina Maria Santos Lima Abil Russ

Regina Maria Santos Lima Abil Russ

Laura Pulqueria de Gusmão Bastos
Laura Pulqueria de Gusmão Bastos

18-11-76

1196/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Paraíba

"O PATINHO TORTO"

Coeelho Neto

Superintendente:

Campina Grande-PB

CAF

246/76

: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

27 JUNHO 77
17 NOVEMBRO 76
Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

77
76

NR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

NR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574, p.130.

: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

: COELHO NETO

GRUPO ARAÚJO DE FARIAS - PB

JOÃO ARAÚJO DE FARIAS

16 NOVEMBRO

76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZDITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.



17

NOVEMBRO

76

IMPRÓPRIO PARA
MEMBROS DE
DEZDITO Nº 2

Coriolano de Lóiola C. Fagundes

CORIOLANO DE LÓIOLA C. FAGUNDES



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RJO
Rio de Janeiro — Brasil.

Campina Grande, 01 de novembro de 1976.

FICHA DO S. A. DDDP

Ao

Diretor do Departamento de Polícia Federal
do D.P.F.

BRASILIA:

*Arquivo
unifrac eunid.
11/11/76*

RECEBIDO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
11/11/76

Levo ao conhecimento de V.Sa., que o grupo Teatral "ARAÚJO DE FARIAS", desta cidade nada deve a SBAT local e está autorizado a montar a peça "(O PATINHO TORTO OU OS MESTERIOS DO SEXO)" DE Coelho Netto.

Sem mais para o momento, firme-me mui

Atenciosamente,

João Correia de Araújo

João Correia de Araújo.

311/110100



MJ-DPF-SRA/BSB

14 NOV 11 14 033617



RECIBIDO
S. A. DCDP
FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 2169/77-SCDP/SR/PE. RECIFE, 09 DE NOVEMBRO DE 1977.

*De ordem
ao Arquivo
em 14-11-77
Wojales*

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminhamos a V.Sa. 03 (três) vias do script da peça teatral " OS MISTÉRIOS DO SEXO " original de Coelho Neto, a fim de sejam censuradas por essa DCDP.

Anexo, segue cópia do requerimento da peça teatral supracitada.

Aproveitamos o ensejo para renovar a V.Sa. os protestos de elevada estima e real apreço.

Bel. JOSE ANTONIO HAHN.
Superintendente Regional em Pernambuco

Ilmo. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/BSB.

BRASÍLIA -DF.

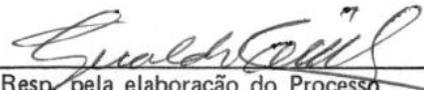
TEATRO

TÍTULO O PATINHO TORTO, ou, . . .

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos ✓Praça RECIFE - PE ✓

Obs.: _____

DF. 18, XI, 1977

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

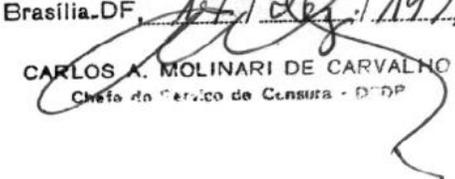
Brasília-DF, 13 de dez. de 1977

 Maria Arlete R. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília -DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito (18)anos, sem cortes.Brasília-DF, 14 de dez. 1977

 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 5346 / 22TÍTULO: "O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO"CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR: COELHO NETO

Procedendo o exame da peça acima mencionada, constatamos identidade com texto anexo no processo, podendo receber a mesma classificação estipulada no certificado em vigor: 18 (DEZOITO) ANOS, condicionado ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 07 de dezembro de 1977


Solange Vaz dos Santos

2112/77-SGTC/SC/DCDP

13.dezembro 7

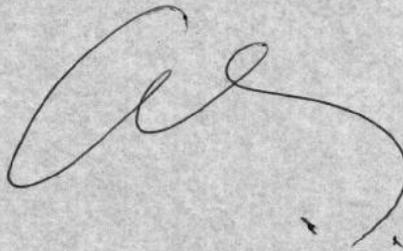
Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

"OS MISTERIOS DO SEXO" ou "O PA-
TINHO TORTO"

COELHO NETO

Superintendente,

nesse Estado.

A handwritten signature in dark ink, consisting of a large, stylized initial 'C' followed by a series of loops and a long horizontal stroke extending to the right.

246/77

" OS MISTÉRIOS DO SEXO "

" COELHO NETO "

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

14 DEZEMBRO
14 DEZEMBRO
Rogério Nunes

82

77

ROGÉRIO NUNES

: COELHO NETO :

: TEATRO EXPERIMENTAL DE OLINDA -- PE :

13 DEZEMBRO 77

" IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. COM

DICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DEDP.

[Handwritten signatures and scribbles]

14 DEZEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

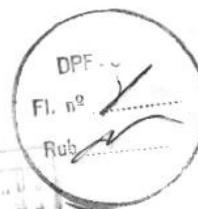
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ-DPF-SRA/BSB

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional no R. G. Norte

10488 14152 009859



OFICIO
Nº0396/78-SCDP/SR/DPF/RN

Natal, 06 de março de 1978

FICHADO
S. A. DCDP

*Arquivo
13478*

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho a V. Sa., para os devidos fins de censura, a peça " O PATINHO TORTO OU OS MISTERIOS/ DO SEXO ", de Coelho Netto, em três vias, acompanhado do officio nº 100/78-SUP de 05 de abril de 1978, do Serviço Social da Indústria deste Estado, bem como declaração da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, no Rio Grande do Norte.

Na oportunidade, reitero a V. Sa., os mais elevados protestos de consideração e apreço.

Almeid
Bel. AYRTON MARQUES MENDES
Superintendente Regional

ILMO. SR.
DR. ROGERIO NUNES
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA -DF

TEATRO

TÍTULO O PATINHO TORTO, ou, ...

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça NATAL - RN

Obs.: _____

DF. 17, 04, 78

Geraldine
 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
 com a classificação: impróprio para menores
 de 18 (dezoito) anos, sem cortes e
 com os dados constantes do requerimento de
Censura, condicionada ao exame
 do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 24 de abril de 19 78

Maria Antônia R. Gama
 Ch. S.C.T.C.-SC/DCDP

Brasília-DF _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
 COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: 18 (dezoito)

anos
 Brasília-DF, 26 de abril de 19 78

Carlos A. Molinari de Carvalho
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 1338, 78

TÍTULO: "O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO"

Autor: COELHO NETO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

Confrontados texto anexo ao processo e exemplar, verifiquei perfeita identidade entre os mesmos. Em razão disto, sugiro se ja mantida a classificação anterior, condicionada a encenação ao ensaio geral.

Brasília, 20 de abril de 1978.

Valadares
ODILA GERALDA VALADARES

599/78--SCTC/SC/DCDP

25/04

8

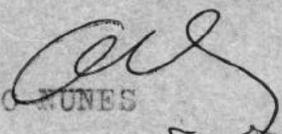
Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O PATINHO TORTO OU OS MIS
TÉRISO DE SEXO"

Coelho Neto

Superintendente:

NATAL-RN


ROGÉRIO NUNES

246/78

: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

: COELHO NETO

14 DEZEMBRO

82

25 ABRIL

78

Ricardo Nunes
RICARDO NUNES

IMPROPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOIDO, ANOS

: O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO

: COELHO NETO

SESI - RN
GILZENOR SÁTIRO DE SOUZA

24 ABRIL

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25

ABRIL

78

MEMBRO DE
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ - 10/78 - 022021

- 9100 10/78 022021

 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 807/78-SCDP/SR/RJ

Em 7.8.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

Handwritten notes:
 d. l. para
 V. S. 10/78

Senhor Diretor:

Em aditamento ao RD 53/78-SCDP/SR/RJ, encaminho a V. Sa. / 1 (um) texto da peça teatral intitulada ("O PATI = NHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"), de autoria de Coelho / Neto.

Esclareço que o exame foi requerido por Cely de Aguillar Pinho, Diretora da Escola Municipal - Professor Sousa da Silveira.

Ao ensejo, apresento protestos de estima e consideração.

Handwritten signature of Augusto da Costa
 AUGUSTO DA COSTA
 Chefe do SCDP/SR/RJ

TEATRO

TÍTULO O Patiinho Sorto ou Os mistérios do sexo

Coelho Neto

1) ARQUIVO

4) SERVIÇO DE CENSURA

Clas. Anterior 18 anos

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 14 / 08 / 1978

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de aus., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 25 de agosto de 1978

[Signature]
Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: _____

[Signature]
Brasília-DF, 29/08/78
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 07.08.78
AS 10.15 HRS.
Assinatura [Signature] Legível

CONTROLE
Nº 23963

 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG

INDICAÇÕES
DE SERVIÇO

PREÂMBULO: RIO 2606 40 0708 1125

RECEPÇÃO: PPC554 HL RU 071130

RECEBIDO EM 7 AGO 1978 AS 200
ENCAMINHADO A: DCDP
EM / / AS / /
RUBRICA: [Signature]

END. DCDP BSA

TEXTURA
ASSINATURA
TEXTURA

053/SCDP DE 07.08.78 PT SOL INFO PECA TEATRAL ABRASPAS O PATINHO TORTO
OU OS MISTERIOS DO SEXO FECHASPAS VG AUT COELHO NETTO VG REQ ESCOLA MU-
NICIPAL PROFESSOR SOUSA DA SILVEIRA PT CONSTA CTF 246/75 EXPEDIDO OUTROS
GRUPOS PT

[Signature]

SR/RJ

V.O. informada em 7.8.78

[Signature]

FICHA DO
DCDP



PARECER Nº 3061 , 78

TÍTULO: "O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS

O presente texto está idêntico ao anterior, o que nos leva a sugerir a sua liberação para maiores de 18 anos, conforme certificado em vigor.

Brasília, 24 de agosto de 1978.


Marlene R. Celani

BRASÍLIA, 24 de agosto de 1978

1294/78- SCTC

no Rio de Janeiro

807/78- SCDP/SR/RJ

, "O PARTINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO", de Coelho
Neto.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Coelho', is written in a cursive style. The signature is located in the lower right quadrant of the page.

* O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO *

COELHO NETO

CELY DE AGUILLAR PINHO/RJ

25 AGOSTO

78

PROIBIDO P/MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29

AGOSTO

78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574, p.150.

246/78

* O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO *

COELHO NETO

14

DEZEMBRO

82

29

AGOSTO

78

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

"O PATINHO TORTO"
ou
"OS MISTÉRIOS DO SEXO"
de
COELHO NETTO

PERSONAGENS :

CUSTÓDIA	IRACEMA DE ALENCAR
CLEMENTE	JOÃO DAS NEVES
BIBI	SÉRGIO MAMBERTI
DONÁRIA	MARILENA CARVALHO
IRACEMA	SUELY FRANCO
EUFEMIA	EMÍLIO DI BIASI
DR. PATUREBA	CARLOS VEREZA
DONA AUGUSTA	HULDA MACHADO
BATISTA	N.N.

Cenografia e Figurinos CARLOS SORENSEN

Os cenários são decorados por DACOSTA com móveis de "MONTMARTRE" Jorge

Cenotécnica JARDEL e ALFAIATE

Publicidade NEIDE COELHO e ADÉLIA REID

Produção GLAUCE ROCHA

Assistente de Direção ALDOMAR CONRADO

DIREÇÃO GERAL ANTÔNIO GHIGONETTO

"O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO", original de COELHO NETTO, só poderá ser representada, total ou parcialmente, em teatro, profissional ou amador, rádio, televisão, disco, cinema ou por qualquer outra modalidade, com licença expressa dos herdeiros do autor, por intermédio da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, Rio de Janeiro, GB., Brasil.

Produções e Direções de
MANOEL LOPES PONTES

O PATINHO TORTO

ATO PRIMEIRO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa ao centro coberta por um pano de crochê, sobre a qual se acumulam revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela a esquerda, baixa.

Custódia está sentada no sofá, à esquerda. Clemente na cadeira de braços, ao lado de Bibi, sentado junto à mesa de centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTÓDIA — Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufêmia... Deus me livre! Eu tinha os meus burros, ficava embelezrada...

CLEMENTE — (Sorrindo) Era bicho p'ra burro, como agora se diz, hem comadre?

CUSTÓDIA — (Sem compreender) Bicho? Como bicho!?

CLEMENTE — Burros, bezerros...

CUSTÓDIA — (Dando de ombros). Ora, compadre... Trato sério. Então o senhor não sabe que isto é um modo de falar? Ficava jururu, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doída de chorar. Mas Eufêmia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe ela está lá dentro com Iracema. Vá vê-la.

CLEMENTE — Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo... lembra-se? era uma pomba sem fel, mas fôsse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fera! Nervos.

BIBI — (Cantarelando baixinho). A Bahia é terra boa.

Ela lá e eu aqui... (Continua assobiando).

DONARIA — (Aparecendo ao fundo com um samburá de compras no braço). Minh'ama...

CUSTÓDIA — Que é?

DONARIA — Subiu sim senhora.

CUSTÓDIA — Quem?

DONARIA — O açúcar. Subiu um tostão.

CUSTÓDIA — Um tostão! Isso é um de-

saforo! (A Clemente frenética). Mas que há de ser de nós, compadre?!

CLEMENTE — (Indiferente) Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI — (Pedante) — É a vertigem das alturas.

CLEMENTE — Nós, comadre, somos do tempo das casas térreas, do feijão com carne seca, de bacalhau na quaresma, das procissões, das fogueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava e com um de dois vintens o pobre fazia o seu almôço. Hoje em dia com essa história de aveação...

BIBI — (Corrigindo) Aviação, papai.

CLEMENTE — (Repontando) Então eu não sei que é aviação?

CUSTÓDIA — É a mania de emendar a gente.

CLEMENTE — Mas, como eu dizia: hoje, com essa história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTÓDIA — Pelos ares... Pelos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de vêr.

CLEMENTE — Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças: só temos pernas: os homens, para trocá-las na Avenida, bolinar nos cinemas; as mulheres, para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA — Menos o meu.

CLEMENTE — É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA — Anquinhas! Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente. Uma senhora de cauda está sempre composta.

CLEMENTE — Depois... a cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história de parcimônia, cortam o rabo à casaca e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA — (Ingênua) Já cortaram compadre. Agora a casaca é um casaco que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esmeco...

Setembro - Outubro de 1964

BIBI — *(Corrigindo)* Smocking.CUSTODIA *(Aborrecida)* Já vem você,

Bibi.

CLEMENTE — Ah! sim... Isso é um filho de casaca. Nasceu sem rabo porque, a co-madre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI — Nós mesmos: se não fôsse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTODIA *(Com um mômio)* Ora, Bibi... tire o seu cavalo da chuva. Quer você dizer que nós...?

BIBI — Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTODIA — Pois Darwin que não seja tolo. Filho de macaco é ele!

CLEMENTE — O rapaz sabe, comadre.

CUSTODIA — Sabe nada! Fiducias...

DONARIA — Minh'ama, olhe que eu estou aqui esperando.

CUSTODIA — O que?

DONARIA — O açúcar.

CUSTODIA — Pois vai buscar o açúcar. Que se há de fazer? Dá, dá o tostão a êsse gatu. Há de lhe ficar atravessado na garganta. Deus é grande! *(Donaria entra à esquerda-fundo)* Eu já não sei mais que hei de fazer. Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um tostão...

CLEMENTE — A três vintens comprei eu muitas na Praia do Peixe, no Largo da Sé...

CUSTODIA — Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não tira uma assimzinha.

CLEMENTE — *(Acendendo um cigarro)* Esta guerra... esta guerra! Nem sei! Enfim... *(Pausa)* Então sinhá esta noite?...CUSTODIA — *(Atalhando-o)* Ih! compadre... não a chame de Sinhá.

CLEMENTE — Por quê?

CUSTODIA — Não quer. Diz que tem nome. *(Clemente encolhe os ombros)*. Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada. A pobre de minha filha não pregou olho nem deixou ninguém dormir — era de um lado para outro, falando, atirando coisas. Um desespero! *(Suspirando)* Ah! compadre, a falta que me está fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era um homem! Se êle vivesse outro galo nos cantaria. O senhor não imagina o que eu tenho sofrido! E com essa história de Eufemia então é um horror. *(Chama do telefone)* Bibi, tem: paciência, meu filho, vai vêr quem é.*(Bibi vai atender, continuando a cena entre os dois enquanto êle fala entrecortadamente)*.BIBI — *(Ao telefone)* Alô!,... Sim, senhora... Bibi... Eu mesmo... Às quatro? Sim, senhora. Ciúme! Eu? não, ser'ora. Se

puder. Sim, senhora. Até logo... Obrigado.

CUSTODIA — Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita, mas às vêzes... não sei. Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...

CLEMENTE — Isso passa, comadre.

CUSTODIA — Passa... passa. E as manias, compadre! É cada exquisitece que eu até tenho vergonha de contar. *(Bibi desliga o telefone e volta a sentar-se, Interrogando-o)* Quem é?BIBI — Clotilde. *(Custódia faz um mômio)* Está convidando Eufemia para o training logo mais, no Fluminense.CUSTODIA — *(Aborrecida)* É isso. São êsses trens que lhe estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das môças do meu tempo eram os romances de lá... hoje!

CLEMENTE — É o progresso.

CUSTODIA — Que progresso, compadre! Progresso é uma môça saber tomar conta da casa, serzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.

BIBI — Ora, D. Custódia...

CUSTODIA — Ora... o que? Quando precisares de quem te pregue um botão nas ceroulas as de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. *(Aborrecida)* É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa história de Fluminense.

BIBI — Ela é torcedora.

CUSTODIA — Torcedora... Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está assim virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.

BIBI — Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça? *(Com ênfase)* Na Esparta de Licurgo as môças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhia dos rapazes.CUSTODIA — *(Rilhando os dentes)* Ah! eu lá com um bom chicote!...

BIBI — Veja a americana.

CUSTODIA — Que tem a americana?

BIBI — É mulher para tudo.

CUSTODIA — Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar petéca com uma pá de barbante e não entender de um refo-gado? Você come petéca? Come? Não. Pois é... Eu hei de vêr. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufemia... Está aí com os nervos que nem sei.



CLEMENTE — Mas afinal... que disse o Dr. Camacho?

CUSTODIA — Ora o Dr. Camacho... é outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar petéca, fazer ginástica. E sempre a mesma lenga-lenga: que isso é da idade, que o casamento a põe boa. Como se casamento fôsse coisa de botica, como magnésia.

CLEMENTE — Eles, às vêzes, dão em droga, mas só depois da lua de mel.

CUSTODIA — (A Bibi) A propósito: você vai ou não buscar o Dr.?

BIBI — Às onze horas.

CLEMENTE — Pois então? São dez e meia.

BIBI — É aqui ao lado.

CLEMENTE — Mas vai.

(Bibi levanta-se e sai pelo fundo.)

CUSTODIA — (Depois de um momento) Ó compadre, com franqueza: o senhor não acha Bibi um pouco frio?

CLEMENTE — Frio! Quem? Bibi?! Ora, comadre... Não fôsse êle meu filho... Bibi é um forno! Fria é Eufemia. (Caramunhando) Não tem alma. O rapaz chega-se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... murro não é graça.

CUSTODIA — (Interrogativa) Mas?...

CLEMENTE — Ora! Cada um!...

CUSTODIA — Olhe, compadre, se ela o esmurra é porque êle...

CLEMENTE — Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Nem parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá no meu entender, tem direito de fazer festas à sua noiva. Ou bem que se é ou bem que se não é. Até é bom, para se irem habituando. (Gravemente) Eu também fui noivo, comadre.

CUSTODIA — Também eu. Mas festas de noivo... hum! começam em brincado e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (Vozes à direita. Prestando atenção). Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, compadre. O senhor, às vêzes, solta cada uma de arrepiar os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufemia é um lírio.

CLEMENTE — Pelos modos a comadre acha que eu sou imoral?

CUSTODIA — Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufemia (não é por ser minha filha) está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.

CLEMENTE — Pois olhe, comadre, a gente, lá na roça, chama a sensitiva: malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência

velha. O que o povo diz Deus assina. (Soa um relógio)

CUSTODIA — (Prestando atenção à esquerda) Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma matinée decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, compadre: Sonde-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.

CLEMENTE — Vá descansada.

CUSTODIA — Até já. (Entra à esquerda)

CLEMENTE — (Levantando-se fleunaticamente) Sim senhor...! E chama-se assim um homem de sem vergonha cara a cara. (Põe-se a folhear uma revista. Eufemia aparece à porta da direita fumando. Traz no queixo uma cruzeta de pontos falsos. Ao vêr Clemente atira o cigarro ao chão. Clemente apanha-o, lança-o pela janela e diz pachorrento) Mais prudência menina. Com fogo não se brinca. (Encarando-a) Está com dôr de dentes?

EUFEMIA — Eu? Não. Por quê?

CLEMENTE — Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando está com dôr de dentes.

EUFEMIA — Preconceitos. (Vivamente, com arrogância) Por que não pôde a mulher fumar? Por quê?

CLEMENTE — Porque... Ora essa! Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.

EUFEMIA — Nem Adão.

CLEMENTE — (Perlongando a sala) — Isso é que eu não sei.

EUFEMIA — Sei-o eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil quinhentos e quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da Civilização.

CLEMENTE — Ah! sim? pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nos interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!

EUFEMIA — (Naturalmente) Não, é um lalho à tóa: cortei-me com a navalha.

CLEMENTE — (Espantado) Com a navalha no queixo? ... tu!?

EUFEMIA — Pois então, padrinho? Que há nisto de extraordinário?

CLEMENTE — Mas... (De repente) Ó Sinhá... (Eufemia olha-o com um gesto, Lembrando-se) Ah, sim... tens nome: Eufemia. (Outro tom) Mas Eufemia, que diabo tens tu, hem?

EUFEMIA — Que tenho? tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minha alma impelindo-me a sair de mim mesma.

CLEMENTE — A sair de ti mesma?! por onde? para onde?

EUFEMIA — *(Com entusiasmo)* Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!

CLEMENTE — Deixa-te de maluquices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.

EUFEMIA — *(Com um moço de desprezo)* Sexo... Sempre a palavra ridícula.

CLEMENTE — Palavra ridícula!?

EUFEMIA — Sim, padrinho. *(Cruzando os braços, em atitude de desafio)* Que é sexo?

CLEMENTE — *(Atarantado)* Sexo? Ora! que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. *(Outro tom)* Olha, menina, nessas coisas o melhor é não bolir, estás ouvindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. Demais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!

EUFEMIA — Pois se não sabe vá a um dicionário.

CLEMENTE — Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. *(À parte)* E é isto a sensível. Está fresca, pois não.

EUFEMIA — *(Com decisão)* Ouça-me, padrinho. *(Senta-se cruzando a perna)* Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?

CLEMENTE — *(Observando-lhe os modos)* Pelo menos é o que está assentado de pedra e cal.

EUFEMIA — Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.

CLEMENTE — Desastre? Como?

EUFEMIA — Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.

CLEMENTE — Não o amas?

EUFEMIA — Amor... O meu amor é feito de energia; amor forte, heróico.

CLEMENTE — É o que serve.

EUFEMIA — ...com impulsão para lutas, para conquistas!

CLEMENTE — *(Escandalizado)* Conquistas!...

EUFEMIA — Sim — Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistarme...

CLEMENTE — Na Cruz Vermelha?

EUFEMIA — Qual Cruz Vermelha! Na aviação. *(Com heroísmo)* Voar sobre o inimigo! fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! combater no espaço como as águias. O ar! O éter! Glória in excelsis!

CLEMENTE — *(À parte)* — Está varrida de uma vez.

EUFEMIA — *(Sacudindo o vestido com desprezo)* Quando me vejo nesta túnica de

Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caiada de pó de arroz, eu, que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu amarrado ao Caucaso. É horrível! *(De repente)* Dê-me a sua mão.

(Clemente mal lhe estende a mão, que ela aperta, agacha-se, encolhe-se gemendo).

CLEMENTE — *(Sacudindo a mão e soprando-a)*. Irra!

EUFEMIA — *(Com orgulho)* Pulso, hem?

CLEMENTE — Pulso de homem!

EUFEMIA — É o senhor ainda não viu o melhor.

(Iracema aparece à porta da direita, de branco, cabelos soltos, com um lírio na mão)

IRACEMA — *(Romântica)* Papai...

CLEMENTE — Ora muito bom dia. *(Beija-a na frente)*.

IRACEMA — *(Languida)* Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.

EUFEMIA — Deixa-te de fumaças...! *(A Clemente)* Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? *(A Iracema)* Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.

IRACEMA — Tem muito sentimento, não? *(Atitude poética, olhos em alvo, voz languida)*

Oh! não me chames coração de gelo!

Bem vê: trai-me no fatal segrêdo.

Se de ti fujo é que te adoro e muito,

És bela; eu môça; tens amor; eu medo!...

EUFEMIA — Agora eu! *(Masculina, voz trovejante, gestos largos)*

Oh! não me chames coração de gelo! etc. etc.

(Plantando-se diante de Clemente em atitude arrogante) Então?

CLEMENTE — Então, que? É a mesma coisa.

EUFEMIA — Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...

CLEMENTE — A tua é mais cheia, isso é, mais grossa... talvez do fumo.

EUFEMIA — Qual fumo! É que eu tenho voz de barítono.

CLEMENTE — Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.

EUFEMIA — Pois é a minha voz.

DONARIA — *(Ao fundo)* Seu almôço está na mesa, seu Clemente. *(Retira-se)*

IRACEMA — Papai já vai almoçar?

CLEMENTE — *(Carinhoso)* Sim, filhotã. Tenho um negócio ao meio dia em ponto. *(A Eufemia)* Manda chamar-me logo que chegue o médico. *(Sai pelo fundo à esquerda)*

IRACEMA — Que tens? Tu não és a mesma, Eufemia. Há nuvens densas em tua alma.



EUFEMIA — O que há em minh'alma é uma vontade danada de fazer um escândalo!

IRACEMA — *(Repreensiva)* Que coisa, Eufemia!

EUFEMIA — Já viste uma garrafa de champanha quando a rolha começa a subir e os gases lá dentro borbulhar, a ferver até que, de repente, PUM! Pois assim estou eu.

IRACEMA — Como uma garrafa?

EUFEMIA — Como uma garrafa de champanha.

IRACEMA — Estás brincando. *(Meiga)* Não, querida tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abra-te comigo. Despejas tuas mágoas no meu seio.

EUFEMIA — As minhas mágoas, Iracema... se eu as despejasse ia tudo raso.

IRACEMA — Tens o somno muito agitado. Ainda esta noite... até tive medo.

EUFEMIA — Medo? Medo de quê?

IRACEMA — Não sei. Enfim... pode ser que tenha sido pesadelo. *(Outro tom)* Mas por que me escondes o teu segredo? Não confias em mim?

EUFEMIA — O meu segredo... *(Trágica)* O meu segredo é horrível, Iracema! Se eu to dissesse, cairias fulminada como por um raio.

IRACEMA — Credo! *(Ingenuamente)* É assim grande?

EUFEMIA — É enorme!

IRACEMA — Entretanto nunca me pareceu que tivesses na alma uma coisa assim.

EUFEMIA — *(Voz cava)* Não é n'alma. *(Outro tom)* E como havias tu de descobrir se eu só agora é que dei por êle? *(Nervosa)* Eu não me suicido, Iracema, queres saber porque? Porque tenho medo de morrer. *(De repente)* Se houvesses escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasses os envelopes, não seria um horror!

IRACEMA — *(Ingenuamente)* Conforme.

EUFEMIA — Pois foi o que se deu comigo. *(Sacudindo o vestido)* Esse envelope não é o meu.

IRACEMA — *(Sem compreender)* Que envelope?

EUFEMIA — *(Sacudindo furiosamente o vestido)* Isto!

IRACEMA — *(Abaixando-lhe as saias)* Não te descomponhas assim, Sinhá, que modos feios!

EUFEMIA — *(Desempenada)* Qual descompondo, qual nada!

IRACEMA — Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

DONARIA — *(Aparecendo ao fundo aza-*

famada) O cheira-cheira está aí, gente. *(As duas olham-na espantadas).* *(Explicando:)* O doutor da casa de saúde aqui do lado. *(Aborrecida)* Oh! vocês também...

IRACEMA — Ah! Espera... É êsse que anda sempre de sobretudo e galochas?

DONARIA — Pois então? Está aí com o seu Bibi. Vou avisar minh'ama. *(Entra a esquerda correndo)*

IRACEMA — *(Notando o desalinho de Eufemia)* Arranja êsses cabelos ao menos. Parece uma fúria! *(Põe-se a lhe arranjar os cabelos).* *(Curiosa:)* Mas que história é essa de cartas, de envelopes?... Alguem escreveu-te?

EUFEMIA — Não.

IRACEMA — Então?

EUFEMIA — *(Limpendo as mãos aos ombros de Iracema. De olhos cravados nela, como a hipnotisá-la)* Olha bem para mim. Bem! Sabes quem sou?

IRACEMA — Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?

EUFEMIA — Não sabes. *(Voz solurna)* Eu sou um grande desgraçado, Iracema!

IRACEMA — Um grande quê?

EUFEMIA — Desgraçado!

IRACEMA — Ainda se dissesse desgraçada...

EUFEMIA — Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!

IRACEMA — Com "o"?

EUFEMIA — Com "o"!

IRACEMA — Oh! *(Olhando-a como magnetizada)* Mas então é um milagre!

EUFEMIA — Qual milagre! Um horror é que é!

IRACEMA — *(Em solilóquio.)* Com "o"... Mas então... *(De olhos apavoradamente fixos em Eufemia, vai-se-lhe a boca escancellando, mascara-se-lhe a fisionomia de horror e com os braços duramente estendidos, como na repulsa de uma visão, vai recuando, recuando, até a porta da direita e, depois de nela haver desaparecido, solta um grito estridente)*

EUFEMIA — *(Bate a cabeça e meneia-a desoladamente, dizendo em tom sombrio)* O mal secreto de Raymundo Correia. Ah, poetas... poetas.

BIBI — *(Ao fundo)* Entre, Dr. *(Dr. Patureba aparece ao fundo, muito miópe, de sobretudo e galochas apalpando o terreno com o guarda-chuva. Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a Eufemia)* O Dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufemia Arrobas. *(O Dr. aperta por engano a mão de Bibi)* Não, Dr. *(Tomando u*

mão de Eufemia e colocando-a na mão do Dr.)
A mão dela é esta, a minha.

DOUTOR — Dela... sua? Como?

BIBI — Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

DOUTOR — Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... *(Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pincenez)* Muito bem. *(Sentando-se)* A doente é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo pouco, só de muito perto. *(Chega-se muito a Eufemia e toma-lhe o pulso)* Pulso um pouco agitado. Mais isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.

EUFEMIA — Para que, Dr.?

DOUTOR — Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro *(Eufemia mostra-lhe a língua)* Assim. Um pouco de saburra. Se a menina fôsse homem, eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFEMIA *(Levântando-se vivamente)* Dr., meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... Como direi, coisa de que se expõe a mostra na vitrina.

DOUTOR — Por que?

EUFEMIA — Porque. ..ninguém expõe contrabandos.

DOUTOR — Contrabandos... Como contrabandos?

EUFEMIA — Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI — Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...

EUFEMIA — Não é cerimônia, Bibi, é... *(Custodia entrando pela esquerda apressada)*

CUSTODIA — Desculpe-me, Dr. Eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora, bem? Os meninos?...

DOUTOR — Todos bem, obrigado.

CUSTODIA — Então? ... Já examinou, Dr.?

DOUTOR — Ia examiná-la agora, mas... pelos modos... acho-a muito escrupulosa.

EUFEMIA — Sim, preciso ficar a sós com o doutor.

CLEMENTE — *(Entra pelo fundo, com o guardanapo ao pescoço. Vendo o médico de-tem-se. Tira o guardanapo e chamando Bibi à parte, pergunta-lhe baixinho)* Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda, banhada em lágrimas.

(Custodia e Eufemia discutem nervosamente)

BIBI — Não sei.

DOUTOR — O senhor é o pai?

CLEMENTE — Não, Dr., padrinho apenas.

BIBI — É verdade, não os apresentei. *(Apresentando)* Coronel Clemente Lameira, meu pai. Dr. Patureba.

DOUTOR — Felismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.

CLEMENTE — Muito obrigado, Dr.

CUSTODIA — Mas então, Dr... Como há de ser? ela insiste em ir só.

DOUTOR — No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até lá em casa é melhor porque temos tudo à mão.

CUSTODIA — Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?

DOUTOR — *(Formalizado)* Eu não sou homem, minha senhora.

CUSTODIA — O senhor!?

CLEMENTE — Essa agora!...

DOUTOR — Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo, é neutro.

BIBI — Lá isso...

EUFEMIA *(Decidida)* Vou só. Só ou então... *(Ao doutor)* Vou pôr o chapéu. Com licença. *(Entra à direita)*.

CUSTODIA — Mas... *(Troca olhares com Clemente)* Não sei... Mas acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... Até é bom porque não tenho coragem para essas coisas. Mas uma pessoa da família... Não está direito.

DOUTOR — Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.

CLEMENTE — Há um meio. Não por causa do Dr., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.

CUSTODIA — A língua do mundo.

CLEMENTE — Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.

DOUTOR — É. Pode ficar na secretaria. Está muito, bem. Enfim... eu estou por tudo.

CUSTODIA — É só por causa da bôca do mundo, Dr. O senhor nem imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.

BIBI — Papai não tinha uma entrevista ao meio dia?

CLEMENTE — *(Distraído)* — Hem?...



Ora... Vou à noite. *(A Custodia e ao Doutor)* Bem, eu vou indo.

CUSTODIA — Olhe, compadre... fale-me pelo telefone.

CLEMENTE — Sim, sim.

DOUTOR — Espere na secretaria. *(Clemente sai pelo fundo à direita)*

CUSTODIA — Será preciso ferro, Dr.?

DOUTOR — Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso, não será para hoje. Hoje farei apenas o exame.

CUSTODIA — Seja tudo pelo amor de Deus! *(Eufemia aparece de chapéu)*

EUFEMIA — Às suas ordens, doutor.

CUSTÓDIA — *(Choraminguando)* Ah! minha filha... tem coragem.

EUFEMIA — Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com êle.

BIBI — *(Baixo a Eufemia)* Ingrata!

EUFEMIA — *(Com uma rabanada)* Não me amoles! *(A Custódia)* Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!

CUSTODIA — Que é isso, menina!...

EUFEMIA — É o que lhe digo! Vamos, Dr.

CUSTODIA — Você também nem parece homem, Bibi.

BIBI — Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer.

CUSTODIA — Vai minha filha. Deus te acompanhe.

DOUTOR — Às suas ordens, minha senhora. E fique tranquila. Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranquila.

(Custódia e Bibi acompanham até o fundo. Custódia apoia-se a uma das omzeiras chorando. Bibi prossegue conduzindo o médico, que vai tateando, curvado sobre os passos.)

IRACEMA — *(Aparece à direita e vendo Custódia a chorar adianta-se nervosa, abraça-a e interroga-a aflita)* Que é? Que houve? *(Olhando em volta)* Onde está sinhá?

CUSTODIA — Foi com o Dr. para a casa de saúde.

IRACEMA — Para a casa de saúde?!

CUSTÓDIA — Parece que tem de ser operada!

IRACEMA — Operada?! Ah! *(Cai desfalecida)*

CUSTODIA — Virgem mãe do céu! *(Aos gritos)* Bibi! Donária! Acudam!

BIBI — Que foi?!

CUSTODIA — Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chama Donária.

BIBI — Minha pobre irmã! *(Correndo ao fundo em grande aflição)* Donária! *(Volta, ajoelha junto de Iracema e põe-se a bater-lhe nas mãos, a esfregar-lhe os pulsos)* Iracema! Minha irmã!

CUSTÓDIA — O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!

DONARIA — *(Entra afogucadannete pelo fundo, de avental, as mangas arregaçadas)* Que é? *(Vendo Iracema desmaiada)* Misericórdia! Mas que foi, minh'ama?

CUSTODIA — Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.

DONARIA — *(Com as mãos na cabeça)* Virgem! Operada! ...Sinhá... *(Desata a chorar desesperadamente)*

CUSTODIA — Que é isso, rapariga! Vocês em vez de me darem coragem, ...já se viu uma coisa assim? ...Cala a bôca Donária!

DONARIA — Coitada de Sinhá. Aquela diabo do cheira-cheira... não é atoa que eu embirro com êle.

(Iracema volta a si, senta-se, olhando em volta, airada)

CUSTODIA — Iracema!

BIBI — Minha irmã! *(Chamada ao telefone. Bibi corre a atender)*

CUSTODIA — *(A Iracema mas voltada para o telefone)* Estás melhor, minha filha?

DONARIA — Pobresinha de Nha Eufemia nas mãos daquele diabo que não enxerga.

BIBI — *(Ao telefone)* Beira mar: oito, nove, seis, quatro. *(Desliga)*

CUSTÓDIA — Chega de chorar, Donária. *(A Iracema)* Estás melhorzinha? *(A Bibi)* Quem é?

BIBI — *(Sentando-se ao lado de Iracema)* Foi engano.

IRACEMA — Que fatalidade! *(Abraça-se em Custódia soluçando)*

A T O S E G U N D O

CUSTÓDIA — *(Sentada no sofá, com as mãos abandonadas no colo, suspira com desalento:)* Ai... ai... *(A Donaria, que está encostada num dos umbrais da porta do fundo)* Já acendeste a lamparina do oratório?

DONARIA — Já, sim senhora. Mas eu achava que, para uma coisa assim, era melhor uma vela de cêra. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem fôrça: os santos nem ligam. Cêra é cêra, minh'ama.

BIBI — Tudo é luz, Donaria

DONARIA — Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja. O que se manda é cêra. Eu não mandei uma barriga? Mandei. Vosmecê pensa que os santos não vêm essas coisas? Ora se vêm...! Santo Antônio então!...

CUSTÓDIA — Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai duma vez.

DONARIA — De quanto?

CUSTÓDIA — Dez tostões. Pois não chega?

DONARIA — De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um fósforo. Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.

CUSTÓDIA — *(Impaciente)* Pois compra, rapariga. Compra!

DONARIA — Ué! Minh'ama fica zangada. Eu tenho culpa!? Está tudo pela hora da morte.

CUSTÓDIA — *(Enfuzada)* Morte, morte. Até parece agouro.

DONARIA — *(Resmungando)* Hum... Nossa senhora! *(Sai pelo fundo à esquerda)*

BIBI — *(Consultando o relógio)* Vinte minutos para uma.

CUSTÓDIA — Está demorando muito. E o compadre, nada? Se você tocasse para lá, Bibi?

BIBI — Não. Se papai não fala é porque a operação ainda não terminou.

CUSTÓDIA — *(Alarmada)* Operação! Que operação?! Pois ela vai ser operada? *(Com as mãos na cabeça)* Bem que eu estava adivinhando. *(Põe-se a andar de um para outro lado, desesperada).*

BIBI — Espere. Tenha calma. Eu queria dizer exame.

CUSTÓDIA — *(Avoadada)* Não! Não! *(Chamada ao telefone. Alvorçada)* Vai ver, Bibi. *(Bibi corre ao aparelho e Custódia fica em atitude expectante).*

BIBI — Alô? Como? Aqui é Beira mar:

oito, nove, seis, quatro. *(Um instante)* Beira mar.

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — Pois não. *(Destliga)*

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — Engano. *(Pausa)*

CUSTÓDIA — Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.

BIBI — Olha, D. Custódia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença de Eufemia é o cinema.

CUSTÓDIA — *(Sem entender)* Como cinema?

BIBI — Essas môças vão ao cinema, vêm coisas, impressionam-se e é isso.

CUSTÓDIA — Mas que coisas terá ela visto para ficar assim.

BIBI — Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de môça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos eu só irá aos cinemas comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.

CUSTÓDIA — Ora Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufemia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu me engane, mas, para mim... *(Suspira)* Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI — Ora! Os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.

IRACEMA — *(Entrando pela direita)* Nada ainda?

CUSTÓDIA — Qual, minha filha! E você como vai? *(Fa-la sentar-se ao seu lado)*

IRACEMA — Estou preocupada. *(Tomando a mão de Custódia e encostando-a ao peito)* Olha o meu coração como está.

BIBI — Não há nada. *(Chamada ao telefone)*

CUSTÓDIA — Vai ver, Bibi. *(Bibi vai atender. As duas mulheres levantam-se e acercam-se do aparelho ansiosas. Baixo a Iracema)* Estou com medo.

BIBI — Alô... *(Sófrego)* É papai? Sim, sou eu. Então? *(Movimento das mulheres)* Como? Um terno? Aqui? Só se for o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? *(A Iracema)* Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA — Tenho, um que ele comprou ontem. Pediu-me que lhe repregasse os botões.

BIBI — *(Ao telefone)* Mas para quem é o terno, papai? *(Espantado)* Como? Para Eufemia?

CUSTÓDIA — Que é?

BIBI — *(Atônito)* É papai que está pedindo um terno para Eufemia.

CUSTÓDIA — *(Com uma rabanada)* Ora, teu pai está maluco.

BIBI — *(Ao telefone)* Mas porque, papai? Que extravagância é esta? Não vem? Por que? Como! *(Nervoso)* Não é Eufemia? Que diz? Hem? Eu... que? Eu macho?! Não compreendo. *(Vivissimos sinais de assombro)* Hem? Oh! *(Deixa cair o fone e fica estatelado diante das senhoras, de olhos esgazeados.)*

CUSTÓDIA — *(Num grito)* Morreu! Minha filha morreu!

BIBI — *(Arfando com voz surda)* Sim, sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva, viúvo!

CUSTÓDIA — *(Escandalizada)* Como?! Pois era... e não aparecia. *(A Iracema)* Vá lá para dentro, Iracema. *(De punhos fechados por entredentes)* Mas quem será o miserável? Eu esgano-o...! *(Iracema fica parada no meio da sala e olha ora para um, ora para outro.)* *(A Bibi)* Menino ou menina? *(Falando-lhe em resto. Voz trágica)* Quem sabe se não foi você, Bibi?!

BIBI — Eu? Eu... que?

IRACEMA — *(De pé no meio da sala olha os dois desconfiada)*

CUSTÓDIA — Menino ou menina?

BIBI — Menino? Menina?

CUSTÓDIA — *(Frenética)* Pois você não disse que ela...?.

BIBI — Ela? Não há mais ela. É ele.

CUSTÓDIA — *(Frenética)* Ele? Que ele? Homem, Bibi, eu não te entendo. Ele quem?

BIBI — Eufemia.

CUSTÓDIA — Então Eufemia é ele, Bibi?

BIBI — É sim senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA — O médico examinou... o médico examinou. E daí...?

BIBI — É isso.

CUSTÓDIA — Isso o que?

BIBI — Ela só pode vir para casa...

CUSTÓDIA — Carregada, já sei. *(Depois de uma volta)* Se é por causa do pequeno...

BIBI — Que pequeno?

CUSTÓDIA — Que pequeno?!... O do infame!

BIBI — E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame! *(A Iracema)* Vai lá para dentro, Iracema. *(Iracema entra a direita desconfiada)*

CUSTÓDIA — E agora?

BIBI — Pois a senhora não compreende? *(Custodia faz apalermadamente um gesto negativo)* Eu vou mandar o meu terno para Eufemia.

CUSTÓDIA — Para Eufemia... teu terno, esse... *(Sarcástica)* Então Eufemia há de vir por aí vestida de homem?

BIBI — Naturalmente, porque esse é o traje que ela deve usar. *(Custodia enclavinha as mãos e encara boquiaberta).* *(Explicando com mistério)* Dona Custodia, Eufemia é um erro da natureza, que nos enganou a todos: a senhora, a mim...

CUSTÓDIA — Erro da natureza?... *(Donaria entra pelo fundo)*

DONÁRIA — Aqui está a vela.

CUSTÓDIA — *(Irritada)* Deixa-me com essa vela, rapariga!

DONÁRIA — *(À parte)* Credo! *(Entra à esquerda colocando de passagem o fone no gancho.)*

BIBI — *(Misteriosamente)* Papai acaba de comunicar-me que Eufemia é homem.

CUSTÓDIA — *(Num jato)* Seu pai perdeu a cabeça. *(Ameaçando-o com os punhos)* Então, minha filha?...

BIBI — É homem, tanto que, para voltar à casa, faz questão de um terno e, como não há outro vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.

CUSTÓDIA — *(Giro, girando atordoada)* Não. Não é possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufemia... isso é lá possível! *(Chamada ao telefone Bibi adianta-se mas Custodia toma-lhe a frente)* Não! Eu mesmo falo. *(Ao telefone)* Quem fala? Aqui é Custodia Arrobas. *(Interrompendo)* Não seja malcriado, sabe!? *(Desliga)*

BIBI — *(Escarapelando-se)* Que hei de eu dizer aos meus íntimos...! Com que cara vou eu aparecer em público!... Isto vai ser um escândalo!

CUSTÓDIA — Mas como foi?

BIBI — Sei lá como foi! *(Chamada ao telefone. Custodia acode)*

CUSTÓDIA — Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah, o Dr... Então, Dr.? *(Pausa)* *(o espanto vai pouco a pouco descompondo-lhe o rosto)* Mas não é possível, Dr. O senhor viu bem? Mas... não sei, Dr... só se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calculo! Está inconsolável! Sim, senhor. *(Desliga e fica apatetada, os braços caídos ao longo do corpo, meneando com a cabeça desoladamente).*



BIBI — Então, D. Custodia? *(Ela encara-o com ar de idiota)* Está convencida?

CUSTODIA — *(Acena negativamente com a cabeça; depois de uma pausa)* Olhe, Bibi, eu vou fazer cinqüenta e dois anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... *(bate com as mãos nas faces)* *(outro tom)* E agora? Que vou fazer de toda essa roupa que ela tem aí?

BIBI — Ora a roupa...! A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim, ...vou mandar-lhe o terno.

CUSTÓDIA — É... que remédio! Está lá teimando — que não vem! Que não vem. Manda Donária levar.

IRACEMA — *(Entrando pela direita com um embrulho. A Bibi)* Está aqui o pijama de papai. *(A Custódia)* Então ela operou-se mesmo?

CUSTODIA — *(Depois de a encarar com ar atoleimado)* Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disso, é que, de hoje em diante não me fio em mais ninguém.

IRACEMA — Nem em mim, D. Custódia? *(Bibi entra a direita com o embrulho)*

CUSTODIA — Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... *(Persignando-se)* Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... *bumba!* Homem. Eu sei lá! *(Entra à esquerda gesticulando)* *(Iracema senta-se junto à mesa folheando distraidamente as revistas. Donária aparece ao fundo, seguida de Augusta que traz uma bolsa de couro).*

DONARIA — Hué! Minh'ama não está aí? Está, D. Iracema?

AUGUSTA — *(Dirigindo-se para Iracema de mão estendida muito lampeira e saracoteado)* A senhora! Então como vai! Não sabia que estava por cá.

IRACEMA — *(Friamente)* Como vai a senhora, D. Augusta?

AUGUSTA — Rolando... *(Fazendo-lhe mimos)*... cada vez mais bonita, benza-a Deus! *(Põe a bolsa numa cadeira)* Já sei que veio tratar do enxoval, hem? *(Iracema encolhe os ombros com indiferença)* Quando chegou?

IRACEMA — No sábado.

AUGUSTA — Está aqui mesmo?

IRACEMA — Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.

AUGUSTA — Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recebi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza! Rendas, bicos, crivos, labirinto, até nhanduti. E barras de saias, golas, cabeções, lenços... tenho vendido muito. Já viu as rendas de fi

bra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. *(Faz menção de abrir a bolsa. Iracema detem-na)*

IRACEMA — Não, D. Augusta; depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

AUGUSTA — *(Tirando do bolso um vidro de sais)* Cheire isto. É um santo remédio. *(A Donária)* Donária, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma xicrinha de café?

DONARIA — Pois não, D. Augusta.

BIBI — *(À direita chamando)* Donária!

DONARIA — Senhor? *(Entra à direita)*

AUGUSTA — Pois é verdade... *(Pausa)* Venho da casa de uma freguesa. Estou estrompada. Ah! menina, ...esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio, tenho de fiar; uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... é automóvel, Municipal, festas, sedas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcaria de vinte e cinco mil reis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bonde tenho gasto mais do que fiei. Vou lá, bato e é aquela certeza: "Não está. Está no banho." Há dias fui lá de manhã, veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para S. Paulo. À tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu, fiz que não vi *(Insistindo com o vidro de sais)* Cheire um pouco. *(Iracema aceita)* *(Donária com um embrulho atravessa a cena da direita para o fundo por onde sai a correr)* A senhora sofria de enxaquecas? *(Anima-a)*

IRACEMA — As vêzes.

AUGUSTA — Isto é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Por que não experimenta? *(Com malícia)* E olha, na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido, ali na Praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto.

IRACEMA — *(Aborrecida)* Não penso em casamento D. Augusta.

AUGUSTA — *(Com enevo)* É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.

IRACEMA — A senhora é casada? *(Augusta faz tristemente com a cabeça um gesto negativo)* Viúva? *(Mesmo gesto)* Como sabe então?

AUGUSTA — *(Com um arrancado suspiro)* Por informações, meu bem. Perdi o meu tempo de moça em maluquices. Não conheci o mundo. Que quer a senhora? E não me faltaram partidas e horas. Me cont

lhi, tanto escolhi, que aqui estou. A vida era boa, e eu não sentia o tempo, que é como um morcego que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.

IRACEMA — Nem por isso, D. Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA — Ora, coraçãozinho... não estou velha... eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da rua — não se enxerga o porcaria — andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... mas eu, pois sim. *(Puxando a palpebra inferior de um dos olhos)* Eu vejo longe! Comigo não há lambanças. O que êle queria sei eu: mais isso!!! *(Tocando com a mão espalmada ora numa espádua ora noutra)* Prá cá, mais prá cá! Não, que me tem custado! *(Custódia entra pela esquerda amuada)* *(Augusta levanta-se com alvoroço e vai-lhe ao encontro)*

CUSTODIA — *(Friamente)* Com está D. Augusta) *(A Iracema)* Falaram para cá?

IRACEMA — Não, senhora.

AUGUSTA — Eu trouxe a sua encomenda.

CUSTODIA — Que encomenda?

AUGUSTA — Para o enxoval da menina

CUSTODIA — Ah! *(Fica um momento como alheada e de repente)* Olha, D. Augusta: o dito por não dito, eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA — *(Ressentida)* A senhora parece que está sentida comigo, D. Custódia.

CUSTODIA — Sentida? Não, D. Augusta.

AUGUSTA — Nem tem razão. Bem sabe que, negócios aparte, eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

CUSTODIA — *(Falando a toa)* É verdade.

AUGUSTA — Pois então?

CUSTODIA — É... Mas... *(Desorientada)* Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora há de pensar que é mentira. A senhora está me vendo aqui, assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA — Mas que tem?

CUSTODIA — Que tenho? Eu sei lá, D. Augusta.

AUGUSTA — Não será algum embaraço no estômago? *(Bibi aparece à porta da direita de pijama e estaca ao vêr D. Augusta. Faz um sinal de cabeça à Iracema a perguntar quem é?)*

IRACEMA — Entra. Não faz mal, é D. Augusta. *(Bibi adianta-se com acanhamento)*

BIBI — Não repare.

AUGUSTA — Reparar em que? O senhor está tão bem. *(A Iracema)* É seu irmão, não?

IRACEMA — Sim, senhora.

AUGUSTA — Ora, com cerimônias... Pois não está decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA — De pijama?

AUGUSTA — Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTODIA — *(Baixo a Bibi)* Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI — Já, sim, senhora.

CUSTODIA — E agora, com esta mulher metida aqui... como há de ser? Esta é uma língua!

BIBI — Que se há de fazer! *(Outro tom)* Mas eu ainda não acredito D. Custódia, só vendo.

CUSTODIA — E eu, Bibi.

AUGUSTA — Mas então, D. Custódia, quer ver ou não as rendas para a menina.

CUSTODIA — Que menina?

AUGUSTA — Sua filha...

CUSTODIA — *(Com um muchôcho)* Pois sim... *(Iracema levanta-se e vai debruçar-se à janela. Bibi bate um cigarro na mesinha, tira a caixa de fósforos do bolso, mas fica como esquecido. Augusta interdita sem compreender os modos misteriosos dos que a cercam, olha para um, para outro. Custódia passeia nervosamente pela sala, estrincando os dedos, vai ao telefone como para falar, detêm-se diante do aparelho e, sungando os ombros, torna à sala. Augusta disfarça o seu mal-estar abrindo a bolsa e examinando-lhe o conteúdo. Rumor fora. Movimento na sala.)*

DONÁRIA — *(Aparecendo ao fundo, esgazeada)* Minha ama! *(Vai a Custódia, pronta a falar, esta, porém, impõe-lhe silêncio com um gesto. Falando-lhe em seguida.)* Sinhá passou debaixo do arco da velha, minha ama. *(Clemente aparece ao fundo e, logo em seguida, Eufêmia, vestindo o terno de Bibi. Espan-to mudo.)*

CLEMENTE — *(A porta do fundo, solene.)* Ecce homo!!!

IRACEMA — *(rindo)* Que é isso, gente?

CUSTODIA — *(Atirando-se para Eufêmia de braços abertos)* Minha filha!

EUFEMIA — *(Solene)* Filho, mamãe, filho!

AUGUSTA — E não é que ela fica bem assim?

EUFEMIA — *(Arrogante)* Ela, quem?

AUGUSTA — *(Sorrindo enleada)* Quem há de ser?

EUFEMIA — *(Com superioridade)* Ele, minha senhora. Eu sou êle. Dela restam-me apenas os cabelos que vou mandar cortar hoje



mesmo. (A Clemente) Onde é o seu cabeleireiro, padrinho?

CLEMENTE — Eu corto por aí...

EUFEMIA — Isto é a corrente que me prende à outravida. (Mette furiosamente os dedos pelo penteado soltando os cabelos que se lhe despenham pelas costas/ sacudindo a cabeça triunfante) Enfim! (A Donaria) Vai à esquina e diz ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.

CUSTODIA — (Energica) Nunca! Isso nunca! /

EUFEMIA — (Tranquilamente) Vai Donaria.

BIBI — Eufemia!

(Eufemia fulmina-o com um olhar furibundo).

IRACEMA — Sinhá!

EUFEMIA — (A Donaria com gesto imperativo) Vai!

AUGUSTA — (Baixo a Custodia) Se foi promessa, D. Custodia... Tenho uma freguesa...

CUSTODIA — Qual promessa D. Augusta! Deixe-me pelo amor de Deus!...

DONARIA — (Hesitante) Mas, então...

EUFEMIA — Vai Donaria e que venha já. (Donaria sai pelo fundo)

AUGUSTA — (À parte) Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, está no hospício.

EUFEMIA — A vida agora sorri-me. (A Iracema) Não imaginas o que é isto, cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre enfim. (A Bibi) Da cá um cigarro. Os meus ficaram no saco. (Bibi da-lhe um cigarro e acende-o) Obrigado.

CUSTODIA — (Deixando-se cair num sofá.) Eu não digo? Ninguém acredita.

AUGUSTA — (À parte pasmada) Fumando! Como está este mundo! (Pausa) Rio de Janeiro, quem te viu e quem te vê!

CUSTODIA — (Corre a Clemente e diz-lhe baixo escandalizada.) Compadre, tenha paciência... Veja se leva D. Augusta lá para dentro. Eu já não tenho cara.

IRACEMA — (Muito meiga estendendo os braços a Eufemia) Sinhá!

EUFEMIA — (Afastando Iracema) Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu és uma; eu sou outro. O passado morreu para nós.

BIBI — E eu? Afinal que papel represento eu nisso tudo?

CLEMENTE — (Baixo a Custodia) Pois não... (A Augusta) Desculpe-me D. Augusta, mas a senhora não podia esperar um minuto lá dentro, só enquanto resolvemos aqui uma questão de família.

AUGUSTA — Não. Eu vou indo. Já é muito tarde e tenho que ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesa. (Misteriosamente) Mas diga-me aqui uma coisa? (Apinha os lábios indicando Eufemia) Cabeça virada não?

CLEMENTE — Cabeça? Não senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou!

AUGUSTA — Então que foi? (Clemente fala-lhe em segredo. Augusta recua formalizada) Senhor?! Eu sou donzela, sabe? (Toma a bolsa e vai despedir-se de Custodia muito digna) D. Custodia... (Voz lacrimosa) A senhora conhece-me: sou pobre é verdade, mas honrada. Não admito que me faltem com o respeito. Isso não!

CUSTODIA — (Espantada) Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, D. Augusta?

AUGUSTA — Aquele senhor, sua filha... todos enfim, (Exugando lágrimas)

TODOS A UM TEMPO — Eu!!!

AUGUSTA — Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi, nunca!

CLEMENTE — (Batendo no peito) Eu?!

CUSTODIA — (Baixo a Clemente em tom de reproche.) Sempre a bôca suja, compadre. O senhor não se emenda.

CLEMENTE — (Indignado) Bôca suja! Perdão... (A Augusta) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta diante de todos.

AUGUSTA — O senhor não repete!

CUSTODIA — (Baixo a Clemente) Olhe as meninas, compadre!

AUGUSTA — Não é capaz!

CLEMENTE — Não repito?

AUGUSTA — Não repete!

CLEMENTE — Ora essa! (Furioso) O que eu lhe disse é a pura verdade. Tão pura como essa luz que nos alumia. (A Eufemia) Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?

EUFEMIA — Homem!

AUGUSTA — (Depois de relancear por todos o olhar airado, tomando estabernadamente a bolsa) Sabem que mais, ou não me preste a debiques. Trocas comigo não. (Espanto geral.) Tenham paciência! (A Custodia, sentida) Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custodia. Não mereço, não. (Caminha para o fundo meneando com a cabeça um gesto negativo).

CUSTODIA — Mas acredite. D. Augusta... É a pura verdade.

AUGUSTA — Acreditar em que, D. Custodia. Então eu sou tola?

CLEMENTE — (Dirigindo-se para o fundo) Mas... minha senhora.

IRACEMA — (*Mesmo jôgo*) D. Augusta...
CUSTODIA — (*Andando de um lado para outro desolada*) Eu não digo!

BIBI — D. Augusta...

EUFEMIA — (*Encolhendo os ombros*) Não quer acreditar, melhor. (*Augusta sai.*)

BIBI — Realmente...

CLEMENTE — (*Irritado*) Está danada, porque perdeu uma freguesa, e atira a culpa pra cima de mim, É boa.

CUSTODIA — (*Dando de mão diante dos olhos*) Ninguém acredita... ninguém!

(*Senta-se com os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos*)

EUFEMIA — (*Sentando-se de pernas cruzadas*) Mas afinal o que há nisto de extraordinário?

CUSTODIA — Olha, Eufemia... Seja como fôr o melhor é você ficar como está. Você tem vivido até hoje assim, porque há de mudar? Isto vai ser uma atrapalhão para todos...

EUFEMIA — Como, atrapalhão?

CUSTODIA — Pois então! Todo mundo conhece-te como Eufemia, e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e a outros que não és mais Eufemia? Ponha o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... ninguém toma a sério uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (*olha enternecidamente para Bibi. A Clemente*) Não acha, compadre?

CLEMENTE — (*Fugindo à questão*) Isso agora, comadre... é lá com êles.

EUFEMIA — (*Levantando-se de impeto.*) Casar-me com Bibi? eu)

CUSTODIA — Depois aquele médico, um catacego. Sei lá! Eu só digo que ainda perco a cabeça nessa barafunda.

CLEMENTE — (*Atarantado*) E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (*A Iracema, acariciando-a*) Vai lá para dentro, filhota.

IRACEMA — (*Ingenuamente*) Ora, por que? Que pensam então? Eu sei tudo.

CLEMENTE — (*Alerrado*) Sabes tudo!

IRACEMA — (*Baixando os olhos*) Então e não é de hoje.

CLEMENTE — (*Agarrando-a por um braço*) Hem?

CUSTODIA — Como? (*Com as mãos na cabeça, à parte.*) Virgem!

IRACEMA — Sinhá nunca teve segredos para mim.

CLEMENTE — Mau, mau! (*Severo*) Tu... então? (*Aceno afirmativo de Iracema. A Cus-*

lódia.) Sua filha, minha senhora... ou filho...

CUSTODIA — (*Enfesada*) Olhe, compadre, quer saber de uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (*A Eufemia, amuada*) Você faz lá as suas maluquices e sou eu que pago.

EUFEMIA — Que maluquices.

CLEMENTE — (*A Eufemia com voz sôturna*) A senhora... e senhor!... Ah! Mas eu vou pôr essa história em pratos limpos.

EUFEMIA — Mas afinal... que há?

IRACEMA — Eu dei a entender a Bibi.

BIBI — A mim?

IRACEMA — Sim, senhor. Mais de uma vez.

BIBI — A mim, não. Tu nunca me disseste nada.

CUSTODIA — (*De mãos postas à parte*) Que vergonha, meu Deus!

IRACEMA — Como não disse?

CUSTODIA — E por que não me disseste, a mim?

CLEMENTE — E a mim?

IRACEMA — Ora... porque... porque os senhores faziam questão do casamento, fôsse como fôsse. Mas a Bibi eu disse. Se êle teima é porque quer. (*A Bibi*) Então eu não te disse mais de uma vez que Sinhá não gostava de ti? Não disse?

BIBI — (*Aparvalhado*) Sim... isso disseste.

EUFEMIA — (*Intervindo*) Perdão... expliquemo-nos.

CLEMENTE — (*Desassombrado*) Mas então é isso que sabes? Que ela...

EUFEMIA — (*Imperativa*) Êle!

CUSTODIA — Deixa, minha filha, é o costume...

CLEMENTE — (*Insistindo*) ...que ela! (*A Eufemia*) Eu refiro-me ao passado! (*A Iracema*) ... Que ela não gostava de Bibi?

IRACEMA — Pois então. (*Clemente respira desafogadamente*) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de pagode.

EUFEMIA — (*Muito grave*) Enganas-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta vida.

IRACEMA — (*Sorrindo com intenção*) Pois sim. (*Outro tom*) Eu quero muito bem Bibi. Mas acho que Sinhá tem razão. Uma môça que se casa contra a vontade, não pode ser feliz. Eu cá penso assim.

CUSTODIA — (*Baixo a Eufemia, esperançada*) Mas então é porque não te queres casar com Bibi?

EUFEMIA — (*Superiormente*) Não, mãe.



CUSTÓDIA — Então, porque é?

EUFEMIA — É porque é mesmo.

DONARIA — *(Aparecendo ao fundo)* Já dei o recado. Seu Batista vem aí.

CUSTÓDIA — Que Batista?

DONARIA — O barbeiro da esquina.

CUSTÓDIA — O que vende o bicho? Que vem êle fazer aqui?

DONARIA — Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?

CUSTÓDIA — *(Com um muchocho)* Ora!

DONARIA — *(De trombas)* Eu faço o que mandam. *(Vai pelo fundo resmungando)*

CLEMENTE — *(Que tem estado a matutar a um canto, à Custódia, gravemente.)* Comadre, a senhora dá-me uma palavra em particular?

CUSTÓDIA — *(Intrigada)* Pois não, compadre. Aqui mesmo?

CLEMENTE — Não, é melhor lá dentro.

CUSTÓDIA — Pois vamos, estou às suas ordens. *(Custódia e Clemente entram à esquerda)*

IRACEMA — *(Baixo à Eufemia.)* A mim é que você não me engana. *(Entra à direita rindo.)*

BIBI — *(Depois de espiar a tódas as portas planta-se diante de Eufemia e exclama com desafogo)* Enfim... sós...

EUFEMIA — Dá cá outro cigarro, Bibi.

BIBI — Não. Agora não. Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isso não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá é uma coisa séria.

EUFEMIA — De acôrdo. Muito séria. É a base da família, o principio fundamental da sociedade etc., mas dá cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente. *(Bibi dá-lhe um cigarro)* Fósforo. *(Bibi atende)* *(Depois de acender o cigarro, cruzando a perna.)* Muito bem, estou às tuas ordens.

BIBI — *(Cruzando os braços e encarando-a severamente.)* Que queres tu dizer? Como pilheria, acho-a de mau gsto. Tens alguma queixa de mim? Com franqueza?

EUFEMIA — Eu? Não, por quê?

BIBI — Então que quer dizer isso? Explica-te.

EUFEMIA — *(Severamente)* Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que somos incompatíveis.

BIBI — Incompatíveis?

EUFEMIA — Incompatibilíssimos. *(Com severidade)* Bibi, durante dezoito anos, vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo. Por mais

que eu dissesse como... não me lembro a quem: "il y a quelque chose là", ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer crochê, puseram-me em uma escola de meninas, e eu... *(de repente)* Conhece a história do Patinho Torto?

BIBI — Não.

EUFEMIA — Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. *(Pondo-se à vontade)* Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes, e sentindo-se a rainha dêles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh, que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma maternidade, compreendes? *(Aceno afirmativo de Bibi)* Os patos, porém, sentindo um inimigo, levantaram tamanha granada, que os cisnes abalaram em alvoroço... e com êles, a Rainha mãe. A pata, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos, sem dar tento em mais um que ali aparecera... e chocou-os... No tempo próprio, saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado, e com tão comprido pescoço, que se tornou, desde logo, vítima dos remoques não só dos patos adultos, como dos próprios irmãos... como direi, de leite, não... de chôco. Apelidaram-no O Patinho Torto. Pois meu caro, o monstrego não era nem mais nem menos, que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à percepção dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se, um dia, no lago entre outros cisnes. Vendos e comparando-se com êles, ficou surpreendido com a semelhança, compreendendo então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça, que não tinham os patos. *(Levantando-se com ar pimpão)* Pois, meu caro Bibi, a minha história, é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

BIBI — Como?

EUFEMIA — Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dietérios, que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bares, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horri-veis, meu velho. *(Encarando-o)* Olha que tens mau gosto. Apaixonar-se por um homem, por uma tipa como eu era... só mesmo tu.

BIBI — Pois eu...

EUFEMIA — Homem, cala-te! Um dia que eu era feito, ou feita à machado. Outro, que não tinha gosto, que era abrutalhada. Que estava muito boa para ir para a guerra, responder ao quatrocentos e vinte boche. Riam-se

de meu buço. Achavam-me sem modos, e no Fluminense, quando eu torcia... não te digo nada, estive uma vez vai não vai a quebrar a cara de um sujeito, um tal que espicha os olhos muito delambidos para as arquibancadas, para ver...

BIBI — Sei, o homem das pernas.

EUFEMIA — Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacamarte... no outro sexo era esse seu criado, O Patinho Torto, cisne como tu e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão a frente.

BIBI — Mas... é o atestado?

EUFEMIA — Que atestado?

BIBI — Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar de nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.

EUFEMIA — Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... compreendes que, com a mudança, tendo passado de pato ou pata à cisne, o nosso casamento é impossível. Continuemos como bons amigos, e as confidências que eu dantes fazia a Iracema, farei doravante a ti.

BIBI — Qual... eu não me conformo!

EUFEMIA — Não te conformas? Essa agora!

BIBI — Não, Sinhá, eu... *(Intrigado)* Como diabo eu hei de chamar-te agora?

EUFEMIA — Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos por enquanto esta: Eufemia & Cia., em liquidação.

DONÁRIA — *(Aparecendo ao fundo)* Sinhá, seu Batista está aí.

EUFEMIA — Entre, seu Baptista.

BATISTA — *(Aparece ao fundo com um embrulho e vendo Eufemia de traje masculino, com os cabelos soltos, deixa cair o embrulho e pasma estatelado)* Oh!

EUFEMIA — Não se espante, seu Batista.

E lavre lá um tento, porque arranjou mais um freguês de barba e cabelo.

BATISTA — *(Hebetado)* De barba... barba?

EUFEMIA — O caso é simples: como nasci muito enfezadinho, mamãe fez a promessa de vestir-me de mulher até eu completar dezoito anos. Terminando hoje o prazo do voto, reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com tôdas as honras, e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar abaixo agora mesmo.

BATISTA — Ah! bem... compreendo... Então, dezoito?

EUFEMIA — Dezoito. Vamos entrando. *(A Bibi)* Espere-me aqui um instante. Tens aí o último número do "D. Quixote". Ri à vontade. Vamos, seu Batista. *(Entra à direita. Batista acompanha-a mas Donária detém-no à porta.)*

DONÁRIA — Olha aqui, seu Batista, o senhor aceita duzentos reis na dezena e duzentos reis no grupo?

BATISTA — *(Sorrindo maliciosamente.)* Dezoito, não? Cachorro e porco. *(Consulta o relógio)*

DONÁRIA — O senhor é ladino!

BATISTA — Pudera! Com um palpitão dêstes, vá lá. *(Entra à direita)*

DONÁRIA — *(Depois de um momento)* Seu Bibi, ainda que mal lhe pergunte, o senhor acredita nessa história de Sinhá?

BIBI — Sei lá. Donária.

DONÁRIA — Pois olha... eu é porque não sou linguaruda, mas sempre desconfiei...

BIBI — Tu? O que?

DONÁRIA — *(Misteriosamente)* Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. *(Batendo na bôca.)* Cala a bôca, Donária.

(Sai pelo fundo seguida pelo olhar suspeito de Bibi.)

P A N O

FIM DO II ATO



ATO TERCEIRO

(Ao levantar-se o pano ouve-se a voz de Donária cantando, à direita, fundo, a "Canção do Soldado Paulista". Bibi caminha pela sala preocupada, gesticulando; para d'olhos altos, carrancudo, como em meditação e, falando consigo, continua a perlongar a sala. Batista sai da direita com o embrulho, faz cumprimento a Bibi, que não corresponde alheio de tudo, e sai pelo fundo à direita. Custódia entra vagarosamente pela esquerda, sombria, delém-se junto à mesa mexendo distraidamente nos jornais; por fim, arrancando do peito um suspiro angustioso, senta-se no sofá, cubisbaixa com as mãos espalmadas nas coxas.)

DONÁRIA — (No interior à direita.) Adeus, seu Batista. Olhe a minha encomenda, hem? Na dezena e no grupo. (Eufêmia de cabelo cortado entra pela direita triunfante com uma trança na mão)

EUFEMIA — Livre, enfim!... (Bibi ao dar com os olhos em Eufêmia cai em uma cadeira como fulminado, balbuciando em voz quase extinta)

BIBI — Sinhá!

CUSTÓDIA — (Levanta os braços horrorizada e deixa escapar um grito.) Misericórdia!

BIBI — Que fizeste, Sinhá!

EUFEMIA — Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.

CUSTÓDIA — E agora, menina?

EUFEMIA — Agora, vou desfraldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo.

CUSTÓDIA — Que pavilhão, filha de Deus?...

EUFEMIA — A barba! A Sansão levou a tesoura as forças; a mim, fê-las vir... (Ufano) Agora sim: sou gente! (Sopesando a trança) Não pesam tanto os grilhões a um galé como me pesava esta ignominia. Vou lançá-la ao fogo!

....(Encaminha-se resolutamente para o fundo. Custódia tomá-lhe a frente arrancando-lhe a trança da mão)

CUSTÓDIA — Nunca! Queimá-la... nunca! (Contemplando a trança com enlêvo.) E preciso não ter coração. (Desata a chorar abraçando-se com a trança e cobrindo-a de beijos frenéticos.) Ah! minha trancinha querida! Trança do meu coração! Que sina a tua!

EUFEMIA — (Passando o braço pelos ombros de Custódia) Coragem, mamãe!

BIBI — (A Eufêmia, baixinho.) Mas então... tu...?

EUFEMIA — (A Bibi) Então... que? (A Custódia) Levante as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que ele acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança e eu, ou antes: nós, lucrámos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso doravante, tomando a direção dos nossos negócios que, por falta de um pulso, iam por água abaixo.

CUSTÓDIA — E tu tens jeito para homem, Sinhá, tens?

EUFEMIA — No principio é natural que me alrapalhe um pouco, mas hei de aprender, descanse. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!

CUSTÓDIA — Pois sim, vai querendo! Mas queira Deus que não te saia o trunfo às avessas. Se fôsse só querer... enfim... isso é lá contigo. (Outro tom) E o mundo? Que dirão por aí êsses diabos que falam de tudo?

BIBI — (Meneando com a cabeça) É nisso que eu penso.

EUFEMIA — Falam enquanto não se lhes tapa a boca, mamãe; mas eu tenho rolha, não se incomoda. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes não vai para diante. Lembre-se da fábula do camponês e o filho. Que me importa a mim o mundo!

CUSTÓDIA — Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir boa por aí.

BIBI — (Esticando o beijo) — E eu!

EUFEMIA — (A Custódia) Se eu, quando era mulher, não aturava desaforos, quanto mais agora. Que se metam comigo! (A Bibi) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque eu não te queira, e muito! que retiro a minha palavra, mas tu compreendes: Dois bicudos não se beijam.

BIBI — Sim. Se é verdade o que dizes?

EUFEMIA — Pois ainda duvidas?

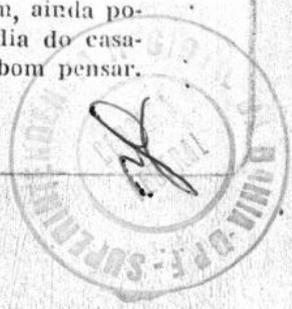
CUSTÓDIA — Sendo assim, ainda mesmo que ela quizesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro, diz o ditado. O remédio agora... nem eu sei mesmo. (Hebetada) Nunca vi uma coisa assim. Até parece feitiço, palavra!

BIBI — Papai está lá dentro?

CUSTÓDIA — Está.

BIBI — Com licença. (Entra à esquerda)

CUSTÓDIA (Seguindo Bibi com um olhar piedoso; penalizada.) Ai! meu Deus! Pobre rapaz! Tanta coisa, tanta coisa p'ra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é bom pensar.



(*Eufêmia repuxa as calças remexendo-se como incomodada*) Que é? Que é que tens?

EUFEMIA — São as calças.

CUSTODIA — Eu não digo?! Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! são dezoito anos de saias, a gente habitua-se.

EUFEMIA — Não, mamãe!... Isto agora ou vai ou racha!

CUSTODIA — Que é isto, menina!

EUFEMIA — (*Dando um forte safanão às calças.*) É o que lhe digo. (*Outro tom*) Mas afinal... A senhora queria dizer-me alguma coisa.

CUSTODIA — Sim... é... é uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... francamente... não está em mim. Eu só falei à vontade com um homem neste mundo e êsse Deus lá o tem na sua glória.

EUFEMIA — Mas eu sou seu filho, mãe.

CUSTODIA — É... mas... não sei... Enfim... façamos de conta que ainda és Eufêmia.

EUFEMIA — Pois sim, mas só na intimidade. Para a senhora, muito bem. Para os mais Eufêmia morreu (*Custodia persigna-se supersticiosamente*) Fale. Que há?

CUSTODIA — (*Vexada*) Foi o compadre que me disse. E êle tem razão, isso tem. Êste mundo é de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (*Atrapalhada*) Eu mesma não sei.

EUFEMIA — Mamãe quer falar de Iracema?

CUSTODIA — É...

EUFEMIA — (*Muito digna*) Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTODIA — Eu sei. Mas o mundo, minha filha... o mundo, você sabe, tem a bôca muito grande.

EUFEMIA — Ora, o mundo!...

CUSTODIA — Não, é "ora"! não. O compadre diz que vão falar.

EUFEMIA — Falar?!
CUSTODIA — É.

EUFEMIA — Falar de que?

CUSTODIA — Ora, de que... De que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFEMIA — Mas mamãe acha-me capaz?

CUSTODIA — Eu não. Quem achá é o compadre.

EUFEMIA — Oh! (*Com muito pundonor*) Mamãe, eu sou um homem de bem!

CUSTODIA — Eu sei, menina... eu sei. (*A parte*) Qual! eu não me posso conformar com essa história de homem. Não posso!

EUFEMIA — (*Com um olhar à direita*) Olhe, aí vem Iracema. Interrogue-a.

CUSTODIA — Eu?

(*Iracema entra pela direita. Ao dar com Eufêmia estaca boquiaberta, emitindo um oh! surdo e oscila amparando-se a um móvel, fica um momento como atordoada d'olhos fechados passando a mão pela fronte. Eufêmia precipita-se para socorrê-la, cinge-a com o braço pela cinta, Iracema abre os olhos, fita-os em Eufêmia, volta depois para Custódia e com um sorriso de desvairo põe-se a passar a mão pela cabeça de Eufêmia entrando a rir nervosa. O riso aumenta, vibra-lhe na garganta, o corpo tomba-lhe hirto nos braços de Eufêmia, que o sustém e o repousa alfin no sofá sobre almofadas.*)

CUSTODIA — Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qual-quer coisinha é isto.

EUFEMIA — Onde está o éter, mamãe?

CUSTODIA — Que éter? Sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mesma é chamar o compadre. (*À esquerda, chamando.*) Compadre!

EUFEMIA — (*Procurando despertar Iracema*) Iracema! ô Iracema!

CUSTODIA — (*Atarantada*) Se eu não ficar doida desta vez então...

(*Clemente e Bibi entram pela esquerda alvoroçados.*)

CLEMENTE — Que é?

BIBI — (*Vendo Iracema desfalecida.*) É Iracema com o ataque.

CUSTODIA — Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE — (*A Eufêmia*) Homem... você também... que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para prepararmos o espírito da menina. Isso assim de repente... (*outro tom*) Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BIBI — Isto passa. (*Iracema move-se lentamente, estica os braços, suspira.*) Está passando.

CLEMENTE — (*Vendo Iracema abrir os olhos*) Sou eu, filhota. Então?

CUSTODIA — Estás melhorando? (*Iracema senta-se atquebrada*) Queres ir lá para dentro? É melhor. Tiras o colete, ficas à vontade.

(*Iracema levanta-se de golpe, atravessa resolutamente a cena e entra pela esquerda seguida de Custódia.*)

CLEMENTE — (*Voltado para a esquerda, preocupado.*) A pequena é capaz de fazer alguma asneira. (*A Eufêmia repreensivo.*) O senhor! O senhor!

EUFEMIA — O padrinho suspeita-me de alguma coisa?

CLEMENTE — Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem é um homem.

EUFEMIA — E um gato é um bicho.

CLEMENTE — Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.

EUFEMIA — Como?

CLEMENTE — Como? Ora, como! casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFEMIA — Hem?!

BIBI — Papai tem razão.

EUFEMIA — Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não sai de uma alhada já me querem meter em outra?

CLEMENTE — Alhada? E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam: em casa, na rua, dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Falei à comadre e estamos de acôrdo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFEMIA — Dos papéis?!

CLEMENTE — Pois então? Primeiro o restabelecimento da tua idoneidade.

BIBI — Papai tem razão.

CLEMENTE — Depois dos papéis de casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI — Papai tem razão.

EUFEMIA — (*Explodindo*) Ah! tem razão... tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amoles! (*A Clemente*) Dêem-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos, respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajeito nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE — Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFEMIA — Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de back e hão de ver o fiasco.

CLEMENTE — (*Sem entender a Bibi*) Que diz ela?

BIBI — É linguagem de futebol.

CLEMENTE — Inglês. Não entendo. (*A Eufemia*) Que queres dizer?

EUFEMIA — Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE — Que treino? Quem falou em treino?

EUFEMIA — Falô eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.

CLEMENTE — Jogar?...

BIBI — Ela quer dizer: casar.

CLEMENTE — Então casamento é jogo?

BIBI — É giria de futebol.

CLEMENTE — E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples.

EUFEMIA — Parece-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples, Entre em campo e há de ver.

CLEMENTE — Que campo?

EUFEMIA — Nada.

CLEMENTE — Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma idade, diferença de meses. Casam-se, dão uma satisfação à sociedade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?

EUFEMIA — Eu?

BIBI — Estava: comigo.

EUFEMIA — Você está off-side.

CLEMENTE — Eu já não me entendo na língua, quanto mais nas estrangeiras. Deixa-te de inglês. (*Outro tom*) Ora, rapaz... nós estamos falando sério. Não te metas, (*A Eufemia*) Pois é o que eu digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça, casa-se com uma pessoa conhecida.

EUFEMIA — Pois sim. Mas se eu lhe disser que Iracema não é livre!

CLEMENTE — Não é livre?! Como não é livre?

EUFEMIA — Sim. O senhor sabe que nós não tínhamos segredo uma para a outra. Conheço o coração de Iracema, como conheço o meu. E então?

CLEMENTE — Então... que?

EUFEMIA — Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?

CLEMENTE — A outro? Que outro?

EUFEMIA — Outro homem.

BIBI — Não é possível!

EUFEMIA — (*Severamente*) Eu não minto, Bibi.

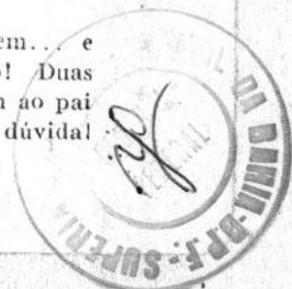
CLEMENTE — Que homem?

EUFEMIA — Um homem.

CLEMENTE — Duvido! Sem licença minha, duvido!

EUFEMIA — Não lhe posso dizer. É um homem.

CLEMENTE — Ah! É um homem... e você não pode dizer? Muito bonito! Duas môças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida!



(Furioso) Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (Encaminha-se para a esquerda mas volta-se de repente) De mais, quando esse homem souber que você também é o que é... só se for mesmo... (A Bibi) Não te parece?

BIBI — É claro!

CLEMENTE — Claríssimo. (A Bibi) Você casava-se, hem? Casava-se? (Gesto negativo de Bibi.) Nem eu. (Dá alguns passos em direção a porta da esquerda e volta-se repentinamente encarando a Eufêmia.) Você diz que precisa fazer não sei o que.

BIBI — Treinar-se.

CLEMENTE — Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, comem quatro. (A Bibi) Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidem-se logo. (Custódia e Iracema aparecem à esquerda).

BIBI — (Que se tem encaminhado para a esquerda, voltando-se.) Ai está ela! (Clemente vai ao encontro de Iracema e a atrai a si, passando-lhe o braço pela cintura)

CLEMENTE — (Muito meigo) Então, filhota?

Iracema — (Languida) Ah! papai... (Pende a cabeça sobre o ombro de Clemente) Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal!! Vibro que nem sei.

CLEMENTE — Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fia-te em mim que sou o teu anjo da guarda. (Fa-la sentar-se. A Custódia discretamente.) Falei, comadre.

CUSTÓDIA — (Em voz baixa e ansiosa.) E então?

CLEMENTE — (Radiante) Ora! (Custódia d'olhos em alvo)

CUSTÓDIA — Louvado seja Deus! (Outro tom.) Mas olha, compadre, que isto seja breve, porque pode vir por aí outra história e eu já não posso comigo.

CLEMENTE — Sim, sim... nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.

CUSTÓDIA — Que noivos?

CLEMENTE — Que noivos!? Bibi e... Eufe... (Caindo em si) Homem, tem razão; é o hábito, comadre. Veja se os leva daqui, porque preciso conversar com a pequena.

CUSTÓDIA — Pois não. (Chamando) Sinhá! (Eufêmia voltando-se) Você não ouve? Bibi! (Voltando-se, dirigindo-se para o fundo) Venham cá dentro um instante. (Os três saem pelo fundo à esquerda.)

CLEMENTE — (Esfregando as mãos) Pois é verdade, filhota, Está tudo arranjado.

IRACEMA — Tudo, que?

CLEMENTE — O teu casamento

IRACEMA — (Com espanto) Meu!?!...

CLEMENTE — Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.

IRACEMA — (Pondo-se vivamente de pé) Meu casamento?! Com quem?

CLEMENTE — Com que há de ser? Com Sinhá.

IRACEMA — (Com sinais de assombro) Com Sinhá! Papai está louco!? Casar-me com Sinhá! (Desata a rir)

CLEMENTE — Ris? Pois o caso não é para rir, minha filha, é sério! Muito sério!

IRACEMA — (Encarada em Clemente) Não compreendo.

CLEMENTE — Como, não compreendes?

IRACEMA — Pois Sinhá não é mulher?

CLEMENTE — (À parte) Agora é que são elas!

IRACEMA — (Insistindo) Não é mulher?

CLEMENTE — Foi.

IRACEMA — Foi?!?

CLEMENTE — Sim: foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA — Passou por ser... cada vez entendendo menos.

CLEMENTE — (Puxando-a para si) Olha, senta-te aqui. (Sentam-se no sofá.) (Falando paulatinamente.) Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobrezinha veio ao mundo de luto. Tanto que a ama de leite que lhe deram, era uma negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem — porque você sabe; um homem é tudo em uma casa — pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob as suas vistas era fazê-lo passar por menina. E assim fez. Se ela lhe dissesse que era menino, ele havia de querer andar solto, em companhia doutros, fazendo travessuras pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonecas, a sua cestinha de costura, e etc. E assim cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam, como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA — Mas...?

CLEMENTE — Bem. Com a idade, você compreende, começara a aparecer certas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro e etc... etc... etc...

IRACEMA — Mas, se D. Custódia sabia que Sinhá era homem, como consentiu o casamento dela com Bibi?

CLEMENTE — Como? Ora, como... *(De repente)* Por tua causa.

IRACEMA — Por minha causa?

CLEMENTE — Sim, por tua causa. Inteligente, como é, Sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões, sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, dêsse jôgo de bola, e possuindo alguma coisa de seu, nós — por que foi combinação minha com a comadre — para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedísse-a em casamento, tratamos de pôr uma pedra no caminho e essa pedra foi...

IRACEMA — Bibi.

CLEMENTE — Justo! Chegou, porém, o dia de revelar-nos o segredo e tudo esclareceu-se. Está aí, o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.

IRACEMA — E foi o Dr. Patureba?...

CLEMENTE — O Dr. Patureba!?...

IRACEMA — Sim, êsse da casa de saúde? Pois Sinhá não foi lá?

CLEMENTE — Ah, sim... foi o Dr. Patureba, grande médico. Um pouco de cloroformio e... pronto! Quando ela abriu os olhos, era êle... *(Outro tom)* E êsse é o esposo que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu que és a própria pureza, alegria e o orgulho de teu velho pai! *(Beija-a na fronte)* E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA — Papai, não sei.

CLEMENTE — Como não sabes?

IRACEMA — A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.

CLEMENTE — Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA — Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância? Dai, porém... a que-re-la para marido, vai muito.

CLEMENTE — Não acho. A amizade está muito perto do amor: é só virar a esquina.

IRACEMA — Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE — Mau conselheiro. Enfim... ouve-o. Mas sê breve, êste caso deve ficar resolvido hoje. E urgente. *(Iracema baixa a cabeça, pensativa.)* Pensa. *(Medindo a sala a largas passadas, cabisbaixo, de mãos postas)* Uma quer treinar-se ou não sei que à inglesa, outra quer ouvir o coração num caso desses de: pão-pão, queijo-queijo.

IRACEMA — *(De repente.)* E que diz Sinhá?

CLEMENTE — Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem, a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA — E Bibi?

CLEMENTE — Ora... Bibi. Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA — *(Depois de uma pausa.)* Preciso ouvir o coração, papai.

CLEMENTE — Pois ouve-o à vontade. Se queres, eu saio, pode ser que o teu coração...

IRACEMA — Não. Fique. *(Languida)* Eu sou de uma sensibilidade, papai...

CLEMENTE — Eu sei. *(Consultando o relógio)* Mas, não te demores, porque tenho ainda umas voltas a dar na cidade, e faço questão de sair daqui com a tua resposta.

IRACEMA — *(Indecisa)* Não sei. *(Depois de um momento consigo mesma)* Perjura. *(A Clemente.)* Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouça-me. *(Sentam-se)* *(Um momento, poeticamente.)* Uma noite, era em maio, mês das flôres. A lua...

CLEMENTE — Sim. Conheço isso. É bonito, não há dúvida. Mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.

IRACEMA — *(Ressentida)* Oh! papai, então não queres ouvir?

CLEMENTE — Quero, quero. Mas sem a lua. E está claro, não achas? Que vem fazer a lua de maio, às duas horas da tarde, de uma quinta-feira de setembro?

IRACEMA — Papai não tem alma.

CLEMENTE — Parece-te. Queres que tenha alma quando tenho compromisso sério na cidade... *(Consulta o Relógio)*

IRACEMA — Pois saiba, papai, que eu amo um homem, com tôdas as veras de minha alma. É o astro da minha vida. É a minha Estrela Polar.

CLEMENTE — Algum comêta?

IRACEMA — Seu Desiderio.

CLEMENTE — *(Num salto)* O boticário?

IRACEMA — O boticário... Porque não dizes farmacêutico? É mais distinto.

CLEMENTE — Ora, menina... palavra. Sempre pensei que tivesses mais gosto. Um gasnito daqueles, que tresanda a unguentos e cataplasmas a um quilômetro de distância. Francamente, Iracema...

IRACEMA — Unguentos e cataplasmas... e o senhor já o ouviu recitar o "Noivado do Sepulcro"?

CLEMENTE — Eu? Quero lá saber do casamento em cemitério! Casamento é entre vivos como você e Sinhá. Noivado do Sepulcro! Ora, não me faltava mais nada. *(Resoluto)* Deixe lá o Desiderio com as suas purgas



e xaropadas. Eu sei isto o que é. Além dos colonos, não vias outro homem lá em casa, senão o Desiderio. E deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.

IRACEMA — Que Eva?

CLEMENTE — A nossa primeira mãe que se casou com Adão. Porque não havia outro homem no Paraíso. Não, minha filha, deixe-mo-nos de drogas. Entre um boticário da roça, como Desiderio, e um rapaz da cidade como Sinhá, bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não há que hesitar.

IRACEMA — E a minha palavra.

CLEMENTE — Ora a tua palavra... Palavras valem pelo peso, palavras levianas são como o fumo que o vento leva.

IRACEMA — E se ele morrer de amor?

CLEMENTE — Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se arranje. (*Concluído*) E se morrer, enterra-se, e reza-se-lhe uma missa pela alma. (*Outro tom*) Mas deixemos o Desiderio. Sinhá é o marido que te convém. Demais já está tudo combinado.

IRACEMA — (*Hesitante*) Não sei. (*Um momento, timidamente.*) Enfim, só vendo...

CLEMENTE — Como, vendo?

IRACEMA — De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não conheço Sinhá.

CLEMENTE — Não conhece Sinhá? Essa agora...

IRACEMA — Quero dizer, não conheço essa Sinhá... de cabelo cortado, conheço, a outra.

CLEMENTE — Pois é a mesma, mudou apenas de roupa.

IRACEMA — Só?

CLEMENTE — Só. Pois então? (*Outro tom*) Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal, não é tão impenetrável como parece. Os noivos para lograrem-no, devem conhecer-se a fundo e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah, porque você me enganou? "Eu pensei que você era assim ou assado..." São as queixas que se ouvem frequentemente, prenunciando discordias domésticas. Com vocês não se dará isto. Vocês conhecem-se desde pequenas, criaram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA — (*Mordendo o lenço.*) É... Mas eu tenho medo.

CLEMENTE — Medo? Medo de que? Então depois de tanto tempo, agora é que você tem medo?

IRACEMA — (*Põe-se a caminhar pela sala pensativamente.*) Não sei.

CUSTODIA — (*Entrando pela esquerda*

irritada) Olhem que é preciso ter paciência de santo!

CLEMENTE — Que é, comadre?

CUSTODIA — Donaria, há mais de meia hora que pedi o café e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero. (*Andareja enfesada*) (*Clemente aborda-a e fala-lhe em segredo, voltando-se radiante*) Como?

CLEMENTE (*Em voz baixa*) Conte-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho mas isto...

CUSTODIA — Um boticário? Fazendo o que?

CLEMENTE — Recitando o Noivado do Sepulcro.

CUSTODIA — Que agouro! E para que?

CLEMENTE — Para casar.

CUSTODIA — Estão vendo só! Feitiçaria, não, compadre?

CLEMENTE — Sei lá. Varri fóra. E está tudo arranjado.

CUSTODIA — Posso então abraça-la?

CLEMENTE — Pois não.

CUSTODIA — (*Indo a Iracema*) Dá cá um abraço, minha filha. (*Abraça-se com Iracema e beija-a*) Que Deus vos faça felizes. Não é atoa que se diz que casamento e mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadre, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser, tem muita força, veja lá. (*A Clemente*) Assim, como assim, ela não sai da família. Era noiva de Bibi, (*A Iracema*) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, compadre?

CLEMENTE — Sem tirar nem por.

(*Eufêmia entrando pela direita, vestindo peignoir branco e fumando a grandes baforadas. Assombro de todos.*)

CLEMENTE — (*Sarapantado*) Hem! Virou outra vez?

CUSTODIA — (*Exultante*) Minha filha! Minha Sinhá!

IRACEMA — (*Desapontada*) Ela! (*A Clemente*) E ele?

CLEMENTE — Sei lá. Essa criatura ora está pelo direito, ora pelo avesso. O diabo que entenda.

EUFEMIA — (*Olhando em volta surpresa*) Que há? Que barafunda é esta? (*Compreendendo o motivo do alvoroço*) Ah, sim... (*Sacudindo o peignoir*) Que remédio! Ainda não estou prevenido. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, meti-me de novo nessa frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado. O "Colôm-



bo", até agora nada. Decididamente preciso mandar de pêlo.

CUSTODIA — *(Enlevada)* Ficas tão bem assim, minha filha. Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... Vá lá... mas aqui...

EUFEMIA — Não, mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo terrível que vivi no outro sexo. Homo sum!

CLEMENTE — De acôrdo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, isso não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. *(Outro tom)* Bem, agora outra coisa. *(Baixo)* Está tudo arranjado.

EUFEMIA — Tudo!? Tudo o que?

CLEMENTE — O teu casamento com Iracema.

EUFEMIA — Meu casamento?! Mas isso assim, de pé pra mão, não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano, pelo menos. Se ainda nem roupa tenho. Então é só casar? Estou chegando do outro sexo, ainda em traje de viagem, e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Embrulho comigo, não.

CLEMENTE — Embrulho... então você...?

EUFEMIA — Ora, ouça-me: que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia, que prestasse exame... digamos: de álgebra, sem uma só lição? Diria com certeza que era um idiota, não?

CLEMENTE — Um asno. Duas matérias tão diferentes.

EUFEMIA — Pois o meu caso é... análogo ao que figurei. Eu sou o aluno e o senhor é o lente. *(Desabafando)* Eu não sei patavina da matéria. Só hoje adiquiri o compêndio, e o senhor exige que eu preste exame a muque. Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

BIBI — *(Entra pela esquerda vestindo o costume com que aparece no 1 ato e dirige-se a Clemente)* Papai, quer alguma coisa da cidade?

CLEMENTE — Eu? Nada. Ah, espera... os jornais da tarde.

EUFEMIA — Traz-me dois maços de cigarros, turco-goiano médios. *(Bibi vai ao fundo onde as senhoras.)*

CLEMENTE — *(A Eufemia)* Pois bem, dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente como você, acho que chega e sobra.

EUFEMIA — Não perdendo tempo, estou indo dia e noite, talvez.

CLEMENTE — Sim... mas cuidadinho, nada de exageros. Olho vivo nos livros e cautela com os cursos. Há por aí alguns que são verdadeiros abismos.

EUFEMIA — Bibi deve ter prática dessas coisas.

CLEMENTE — Bibi...? Tem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. *(Outro tom)* Pois é isto. Tens um ano a partir de hoje... E sem prorrogação.

EUFEMIA — E se forem muitas as matérias?

CLEMENTE — Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estuda bem os preparatórios e deixa o mais. Está dito?

EUFEMIA — Está dito.

CLEMENTE — De hoje a um ano?

EUFEMIA — Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE — *(Desconfiado)* Se Deus não mandar o contrário... *(Resoluto)* Se Deus mandar o contrário, casar com Bibi. Ah, isso... *(Dirige-se para o fundo.)*

EUFEMIA — Não há como escapar. Prêso por ter cão e preso por não ter. *(Dando de ombros)* Enfim...

CLEMENTE — Comadre, meus filhos... *(Custódia, Bibi e Iracema descem formando grupo com Clemente. Com solenidade.)* Acabo de ajustar as bodas para daqui a um ano. Combinamos o seguinte. Se as coisas se mantiverem no pé em que estão, Sinhá casará com Iracema. Se houver modificação...

CUSTÓDIA — Não, compadre... Credo! Nem é bom pensar nisso.

CLEMENTE — Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI — Souvent femme varie.

CLEMENTE — Nessa caso, casará com Bibi. Seja como fôr, por faz ou por nefas, de hoje a um ano, far-se-á o casamento. *(A Iracema)* Contigo ou... *(A Bibi)* contigo, conforme. *(Solene)* E agora, que são noivos, abraçam-se.

(Eufemia, que se acha entre Bibi e Iracema, é abraçada por ambos.)

CUSTÓDIA — *(Enlevada)* Assim, é que eu os queria ver.

(Eufemia e Iracema conversam animadamente à direita rindo. Bibi passeia encasmurado, fumando.)

CLEMENTE — Esperemos, comadre. Quem sabe lá o que o destino nos reserva.

CUSTÓDIA — Ainda?!

CLEMENTE — Por que não? O mundo dá tantas voltas, enfim... êles aí estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abençoe.



(Donária entra pela direita com um serviço volante de café e biscoitos. Bibi é o único que recusa. Continuando no passeio amarrado. Clemente senta-se à mesa, chamando a si um prato de biscoitos.)

IRACEMA — *(A Eufêmia)* Lembro-me, como não? Era uma história que nos contava a Andreza. Mas Patinho Torto, você?... *(Ri)*

(Eufêmia diz-lhe um segredo malicioso,

ela encara-o, baixa os olhos disfarçando o vexame)

CUSTÓDIA — *(Recebendo de Donária uma xícara de café pergunta-lhe baixinho.)* Que bicho deu?

DONÁRIA — *(De trombas)* Vosmecê ainda pergunta... que bicho havia de ser? Foi o galo!

P A N O

N O T A :

Na "REVISTA DE TEATRO" n.º 337, de janeiro-fevereiro de 1964, publicamos uma excelente biografia de COELHO NETTO, de autoria do Professor LOPES GONÇALVES, de onde colhemos os elementos biográficos contidos neste número, ilustrado com a fotografia do grande escritor maranhense, cujo centenario de nascimento estamos comemorando neste ano.

Nesta cena de
"O PATINHO TORTO"
aparecem:
Marilena Carvalho
(Donária), Suely
Franco (Iracema),
Emílio Di Biasi
(Eufêmia) e
Carlos Vereza
(Dr. Patureba).



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

Em 16/08/1983

Ofício nº 02600/83-SCDP/SR/DPF/BA
Assunto: Encaminhamento - (F A Z).

MJ - DPF - DCDP - BSB

18 AGO 14 15 83 006758
cod 08 202

RECEBIDO POR _____

Senhor Diretor,

Para fins de expedição de certificação definitiva, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e relatório do ensaio geral da obra de texto de "O PATINHO TORTO "QU" OS MISTÉRIOS DO SEXO"..... de COELHO NETO..... o exame foi requerido por..... MANOEL LOPRES-PONTES.....

Na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de estima e elevada consideração.

Helena Cruz

HELENA CRUZ - IRC DA CRUZ-Bela.
Técnica de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

REC.SR.
DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA DE DIVERSAS PÚBLICAS
TRANSÍLIA - DF.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NA BAHIA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 172/83

ASSUNTO : Leitura de texto

TÍTULO : Os Mistérios do Sexo

Autor : Coelho Neto

CONTEÚDO:

ENREDO: A peça em exame narra a estória de uma criança que sendo do sexo masculino, é criado como se fosse do sexo oposto. Ocorre que aos 18 anos de idade, Eufêmia (este o seu nome) resolve inverter os papéis e assume o seu verdadeiro sexo. Isto é causa de alguns transtornos, como por exemplo o término do noivado com Bibi (que amava a pseudo-mulher.). Eufêmia, com sua nova imagem, provoca reações as mais diversas entre seus familiares. Clemente, o padrinho, confuso e decepcionado, resolve arranjar um outro casamento entre Eufêmia e sua filha Iracema. Esta recusa-se a princípio, alegando precisar primeiro ouvir o coração, entre outras razões. Eufêmia por sua vez, recusa-se também à idéia, pois precisava de tempo e estudo para se acostumar com a nova vida. A peça termina com a situação indefinida para Eufêmia. Se findo o prazo de um ano as coisas se mantivessem na mesma base, Eufêmia casar-se-ia com Iracema, se o resultado fosse inverso, voltaria a desposar Bibi.

MENSAGEM: Negativa, a hipótese aventada pelo autor mesmo em ritmo de farsa é a de casamento entre pessoas do mesmo sexo. O autor deixa no ar esta possibilidade como algo natural entre os personagens.

SECUNDÁRIA: Defende o livre arbítrio que devem ter as pessoas para regerem seus destinos. Positiva.

LINGUAGEM: Característica da época e estilos do autor, com tendo vocábulos e expressões já em desuso em nosso idioma.

PÚBLICO ALVO: Adulto.

continuação...

GRAU DE PERSUASÃO: Bom, face ao tipo de narrativa, clara linear e precisa.

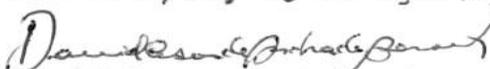
PERSPECTIVA CENSÓRIA: A peça já possui certificado de censura.

PARECER: Face ao exposto e estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor opinamos pela liberação com a chancela su gerida abaixo.

CLASSIFICAÇÃO: Por conter tema que envolve a hipótese de casamento entre pessoas do mesmo sexo, sugerimos a faixa etária de 18 anos.

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Temática adulta.

Salvador/BA, 10 de agosto de 1983


David Cesar de Andrade Barouh

TC mat. 0221190



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 173/83

ASSUNTO: Leitura de texto

1. IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

AUTOR: COELHO NETTO

2. CONTEÚDO:

2.1 enredo: Eufêmia, embora tivesse nascido homem, foi criado pela mãe como se fosse uma menina. Com o passar do tempo, começaram a aparecer certas manifestações características do sexo masculino e, ao completar dezoito anos, Sinhá, como era conhecida Eufêmia, resolve assumir sua masculinidade e mudar os hábitos decorrentes da educação feminina que recebera. Em consequência, criam-se vários conflitos, visto que Eufêmia estava para se casar com Bibi e o rompimento do noivado daria origem a uma série de boatos; então, Sr. Clemente, pai de Bibi e padrinho de Eufêmia, estipula o prazo de um ano para que Sinhá ~~firmar-se~~ em um sexo: no atual ou anterior; findo o prazo, conforme o resultado, Eufêmia se casaria com Bibi ou Iracema com quem fora criado, permanecendo assim, tudo em família.

2.2 mensagem: Positiva: Enfatiza a individualidade do ser humano e a quebra de preconceitos.

3. PÚBLICO ALVO: Adultos

4. GRAU DE PERSUASÃO: Bom, tendo em vista a clareza da narrativa e a sequência dos fatos.

5. LINGUAGEM: Coloquial, literária, adequada ao tema e a época em que se desenrola a ação.

6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: A peça em análise já possui certificado, sendo mantida a mesma faixa etária, ou seja, imprópria para menores de dezoito anos.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

continuação

7. PARECER: Estando de acordo com as normas censórias em vigor, opinamos pela liberação do referido texto.
8. CLASSIFICAÇÃO: 18 anos, tendo em vista a exigência de um certo grau de maturidade para a compreensão total da obra em análise.
9. JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Humor malicioso e sátira de costumes.

Salvador, 10 de agosto de 1983


Amélia M. R. de S. Mascarenhas Pereira Dep.
CHEFE DA S.C.C./CCD/BR/DF/TA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 174 / 83

ASSUNTO : Leitura de texto

TÍTULO : Os Mistérios do Sexo

AUTOR : Coelho Neto

CONTEÚDO:

ENREDO : Um menino foi criado pela mãe como se fosse uma menina. Ao completar 18 anos de idade, o rapaz desiste de fazer o papel de mulher e assume sua masculinidade. Nesse ínterim ocorrem várias peripécias: a "jovem" termina seu noivado; escandaliza a "sociedade"; provoca reações negativas na própria família, etc.

LINGUAGEM: Coloquial, burguesa, adequada aos personagens e à época em que a trama se realíza.

MENSAGEM : Positiva: liberta o ser humano do poder e da vontade de determinadas pessoas, tornando-o, também livre de preconceitos e tabus sociais.

PÚBLICO ALVO : Adulto.

GRAU DE PERSUAÇÃO: Bom; tendo em vista a facilidade do enredo e a seqüência dos fatos (cenas).

PERSPECTIVA: Trata-se de uma obra de Coelho Neto, retratando a vida social e familiar do começo do século.

CENSÓRIA

PARECER : Tendo em vista que nada fere a legislação censória, somos pela liberação da peça em exame.

CLASSIFICAÇÃO: 18 anos. Palavras e expressões picantes, relato de cenas de travestismo fazem com que a peça não seja recomendada para menores da faixa etária acima.

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE : Linguagem livre, humor malicioso, travestismo.

Salvador, 10/08/83

DPF/BH
 Severino Ernesto de Souza Bel.
 Sub. Chefe do S C D P



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 125 / 83

ASSUNTO : Ensaio Geral

TÍTULO : O Mistério do Sexo

AUTOR : Coelho nete

CONTEÚDO :

ENREDO : Jovem do sexo masculino foi criado como se fosse uma menina, inclusive já estava noiva, com data de casamento marcada. Duma hora para outra resolveu assumir sua verdadeira natureza sexual e passa a agir como homem. O que ocorre durante essa transformação, as decisões tomadas, as reações dos familiares e amigos, tudo isso constitui o conteúdo da peça em exame.

LINGUAGEM: Coloquial e culta, conforme a temática abordada e o meio social retratada.

MENSAGEM : Positiva: incentiva as pessoas a assumir sua real condição perante a sociedade e a si mesmas.

PARECER : Examinada à luz da legislação censória em vigor, nada foi encontrado que obste à liberação da peça em vigor.

CLASSIFICAÇÃO : 18 anos. A malícia das situações criadas, alguns gestos e expressões faciais, o humor picante das palavras, bem como as cenas de troca de roupas (de mulher para homem e vice-versa), não recomendam sua assistência para um público de faixa etária inferior à acima sugerida.

PÚBLICO ALVO : Juvenil e adulto

Continua

Continuação

GRAU DE PERSUASÃO : a despretensão do autor, a linguagem utilizada e o bom desempenho dos atores favorecem o bom grau de persuasão da obra.

PERSPECTIVA CENSÓRIA: Extraída de uma das obras de Coelho Neto, a peça em exame é uma espécie de caricatura dos costumes burgueses do início do século no Brasil.

COMPOSIÇÃO CÊNICA : Cenário (uma sala decorada ao estilo vitoriano), vestimentas, músicas, gestos e expressões corporais condizentes e adequados ao tema.

JUSTIFICATIVA : Humor malicioso, sátira de costumes.

DA IMPROPRIEDADE

Salvador, 12 de agosto de 1983

DPF/SR/BA

Severino Ernesto de Souza Bel.

Sub. Chefe do S C D P



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 043/83

PEÇA "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

ORIGINAL DE COELHO NETTO

APROVADO PELA D.C.D.P.

VÁLIDO ATÉ 12 de NOVEMBRO de 1983

CLASSIFICAÇÃO

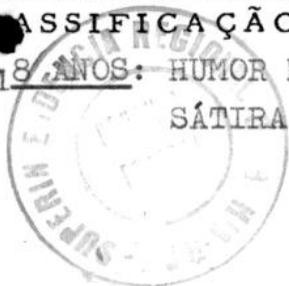
18 ANOS: HUMOR MALICIOSO e
SÁTIRA DE COSTUMES

Brasília, 12 de AGOSTO de 1983

MARIA HELENA CORRÊAS BEL

Técnica de Censura

Chefe do Serviço de Censura
Diretor da DCDP



M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O PATINHO TORTO" ou "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

Original de COELHO NETTO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por MANOEL LOPES PONTES

Tendo sido censurada em 12 de AGOSTO de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: 18 ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/DPF/BA.

Salvador

Brasília, 12 de AGOSTO de 19 83

Manoel L. P. Pontes
Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXOAUTOR: COELHO NETO

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anosPraça SCDP/SR/BA

Obs.:

DF. 18 / Agosto / de 1983

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, se cortes, condicionando ao exame do ensa-

Obs.: Cent. Provisório - SR/BA_____

18 de 08 de 1983

Brasília - DF

Hellé Prudente Carvalho
Matr. 416791

de

de 1.97

Humor de costumes
disco, Malicioso - Sátira de costumes

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os conceitos propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos

Brasília - DF, 19 de 08 de 1983

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

m, 19 / 08 / 1983

Silvia T. Fernandes
Diretora da DCDP

22 agosto de 1983

1.467/83-SE/DCDP

BA.

" O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO ", de
Coelho Neto.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 246	EMIÇÃO 19 AGOSTO DE 1983	VALIDADE 19 AGOSTO DE 1988
------------------------------	------------------------------------	--------------------------------------

TÍTULO O PATINHO TORTO ou OS MISTÉRIOS DO SEXO
--

AUTOR (ES) COELHO NETO

CLASSIFICAÇÃO 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE HUMOR MALICIOSO / SÁTIRA DE COSTUMES
--

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 Diretora da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: **O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO**
 ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **246**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:
 REQUERENTE: **MANOEL LOPES PONTES**

*** SALVADOR * BA -**

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

NEI DE OLIVEIRA
 Chefe do SC/DCDP
 ASSINATURA

BAS 19 DE AGOSTO DE 19 83.



MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 00202

27 SET 14 53 007070

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP/BSB

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 1996/84- SCDP/SR/DPF/MA São Luís, 19 de Setembro de 1984

Senhora Diretora,

Encaminhamos a V. Sa, para ser submetida á competente apreciação censória, a peça teatral intitulada "O Patinho Torto ou Os Mistérios do Sexo", de Coelho Netto, conforme processo nº 003712- SR/MA, requerida pelo Grupo Teatral Gangorra.

Na oportunidade apresentamos nossos protestos de elevada consideração e apreço.


TC JAIR DE ALMEIDA

Chefe da SCDP/SR/DPF/MA

Ilma Sra
Dra SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
MD Diretora DCDP
Brasília - DF

Of. nº 016/84

São Luís - Maranhão

Em 13/ setembro/1984

Do: Grupo Teatral Gangorra

Ao: Chefe da Divisão de Censura Federal de São Luís

MJ - SR / DPF / MARANHÃO	
COD - 08310	
Proc. Nº	003712
De	19/09/84 às 10:50hs
Recebido Por	Maria R. Freitas

Prezado Senhor,

Servimo-nos do presente para encaminhar a V. Sa. a fim de ser censurado para montagem, o texto para teatro "O Patinho Torto ou Os Mistérios do Sexo" de Coelho Neto em 03 (três) vias.

Sem mais, reiteiramos nossos protestos de consideração e apreço.

Cordialmente,



Maria Raimunda Fonseca Freitas

Coord. Grupo Gangorra

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - SR / DPF / MARANHÃO
COD - 08310
Proc. Nº 003712
De 19/09/84 às 10:50
Recebido Por *[Signature]*

Maria Raimunda Fonseca Freitas x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x
Requerente

brasileira , Funcionária Pública x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 294.926 - SSP/MA x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x
N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à rua 106, Quadra 58, Casa 19 - Conj. Maiobão
65.130 - Paço do Lumiar Maranhão x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x , vem .

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as nor-
mas censórias vigente, a (s) texto para teatro abaixo relacionada (s).
Espécie

de autoria de: Coelho Netto x.
Título (s) "O Patinho Torto ou Os Mistérios do Sexo" x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

Nestes termos,

Pede deferimento.

São Luís, 13 de setembro de 1984
Local e Data

Maria Raimunda Fonseca Freitas
Requerente *[Signature]*

Anexos:

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - SR / DPF ; MARANHÃO
COD - 08310
Proc. Nº 003712
De 19/09/84 às 10:50hs
Recebido Por *[Signature]*

Maria Raimunda Fonseca Freitas x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

Requerente

brasileira

Nacionalidade

Funcionária Pública x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Profissão

Carteira de Identidade 294.926 - SSP/MA x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à rua 106, Quadra 58, Casa 19 - Conj. Maiobão

65.130 - Paço do Lumiar Maranhão x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

, vem .

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as nor-

mas censórias vigente, a (s) texto para teatro abaixo relacionada (s).

Espécie

de autoria de: Coelho Netto x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

"O Patinho Torto ou Os Mistérios do Sexo" x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

São Luís, 13 de setembro de 1984

Local e Data

Maria Raimunda Fonseca Freitas

Requerente

Anexos:

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920.

Filial e Consideração Internacional das Secretarias de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 5º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil



AUTORIZAÇÃO PARA ESPETACULO TEATRAL

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.587, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral:

Titulo ou representação do texto *O Mito*
 Original de *de Coelho Neto*
 Música de *mas*
 Tradução de *mas*
 Direção de *Alfonso Furtado e Lucia Calabrese*
 No Teatro *Teatro Municipal* Cidade *São Luis*
 Empresa *Grupo Gurgone* Pela Cia. *o mesmo*
 nos dias *de 1984*
 sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de *10% prole*
 da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia de "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaus de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos de cobrança do direito autoral.

Alfonso Furtado 28 de *agosto* de 1984

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]
 (pela SBAT)

P E R S O N A G E N S

C U S T Ó D I A (velha) - Das Dores

C L E M E N T E _ compadre - Rogério

B I B I - noivo Jorge

D O N Á R I A - empregada - Mundinha

I R A C E M A - prima - Silvana

E U F E M I A - Renato

D R. P A T U R E B A - Francisco

D O N A A U G U S T A - vendedora de renda

B A T I S T A -

Se hoje o teatro brasileiro se inclui entre os expoentes dessa manifestação de arte no panorama internacional, esse aprimoramento não constitui uma conquista do presente porque é, na realidade, efeito originário de uma causa benéfica que vem de longe, do alvorecer da nossa história porquanto, através de palcos ao ar livre ou construído em cabanas, foi que Anchieta transmitiu as mensagens do Cristianismo e da Civilização aos silvícolas que povoavam nosso solo e cujas leis se resumiam nos impulsos da natureza e do instinto.

Posteriormente o teatro passou a ser usado como instrumento de maior profundidade, constituindo-se em elemento de punjança na formação intelectual e moral do nosso povo, glorificando os valores humanos ao mesmo tempo que anulava as falsas e imerecidas auréolas.

O exemplo do jovem apóstolo do Cristianismo, germinando no espírito dos mais autênticos representantes da cultura brasileira, tornou numerosa a constelação de escritores e poetas que deram ao teatro a contribuição do talento literário que os projetou na história.

Os problemas sociais, os costumes, a tradição de cada povo, eram retratados no palco com critério e consciência, dando-se ênfase aos vultos cujas vidas foram inteiramente consagradas ao desenvolvimento da ciência e das artes, sob todos os aspectos.

Autores do mais alto porte colocavam o talento a serviço das boas causas, e engrandecendo a Pátria, engrandeciam-se a si mesmos. Em todos os sentidos o teatro evoluiu, sobretudo tecnicamente, mas dentro dele permanecem, vivas e palpitantes as concepções imperecíveis dessas glórias do passado.

PRIMEIRO ATO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa ao centro coberta por um pano de crochê, sobre a qual se acumulam revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela à esquerda, baixo.

Custódia está sentada no sofá, à esquerda, Clemente na cadeira de braços, ao lado dele Bibi, sentado junto à mesa de centro, folheia distraidamente as revistas.

CUSTÓDIA - Sim a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufêmia... Deus me livre. Eu tinha os meus burros, ficava embezerrada...

CLEMENTE (Sorrindo) - Era bicho p'ra burro, como agora se diz hein comadre?

CUSTÓDIA (Sem compreender) Bicho? Como bicho?

CLEMENTE - Burros, bezerros...

CUSTÓDIA (Dando de ombros) - Ora compadre... Trato sério. Então o senhor não sabe que isto é um modo de falar? Ficava jururu, metida num canto, com um nó na garganta, uma vontade doida de chorar. Mas Eufêmia'!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe ela está lá dentro com Iracema. Vá vê-la.

CLEMENTE - Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo... Lembra-se? Era uma pomba sem fel, mas fosse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fera! Nervos.

BIBI (Cantarolando baixinho) - A Bahia é terra boa. Ela lá e eu aqui...(Continua assobiando).

DONÁRIA (Aparecendo ao fundo com um samburã de compras no braço) - Minh'ama...

CUSTÓDIA - Que é?

DONÁRIA - Subju sim senhora.

2

CUSTÓDIA - Quem?

DONÁRIA - O açúcar. Subiu um tostão

CUSTÓDIA - Um tostão! Isso é um desaforo! (A Clemente frenética). Mas que há de ser de nós, compadre?

CLEMENTE (Indiferente) - Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.

BIBI (Pedante) - É a vertigem das alturas.

CLEMENTE - Nós, comadre, somos do tempo das casas térreas, do feijão com carne seca, de bacalhau na quaresma, das procissões, das fogueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava e com um de dois vintens o pobre fazia o seu almoço. Hoje em dia com essa história de aviação...

BIBI (Corrigindo) - Aviação, papai

CLEMENTE (Repontando) - Então eu não sei que é aviação?

CUSTÓDIA - É mania de emendar a gente.

CLEMENTE - Mas, como eu dizia: hoje, com essa história de voar, anda tudo pelos ares.

CUSTÓDIA - Pelos ares... Pelos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de ver.

CLEMENTE - Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças; só temos pernas; os homens para trocá-las na Avenida, bolinar nos cinemas, as mulheres, para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA - Menos o meu.

CLEMENTE - É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA - Anquinhas! Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente! Uma senhora de cauda está sempre composta.

CLEMENTE - Depois... A cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história de parcimônia, cortam o rabo à casa e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA (Ingênua) - Já cortaram, compadre. Agora a casaca é um casibéque que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esmenço...

BIBI (Corrigindo) - Smoking.

CUSTÓDIA (Aborrecida) - Já vem você, Bibi.

CLEMENTE - Ah! sim... Isso é um filho de casaca. nasceu sem rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI - Nós mesmos: se não fosse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco, como Adão.

CUSTÓDIA (Com um mono) - Ora, Bibi... Tire seu cavalo da chuva. Quer dizer que nos ... ?

Bibi - Não sou eu quem diz, é Darwin.

CUSTÓDIA - Pois Darwin que não seja tolo. Filho de macaco é ele!

CLEMENTE - O rapaz sabe, comadre.

CUSTÓDIA - Sabe nada! Fidúcias...

DONÁRIA - Minh'ama, olhe que eu estou aqui esperando.

CUSTÓDIA - O que?

DONÁRIA - O açúcar.

CUSTÓDIA - Pois vá buscar o açúcar. Que se há de fazer? Dá,dá o tostão a esse gaturu. Há de lhe ficar atravessado na garganta. Deus é grande! (Donária entra à esquerda-fundo) Eu já não sei mais que hei de fazer. u Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um tostão...

CLEMENTE - A três vintens comorei eu muitas na Praia do Peixe, no Largo da Sé...

CUSTÓDIA - Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não tira uma assimzinha.

CLEMENTE (Acendendo um cigarro) - Esta guerra... Esta guerra! Nem sei! Enfim...

(Pausa) Então sinha esta noite?...

CUSTÓDIA (Atalhando-o) - Ih! comadre... Não a chame de Sinhá.

CLEMENTE - Por quê?

CUSTÓDIA - Não quer. Diz que tem nome. (Clemente encolhe os ombros). Esta noite parecia que vinha o mundo abaixo. Eu até tive pena de Iracema, coitada. A pobre de minha filha não pregou olho nem deixou ninguém dormir - era de um lado para outro, falando, atirando coisas. Um desespero! (Suspirando) Ah! comadre, a falta que me esta fazendo o falecido. Aquilo, sim! aquilo é que era um homem! Se ele vivesse outro galo nos cantaria. O senhor não imagina o que eu teria sofrido! E com essa história de Eufêmia então é um horror. (Chamada do telefone) Bibi, tem paciência, meu filho, vai ver quem é.

(Bibi vai atender, continuando a cena entre os dois enquanto ele fala entrecortadamente).

BIBI (Ao telefone) -- Alô!... Sim, senhora... Bibi...Ee mesro... às quatro? Sim, senhora. Até logo... Obrigado.

CUSTÓDIA -- Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita, mas às vezes...Não sei. Pois uma menina que era um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...

CLEMENTE -- Isso passa, comadre.

CUSTÓDIA -- Passa... Passa. E as manias, comadre! É cada esquisitice que eu até tenho vergonha de contar. (Bibi desliga o telefone e volta a sentar-se. Interrogando-o) Quem é?

BIBI -- Clotilde (Custódia faz um momo) Está convidando Eufêmia para o "training" logo mais, no Fluminense.

CUSTÓDIA (Aborrecida) -- É isso. São esses trans que lhe estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela é o que se vê. Trens...! As bolas das moças do meu tempo eram os novelos de lã...Hoje!

CLEMENTE -- É o progresso.

CUSTÓDIA -- Que progresso, comadre! Progresso é uma moça saber tomar conta da casa, serzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.

BIBI -- Ora, D.Custódia...

CUSTÓDIA -- Ora... O quê? Quando precisares de quem te pregue um botão nas ceroulas hás de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. (A birrecida) É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa história de Fluminense.

BIBI -- Ela é torcedora.

CUSTÓDIA -- Torcedora... R Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.

BIBI -- Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça?

(Com ênfase) Na Esparta de Licurgo as moças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhias dos rapazes.

CUSTÓDIA (Rilhando os dentes) -- Ah! eu lá com um box chicote...

BIBI -- Veja a americana.

CUSTÓDIA -- Que tem a americana?

BIBI - é mulher para tudo.

CUSTÓDIA - Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar peteca com uma pá de barfante e não entender de um reforado? V Você come peteca?

Come? Não, Pois é... Eu hei de ver. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolos. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é o que se vê. Olhe Eufêmia... Esta aí com os nervos que nem sei.

CLEMENTE - Mas afinal... Que disse o Dr. Camacho?

CUSTÓDIA - Ora o Dr. Camacho... É outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar, peteca, fazer ginástica. E sempre a mesma lençalenta: que isso é a idade, que o casamento a põe boa. Como se casamento fosse coisa de botica, como mamésia.

CLEMENTE - Eles, às vezes, dão em droga, mas só depois da lua de mel.

CUSTÓDIA (A Bibi) - A propósito: você vai ou não buscar o Dr.?

BIBI - Às onze horas.

CLEMENTE - Pois então? São dez e meia.

BIBI - É aqui ao lado.

CLEMENTE - Mas vai.

(Bibi levanta-se e sai pelo fundo).

CUSTÓDIA (Depois de um momento) - Ó comadre com franqueza: o senhor não acha Bibi um pouco frio?

CLEMENTE - Frio! Quem? Bibi?! Ora, comadre... Não fosse ele meu filho... Bibi é um for no! Fria é Eufêmia. (Caramunhando)

Não tem alma. O rapaz chega se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um ruro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... Ruro não é graça.

CUSTÓDIA (Interrogativa) - Mas?...

CLEMENTE - Ora! Cada um! ...

CUSTÓDIA - Olhe, comadre, se ela o esmurra é porque ele...

CLEMENTE - Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zero. Nem parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, cá no meu entender, tem direito de fazer festa à sua noiva. Ou bem que se é ou bem que se não é. Até é bom, para se irem habituando. (Gravemente) Eu também fui noivo, comadre.

CUSTÓDIA - Também eu. Mas festas de noivo... Hum! começam em brincadeira e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (Vozes à direita. Prestando atenção) Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, comadre. O senhor às vezes, solta cada uma de arrepiar os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufêmia é um lírio.

CLEMENTE - Pelos modos a comadre acha que eu sou umoral?

CUSTÓDIA - Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado, Eufêmia (não é por ser minha filha) está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.

CLEMENTE - Pois olhe, comadre, a gente, lá na roca, chama a sensitiva: malícia de mulher. E o povo é sábio, tem experiência velha. O que o povo diz Deus assina. (Sou um relógio).

CUSTÓDIA (Prestando atenção à esquerda) - Ih! Onze horas. Com licença. Vou vestir uma "matinée" decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, comadre: Sonde-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.

CLEMENTE - Vá descansada.

CUSTÓDIA - Até já. (Entra à esquerda).

CLEMENTE (Levantando-se fleuraticamente) - Sim senhor...!

E chama-se assim um homem de sem-vergonha cara a cara (Põe-se a folhear uma revista. Eufêmia à porta da direita fumando.

Traz no queixo uma cruzeta de pontos falsos. Ao ver Clemente atira o cigarro ao chão. Clemente apanha-o, lança-o pela janela e diz pachorrento). Mais prudência, menina. Com fogo não se brinca. (Encarando-a) Está com dor de dentes?

EUFÊMIA - Eu? Não. Por quê?

CLEMENTE - Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando está com dor de dentes.

EUFÊMIA - Preconceito. (Vivamente, com arrogância) Por que não pode a mulher fumar? Por quê?

CLEMENTE - Porque... Ora essa! Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.

EUFÊMIA - Nem Adão.

CLEMENTE (Perlongando a sala) - Isso é que eu não sei.

EUFÊMIA - Sei-o eu, porque o fumo, originário da América, só apareceu na Europa em mil e quinhentos e quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da Civilização.

CLEMENTE - Ah! sim? Pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nos interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!

EUFÊMIA (Naturalmente) - Não, é um talho à toa: cortei-me com a navalha.

CLEMENTE (Espantado) - Com a navalha no queixo?... Tu!?

EUFÊMIA - Pois então, padrinho? Que há nisto de extraordinário?

CLEMENTE - Mas ... (De repente) Ó sinhã ... (Eufêmia atalha-o com um gesto. Lembrando-se) Ah, sim... Tens nome: Eufêmia. (Outro tom) Mas Eufêmia, que diabo tens tu, hein?

EUFÊMIA - Que tenho? Tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minh'alma impelindo-me a sair de mim mesma.

CLEMENTE - A sair de ti mesma?! Por onde? Para onde?

EUFÊMIA (Com entusiasmo) - Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!

CLEMENTE - Deixa-te de malaguices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.

EUFÊMIA (Com um mono de desprezo) - Sexo... Sempre a mesma palavra ridícula.

CLEMENTE - Palavra ridícula!?

EUFÊMIA - Sim, padrinho. (Cruzando os braços, em atitude de desafio) Que é sexo?

CLEMENTE - (Atarantado) - Sexo? Ora! que pergunta! Sei lá! Sexo é um mistério. (Outro tom) Olha, menina, nessa coisa o melhor é não bolir, estás ouvindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. Demais a mais, são tantas as opiniões... Sei lá!

EUFÊMIA - Pois se não sabe vá a um dicionário.

CLEMENTE - Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. (À parte) E isto é sensitiva. Está fresca, pois não.

EUFÊMIA (Com decisão) - Ouça-me, padrinho. (Senta-se cruzando a perna) Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?

CLEMENTE (Observando-lhe os modos) - Pelo menos é o que está assentando de pedra e cal.

EUFÊMIA - Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.

CLEMENTE - Desastre? Como?

EUFÊMIA - Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.

CLEMENTE - Não o amas?

EUFÊMIA - Amor... O meu amor é feito de energia; amor forte heróico.

CLEMENTE - E o que serve.

EUFÊMIA - ... com impulsão para lutas, para conquistas!

CLEMENTE (Escandalizado) - Conquistas!...

EUFÊMIA - Sim - Sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...

CLEMENTE - Na Cruz Vermelha?

EUFÊMIA - Qual Cruz Vermelha! Na aviação. (Com heroísmo) Voar sobre o inimigo! fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! combater no espaço como as águias; O ar! O éter! Glória in excelsis!

CLEMENTE (À parte) - Está varrida de uma vez.

EUFÊMIA (Sacudindo o vestido com desprezo) - Quando me vejo nesta túnica de Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caiada de pó de arroz, eu, que só admito a pólvora, tenho medo de enlouquecer. Estou como Prometeu amarrado ao Cáucaso. É horrível! (De repente) Dê-me a sua mão.

(Clemente mal lhe estende a mão, que ela aperta, agacha-se, encolhe-se gemendo).

CLEMENTE (Sacudindo a mão e soprando-a) - Irra!

EUFÊMIA (Com orgulho) - Pulso, hein?

CLEMENTE - Pulso de homem!

EUFÊMIA - E o senhor ainda não viu o melhor.

(Iracema aparece à porta da direita, de branco, cabelos soltos, com um lírio na mão).

IRACEMA (Romântica) - Papai...

CLEMENTE - Ora muito bom dia. (Beija-a na frente).

IRACEMA (Languida) - Beija-Me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.

EUFÊMIA - Deixa-te de fumaças...! (A Clemente) Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? (A Iracema) Repete aquela quadra de Casemiro de Abreu que recitaste há pouco.

IRACEMA - Tem muito sentimento, não? (Atitude poética, olhos em alvo, voz languida)

Oh! não me chames coração de gelo!

Bem vês: trai-me no fatal segredo.

Se de ti fujo é que te adoro e muito,

És bela; eu moça; tens amor; eu medo!...

EUFÊMIA - Agora eu! (Máscula, voz trovejante, gestos largos)

Oh, não me chames coração de gelo! etc. etc. (Plantando-se diante de Clemente) Então?

CLEMENTE - Então, que? É a mesma coisa.

EUFÊMIA - Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...

CLEMENTE - A tua é mais cheia, isso é mais grossa ... Talvez do fumo.

EUFÊMIA - Qual fumo! É que eu tenho voz de barítono.

CLEMENTE - Não digas isto que é feio. Barítono é voz de homem.

EUFÊMIA - Pois é a minha voz.

DONÁRIA (Ao fundo) - Seu almoço está na mesa, seu Clemente. (Retira-se).

IRACEMA - Papai já vai almoçar?

CLEMENTE (Carinhoso) - Sim, filhota. Tenho um negócio ao meio-dia em ponto. (A Eufêmia) Manda chamar-me logo que chegue o médico. (Sai pelo fundo à esquerda).

IRACEMA - Que tens? Tu não és a mesma, Eufêmia. Há nuvens densas em tua alma.

EUFÊMIA - O que há em minh'alma é uma vontade danada de fazer um escândalo.

IRACEMA (Repreensiva) - Que coisa, Eufêmia!

EUFÊMIA - Já viste uma garrafa de champanha quando a rolha começa a subir e os gases lá dentro borbulhandar, a ferver até que, de repente, PUM! Pois assim estou eu.

IRACEMA - Como uma garrafa?

EUFÊMIA - Como uma garrafa de champanha.

IRACEMA - Estás brincando. (Meiga) Não, querida tu andas a ocultar-me alguma coisa. Eu bem vejo que sofres. Abra-te comigo.

Despejas tuas mágoas no meu seio.

EUFÊMIA - As minhas mágoas, Iracema... Se eu as despejasse ia tudo raso.

IRACEMA - Tens o sono muito agitado. Ainda esta noite...

Até tive medo.

EUFÊMIA - Medo? Medo de que?

IRACEMA -- Não sei. Enfim... Pode ser que tenha sido pesadelo. (Outro tom) Mas por que me escondes o teu segredo? Não confias em mim?

EUFÊMIA -- O meu segredo ... (Trágico) O meu segredo. É horrível, Iracema! Se eu te dissesse, cairias fulminada como por um raio.

IRACEMA -- Credo! (Ingenuamente) É assim grande?

EUFÊMIA -- É enorme!

IRACEMA -- Entretanto nunca me apareceu que tivesses na alma uma coisa assim.

EUFÊMIA (Voz cava) Não é n'alma. (Outro tom) E como havias tu de descobrir se eu só agora é que dei por ele? (Nervosa) Eu não me suicido, Iracema, queres saber por quê? Porque tenho medo de morrer. (De repente) Se houvesse escrito duas cartas, uma para um homem, outra para uma mulher e, distraidamente, trocasse os envelopes, não seria um horror!

IRACEMA (Ingenuamente) -- Conforme.

EUFÊMIA -- Pois foi o que se deu comigo. (Sacudindo o vestido) Esse envelope não é o meu.

IRACEMA (Sem Compreender) -- Que envelope?

EUFÊMIA (Sacudindo furiosamente o vestido) -- Isto!

IRACEMA (Abaixando-lhe as saias) -- Não te descomponhas assim, Sinhá, que modos feios!

EUFÊMIA -- (Desempenada) -- Qual descomponho, qual nada!

IRACEMA -- Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.

DONÁRIA (Aparecendo ao fundo azafamada) -- O cheira-cheira está aí, gente. (As duas olham-na espantadas Explicando) O doutor da casa de saúde aqui do lado. (Aborrecida) Oh! vocês também...

IRACEMA -- Ah! Espera... É esse que nada sempre de sobretudo e galochas?

DONÁRIA -- Pois. então? Está aí com o seu Bibi. Vou avisar minh'ama. (Entra à esquerda correndo).

IRACEMA. (Notando o desalinho de Eufêmia) -- Arranja esse cabelos ao menos. Parece uma fúria! (Põe-se-lhe a arranjar os cabelos. Curiosa) Mas que história é essa de cartas, de envelopes?... Alguém escreveu-te?

EUFÊMIA -- Não

IRACEMA - Então?

EUFÊMIA (Limpa as mãos aos ombros de Iracema. De olhos cravados nela, como a hipnotizá-la) - Olha bem para mim. Bem!

Sabes quem sou?

IRACEMA - Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?

EUFÊMIA - Não sabes. (Voz soturna) Eu sou um grande desgraçado, Iracema!

IRACEMA - Um grande quê?

EUFÊMIA - Desgraçado!

IRACEMA - Ainda se disseses desgraçada...

EUFÊMIA - Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!

IRACEMA - Com "o" ?

IRACEMA - Oh! (Olhando-a como magnetizada) Mas então é um milagre!

EUFÊMIA - Qual milagre! Um horror é que é!

IRACEMA - (Em solilóquio) Com "o"... Mas então... (De olhos apavoradamente fixos em Eufêmia, vai-se-lhe a boca escancorando, mascara-se-lhe a fisionomia de horror e com os braços duramente estendidos, como na repulsa de uma visão, vai recuando, até a porta da direita e, depois de nela haver desaparecido, solta um grito estridente).

EUFÊMIA (Baixa a cabeça e meneia-a desoladamente dizendo em tom sombrio) - O mal secreto de Raymundo Correia. Ah, POETAS ... Poetas.

BIBI (Ao fundo) - Entre, Dr. (Dr. Patureba aparece ao fundo, muito míope, de sobretudo e galochas apalpando o terreno com o guarda-chuva, Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a Eufêmia). O Dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufêmia Arrobas. (O Dr. aperta por engano a mão de Bibi). Não, Dr. (Tomando a mão de Eufêmia e colocando na mão do Dr.) A mão dela é esta, a minha.

DOUTOR - Dêla ... Sua? Como?

BIBI - Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

DOUTOR - Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... (Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pince-nez). Muito bem. (Sentando-se). À doante é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo muito pouco só de perto. (Chega-se muito a Eufêmia e toma-lhe o pulso). Pulso um pouco agitado. Mas isto em noivos é natural. Deixa ver a língua.

EUFÊMIA - Para que Dr.?

DOUTOR - Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios: é um mostrador, compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro. (Eufêmia mostra-lhe a língua) Assim.

Um pouco de saburra. Se a menina fosse homem, eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFÊMIA (Levantando-se vivamente) - Dr., meu caso não é dos que se estudam na

DOUTOR - Como para que? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrina para uma casa de negócios é um mostrador, compreende? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro. (Eufêmia mostra-lhe a língua) Assim. Um pouco de saburra. Se a menina fosse homem, eu diria que funava demais. Vamos adiante.

EUFÊMIA (Levantando-se vivamente) - Dr., meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... Como direi, coisa de que se exponha à mostra na vitrina.

DOUTOR - Por quê?

EUFÊMIA - Porque... Ninguém expõe contrabandos.

DOUTOR - Contrabandos... Como contrabandos?

EUFÊMIA - Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI - Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...

EUFÊMIA - Não é cerimônia, Bibi, é ... (Custódia entrando) pela esquerda apressada).

CUSTÓDIA - Desculpe-me, Dr. Eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora, bem? Os meninos?...

DOUTOR - Todos bem, obrigado.

CUSTÓDIA - Então?... Já examinou, Dr.?

DOUTOR - Ia examiná-la agora, mas ... Pelos modos... Acho-a muito escrupulosa.

EUFÊMIA - Sim, preciso ficar a sós com o doutor.

CLEMENTE (Entra pelo fundo, com o guardanapo ao pescoço, vendo o médico detém-se. Tira o guardanapo e chamando Bibi à parte, pergunta-lhe baixinho) Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda, banhada em lágrimas.

(CUSTÓDIA e EUFÊMIA discutem nervosamente).

BIBI - Não sei

DOUTOR - O senhor é o pai?

CLEMENTE - Não, Dr., padrinho apenas.

BIBI - É verdade, não os apresentei. (Apresentando) Coronel Clemente Lameira, meu pai. Dr. Patureba.

DOUTOR - Feleismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.

CLEMENTE - Muito obrigado, Dr.

CUSTÓDIA - Mas então, Dr... Como há de ser? Ela insiste em ir só.

DOUTOR - No estado em que ele está é bom não contrariá-la.

Somos vizinhos, a Casa de Saúde é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Quem tem isso? Ela vai comigo. Até lá em casa é melhor porque temos tudo à mão.

CUSTÓDIA - Mas então eu hei de deixar minha filha só, com um homem?

DOUTOR (Formalizado) - Eu não sou homem, minha senhora.

CUSTÓDIA - O senhor! ?

DOUTOR - Eu sou médico, eo verdadeiro médico não tem sexo, é neutro.

BIBI - Lá isso...

EUFÊMIA (Decidida) - Vou só. Só ou então... (Ao doutor)

Vou por o chapéu. Com licença. (Entra à direita).

CUSTÓDIA - Mas ... (Troca olhares com Clemente). Não sei...

Mas acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... Até é bom porque não tenho coragem para essas coisas. Mas uma pessoa da família... Não está direito.

DOUTOR - Por mim, minha senhora, pode ficar descansada.

Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegante.

CLEMENTE - Há um meio. Não por causa do Dr., em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.

CUSTÓDIA - A língua do mundo.

CLEMENTE - Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o Dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.

DOUTOR - É . Pode ficar na secretaria, está muito bem. Enfim... Eu estou por tudo.

CUSTÓDIA - É só por causa da boca do mundo, Dr. O senhor nem imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.

BIBI - Papai não tinha uma entrevista a meio-dia?

CLEMENTE (Distraído) - Hein?... Ora... Vou à noite. (A Custódia e ao Doutor) Bem, vou indo.

CUSTÓDIA - Olhe, compadre... Fale-me pelo telefone.

CLEMENTE - Sim, sim.

DOUTOR - Espere na secretaria. (Clemente sai pelo fundo à direita).

CUSTÓDIA - Será preciso ferro, Dr.?

DOUTOR - Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso, não será para hoje. Hoje farei apenas o exame.

CUSTÓDIA - Seja tudo pelo amor de Deus! (Eufemia aparece de chapéu).

EUFÊMIA - As suas ordens, doutor.

CUSTÓDIA (Choramingando) - Ah! minha filha... Tem coragem.

EUFÊMIA - Eu vou apenas conversar com o Dr., mamãe. Preciso estar a sós com ele.

BIBI (Baixo) - Ingrata!

EUFÊMIA (Com uma rabanada) - Não me amoles! (A Custódia) Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!

CUSTÓDIA - Que é isso, menina! ...

EUFÊMIA - É o que lhe digo! Vamos, Dr.

CUSTÓDIA - Você também nem parece homem. Bibi.

BIBI - Que quer a senhor que eu faça, se ela não quer.

CUSTÓDIA - Vai minha filha . Deus te acompanhe.

DOUTOR - Às suas ordens, minha senhora. E fique tranquila
Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranquila.

(Custódia e Bibi acompanham até o fundo. Custódia apóia-se a uma das ombreiras chorando. Bibi prossegue conduzindo o médico, que vai tateando, curvado sobre os passos).

IRACEMA (Aparece à direita e vendo Custódia a chorar adianta-se nervosa, abraça-a e interroga-a, aflita) - Que é? Que houve? (Olhando em volta) Onde está sinhá?

CUSTÓDIA - Foi com o Dr. para a casa de saúde.

CUSTÓDIA - Parece que tem de ser operada!

IRACEMA - Operada?! Ah! (Cai desfalecida)

CUSTÓDIA - Virgem mãe do céu! (Aos gritos) Bibi! Donária!

Acudam!

Bibi - Que foi?!

CUSTÓDIA - Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando.

Chama Donária.

BIBI - Minha pobre irmã! (Correndo ao fundo em grande aflição). Donária! (Volta, ajoelha junto de Iracema e põe-se a bater-lhe nas mãos, a esfregar-lhe os pulsos). Iracema! Minha irmã!

CUSTÓDIA - O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!

DONÁRIA (Entra afogueadamente pelo fundo, de avental, as mangas arregaçadas). Que é? (Vendo Iracema desmaiada) Misericórdia. Mas que foi, minh'ama?

CUSTÓDIA - Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.

DONÁRIA (Com as mãos na cabeça). Virgem! Operada... Sinhá... (Desata a chorar desesperadamente).

CUSTÓDIA - Que é isso rapariga! Vocês em vez de me darem coragem, ... Já se viu uma coisa assim?... Cale a boca Donária!

DONÁRIA - Coitada de Sinhá. Aquele diabo do cheira-cheira...

Não é à-toa que eu embirro com ele.

(Iracema volta a si, senta-se, olhando em volta, airada).

CUSTÓDIA - Iracema!

BIBI - Minha irmã! (Chamada ao telefone. Bibi corre a atender).

CUSTÓDIA (A Iracema mas voltada para o telefone) - Estás melhor, minha filha?

DONÁRIA - Pobrezinha de Nha Eufêmia nas mãos daquele diabo que não enxerga.

BIBI - (Ao telefone) - Beira-mar: oito, nove, seis, quatro.

(Desliga).

CUSTÓDIA - Chega de chorar, Donária. (A Iracema). Estás melhorzinha? (A Bibi).

Quem é?

BIBI (Sentando-se ao lado de Iracema) - Foi engano.

IRACEMA - Que fatalidade! (Abraça-se em Custódia soluçando).

S E G U N D O A T O

CUSTÓDIA (Sentada no sofá, com as mãos abandonadas no colo, suspira com desalento)
- Ai...Ai... (A Donária, que está encostada num dos umbrais da porta do fundo). Já acendeste a lamparina do oratório?

DONÁRIA - Já, sim senhora. Mas eu achava que, para uma coisa assim, era melhor uma vela de cera. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem força: os santos nem ligam. Cera é cera, minh'ama.

BIBI - Tudo é luz, Donária.

DONÁRIA - Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja. O que se manda é cera. Eu não mandei uma barriga? Vosmecê pensa que os santos não vêem essas coisas? Ora se vêem...! Santo Antônio então!

CUSTÓDIA - Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai duma vez.

DONÁRIA - De quanto?

CUSTÓDIA - Dez tostões. Pois não chega?

DONÁRIA - De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um fósforo. Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.

CUSTÓDIA (Impaciente) - Pois compra, rapariga. Compra!

DONÁRIA - Ué! Minh'ama fica zangada. Eu tenho culpa??

Está tudo pela hora da morte.

CUSTÓDIA (Enfezada) - Morte, morte. Até parece agouro.

DONÁRIA (Resmungando) - Hum... Nossa senhora'. (Sai pelo fundo à esquerda).

BIBI (Consultando o relógio) - Vinte minutos para uma.

CUSTÓDIA - Está demorando muito. E o compadre nada? Se você tocasse para lá, Bibi?

BIBI - Não. Se paapi não fala é porque a operação ainda não terminou.

CUSTÓDIA (Alarmada) - Operação! Que operação?! Pois ela vai ser operada? (Com as mãos na cabeça). Bem que eu estava adivinhando. (Põe-se a andar de um para outro lado, desesperada).

BIBI - Espere. Tenha calma. Eu queria dizer exame.

CUSTÓDIA (Avoada) - Não! Não! (Chamada ao telefone. Alvorçada). Vai ver, Bibi. (Bibi corre ao aparelho e Custódia fica em atitude expectante).

BIBI - Alô? Como? Aqui é Beira-mar: oito, nove, seis, quatro.

(Um instante). Beira-mar.

CUSTÓDIA - Que é?

BIBI - Pois não. (Desliga).

CUSTÓDIA - Que é?

BIBI - Engano. (Pausa).

CUSTÓDIA - Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.

BIBI - Olha, D.Custódia, para mim, quer a senhora saber?

Para mim a doença de Eufêmia é o cinema.

BIBI - Essas moças vão ao cinema, vêem coisas, impressionam-se e é isso.

CUSTÓDIA - Mas que coisa terá ela visto para ficar assim.

BIBI - Quem sabe lá? Eu só lhe digo que muita cabeça de moça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos ela só irá aos cinemas comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.

CUSTÓDIA - Ora Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufêmia tem coisa muito séria. Queira Deus que eu me engane mas para mim... (Suspira). Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.

BIBI - Ora! Os cachorros uivam sempre que lá há luar. Tristeza.

IRACEMA (Entrando pela direita) - Nada ainda?

CUSTÓDIA - Qual, minha filha! E você como vai? (Fá-la sentar-se ao seu lado).

IRACEMA - Estou preocupada. (Tomando a mão de Custódia e encostando-a ao peito). Olha o meu coração como está.

BIBI - Não há nada. (Chamada ao telefone).

CUSTÓDIA - Vai ver, Bibi. (Bibi vai atender. As duas mulheres levantam-se e acercam-se do aparelho ansiosas. Baixo a Iracema) Estou com medo.

BIBI - Alô... (Sôfrego). É papai? Sim, sou eu. Então? (Movimento das mulheres).

Como? Um terno? Aqui? Só se for o meu. E eu? Um pijama que o senhor comprou? Com Iracema? (A Iracema) Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA - Tenho, um que ele comprou ontem. Pediu-me que lhe repregasse os botões.

BIBI - (Ao telefone) - Mas para quem é o terno, papai? (Espantado) Como? Para Eufêmia?

CUSTÓDIA - Que é?

BIBI (Atônito) - É papai que está pedindo um terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA (Com uma rabanada) - Ora, teu pai está maluco.

BIBI (Ao telefone) - Mas por que, papai? Que extravagância é esta? Não vem? Porquê? Como? (Nervoso) Não é Eufêmia? Que diz? Hein? Eu... Que? Eu Macho?! Não compreendo. (Vivíssimos sinais de assombro). Hein? Oh! (Deixa cair o fone e fica estatelado diante das senhoras, de olhos esgazeados).

CUSTÓDIA (Num grito) - Morreu! Minha filha morreu!

BIBI (Arfando com voz surda) - Sim, sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva. viúvo!

CUSTÓDIA (Escandalizada) - Como?! Pois era ...E não aparecia. (A Iracema)-Vá lá para dentro, Iracema. (De punhos fechados por entredentes). Mas que será o miserável? Eu esgano-o...! (Iracema fica parada no meio da sala e olha ora para um, ora para outro. A Bibi) Menino ou menina? (Falando-lhe em rosto. Voz trágica) Quem sabe se não foi você. Bibi?!

Bibi - Eu? Eu...Quê?

IRACEMA (De Pé no meio da sala olha os dois desconfiada).

CUSTÓDIA - Menino ou menina?

BIBI - Menino? Menina?

CUSTÓDIA (Frenética) - Pois você não disse que ela...?

BIBI - Ela? Não há mais ela. É ele.

CUSTÓDIA (Frenética) - Ele? Que ele? Homem, Bibi, eu não te entendo: Ele quem?

BIBI - Eufêmia.

CUSTÓDIA - Então Eufêmia é ele, Bibi?

BIBI - É sim senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA - O médico examinou... O médico examinou: E daí...?

BIBI - É isso.

CUSTÓDIA - Isso o que?

BIBI - Ela só pode vir para casa ...

CUSTÓDIA - Carregada já sei (Depois de uma volta). Se é por causa do pequeno...

BIBI - Que pequeno?

CUSTÓDIA - Que pequeno?! ... O do infante!

BIBI - E a senhora a dar-lhe com um infame. Que infame!

(Iracema). Vai lá para dentro. Iracema. (Iracema entra à direita desconfiada).

CUSTÓDIA - E agora?

BIBI - Pois a senhora não compreende? (Custódia faz apalermadamente um gesto negativo) Eu vou mandar o meu terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA - Para Eufêmia... Teu terno, esse ... (Sarcástica).

Então Eufêmia há de vir por aí vestida de homem?

BIBI - Naturalmente, porque esse é o traje que ele deve usar.

(Custódia enclavinha as mãos e encara-o boquiaberta. Explicando com mistério).

Dona Custódia. Eufêmia é um erro da natureza, que nos enganou a todos: a senhora, a mim...

CUSTÓDIA - Erro da natureza?... (Donária entra pelo fundo).

DONÁRIA - Aqui está a vela.

CUSTÓDIA (Irritada) - Deixa-me com essa vela. rapariga!

DONÁRIA (À parte) - Credo! (Entra à esquerda colocando de passagem o fone no rancho).

BIBI (Misteriosamente) - Papai acaba de comunicar-me que Eufêmia é homem.

CUSTÓDIA (Num jato) - Seu pai perdeu a cabeça. (Ameaçando-o com os punhos) Então, minha filha?

BIBI - É homem.

CUSTÓDIA (Num jato) - Seu pai perdeu a cabeça. (Ameaçando-o com os punhos) Então, minha filha?...

BIBI - É homem, tanto que, para voltar à casa, faz questão de um terno, como não há outro vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.

CUSTÓDIA (Gira, girando atordoada) - Não. Não é possível!

Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufêmia... Isso é lá possível! (Chamada ao telefone. Bibi adianta-se as Custódia toma-lhe a frente)

Não! Eu mesmo falo. (Ao telefone) Quem fala? Aqui é Custódia Arrobos. (Interrompendo) Não seja malcriado, sabe!?! (Desliga).

BIBI (Escapelando-se) - Que hei de eu dizer aos meus íntimos...! Com que cara vou eu aparecer em público! ... Isto vai ser um escândalo!

CUSTÓDIA - Mas como foi?

BIBI - Sei lá como foi (Chamada ao telefone. Custódia acode).

CUSTÓDIA - Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah, o Dr....

Então, Dr.? (Pausa. O espanto vai pouco a pouco descompondo-lhe o resto). Mas não é possível, Dr. O senhor viu bem? Mas... Não sei, Dr.... Só se foi coisa feita.

Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calculo! Está inconsolável! Sim, senhor. (Desliga e fica apatetado, os braços caídos ao longo do corpo, meneando com a cabeça, desoladamente).

BIBI - Então, D.Custódia? (Ela encara-o com ar de idiota).

Está convencida?

CUSTÓDIA (Acena negativamente com a cabeça; depois de uma pausa) - Olhe, Bibi, eu vou fazer cinquenta e dois anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (Bate com as mãos nas faces. Outro tom) E agora? Que vou fazer de toda essa roupa que ele tem aí?

BIBI - Ora a roupa...! A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim,... Vou mandar-lhe o terno.

CUSTÓDIA - É... Que remédio! Está lá teimando - que não vem! Que não vem. Manda Donária levar.

IRACEMA (Entrando pela direita com um embrulho. A Bibi) Está aqui o pijama de papai. (A Custódia) Então ela operou-se mesmo?

CUSTÓDIA (Depois de a encarar com ar atoleimado) - Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disso, é que, de j hoje em diante não me fio em mais ninguém.

IRACEMA - Nem em mim, D.Custódia? (Bibi entra à direita com o embrulho).

CUSTÓDIA - Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha ... (Persignando-se) Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... Bumba! Homem. Eu sei lá! (Entra à esquerda gesticulando. Iracema senta-se junto à mesa folheando distraidamente as revistas. Donária aparece ao fundo, seguida de Augusta que traz uma bolsa de couro).

DONÁRIA - Hué! Minh'ama não está aí? Está, D.Iracema?

AUGUSTA (Dirigindo-se para Iracema de mão estendida muito lampeira e saracoteado) - A senhora! Então como vai! Não sabia que estava por cá.

IRACEMA (Friamente) - Como vai a senhora, D. Augusta?

AUGUSTA - Rolando... (Fazendo-lhe mimos) ... Cada vez mais bonita, benza-a Deus! (Põe a bolsa numa cadeira) Já sei que veio tratar do enxoval, hein? (Iracema encolhe os ombros com indiferença) - Quando chegou?

IRACEMA - No sábado.

AUGUSTA - Está aqui mesmo?

IRACEMA - Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.

AUGUSTA - Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recebi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza!

Rendas, bicos, crivos, labirinto, até nhanduti. E barras de saias, golas, cabeções, lenços... Tenho vendido muito. Já viu as rendas de fibra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual.

(Faz menção de abrir a bolsa. Iracema detém-na).

IRACEMA - Não, D. Augusta; depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

AUGUSTA (Tirando do bolso um vidro de sais) - Cheire isto.

É um santo remédio. (A Donária) Donária, minha negra, você é capaz de arrancar-me uma xiorinha de café?

DONÁRIA - Pois não, D. Augusta.

BIBI (À direita chamando) - Donária!

DONÁRIA - Senhor? (Entra à direita).

AUGUSTA - Pois é verdade... (Pausa) Venho da casa de uma freguesa. Estou estrompada. Ah! menina, ... Esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio, tenho de fiar; uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... É automóvel, Municipal, festas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcaria de vinte e cinco mil réis é um horror para a gente receber. Só em passagens de bonde tenho gasto mais do que fiei. Vou lá, bato e é aquela certeza: "Não está. Está no banho." Há dias fui lá de manhã, veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para S. Paulo. À tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu, fiz que não vi. (Insistindo com o vidro de sais). Cheire um pouco. (Iracema aceita. Donária com um embrulho atravessa a cena da direita para o fundo por onde sai a correr). A senhora sofria de enxaquecas? (Anima-a).

IRACEMA - Às vezes.

AUGUSTA - Isto é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Por que não experimenta? (Com malícia). E olha, na sua idade os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido, ali na Praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto.

IRACEMA (Aborrecida) - Não penso em casamento, D. Augusta.

AUGUSTA (Com enlevo) - É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há na da melhor este mundo.

IRACEMA - A senhora é casada? (Augusta faz tristemente com a cabeça um gesto negativo). Viúva? (Mesmo gesto). Como sabe então?

AUGUSTA (Com um arrancado suspiro) - Por informações, meu bem Perdi o meu tempo de moça em maluquices.

Não conheci o mundo. Que quer a senhora? E não me faltaram partidos e bons!

Mas tanto escolhi, tanto escolhi, que aqui estou. A vida era boa e eu não senti o tempo, que é como um morcego que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.

IRACEMA - Nem por isso, D. Augusta. A senhora também não está tão velha assim.

AUGUSTA - Ora, coraçãozinho... Não estou velha... Eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da rua - não se enxerga o porcaria - andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... Mas eu, pois sim. (Puxando a pálpebra inferior de um dos olhos). Eu vejo longe! Comigo não há lambanças. O que ele queria sei eu: mais isso!!! (Tocando com a mão espalmada ora numa espádua ora noutra). Pra cá, mais prá cá! Não, que me tem custado! (Custódia entra pela esquerda amuada. Augusta levanta-se com alvoroço e vai-lhe ao encontro).

CUSTÓDIA (Friamente) - Como está, D. Augusta? (A Iracema)
Falaram para cá?

IRACEMA - Não senhora.

AUGUSTA - trouxe a sua encomenda.

CUSTÓDIA - Que encomenda?

AUGUSTA - Para o enxoval da menina.

CUSTÓDIA - Ah! (Fica um momento como alheada e de repente)
Olha, D. Augusta: o dito por não dito, eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.

AUGUSTA (Ressentida) - A senhora parece que está sentida comigo, D. Custódia.

CUSTÓDIA - Sentida? Não, D. Augusta.

AUGUSTA - Nem tem razão. Bem sabe que, negócios à parte eu fui sempre sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

CUSTÓDIA - (Falando à-toa) - É verdade.

AUGUSTA - Pois então?

CUSTÓDIA - É... Mas... (Desorientada) Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora há de pensar que é mentira. A senhora está me vendo aqui, assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...

AUGUSTA - Mas que tem?

CUSTÓDIA - Que tenho? Eu sei lá, D. Augusta.

AUGUSTA - Não será algum embaraço no estômago (Bibi aparece à porta da direita de pijama e estaca ao ver D. Augusta. Faz um sinal de cabeça à Iracema a perguntar quem é).

IRACEMA - Entra. Não faz mal. é D. Augusta. (Bibi adianta-se

com acanhamento).

BIBI - Não repare.

AUGUSTA - Reparar em que? O senhor está tão bem. (A Iracema). É seu irmão, não?

IRACEMA - Sim, senhora.

AUGUSTA - Ora, com cerimônias... Pois não está decente?

Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.

IRACEMA - De pijama?

AUGUSTA - Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.

CUSTÓDIA (Baixo a Bibi) - Você já mandou a roupa, Bibi?

BIBI - Já, sim, senhora.

CUSTÓDIA - E agora, com esta mulher metida aqui... Como há de ser? Esta é uma língua!

BIBI - Que se há de fazer! (Outro tom). Mas eu ainda não acredito, D. Custódia, só vendo.

CUSTÓDIA - E eu, Bibi.

AUGUSTA - Mas então, D. Custódia, quer ver ou não as rendas para a menina.

CUSTÓDIA - Que menina?

AUGUSTA - Sua filha...

CUSTÓDIA (Com um muxoxo) - Pois sim... (Iracema levanta-se e vai debruçar-se à janela. Bibi bate um cigarro na mesinha, tira a caixa de fósforos do bolso, mas fica como esquecido. Augusta interdita sem compreender os modos misteriosos dos que a cercam, olha para um, para outro. Custódia passeia nervosamente pela sala, estriçando os dedos, vai ao telefone como para falar, detém-se diante do aparelho e, eungando os ombros, torna à sala. Augusta disfarça o seu mal-estar abrindo a bolsa e examinando-lhe o conteúdo. Rumor fora. Movimento na sala).

DONÁRIA - (Aparecendo ao fundo, esgazeada) - Minha ama!

(Vai a Custódia, pronta a falar, esta, porém, impõe-lhe silêncio com um gesto. Falando-lhe em seguida). Sinhá passou debaixo do arco da velh, minha ama. (Clemente aparece ao fundo e, logo em seguida, Eufêmia, vestindo o terno de Bibi. Espanto mudo).

CLEMENTE (À porta do fundo, solene). Ecce homo!!!

IRACEMA (Rindo) - Que é isso, gente?

CUSTÓDIA (Atirando-se para Eufêmia de braços aberto) - Minha filha!

EUFÊMIA (Solene) - Filho, mããe, filho.

AUGUSTA - E não é que ela fica bem assim?

EUFÊMIA (Arrogante) - Ela, quem?

AUGUSTA (Sorrindo enleada) - Quem há de ser?

EUFÊMIA - (Com superioridade) - Ele, minha senhora. Eu sou ele. Dela restam-me apenas os cabelos que vou mandar cortar hoje mesmo. (A Clemente) Onde é o seu cabelereiro, padrinho?

CLEMENTE - Eu corto por aí...

EUFÊMIA - Isto é a corrente que me prende à outra vida. (Mete furiosamente os dedos pelo penteado soltando os cabelos que se lhe despenham pelas costas sacudindo a cabeça triunfante). Enfim! (A Donária) Vai à esquina e dize ao cabeleireiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.

CUSTÓDIA (Enérgica) - Nunca! Isso nunca!

EUFÊMIA (Tranquilamente) - Vai Donária.

BIBI - Eufêmia!

(Eufêmia fulmina-o com um olhar furibundo).

IRACEMA - Sinhá!

EUFÊMIA (A Donária com gesto imperativo) - Vai!

AUGUSTA (Baixo a Custódia) - Se foi promessa, D. Custódia... Tenho uma freguesa...

CUSTÓDIA - Qual promessa, D. Augusta! Deixe-me pelo amor de Deus!...

DONÁRIA (Hesitante) - Mãe, então...

EUFÊMIA - Vai Donária e que venha já. (Donária sai pelo fundo).

AUGUSTA - (À parte) - Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, no hospício.

EUFÊMIA - A vida agora sorri-me. (A Iracema). Não imaginas o que é isto, cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre enfim. (A Bibi) Dá cá um cigarro. Os meus ficaram no saco. (Bibi dá-lhe um cigarro e acende-o). Obrigado.

CUSTÓDIA (deixando-se cair num sofá) - Eu não digo? Ninguém acredita.

AUGUSTA (À parte, pasmada) - Fumando! Como está este mundo! (pausa) Rio de Janeiro, quem te viu e quem te vê.

CUSTÓDIA (Corre a Clemente e diz-lhe baixo, escandalizada) - Compadre, tenha paciência... Veja se leva D. Augusta lá para dentro. Eu já não tenho cara...

IRACEMA (Muito meiga, estendendo os braços a Eufêmia) - Sinhá!

EUFÊMIA (Afastando Iracema) - Iracema, cavou-se um abismo entre nós: tu és uma; eu sou outro. O passado morreu para nós.

BIBI - E eu? Afinal que papel represento nisso tudo?

CLEMENTE (Baixo a Custódia) - Pois não... (A Augusta) Desculpe-me, D. Augusta, mas a senhora não podia esperar um minuto lá dentro, só enquanto resolvemos aqui uma questão de família?

AUGUSTA - Não. Eu vou indo. Já é muito tarde e tenho que ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesa. (Misteriosamente) Mas diga-me uma coisa. (Apinha os lábios indicando Eufêmia) Cabeça virada, não?

CLEMENTE - Cabeça? Não senhora: coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou!

AUGUSTA - Então que foi? (Clemente fala-lhe em segredo. Augusta recua formalizada). Senhor?! Eu sou donzela, sabe? (Toma a bolsa e vai despedir-se de Custódia muito digna) D. Custódia... (Voz lacrimosa) A senhora conhece-me: sou pobre é verdade, mas honrada. Não admito que me faltem com o respeito. Isso não!

CUSTÓDIA (Espantada) - Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, D. Augusta?

AUGUSTA - Aquele senhor, sua filha... Todos enfim. (enxugando as lágrimas).

TODOS A UM SÓ TEMPO - Eu!!!

AUGUSTA - Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi, nunca!

CLEMENTE (Batendo no peito) - Eu?!

CUSTÓDIA (Baixo a Clemente em tom de reproche) - Sempre a boca suja, compadre. O senhor não se emenda.

CLEMENTE - (Indignado) - Boca suja! Perdão... (A Augusta) que disse eu? Eu sou pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta diante de todos.

AUGUSTA - O senhor não repete!

CUSTÓDIA - (Baixo a Clemente) - Olhe as meninas, compadre!

AUGUSTA - Não é capaz!

CLEMENTE - Não repito?

AUGUSTA - Não repete!

CLEMENTE - Ora essa! (Furioso). O que eu lhe disse é a pura verdade. Tão pura como essa luz que nos alumia. (A Eufêmia). Você que é, menina? Diga aqui a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?

EUFÊMIA - Homem!

AUGUSTA - (Depois de relancear por todos o olhar airado, tomando estabernadamente a bolsa) - Sabem que mais, eu não me presto a debiques. Troças comigo, não (Espanco geral). Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, D. Custódia. Não mereço, não. (Caminha para o fundo meneando com a cabeça um gesto negativo).

CUSTÓDIA - Mas acredite, D. Augusta... É a pura verdade.

AUGUSTA - Acreditar em que, D. Custódia. Então eu sou tola?

CLEMENTE (Dirigindo-se para o fundo) - Mas... Minha senhora.

IRACEMA (Mesmo jogo) - D. Augusta...

CUSTÓDIA (Andando de um lado para outro, desolada) - Eu não digo !

Bibi - D. Augusta...

EUFÊMIA (Encolhendo os ombros) - Não quer acreditar, melhor. (Augusta sai)

BIBI - Realmente...

CLEMENTE (Irritado) - Está danada, porque perdeu uma freguesa, e atira a culpa pra cima de mim. É boa.

CUSTÓDIA (Dando de mão diante dos olhos) - Ninguém acredita... Ninguém !

(Senta-se com os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos)

EUFÊMIA (Sentando-se de pernas cruzadas) - Mas afinal o que há nisto de extraordinário?

CUSTÓDIA - Olha Eufêmia... Seja como for o melhor é você ficar como está. Você tem vivido até hoje assim, por que há de mudar? Isto vai ser uma atrapalhação para todos...

EUFÊMIA - Como, atrapalhação?

CUSTÓDIA - Pois então ! Todo mundo conhece-te como Eufêmia, e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e a outros que não és mais Eufêmia? Ponha o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... Ninguém toma a sério uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se... (Olha enternecidamente para Bibi. A Clemente) Não acha, compadre?

CLEMENTE (Fugindo à questão) - Isso agora, comadre... É lá com eles.

EUFÊMIA (Levantando-se de ímpeto) - Casar-me com Bibi? Eu? só digo que ainda perco a cabeça nessa barafunda.

CLEMENTE (Atarantado) - E esta menina aqui a ouvir estas coisas... (A Iracema, acariciando-a). Vai lá para dentro, filhaota.

IRACEMA (Ingenuamente) - Ora, por que? Que pensam então? Eu sei tudo.

CLEMENTE (Aterrado) - Sabes tudo!

IRACEMA (baixando os olhos) - Então, e não é de hoje.

CLEMENTE (Agarrando-a por um braço) Hein?

CUSTÓDIA - Como? (Com as mãos na cabeça, à parte). Virgem!

IRACEMA - Sinha nunca teve segredos para mim.

CLEMENTE - Mau, mau! (Severo) Tu... Então? (Aceno afirmativo de Iracema. A Custódia). Sua filha, minha senhora... Ou filho...

CUSTÓDIA - (Enfezada) - Olhe, compadre, quer saber de uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (A Eufêmia, amuada). Você faz lá as suas maluquices e sou eu que pago.

EUFÊMIA - Que maluquices?

CLEMENTE (A Eufêmia com voz soturna) - A senhora... E senhor!... Ah! Mas eu vou por essa história em pratos limpos.

EUFÊMIA - Mas afinal... Que há?

IRACEMA - Eu dei a entender a Bibi.

BIBI - A mim?

IRACEMA - Sim, senhor. Mais de uma vez.

BIBI - A mim, não. Tu nunca me disseste nada.

CUSTÓDIA (De mãos postas à parte) - Que vergonha, meu Deus!

IRACEMA - Como não disse?

CUSTÓDIA - E por que não me disseste, a mim?

CLEMENTE - E a mim?

IRACEMA - Ora... Porque... Porque os senhores faziam questão do casamento, fosse como fosse. Mas a Bibi, eu disse. Se ele teima é porque quer. (A Bibi) Então eu não te disse mais de uma vez que Sinhá não gostava de ti? Não disse?

BIBI (Aparvalhado) - Sim... Isso disseste.

EUFÊMIA (Intervindo) - Perdão... Expliquemo-nos.

CLEMENTE (Desassombrado) - Mas então é isso que sabes? Que ela...

EUFÊMIA - (Imperativa) - Ele!

CUSTÓDIA - Deixa minha filha, é o costume...

CLEMENTE (Insistindo)... Que ela! (A Eufêmia) Eu refiro-me ao passado! (A Iracema)... Que ela não gostava de Bibi?

IRACEMA - Pois então. (Clemente respira desafogadamente) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de pagode.

EUFÊMIA - (Muito grave) - Enganas-te, Iracema. Isto é tudo que há de mais sério nesta vida.

IRACEMA (sorrindo com intenção) - Pois sim. (Outro tom) Eu quero muito bem Bibi. Mas acho que Sinhá tem razão. Uma moça que se casa contra a vontade, não pode ser feliz. Eu cá penso assim.

CUSTÓDIA (Baixo a Eufêmia, esperançada) - Mas então por que não te queres casar com Bibi?

EUFÊMIA - (Superiormente) - Não, mãe.

CUSTÓDIA - Então, por que é?

EUFÊMIA - É porque é mesmo.

DONÁRIA (Aparecendo ao fundo) - Já dei o recado. Se Batista vem aí.

CUSTÓDIA - Que Batista?

DONÁRIA - O barbeiro da esquina.

CUSTÓDIA - O que vende o bicho? Quem vem ele fazer aqui?

DONÁRIA - Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?

CUSTÓDIA - (Com um muxôxo) - Ora!

DONÁRIA (De trombas) - Eu faço o que mandam. (Sai pelo fundo resmungando).

CLEMENTE (Que tem estado a matutar a um canto, à Custódia, gravemente) - Comadre, a senhora dá-me uma palavra em particular?

CUSTÓDIA (Intrigada) - Pois não, compadre. Aqui mesmo?

CLEMENTE - Não, é melhor lá dentro.

CUSTÓDIA - Pois vamos, estou às suas ordens. (Custódia e Clemente entram à esquerda).

IRACEMA (Baixo a Eufêmia) - A mim é que você não me engana. (Entra à direita rindo).

BIBI (Depois de espiar a todas as portas planta-se diante de Eufêmia e exclama com desafogo) - Enfim... Sós...

EUFÊMIA - Dá cá outro cigarro, Bibi.

BIBI - Não. Agora não. Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isso não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá é uma coisa séria.

EUFÊMIA - De acordo. Muito séria. É a base da família, o princípio fundamental da sociedade etc., mas dá cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente. (Bibi dá-lhe um cigarro) Fósforo. (Bibi atende. Depois de acender o cigarro, cruzando a perna). Muito bem, estou às tuas ordens.

BIBI - (Cruzando os braços e encarando-a severamente) - Que queres tu dizer? Como pilhéria, acho-a de mau gosto. Tens alguma queixa de mim? Com franqueza?

EUFÊMIA - Eu? Não, por que?

BIBI - Então que quer dizer isso? Explica-te.

EUFÊMIA - (Severamente) - Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que somos incompatíveis.

BIBI - Incompatíveis?

EUFÊMIA - Incompatibilíssimos. (Com severidade). Bibi, durante dezoito anos, vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo. Por mais que eu dissesse como... Não me lembro a quem: "il y a quelque chose là", ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer crochê, puseram-me em uma escola de meninas, e eu... (De repente) Conhece a história do Patinho Torto?

BIBI - Não.

EUFÊMIA - Eu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma idéia. (pondo-se à vontade). Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes, e sentindo-se a rainha deles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "Oh, que achado!" E foi como se houvesse entrado em uma maternidade, compreendes? (Aceno afirmativo de Bibi). Os patos, porém, sentindo um inimigo, levantaram tamanha granada, que os cisnes abalaram em alvoroço... E com eles, a Rainha-mão. A pata, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos, sem dar tento em mais um que ali aparecera... E chocou-os... No tempo próprio, saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado, e com tão comprido pescoço, que se tornou, desde logo, vítima dos remos não só dos patos adultos, como dos próprios irmãos... Como direi, leite, não... de choco. Apelidaram-no O Patinho Torto. Pois meu caro, o monstrengo não era mais nem menos, que um cisne e só deu por isso quando, fugindo à percepção dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se, um dia, no lago entre outros cisnes. Vendo-os e comparando-se com eles, ficou surpreendido com a semelhança, compreendendo então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça, que não tinham os patos. (Levantando-se com ar pimpão) Pois, meu caro Bibi, a minha história, é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

BIBI - Como?

EUFÊMIA - Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dictérios, que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos bares, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horríveis, meu velho. (Encarando-o). Olha que tens mau gosto. Apaixonar-se por um homem, por uma tipa como eu era... Só mesmo tu.

BIBI - Pois eu...

EUFÊMIA - Homem, cala-te! Um dizia que eu era feito, ou feita a machado. Outro, que não tinha gosto, que era abrutalhada. Que estava muito boa para ir para a guerra, responder aos quatrocentos e vinte boches. Riam-se de meu buço. Achavam-me sem modos, e no Fluminense, quando eu torcia... Não te digo, estive uma vez vai não vai a quebrar a cara de um sujeito, um tal que espicha os olhos muito delambidos para as arquibancadas, para ver...

BIBI - Sei, o homem das pernas.

EUFÊMIA - Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa, o bacamarte... No outro sexo era esse seu criado, o Patinho Torto, cisne como tu e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão à frente.

BIBI - Mas... E o atestado?

EUFÊMIA - Que atestado?

BIBI - Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... Passaparte e declaração pública. Se a gente, para mudar de nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.

EUFÊMIA - Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... Compreendes que, com a mudança, tendo passado de pato ou pata à cisne, o nosso casamento é impossível. Conitnuemos com bons amigos, e as confidências que eu dantes fazia a Iracema, farei doravante a ti.

BIBI - Qual... Eu não me conformo!

EUFÊMIA - Não te conformas? Essa agora!

BIBI - Não, Sinhá, eu... (Intrigado). Como diabo eu hei de chamar-te agora?

EUFÊMIA - Chama-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos por enquanto esta: Eufêmia & Cia., em liquidação.

DONÁRIA - (Aparecendo ao fundo). Sinhá, seu Batista está aí.

EUFÊMIA - Entre, seu Batista.

BATISTA (Aparece ao fundo com um embrulho e vendo Eufêmia de traje masculino, com os cabelos soltos, deixa cair o embrulho e pasma estatelado.) - Oh!

EUFÊMIA - Não se espante, seu Batista. E lavre lá um tento, porque arranjou mais um freguês de barba e cabelo.

BATISTA (Hebetado) - De barba... Barba?

EUFÊMIA - O caso é simples: como nasci muito enfezadinho, mãe fez promessa de vestir-me de mulher até eu completar dezoito anos. Terminando hoje o prazo do voto, reintegro-me no meu sexo, que é o masculino, com todas as honras, e sem esta cabeleira, que o senhor vai deitar abaixo agora mesmo.

BATISTA - Ah! bem... Compreendo... Então, dezoito?

EUFÊMIA - Dezoito. Vamos entrando. (A Bibi). Espere-me aqui um instante. Tens aí o último número de "D. Quixote". Ri à vontade. Vamos, seu Batista. (Entra à direita. Batista acompanha-a mas Donária detém-no à porta).

DONÁRIA - Olha aqui, seu Batista, o senhor aceita duzentos réis na dezena e duzentos réis no grupo?

BATISTA (Sorrindo maliciosamente) - Dezoito, não? Cachorro e porco. (Consulta o relógio).

DONÁRIA - O senhor é ladino!

BATISTA - Pudera! Com um palpitão destes, vá lá. (Entra à direita).

DONÁRIA (depois de um momento) - Seu Bibi, ainda que mal lhe pergunte, o senhor acredita nessa história de Sinhã?

BIBI - Sei lá, Donária.

DONÁRIA - Pois olha... Eu é porque não sou línguaruda, mas sempre desconfiei...

BIBI - Tu? O que?

DONÁRIA (Misteriosamente) - Olhe, seu Bibi, neste mundo cada um sabe de si e Deus de todos. (Batendo na boca). Cala a boca, Donária.

(Sai pelo fundo seguida pelo olhar suspeito de Bibi).

PANO

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(Ao levantar-se o pano ouve-se a voz de Donária cantando, à direita, fundo, a Canção do Soldado Paulista". Bibi caminha pela sala preocupado, gesticulando; para d'olhos altos, carrancudo, como em meditação e, falando consigo, continua a perlongar a sala. Batista sai da direita com o embrulho, faz cumprimento a Bibi, que não corresponde alheado de tudo, e sai pelo fundo à direita. Custódia entra vagarosamente pela esquerda, sombria, detém-se junto à mesa mexendo distraidamente nos jornais; por fim, arrancando do peito um suspiro angustioso, senta-se no sofá, cabisbaixa com as mãos espalmadas nas coxas).

DONÁRIA (No interior, à direita) - Adeus, seu Batista. Olhe a minha encomenda, hein? Na dezena e no grupo. (Eufêmia de cabelo cortado entra pela direita triunfante com uma trança na mão).

EUFÊMIA - Livre, enfim!... (Bibi ao dar os olhos em Eufêmia cai em uma cadeira como fulminado, balbuciando em voz quase extinta).

BIBI - Sinhá!

CUSTÓDIA (Levanta os braços horrizada e deixa escapar um grito) - Misericórdia!

BIBI - Que fizeste, Sinhá!

EUFÊMIA - Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.

CUSTÓDIA - E agora, menina?

EUFÊMIA - Agora, vou desfraldar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo.

CUSTÓDIA - Que pavilhão, filha de Deus?...

EUFÊMIA - A barba! A Sensão levou a tesoura as forças; a mim, fê-las vir... (Ufano). Agora sim: sou gente! (Sopesando a trança). Não pesam tanto os grilhões a um galé como me pesava esta ignomínia. Vou lançá-la ao fogo!

(Encaminha-se resolutamente para o fundo. Custódia toma-lhe a frente arrancando-lhe a trança da mão).

CUSTÓDIA - Nunca! Quimá-la... Nunca! (Contemplando a trança com enlevo). É preciso não ter coração. (Desata a chorar abraçando-se com a trança e cobrindo-a de beijos frenéticos). Ah! minha trançinha querida! Trança do meu coração! Que sina a tua!

EUFÊMIA (Passando o braço pelos ombros de Custódia) - Coragem, mamãe!

BIBI - (A Eufêmia, baixinho) - Mas então... Tu...?

EUFÊMIA (A Bibi) - Então... Que? (A Custódia). Levante as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que ele acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança e eu, ou antes: nós, lucrámos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso doravante, tomando a direção dos nossos negócios que por falta de um pulso, iam por água abaixo.

CUSTÓDIA - E tu tens jeito para homem, Sinhá, tens?

EUFÊMIA - No principio é natural que me atrapaihe um pouco, mas hei de aprender, descanse. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!

CUSTÓDIA - Pois sim, vai querendo! Mas queira Deus que não te saia o trunfo às avessas. Se fosse só querer... Enfim... Isso é lá contigo. (Outro tom) E o mundo? Que dirão por aí esses diabos que falam de tudo?

BIBI - (Meneando a cabeça) - É nisso que eu penso.

EUFÊMIA - Falam enquanto não se lhes tapa a boca, mamãe; mas eu tenho rolha, não se incomoda. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes não vai para diante. Lembre-se da fábula do camponês e o filho. Que me importa a mim o mundo!

CUSTÓDIA - Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir boa por aí.

BIBI (Esticando o beijo) - E eu!

EUFÊMIA (A Custódia) - Se eu, quando era mulher não aturava desaforos, quanto mais agora. Que se metam comigo! (A Bibi) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque eu não te queira, e muito! que retiro a minha palavra, mas tu compreendes: Dois bécudos não se beijam.

BIBI - Sim. Se é verdade o que dizes?

EUFÊMIA - Pois ainda duvidas?

CUSTÓDIA - Sendo assim, ainda mesmo que ela quisesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro, diz o ditado. O remédio agora... Nem eu sei mesmo. (Hebetada) Nunca vi uma coisa assim. Até pareça feitiço, palavra!

BIBI - Papai está lá dentro?

CUSTÓDIA - Está.

BIBI - Com licença (Entra à esquerda).

CUSTÓDIA (Seguindo Bibi com um olhar piedoso; penalizada) - Ai! Meu Deus! Pobre rapaz! Tanta coisa, tanta coisa p'ra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça. Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem isso no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é bom pensar. (Eufêmia repuxa as calças remexendo-se como incomodada). Que é? Que é que tens?

EUFÊMIA - São as calças.

CUSTÓDIA - Eu não digo?! Tu não vai lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! são dezoito anos de saias, a gente habitua-se.

EUFÊMIA - Não, mamãe!... Isto agora ou vai ou racha!

CUSTÓDIA - Que é isto, menina!

EUFÊMIA (Dando um forte safanão às calças) - É o que lhe digo. (Outro tom). Mas afinal... A senhora queria dizer-me alguma coisa.

CUSTÓDIA - Sim... É... É uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... Francamente... Não está em mim. Eu só falei à vontade com um homem neste mundo e esse Deus lá o tem na sua glória.

EUFÊMIA - Mas eu sou seu filho, mamãe.

CUSTÓDIA - É... Mas... Não sei... Enfim... Façamos de conta que ainda és Eufêmia.

EUFÊMIA - Pois sim, mas só na intimidade. Para a senhora, muito bem. Para os mais Eufêmia morreu. (Custódia persigna-se superticiosamente). Fale. Que há?

CUSTÓDIA (Vexada) - Foi o compadre que me disse. E ele tem razão, isso tem. Este mundo é de maldade. Afinal de contas vocês viviam sempre juntas. (Atrapalhada). Eu mesma não sei.

EUFÊMIA - Mamãe quer falar de Iracema?

CUSTÓDIA - É...

EUFÊMIA (Muito digna) - Iracema foi sempre para mim uma irmã.

CUSTÓDIA - Eu sei. Mas o mundo, minha filha... O mundo, você sabe, tem a boca muito grande.

EUFÊMIA - Ora, o mundo!...

CUSTÓDIA - Não, é "ora"! não. O compadre diz que vão falar.

EUFÊMIA - Falar?!

CUSTÓDIA - É.

EUFÊMIA - Falar de que?

CUSTÓDIA - Ora, de que... De que é que se fala neste mundo senão da vida dos outros?

EUFÊMIA - Mas mamãe acha-me capaz?

CUSTÓDIA - Eu não. Quem acha é o compadre.

EUFÊMIA - Oh, (Com muito pundonor) Mamãe, eu sou um homem de bem!

CUSTÓDIA - Eu sei, menina... Eu sei. (À parte) Qual! eu não me posso conformar com essa história de homem. Não posso!

EUFÊMIA - (Com um olhar à direita) - Olhe, aí vem Iracema. Interrogue-a.

CUSTÓDIA - Eu?

(Iracema entra pela direita. Ao dar com Eufêmia estaca boquiaberta, emitindo um oh! surdo e oscila amparando-se a um móvel, fica um momento como atordoada d'olhos fechados passando a mão pela fronte. Eufêmia precipita-se para socorrê-la, cinge-a com o braço pela cinta, Iracema abre os olhos, fita-os em Eufêmia, volta depois para Custódia e com um sorriso de desvaio põe-se a passar a mão pela cabeça de Eufêmia entrando a rir nervosa. O riso aumenta, vibra-lhe na garganta, o corpo tomba-lhe hirto nos braços de Eufêmia, que o sustém e o repousa alfin no sofá sobre as almofadas).

CUSTÓDIA - Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para ataques. Qualquer coisinha, é isto.

EUFÊMIA - Onde está o éter, manãe?

CUSTÓDIA - Que éter? Sei lá de éter! Eu não sei de mim, quanto mais... Eu vou mesma é chamar o compadre. (À esquerda, chamando) Compadre!

EUFÊMIA (Procurando despertar Iracema) - Iracema! Ó Iracema!

(Clemente e Bibi entram pela esquerda alvoroçados).

CLEMENTE - Que é?

BIBI (Vendo Iracema desfalecida) - É Iracema com o ataque.

CUSTÓDIA - Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...

CLEMENTE (A Eufêmia) - Homem... Você também... Que pressa? Podia ter esperado mais um pouco para prepararmos o espírito da menina. Isso assim de repente.. (Outro tom). Não há por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?

BIBI - Isto passa. (Iracema move-se lentamente, estica os braços, suspira) Está passando.

CLEMENTE (Vendo Iracema abrir os olhos) - Sou eu, filhota. Então?

CUSTÓDIA - Está melhorando? (Iracema senta-se alquebrada). Queres ir lá para dentro? É melhor. Iiras o colete, ficas à vontade.

(Iracema levanta-se de golpe, atravessa resolutamente a cena e entra pela esquerda seguida de Custódia).

CLEMENTE (Voltado para a esquerda, preocupado) - A pequena é capaz de fazer alguma asneira. (A Eufêmia repreensivo). O senhor! O senhor!

EUFÊMIA - O padrinho suspeita-me de alguma coisa?

CLEMENTE - Eu? Eu acho que isto não está direito. Isto não é sério. A gente é o que é. Um homem é um homem.

EUFÊMIA - E um gato é um bicho.

CLEMENTE - Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi ou casa-se com Iracema.

EUFÊMIA - Como?

CLEMENTE - Como? Ora, como! casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFÊMIA - Hein?!

BIBI - Papai tem razão.

EUFÊMIA - Como tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não saí de uma alhada já me querem meter em outra?

CLEMENTE - Alhada? E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha, não se deixavam: em casa, na rua, dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI - Papai tem razão.

CLEMENTE - Falei à comadre e estamos de acordo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFÊMIA - Dos papéis?!

CLEMENTE - Pois então? Primeiro o restabelecimento da tua idoneidade.

BIBI - Papai tem razão.

CLEMENTE - Depois dos papéis de casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI - Papai tem razão.

EUFÊMIA - (Explodindo) - Ah! Tem razão... Tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é: Papai tem razão... Papai tem razão. Não amoles! (A Clemente). Dêem-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajeito nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE - Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFÊMIA - Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de "back" e hã de ver o fiasco.

CLEMENTE (Sem entender a Bibi) - Que diz ela?

BIBI - É linguagem de futebol.

CLEMENTE - Inglês. Não entendo. (A Eufêmia) Que queres dizer?

EUFÊMIA - Quero dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE - Que treino? Quem falou aqui em treino?

EUFÊMIA - Falo eu, porque querem que eu jogue em uma posição que não conheço.

CLEMENTE - Jogar?...

BIBI - Ela quer dizer: casar.

CLEMENTE - Então casamento é jogo?

BIBI - É gíria de futebol.

CLEMENTE - E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples.

EUFÊMIA - Parece-lhe. Para quem está na arquibancada tudo é simples. Entre em campo e há de ver.

CLEMENTE - Que campo?

EUFÊMAI - Nada.

CLEMENTE - Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma idade e está tudo acabado. Você, com certeza, não está comprometida?

EUFÊMIA - Eu?

BIBI - Estava: comigo.

EUFÊMIA - Você está "off-side".

CLEMENTE - Eu já não me entendo na língua, quanto mais nas estrangeiras. Deixa-te de inglês. (Outro tom). Ora, rapaz... Nós estamos falando sério. Não te metas. (A Eufêmia) Pois é o que eu digo. Uma menina direita, como você foi, não podia comprometer-se. Sendo assim, se você há de andar por aí quebrando a cabeça, casa-se com uma pessoa conhecida.

EUFÊMIA - Pois sim. Mas se eu lhe disser que Iracema não é livre!

CLEMENTE - Não é livre?! Como não é livre?

EUFÊMIA - Sim. O senhor sabe que nós não tínhamos segredo uma para a outra. Conheço o coração de Iracema como conheço o meu. E então?

CLEMENTE - Então... Que?

EUFÊMIA - Como quer o senhor que eu me case com uma menina que deu o coração a outro?

CLEMENTE - A outro? Que outro?

EUFÊMIA - Outro homem.

BIBI - Não é possível!

EUFÊMIA (Severamente) - Eu não minto, Bibi.

CLEMENTE - Que homem?

EUFÊMIA - Um homem.

CLEMENTE - Duvido! Sem licença minha, duvido!

EUFÊMIA - Não lhe posso dizer. É um homem.

CLEMENTE - Ah! É um homem... E você não pode dizer? Muito bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida! (Furioso). Pois eu vou chamá-la! Quero essa história em pratos limpos. (Encaminha-se para a esquerda mas volta-se de repente). De mais, quando esse homem souber que você também é o que é... Só se for mesmo... (A Bibi). Não te parece?

BIBI - É claro!

CLEMENTE - Claríssimo. (A Bibi). Você casava-se, hein? Casava-se? (Gesto negativo de Bibi). Nem eu. (Dá uns passos em direção à porta da esquerda e volta-se repentinamente encarando a Eufêmia). Você diz que precisa fazer não sei o que.

BIBI - Treinar-se.

CLEMENTE - Isso! Pois treine-se à vontade, mas quando acabar de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, como quatro. (A Bibi). Vai chamar tua irmã. Estas coisas decidem-se logo. (Custódia e Iracema aparecem à esquerda).

BIBI - (Que se tem encaminhado para a esquerda, voltando-se) - Aí está ela! (Clemente vai ao encontro de Iracema e a atrai a si, passando-lhe o braço pela cintura).

CLEMENTE - (Muito meigo)- Então, filhota?

IRACEMA - (Lânguida) - Ah! Papai... (Pende a cabeça sobre o ombro de Clemente). Sou muito sensível, perdoa-me. Estes abalos fazem-me tanto mal!!! Vibro que nem sei.

CLEMENTE - Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fia-te em mim que sou o teu anjo da guarda. (Fá-la sentar-se. A Custódia discretamente). Falei, comadre.

CUSTÓDIA (Em voz baixa e ansiosa) - E então?

CLEMENTE (Radiante) - Ora! (Custódia d'olhos em alvo).

CUSTÓDIA - Louvado seja Deus! (Outro tom). Mas olha, compadre, que isto seja breve, porque pode vir por aí outra história e eu já não posso comigo.

CLEMENTE - Sim, sim... Nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.

CUSTÓDIA - Que noivos?

CLEMENTE - Que noivos!? Bibi e... Eufê... (Caindo em si). Homem, tem razão; é o hábito, comadre. Veja se os leva daqui, porque preciso conversar com a pequena.

CUSTÓDIA - Pois não. (Chamando). Sinhá! (Eufêmia voltando-se). Você não ouve? Bibi! (Voltando-se, dirigindo-se para o fundo). Venham cá dentro um instante. (Os três saem pelo fundo, à esquerda).

CLEMENTE (Esfregando as mãos) - Pois é verdade, filhota. Está tudo arranjado.

IRACEMA - Tudo, que?

CLEMENTE - O teu casamento.

IRACEMA (Com espanto) - Meu!?!...

CLEMENTE - Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.

IRACEMA (Pondo-se vivamente de pé) - Meu casamento?! Com quem?

CLEMENTE - Com quem há de ser? Com Sinhá.

IRACEMA - (Com sinais de assombro) - Com Sinhá! Papai está louco!?! Casar-me com Sinhá! (desata a rir).

CLEMENTE - Ris? Pois o caso não é para rir, minha filha, é sério! Muito sério!

IRACEMA (Encarada em Clemente) - Não compreendo.

CLEMENTE - Como, não compreendes?

IRACEMA - Pois Sinhã não é mulher?

CLEMENTE (À parte) - Agora é que são elas!

IRACEMA (Insistindo) - Não é mulher?

CLEMENTE - Foi.

IRACEMA - Foi?!

CLEMENTE - Sim: foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA - Passou por ser ... Cada vez entendo menos.

CLEMENTE (Puxando-a para si) - Olha, senta-te aqui. z (Sentam-se no sofá. Falando paulatinamente). Quando Sinhã nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A pobrezinha veio ao mundo de tudo. Tanto que a ama de leite que lhe deram, era uma negra retinta. Pois bem, a comadre, vendo-se só, sem o amparo de um homem - porque você sabe; um homem é tudo em uma casa - pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob as suas vistas era fazê-lo passar por menina. E assim fez. Se ela lhe dissesse que era menino, ele havia de querer andar solto, em companhia doutros, fazendo travessuras pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonecas, a sua cestinha de costura, e etc.

E assim cresceu Sinhã certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam, como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA - Mas...

CLEMENTE - Bem. Com a idade, você compreende, começaram a aparecer certas manifestações como, por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro e etc...etc...etc...

IRACEMA - Mas, se D. Custódia sabia que Sinhã era homem, como consentiu o casamento dela com Bibi?

CLEMENTE - Como? Ora, como... (De repente). Por tua causa.

IRACEMA - Por minha causa?

CLEMENTE - Sim, por tua causa. Inteligente, como é, Sinhã tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões, sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando várias línguas, recitando em francês, dançando tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo, como ninguém, desse jogo de bola, e possuindo alguma coisa de seu, nós - porque foi combinação minha com a comadre - para evitarmos que algum rapaz, impressionado pelos seus dotes, pedisse-a em casamento, tratamos de por uma pedra no caminho e essa pedra foi...

IRACEMA - Bibi.

CLEMENTE - Justo! Chegou, porém, o dia de revelar-nos o segredo e tudo esclarece-se. Está aí o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.

IRACEMA - E foi o Dr. Patureba?....

CLEMENTE - O Dr. Patureba!?!...

IRACEMA - Sim, esse da casa de saúde? Pois Sinhá não foi lá?

CLEMENTE - Ah, sim... Foi o Dr. Patureba, grande médico.

Um pouco de clorofórmio e ... Pronto! Quando ela abriu os olhos, era ele... (Outro tom). E esse é o esposo que te destinamos, preparado com o maior carinho, como planta de estufa, exemplar único de marido, criado como uma donzela, como tu que és a própria pureza, alegria e o orgulho de teu velho pai! (Beija-a na fronte). E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?

IRACEMA - Papai, não sei.

CLEMENTE - Como não sabes?

IRACEMA - A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.

CLEMENTE - Não queres bem a Sinhá?

IRACEMA - Muito! Mas a Sinhá, a minha amiga de infância?

Dai, porém... A querê-la para marido, vai muito.

CLEMENTE - Não acho. A amizade está muito perto do amor : é só virrar a esquina.

IRACEMA - Preciso ouvir o coração.

CLEMENTE - Mau conselheiro. Enfim... Ouve-o. Mas se breve, este caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (Iracema baixa a cabeça pensativa. Pensa. Medindo a sala a largas passadas, cabisbaixo, de mãos postas). Uma quer treinar-se ou não sei que à inglesa, outra quer ouvir o coração num caso desses de: pão-pão, queijo-queijo.

IRACEMA (De repente) - E que diz Sinhá?

CLEMENTE - Sinhá quer o casamento imediatamente. Assim que virou homem, a primeira coisa que pediu foi a tua mão.

IRACEMA - E Bibi?

CLEMENTE - Ora... Bibi. Bibi era a pedra no caminho.

Foi arredado. A passagem está livre.

IRACEMA (Depois de uma pausa) - Preciso ouvir o coração, papai.

CLEMENTE - Pois ouve-o à vontade. Se queres, eu saio, pode ser que o teu coração ...

IRACEMA - Não. Fique. (Languida) Eu sou de uma sensibilidade, papai...

CLEMENTE - Eu sei. (Consultando o relógio). Mas, não te demores, porque tenho ainda umas voltas a dar na cidade, e faço questão de sair daqui com a tua resposta.

IRACEMA (Indecisa) - Não sei. (Depois de um momento consigo mesma) Perjura. (A Clemente). Sente-se aqui, papai. Sente-se e ouça-me. (Sentam-se. Um momento, poeticamente). Uma noite, era em maio, mês das flores. A lua...

CLEMENTE - Sim. Conheço isso. É bonito, não há dúvida. Mas eu tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.

IRACEMA (Ressentida) - Oh! papai, então não queres ouvir?

CLEMENTE - Quero, quero. Mas sem a lua. E está claro, não achas ?
Que vem fazer a lua de maio, às duas horas da tarde, de uma quinta-feira de setembro ?

IRACEMA - Papai não tem alma.

CLEMENTE - Parece-te. Queres que tenha, alma quando compromisso sério na cidade... (Consulta o relógio).

IRACEMA - Pois saiba, papai, que eu amo um homem, com todas as veras de minha alma. É o astro da minha vida. É a minha Estrela Polar.

CLEMENTE - Algum cometa?

IRACEMA - Seu Desidério.

CLEMENTE (Num salto) - O boticário?

IRACEMA - O boticário... Por que não dizes farmacêutico?

É mais distinto.

CLEMENTE - Ora, menina... Palavra. Sempre pensei que tivesse mais gosto. Um gasnito daqueles, que tresanda a unguentos e cataplasma a um quilômetro de distância. Francamente, Iracema...

IRACEMA - Unguentos e cataplasmas... E o senhor já o ouviu recitar o "Noivado do Sepulcro"?

CLEMENTE - Eu? Quero lá saber de casamento em cemitério!

Casamento é entre vivos como você e Sinhá. Noivado do Sepulcro!

Ora, não me faltava mais nada. (Resoluto). Deixe lá o Desidério com as suas purgas e xaropadas. Eu sei isto o que é. Além dos colonos, não vias outro homem lá em casa, senão o Desidério. E deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.

IRACEMA - Que Eva?

CLEMENTE - A nossa primeira mãe que se casou com Adão.

Porque não havia outro homem no Paraíso. Não, minha filha, deixemo-nos de drogas. Entre um boticário da roça, como Desidério, e um rapaz da cidade como Sinhá, bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, não há que hesitar.

IRACEMA - E a-minha palavra.

CLEMENTE - Ora a tua palavra... Palavras valem pelo peso, palavras levianas são como o fumo que o vento leva.

IRACEMA - E se ele morrer de amor?

CLEMENTE - Qual morrer! Tem muito remédio em casa, que se arranje. (Concludente) E se morrer, enterra-se, e reza-se-lhe uma missa pela alma. (Outro tom). Mas deixemos o Desidério.

Sinhá é o marido que te convém. Demais já está tudo combinado.

IRACEMA (Hesitante) - Não sei. (Um momento, timidamente).

Enfim, só vendo...

CLEMENTE - Como, vendo?

IRACEMA - De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não conheço Sinhá.

CLEMENTE - Não conheces Sinhá? Essa agora...

IRACEMA - Quero dizer, não conheço essa Sinhá... De cabelo cortado, conheço, a outra.

CLEMENTE - Pois é a mesma, mudou apenas de roupa.

IRACEMA - Só?

CLEMENTE - Só. Pois então? (Outro tom). Olha, minha filha, o segredo da felicidade conjugal, não é tão impenetrável como parece. Os noivos para lograra-lo, devem conhecer-se a fundo e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah, por que você me enganou?" "Eu pensei que você era assim ou assado..." São as queixas que se ouvem frequentemente, prenunciando discórdias domésticas. Com vocês não se dará isto. Vocês conhecem-se desde pequenas, criaram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA - (Mordendo o lenço) - É... Mas eu tenho medo.

CLEMENTE - Medo? Medo de que? Então depois de tanto tempo, agora é que você tem medo?

IRACEMA (Põe-se a c-minhar pela sala pensativamente) - Não sei.

CUSTÓDIA (Entrando pela esquerda irritada) - Olhem que é preciso ter paciência de santo!

CLEMENTE - Que é comadre?

CUSTÓDIA - Donária, há mais de meia hora que pedi o café e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que deu. É um desespero. (Andareja enfezada. Clemente aborda-a e fala-lhe em segredo, voltando-se radiante) Como?

CLEMENTE (Em voz baixa) - Conte-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho mas isto...

CUSTÓDIA - Um boticário? Fazendo o que?

CLEMENTE - Recitando o Noivado do Sepulcro.

CUSTÓDIA - Que agouro! É para que?

CLEMENTE - Para casar.

CUSTÓDIA - Estão vendo só! Feitiçaria, não comadre?

CLEMENTE - Sei lá. Varri fora. E está tudo arranjado.

CUSTÓDIA - Posso então abraçá-la?

CLEMENTE - Pois não.

CUSTÓDIA (Indo a Iracema) - Dá cá um abraço, minha filha. (Abraça-se a Iracema e beija-a). Que Deus vos faça felizes. Não é à-toa que se diz que casamento é mortalha no céu se talha. Quem diria que vocês duas, brincando de comadre, com bonecas, ainda haviam de acabar marido e mulher! O que tem de ser, tem muita força, veja lá. (A Clemente). Assim, como assim, ela não sai da família. Era noiva de Bibi, (A Iracema) e casa com você. É a mesma coisa, não acha, comadre?

CLEMENTE - Sem tirar. nem por.

(Eufêmia entrando pela direita, vestindo "peignoir" branco e fumando a grandes baforadas. Assombro de todos).

CLEMENTE (Sarapantado) - Hein! Virou outra vez?

CUSTÓDIA (Exultante) - Minha filha! Minha Sinhá!

IRACEMA (Desapontada) - Ela! (A Clemente) E ele?

CLEMENTE - Sei lá. Essa criatura ora está pelo direito, ora pelo avesso. O diabo que entenda.

EUFÊMIA (Olhando em volta surpresa) - Que há? Que barafunda é esta? (Compreendendo o motivo do alvoroço). Ah, sim... (Sacudindo o "peignoir"). Que remédio! Ainda não estou prevenida. Bibi tem de ir à cidade e pediu-me a roupa e eu, à falta de outra, meti-me de novo nessa frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado. O "Colombo", até agora nada. Decididamente preciso mudar de pelo.

CUSTÓDIA (Enlevada) - Ficas tão bem assim, minha filha. Eu acho até que não te deves vestir de outra maneira, em casa pelo menos. Na rua, enfim... Vá lá... Mas aqui.

EUFÊMIA - Não, mãe. O passado, passado. Não quero guardar lembrança do tempo horrível que vivi no outro sexo. Hom sum!

CLEMENTE - De acordo. Posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, isso não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (Outro tom) Bem, agora outra coisa. (Baixo) Está tudo arranjado.

EUFÊMIA - Tudo!? Tudo o que?

CLEMENTE - O teu casamento com Iracema.

EUFÊMIA - Meu casamento?! Mas isso assim, de pé pra mão, não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano, pelo menos. Se ainda nem roupa tenho. Então é só casar? Estou chegando do outro sexo, ainda em traje de viagem, e já me querem complicar a vida. Não, padrinho, tenha paciência. Embrulho comigo, não.

CLEMENTE - Embrulho... Então você...?

EUFÊMIA - Ora, ouça-me: que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia, que prestasse exame... Digamos; de álgebra, sem uma só lição? Diria com certeza que era um idiota, não?

CLEMENTE - Um asno. Duas matérias tão diferentes.

EUFÊMIA - Pois o meu caso é... Análogo ao que figurei. Eu sou o aluno e o senhor é o lente. (Desabafando) Eu não sei patavina da matéria. Só hoje adquiri o compêndio, e o senhor exige que eu preste exame a muque. Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

BIBI (Entra pela esquerda vestindo o costume com que aparece no I ato e dirige-se a Clemente) - Papai, que alguma coisa da cidade?

CLEMENTE - Eu? Nada. Ah, espera... Os jornais da tarde.

EUFÊMIA - Traz-me dois maços de cigarros, turco-goiano médios. (Bibi vai aos fundos onde as senhoras estão).

CLEMENTE - (A Eufêmia) - Pois bem, dou-te um ano de prazo, a contar de hoje. Para um rapaz inteligente como você, acho que chega e sobra.

EUFÊMIA - Não perdendo tempo, estudando dia e noite, talvez.

CLEMENTE - Sim... Mas cuidadinho, nada de exageros. Olho vivo nos livros e cautela com os cursos. Há por aí alguns que são verdadeiros abismos.

EUFÊMIA - Bibi deve ter prática dessas coisas.

CLEMENTE - Bibi...? Tem tanta prática que resolveu tomar lições particulares. (Outro tom) Pois é isto. Tens um ano a partir de hoje... E sem prorrogação.

EUFÊMIA - E se forma muitas as matérias?

CLEMENTE - Nada de muitas matérias. Não faço questão de diploma. Estuda bem os preparatórios e deixa o mais. Está dito?

EUFÊMIA - Está dito.

CLEMENTE - De hoje a um ano?

EUFÊMIA - Se Deus não mandar o contrário.

CLEMENTE (Desconfiado) - Se Deus não mandar o contrário... (Resoluto) Se Deus mandar o contrário, casar com Bibi. Ah, isso... (Dirige-se para o fundo)

EUFÊMIA - Não há como escapar. Preso por ter cão e preso por não ter. (Dando de ombros) Enfim...

CLEMENTE - Comadre, meus filhos... (Custódia, Bibi e a Iracema descem formando grupo com Clemente. Com solenidade). Acabo de ajustar as bodas para daqui a um ano. Cobinamos o seguinte. Se as coisas se mantiverem no pé em que estão, Sinhã casará com Iracema. Se houver modificação...

CUSTÓDIA - Não, compadre... Credo! Nem é bom pensar nisso.

CLEMENTE - Estou formulando a hipótese. Com sua filha tudo é possível.

BIBI - Souvent femme varie.

CLEMENTE - Nesse caso, casará com Bibi. Seja como for, por faz ou por nefas, de hoje a um ano, far-se-á o casamento. (A Iracema) Contigo ou... (A Bibi) contigo, conforme. (Solene) E agora, que são noivos, abracem-se.

(Eufêmia, que se acha entre Bibi e Iracema, é abraçada por ambos).

CUSTÓDIA (Enlevada) - Assim, é que eu os queria ver.

(Eufêmia e Iracema conversam animadamente à direita rindo. Bibi passeia encasmurrado, fumando)

CLEMENTE - Esperemos, comadre. Quem sabe lê o que o destino nos reserva.

CUSTÓDIA - Ainda!?

CLEMENTE - Por que não? O Mundo dá tantas voltas, enfim... Eles estão prontos para o que der e vier. E que Deus os abençoe.

(Donária entra pela direita com um serviço de café e biscoitos. Bibi é o único que recusa. Continuando no passeio amarrado. Clemente-se senta-se à mesa, chamando a si um prato de biscoitos).

IRACEMA - (A Eufêmia) - Lembro-se, como não? Era uma história que nos contava a Andreza. Mas Patinho Torto, você?... (Ri).

(EUFÊMIA diz-lhe um segredo malicioso, ela encara-o, baixa os olhos disfarçando o vexame)

CUSTÓDIA (Recebendo de Donária uma xícara de café pergunta-lhe baixinho) - Que bicho deu?

DONÁRIA - (De trombas) - Vosmecê ainda pergunta... Que bicho havia de ser? Foi o galo!



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0574, p 236

PARECER Nº 6155 , 84

TÍTULO: O PATINHO TORTO - ou OS MISTÉRIOS DO SEXO

Autor: COELHO NETTO - CONFRONTO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) ANOS

PEÇA TEATRAL - J. I.: HUMOR MALICIOSO/SATIRA DE COSTUMES

ENREDO: Eufêmia, ao completar 18 (dezoito) anos, descobre que é do sexo masculino. Após os conflitos gerados, a família sugere que se o sexo feminino predominasse, Eufêmia casaria com Iracema, porém se fosse o masculino, desposaria o noivo Bibi, irmão de Iracema, mas a jovem transmutada, parece inclinada em manter as duas situações.

CONSIDERAÇÕES: A mensagem e a impressão final levam, através da comicidade, à aceitação das condições dos transexuais.

Assim, é que os diálogos contêm humor com malícia própria do estilo literário da época em que se desenvolve a trama. Os personagens principais mostram-se despidos de preconceitos, quando fica sugerido a união homossexual e heterossexual ao mesmo tempo.

CONCLUSÃO:

Peça liberada por diversas vezes por esta DCDP, para vários grupos teatrais e com diferentes classificações etárias.

O último certificado encontra-se em vigor, até agosto de 1988 e setabelece impropriedade para os menores de 18 (dezoito) anos.

Constatando a identidade do texto, submetido a exame, com o escrito da última censura, opinamos pela manutenção da faixa etária, ou seja, 18 (dezoito) ANOS, levando-se em consideração o que dispõe o art. 10 da Lei 5 536/68 e também que as situações exploradas poderão suscitar interpretações errôneas no público mais jovem.

BRASILIA, DF, 08/10/84

Smt. Maria França Borges
Técnica de Censura
Mat. 2.324.397

TEATRO

TÍTULO "O PATINHO TORTO" OU "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

AUTOR DA PEÇA: "COELHO NETO"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça SCDP/SR/MA

Obs.:

DF. 28 / SET. / DE / 1984

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista a natureza de _____ para o qual os censuras propõem a classificação etária de 18 (Dezoito) anos

Brasília-DF, 10 de 10 de 1984

Em _____ de _____ de 1.9__

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do S.C.,

Conforme o exposto no parecer do último confronto que opina pela impropriedade máxima e, tendo em vista o certificado de censura ainda em vigor até agosto de 1988, retificamos a classificação para maiores de 18 anos.

A consideração superior.

Brasília-DF 10 de 10 de 1.984

J. J. - Sátira de costumes e malícia.
 Joana Silveira Dantas
 Sub. Eventual do Chefe S.C.T.C. DCDP
 Matr. 2.417.075

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-S.

na forma do parecer

Em, 10 / 10 / 1984

Helange M. T. Fernandes
 Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº

246

EMIÇÃO

10 OUTUBRO 1984

VALIDADE

10 OUTUBRO 1989

TÍTULO

"O PATINHO TORTO" OU "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

AUTOR (ES)

COELHO NETO

CLASSIFICAÇÃO

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE

SÁTIRA DE COSTUMES E MALÍCIA

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 Diretora da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: "O PATINHO TORTO" OU "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 246

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: MARIA RAIMUNDA FONSECA FREITAS *SÃO LUIZ/MA*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA
 AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE
 DE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO
 DO PELA DCDP.

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 Chefe do SC /DCDP

ASSINATURA

Brasília, 10 DE OUTUBRO DE 1984.

GRC

1.947/84-SE/DCDP

11 / 10 84

Chefe do SCDP/SR/MA

RIOS DO SEXO"

"O PATINHO TORTO" OU "OS MISTÉ

COELHO NETO

São Luiz

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

9134
DOP



9 ABR 10 25 87 000181

811172DOPFE BR

DE RECIFE NR 023 40 06/03 1645

DCDP/BSA

NR 8/87 SCDP 060287 PT SOL VSA INF PEÇAS TEATS ABRASPAS OS MIS-
TERIOS DO SEXO VG AUT COELHO NETO VG UMA BRASA MORAN AUT BORIS
TRINDADE VG O BALCAO AUT JEAM GEMET VG O SUMIDOURO AUT JORGE
ANDRADE FECHASPAS VG CONF PORT NR 17/78-DCDP PT

SCDP/SR/PE

LDUNQU
R POR
5011725

Recelhi às 16:00
em 09/03/87
mat. 6196636

DOPFE



NNNNXX

INFORMAÇÃO

INFORMAÇÃO ARQUIVO/DCCP

NADA CONSTA EM RELAÇÃO ÀS PEÇAS:

UMA BRASA MORAA
O SUMIDURO

BSB, 9103189
Cláudia
Cláudia Geraldo Voladores
Coord. do Arquivo/DCCP

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
2^a VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data:.....

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/PE

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 128/DCDP de 09 _ 03 _ 87 _____ RERA NR 08/SCDP/PE DE 060287 VG INFO
 PEÇAS "O PATINHO TORTO" OU "OS MISTÉRIOS DO SEXO" LIB DEZOITO ANOS
 CERT VAL 101089 VG J.I. SATIRA DE COSTUMES E MALICIA PTVG "O BALCAO"
 LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 071091 VG J.I. TEMATICA COMPLEXA E CENAS
 DE NU PARCIAL PT NADA CONSTA "UMA BRASA MORA" ET "O SUMIDOURO" PT
 DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

 Raymundo Caspary de Mesquita
 Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-84



02

17 MAR 11 35 001868

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 0319/SCDP/SR/DPF/PE.

Recife, 16 de março de 1987

Senhor Diretor:

Encaminhamos a V.Sª., em anexo, os processos de números 004239, 000743 e 001166, referentes às peças Teatrais: "FLICTS, ERA UMA VEZ UMA COR", "O DEFUNTO" e "OS MISTÉRIOS DO SEXO", liberadas por este SCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª., os nossos protestos de elevada estima e real apreço.

Lúcia de Rivedo Cristofolini
 LÚCIA DE RIVOREDO CRISTOFOLINI
 Chefe do SCDP/SR/DPF/PE., Substituta

Ilmo. Sr.
 CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
 MD. Diretor da DCDP/BSA

BRASÍLIA-DF.

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



Waldemar de Aguiar Ramos

Requerente

_____, Carteira de Identidade 1.348.941

Residente e domiciliado à AV. Cons. Aguiar 2210

Boa Viagem Telefone 3413583, vem

mui respeitosamente, requerer de V.Sa. que se digne examinar, de con-
formidade com as normas censórias vigentes, a (s) _____

Especie

_____ abaixo relacionada (s), de autoria de: Copinha

URSO

"Os Mistérios do Sexo"

Título (s)

Nestes termos,
pede deferimento.

Recife, 27 Fevereiro 1987

Local e Data

Waldemar de Aguiar Ramos

Requerente

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Ardeniva Produções CGC: _____
 Sede: av. Cons. Aquino 2217
 Fone: 3413583 CEP: _____
 Diretor ou Responsável: Rouges Rossini

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Coelho Neto
 pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: Brasileira

3 - PARCERIA

Nome: _____
 pseudônimo _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____

Nome: _____
 pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de (texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Recife 09 Maio 1987

Ass.: Waldemar de Araújo Gomes

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões públicas



S B A T Nº _____

- 01 - A FIRMA: Agência Espaço Cultural
- 02 - NOME FANTASIA: Agência
- 03 - ENDEREÇO: Av. Cons. Araújo nº 2210 Recem Viagem
- 04 - ATIVIDADE: Espaço Cultural
- 05 - CGC, ou CPF de nº _____ de acordo com os Arts. 8º (Dec. 20.493/46) 5º (dec. nº 1.023/62) e 10º (Dec. 61.123/67) solicita a V.Sª. aprovar a seguinte programação.
- 06 - DENOMINAÇÃO DO EVENTO: Os Mistérios do Sexo
- 07 - AUTORES OU RESPONSÁVEIS: Coelho Neto
- 08 - LOCAL DAS APRESENTAÇÕES: Teatro Apolo
- 09 - ENDEREÇO: Cais de Apolo
- 10 - RESPONSÁVEL PELO LOCAL: _____
- 11 - CLASSE ETARIA: _____
- 12 - CERTIFICADO DE CENSURA DE Nº _____
- 13 - PERÍODO: 07 a 29/03/87
- 14 - HORÁRIO: 21:00 hs
- 15 - PARTICIPAÇÃO DE MENORES: SIM NÃO
- 16 - OBSERVAÇÕES: _____

- CENSURA FEDERAL -
MJ — DPF — SCDP

RECIFE
09 MAR 1987
SR PE
APROVADO

[Signature]
Joaquim Souza Netto Jr.
Censur. Federal
Mat. 241.6589

Recife,
Salvador de Araújo Bemos
Nome:
Carteira de Identidade nº 1.348.941
CPF. de nº 001.870.434.68 TEL: 3413583

IMPROPRIO
ATÉ
16 ANOS



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afiliação à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil



AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

Nº 47424

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: 408 MISTERIOS DO

SEXO

Original de COELHO NETO

Música de _____

Tradução de _____

Direção de Valdi Coutinho

No Teatro APOLLO

Cidade Recife

Empresa Artística Espaço Cultural

Pela Cia. _____

nos dias 07 a 29 de março de 1987

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 10 % De porcento

to de renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ 240,000

(Quarentos e quarenta cruzados)
por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Recife 06 de março de 1987

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

600 blocos de 50x50 - 30.001 a 60.000 - 1/79

pela (SBAT)



FICHA TÉCNICA

PEÇA: Os Mistérios do Sexo
AUTOR: Coelho Neto
GRUPO: Arte Viva
DIREÇÃO: Waldir Coutinho
PRODUÇÃO: Grupo Arte Viva
SONOPLASTIA: Josué Ribeiro
ILUMINAÇÃO: Elaine Farias
CENÁRIO: Valdir Coutinho
VESTUÁRIO: Grupo Arte Viva

PRIMEIRO ATO

Sala burguesa. Mobiliário antigo. Mesa no centro coberta por um pano de crocho, sobre o qual se acumulam revistas, brochuras, cartões postais. Porta à esquerda dando para um corredor em diagonal, em cuja parede há um aparelho telefônico. Portas ao fundo e à direita. Janela à esquerda, baixa. Custódia está sentada no sofá, Clemente na cadeira de braços, ao lado dela. Bibi folheia uma revista, distraidamente, à mesa do centro.

- CUSTÓDIA - Sim, a natureza mexe com a gente, não digo o contrário. Também eu passei por isso, mas assim como Eufemia... Deus me livre. Eu tinha os meus burros. Ficava embelezada...
- CLEMENTE - (SORRINDO) Era bicho prá burro, como agora se diz, hein comadre?
- CUSTÓDIA - (SEM COMPREENDER) Bicho? Como bicho?
- CLEMENTE - Burros, bezerros...
- CUSTÓDIA - Ora compadre... trato sério. Então o sr. não sabe que isso é um modo de falar? Ficava jururu, moti-da num canto, com um nó na garganta, uma vontade doida de chorar. Mas Eufemia!... Nossa Senhora! Parece que comeu fogo! Olhe ela está lá dentro, com Iracema. Va ve-la!
- CLEMENTE - Temperamento, comadre. Cada um, nesta vida, traz a sina e os nervos que Deus lhe deu. A minha defunta, por exemplo, lembra-se? Era uma pomba sem fel, mas fosse alguém comer pão torrado perto dela. Ficava uma fera! Nervos.
- BIBI - (CANTAROLANDO BAIXINHO) - A Bhhia é terra boa. Ela lá e eu aqui (CONTINUA ROSOBIANDO)
- DONÁRIA - (APARECENDO COM UM SAMBURÁ DE COMPRAS NO BRAÇO) Minh'ama...
- CUSTÓDIA - Que é?
- DONÁRIA - Subiu, sim, senhora.
- CUSTÓDIA - Ruem?
- DONÁRIA - U' gubar. Subiu um tostão.
- CUSTÓDIA - Um tostão! Isso é um desaforo! (A CLEMENTE FRENÉTICA) Mas que há de ser de nós, compadre?
- CLEMENTE - (INDIFERENTE) Há de ser o que Deus quiser. Está subindo tudo.
- BIBI - (PEDANTE) É a vertigem das alturas.



CLEMENTE - Nós, comadre, somos do tempo das casas térreas, do feijão com carne seca, do bacalhau na quaresma, das procissões, das foqueiras, das pastorinhas, do tempo em que o pão cheirava o com um de dois vinténs o pobre fazia o seu almoço. Hoje em dia com essa história de aviação...

BIBI - (Corrigindo) - Aviação, papai.

CLEMENTE - (Repontando) - Então eu não sei que é aviação?

CUSTÓDIA - É mania de emendar a gente.

CLEMENTE - Mas, como eu dizia: hoje, com essa história de aviação, anda tudo pelos ares,

CUSTÓDIA - Polos ares... Polos ares vai isto, mais hoje, mais amanhã, o senhor há de ver.

CLEMENTE - Qual, comadre: não temos gente. Falta-nos uma cabeça. Nem braços, nem cabeças; só temos pernas; os homens, para trocá-las na Avenida, boiinar nos cinemas; as mulheres, para mostrarem-nas. Porque uma das coisas que mais tem subido com a crise é o vestido.

CUSTÓDIA - Menos o meu.

CLEMENTE - É. A comadre mantém os princípios: cauda e anquinhas.

CUSTÓDIA - Anquinhas? Eu? Nunca precisei disso, com a graça de Deus. Quanto à cauda, usei e hei de usar até a morte, porque é decente! Uma senhora de cauda esta sempre composta.

CLEMENTE - Depois... A cauda é natural: para casaca de rabo, vestido de cauda. Uma coisa diz com a outra. Amanhã, com essa história de parcimônia, cortam o rabo a casaca e mudam-na em jaqueta.

CUSTÓDIA - (Ingênua) Já cortaram, compadre. Agora a casaca é um casibeque que se chama não sei como, uma coisa assim a modo de esmenço...

BIBI - (Corrigindo) - Smoking

CUSTÓDIA - (Aborrecida) Já vem bocê, Bibi.

CLEMENTE - Ah! sim... Isso é um filho de casaca. Nasceu sem rabo porque, a comadre sabe: tudo se aperfeiçoa na vida.

BIBI - Não mecos: se não fosse a seleção natural, ainda teríamos rabo de macaco; como Adão.

CUSTÓDIA - (Com um momo) - Ora, Bibi... Tire seu cavalo da chuva. Quer dizer que nós...?





BIBI - Não sou eu quem diz, é Darwin,
 CUSTÓDIA - Pois Darwin que não seja tolo. Filho de macaco é

CLEMENTE - O rapaz sabe, comadre!

CUSTÓDIA - Sabe nada, fidúcia...

DONÁRIA - Minh'ama, olhe que eu estou aqui esperando.

CUSTÓDIA - O que?

DONÁRIA - O açúcar.

CUSTÓDIA - Pois vá buscar o açúcar. Que se há de fazer? Daí,
da o tostão a esse natuno. Haa do lhe ficar atra-
vessado na garganta. Deus é grande! (DONÁRIA ENTRA
A ESQUERDA-FUNDO) Eu já não sei mais o que hei de
fazer. Uma raiz de aipim, uma coisa que custava um
tostão...

CLEMENTE - A três vinténs comprei eu muitas na Praia de Uei-
xe, no Largo de Se...

CUSTÓDIA - Pois hoje, por menos de um cruzado, o senhor não
tira uma assimzinha.

CLEMENTE - (Acendendo um cigarro) Esta guerra... Esta guerra!
(Sem sei? Enfim... (pausa) Então, sinhá esta noite?

CUSTÓDIA - (Atalhando-o) Ih!.. compadre... Não a chame de

CLEMENTE - Por que?

CUSTÓDIA - Não quer. Diz que tem nome (Clemente encolhe os
ombros). Esta noite parecia que vinha o mundo abai-
xo. Eu até tive pena de ^{ela} ~~ela~~ coitada. A pobre
do minha filha não pregou olho nem deixou ninguém
dormir. Era de um lado para outro, falando, ati-
rando coisas. Um desespero! (Suspirando) Ah! com-
padre, a falta que me está fazendo o falecido. A-
quilo sim, aquilo é que era um homem! Se ele vives-
se outro galo nos c. Maria. O senhor não imagina
o que teria sofrido! com essa história de Eufê-
mia então é um horror. (CHAMADA DE TELEFONE)
Bibi, tem paciência, meu filho, vai ver quem é.

(BIBI VAI ATENDER, CONTINUANDO A CENA ENTRE OS
 DOIS ENQUANTO ELE FALA ENTRECORTADAMENTE) ...

BIBI - (Ao telefone) - Alô... Sim, senhora... Bibi...
Eu mesmo... As quatro? Sim, senhora. Cí-me!
Eu? Não, senhora. Se puder. Sim, senhora; até
logo... Obrigado.

CUSTÓDIA - Olhe, compadre, eu não acredito em coisa feita,
mas às vezes... não sei. Pois uma menina que era ...
um anjo, virar assim a cabeça sem quê nem porque...





- CLEMENTE - Isso passa, comadre.
- CUSTÓDIA - Passa... Passa. E as manias, compadre! É cada esquisitice que eu até tenho vergonha de contar. (BIBI DESLIGA O TELEFONE E VOLTA A SENTAR-SE, INTERROGANDO-O) Quem é?
- BIBI - Clotilde. (CUSTÓDIA FAZ UM SOMO). Está convidando Eufêmia para o "training" logo mais, no Fluminense.
- CUSTÓDIA - (Aborrecida) - É isso. São esses trens que não estão virando a cabeça. Tanto se meteu com a bola que a dela e o que se vê. Trens....! As bolas das meças do meu tempo contra os novelos da lá... Hoje!...
- CLEMENTE - É o progresso.
- CUSTÓDIA - Que progresso, compadre! Progresso é uma moça saber tomar conta de casa, serzir uma meia, pregar um botão, temperar uma panela.
- BIBI - Ora, d. Custódia...
- CUSTÓDIA - Ora... O quê? Quando precisares de quem te pregue um botão nas varoulos has de dizer-me se a bola vale mais do que a agulha. (ABORRECIDA) É Fluminense, Fluminense. Eu ainda me mudo daqui por causa dessa historia de Fluminense.
- BIBI - Ela é torcedora.
- CUSTÓDIA - Torcedora... Torcida ando eu, sabe você? Eu é que me torço aqui com ela. É por essas e outras que o mundo está virado. Mulher é mulher! Deixe as bolas com os homens, cuide do que lhe compete.
- BIBI - Então a senhora não quer o aperfeiçoamento da raça? (SOM ÊNFASE) Na Esparta de Licurgo as moças exercitavam-se nos ginásios nuas em companhia dos rapazes.
- CUSTÓDIA - (Rilhando os dentes) - Ah! eu lá com um bom chicote!...
- BIBI - Vaja a americana.
- CUSTÓDIA - Que tem a americana?
- BIBI - É mulher para tudo.
- CUSTÓDIA - Pois sim... Eu não sou americana, mas mando chegar a mais pintada. De que serve saber jogar peteca com uma pá de barbante e não entender de um refogado? Você come peteca? Come? Não. Pois ó... Eu hei de ver. Olhe, minha mãe, era uma dona de casa que fazia gosto e não falava francês, não batucava em piano e nunca se importou com bolas. Eu fui criada no mesmo regime. Agora é e o que se vê. Olhe Eufêmia... Esta aí com os nervos que nem sei.





- CLEMENTE - Mas, afinal... que disse o dr. Camacho?
- CUSTÓDIA - Ora o dr. Camacho... É outro. Acha que ela deve fazer o tal esporte: andar a pé, correr, jogar peteca, fazer ginástica, e sempre a mesma tangenciamas que isso é um idado, que o casamento a põe boa. Como se casamento fosse coisa de bótica, como magnésia.
- CLEMENTE - Eles, as vezes dão em briga, mas só depois de um le mol.
- CUSTÓDIA - (ABRIR) A propósito: vão vai ou não buscar o dr.?
- BIBI - As onze horas.
- CLEMENTE - Pois então, são dez e meia?
- BIBI - É aqui ao lado.
- CLEMENTE - Mas vai.
- (BIBI LEVANTA-SE E SAI PELO FUNDO)
- CUSTÓDIA - (Depois de um momento) O comadre, com franqueza, a ex. não acha Bibi um pouco fria?
- CLEMENTE - Fria? Quem? Bibi? Ora, comadre... Não fosse ele meu filho... Bibi é um forno! Fria é a Eufêmia. (Caraminhando) Não tem alma. O rapaz checa-se-lhe para dizer uma amabilidade e ela responde-lhe com um murro. Por maior que seja o amor de um homem, comadre, tenha paciência... Murro não é graça.
- CUSTÓDIA - (Interrogativa) Mas?
- CLEMENTE - Ora! Cada um!...
- CUSTÓDIA - Olhe, comadre, se ela o esmurra é porque ele...
- CLEMENTE - Qual nada! É porque ela está sempre abaixo de zaga. Não parece uma menina de hoje. Afinal um noivo, se não sou entender, tem direito de fazer festas à sua noiva. Ou bem que se o cu bem que se não é. Até o bom, para se irem habituando.
- (GRAVEMENTE) Eu também fui noivo, comadre.
- CUSTÓDIA - Também eu. Mas festas de noivo... Hum !! Comecem em brinquedo e quando a gente menos espera, é aquela desgraça. (VOZES À DIREITA. PRESTANDO ATENÇÃO) Olhe, parece que é ela. Sonde-a. Mas cuidado com a língua, comadre. O senhor, as vezes, solta cada uma de arrear os cabelos. Eu sei que não é por mal, mas Eufêmia é um lírio.
- CLEMENTE - Pelos modos a comadre acha que eu sou imoral?
- CUSTÓDIA - Imoral, não digo: distraído. Precisa ter mais cuidado. Eufêmia (não é por ser minha filha) está hoje ainda tão pura como quando nasceu. É uma sensitiva.





6

- CLEMENTE - Pois olhe, comadre, o canto lá na roça, chama-se sensitiva: malícia de mulher. É o povo e sabio, tem experiencia velha. O que o povo diz Deus assina (SOA UM RELOGIO) ...
- CUSTÓDIA - (Prestando atenção à esquerda). Ih!... Onze horas. Com licença. Vou vestir uma "matinee" decente para receber o médico. Até já. Olhe, não leve a mal as minhas palavras, comadre: sonda-a, veja se descobre alguma coisa, mas com cuidado.
- CLEMENTE - Vá descansada.
- CUSTÓDIA - Até já (ENTRA À ESQUERDA)
- CLEMENTE - (Levantando-se fleumaticamente) Sim senhor! É chama-se assim um homem de sem-vergonha cara a cara. (POE-SE A FOLHEAR UMA REVISTA.
- EUFÊMIA APARECE À PORTA, FUMANDO. TRAZ NO QUEIXO UMA CRUZETA DE PONTOS FALSOS; AO VER CLEMENTE ATIRA O CIGARRO AO CHÃO. CLEMENTE APANHA-O, LANÇA-O PELA JANELA E DIZ PACHORRENTO) - Mais prudência, menina, com fogo não se brinca. (ENCARANDO-A) Está com dor de dentes?
- EUFÊMIA - Eu? Não. Por que?
- CLEMENTE - Fumando. Eu só admito que uma mulher fume quando esta com dor de dentes.
- EUFÊMIA - Preconceitos. (VIVAMENTE, COM ARROGÂNCIA) Por que não pode a mulher fumar? Por quê?
- CLEMENTE - Porque... ora essa! Porque não é natural nem decente. Eva não fumava.
- EUFÊMIA - Nem Adão.
- CLEMENTE - (Perlongando a sala) Isso é que eu não sei.
- EUFÊMIA - Sei-o eu, porque o fumo, priginario da America, só apareceu na Europa em mil e quinhentos e quê. Foi o século XVI que acendeu o primeiro cigarro no facho da civilização.
- CLEMENTE - Ah! sim? Pois deixemos o século fumar à vontade e vamos ao que nos interessa. Que é isso no queixo? Se é espinha, cuidado!
- EUFÊMIA - (Naturalmente) - Não, é um talho à toa: cortei-me com a navalha. ...
- CLEMENTE - (ESPANTADO) Com a navalha no queixo?... Tu?...
- EUFÊMIA - Pois então, padrinho? Que ha nisto de extraordinario?
- CLEMENTE - Mas... (de repente) Ó sinhá... (EUFÊMIA ATALHA-O COM UM GESTO, LEMBRANDO-SE) Ah, sim... tens nome: Eufêmia. (OUTRO TOM) Mas Eufêmia, que diabo tens tu, ein?





- EUFÊMIA - Que tenho? Tédio, tudo me aborrece e irrita. Sinto que uma força reage em minh'alma impelindo-me a sair de mim mesma.
- CLEMENTE - A sair de ti mesma?! Por onde? Para onde?
- EUFÊMIA - (COM ENTUSIASMO) Para a vida! para a luta! para a independência! para a liberdade!
- CLEMENTE - Deixa-te de maluquices, menina. Não queiras contrariar a natureza. Essas coisas não são para o teu sexo.
- EUFÊMIA - (COM UM MOMO DE DESPREZO) Sexo... Sempre a mesma palavra ridícula.
- CLEMENTE - Palavra ridícula! ?
- EUFÊMIA - Sim, padrinho, (CRUZANDO OS BRAÇOS, EM ATITUDE DE DESAFIO) Que é sexo?
- CLEMENTE - (Atarantado) Sexo? Ora! Que pergunta! Sei lá! Sexo é um misterio. (OUTRO TOM) Olha, menina, nessas coisas o melhor é não falar, estás ouvindo? Não tenho estudos nem sou homem de andar por aí metendo o nariz no que não entendo. Demais a mais, são tantas as opiniões. Sei lá!...
- EUFÊMIA - Pois se não sabe vá a um dicionário.
- CLEMENTE - Não me faltava mais nada senão andar procurando sexos no dicionário. (A PARTE) É isto é sensitiva. Está fresca, pois não.
- EUFÊMIA - (COM DECISÃO) Duça-me, padrinho. (SENTA-SE CRUZANDO A PERNA) Eu devo casar-me com Bibi, não é verdade?
- CLEMENTE - (OBSERVANDO-LHE OS MODOS) Pelo menos é o que está assentado de pedra e cal.
- EUFÊMIA - Está assentado, mas tem de levantar-se. Tal casamento seria um desastre.
- CLEMENTE - Desastre? Como?
- EUFÊMIA - Porque Bibi espera de mim o que eu nunca lhe poderei dar.
- CLEMENTE - Não o amas?
- EUFÊMIA - Amor... O meu amor é feito de energia: amor forte, heróico.
- CLEMENTE - É o que serve.
- EUFÊMIA - ... com impulsão para lutas, para conquistas!
- CLEMENTE - (ESCANDALIZADO) Conquistas!...
- EUFÊMIA - Sim - sim, conquistas. O meu sonho é partir para a guerra, alistar-me...
- CLEMENTE - Na Cruz Vermelha?
- EUFÊMIA - Qual Cruz Vermelha! Na aviação (COM HEROISMO) Voar sobre o inimigo! fulminá-lo das nuvens com toneladas de explosivos! combater no espaço como as águias. O ar! O eter! Glória in excelsis.





- CLEMENTE - (À PARTE) Está varrida de uma vez.
 EUFÊMIA - (SACUDINDO O VESTIDO COM DESPREZO) Quando vejo neste túnica de Nessus, com estes sapatinhos de salto alto, caiada de pó de arroz, eu, que se admito a polvora, tenho medo de enloquecer. Estou como Prometeu amarrado ao Caucaso. É horrível. (DE REPENTE) Dê-me a sua mão. (CLEMENTE ESTENDE-LHE A MÃO, QUE ELA APERTA, AGACHA-SE, ENCOLHE-SE GEMEANDO)...
- CLEMENTE - (SACUDINDO A MÃO) Irre!...
 EUFÊMIA - Pulso, ein? (COM ORGULHO)
 CLEMENTE - Pulso de homem! (com um gesto)
 EUFÊMIA - E o senhor ainda não viu o melhor. IRACEMA APARECE, DE BRANCO, CABELOS SOLTOS, COM UM LÍRIO NA MÃO.
- IRACEMA - (ROMÂNTICA) Papai!...
 CLEMENTE - Dra, muito bom dia (BEIJA-A NA FRONTE)
 IRACEMA - (LÂNGUIDA) Beija-me de leve. Eu sou como um fio de fumo que a mais leve respiração dissolve.
 EUFÊMIA - Deixa-te de fumaças...! (A CLEMENTE) Quer uma prova oral do que lhe acabo de dizer? (A IRACEMA) Repete aquela quadra de Casimiro de Abreu que recitaste há pouco.
- IRACEMA - Tem muito sentimento, não? (ATITUDE POÉTICA, OLHOS EM ALVO, VOZ LÂNGUIDA)
 "Oh!, não me chames coração de gelo
 Bem vês: trai-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito...
 És bela, eu moça, tens amor, eu medo!...
- EUFÊMIA - Agora eu! (MASCULA, VOZ TROVEJANTE, GESTOS LARGOS)
 Oh! não me chames coração de gelo, etc, etc. (PLANTANDO-SE DIANTE DE CLEMENTE) Então?
- CLEMENTE - Então, que? É a mesma coisa? ...
 EUFÊMIA - Sim, os versos são os mesmos, mas a voz...
 CLEMENTE - A tua é mais cheia, mais grossa, isso é... Talvez do fumo.
- EUFÊMIA - Qual fumo? É que eu tenho voz de barítono.
 CLEMENTE - Não digas isso que é feio. Barítono é voz de homem.
- EUFÊMIA - Pois é a minha voz.
 DONÁRIA - (AO FUNDO) Seu almoço está na mesa, seu Clemente. (RETIRA-SE)
 IRACEMA - Papai já vai almoçar?





10



- IRACEMA - (ABAIXANDO-LHE AS SRIAS) Não te descomponhas assim, sinhá, que modos feios!
- EUFÊMIA - (DESEMPENADA) Qual descomponho, qual nada!
- IRACEMA - Tu não estás direita, não. É bom mesmo que o médico te examine.
- DONÁRIA - (APARECENDO AO FUNDO AZAFAMADA) O cheira-cheira tá aí, gente. (AS DUAS OLHAM-SE ESPANTADAS) O doutor da casa de saúde do lado. (ABORRECIDA) Oh! Vocês também!..
- IRACEMA - Ah! Espera... É esse que anda sempre de sobretudo e galochas?
- DONÁRIA - Pois então? Está aí com o seu Bibi. Vou avisar minh'ama (SAI CORRENDO)
- IRACEMA - (NOTANDO O DESALINHO DE EUFÊMIA), Arranja esses cabelos ao menos. valece uma fúria! (PÕE-SE-LHE A ARRANJAR OS CABELOS. CURIOSA) Mas que história é essa de cartas, de envelopes... Alguém escreveu-te?
- EUFÊMIA - Não.
- IRACEMA - Então?
- EUFÊMIA - (LIMPANDO AS MÃOS AOS OMBROS DE IRACEMA. DE OLHOS CRAVADOS-NELA, COMO A HIPNOTIZÁ-LA) Olha bem para mim. Bem! Sabes quem eu sou?
- IRACEMA - Ora esta! Que coisa! Se sei quem és... Então não hei de saber?
- EUFÊMIA - Não sabes. (VOZ SOTURNA) Eu sou um grande desgraçado, Iracema!
- IRACEMA - Um grande o quê?
- EUFÊMIA - Desgraçado!
- IRACEMA - Ainda so dissososo desgraçada...
- EUFÊMIA - Não! Eu digo o que é, o que sou: desgraçado!
- IRACEMA - Com "o"?
- EUFÊMIA - Com o!
- IRACEMA - Oh! (OLHANDO-A COMO MAGNETIZADA) Mas então é um milagre!
- EUFÊMIA - Qual milagre! É um horror. é que é! ...
- IRACEMA - (Em soliloquio) Com "o"... mas então... (DE OLHOS APOVORADAMENTE FIXOS EM EUFÊMIA, VAI-SE-LHE A BOCA ESCANCELANDO, MASCARA-SE-LHE A FISSIONOMIA DE HORROR E COM OS BRAÇOS DURAMENTE ESTENDIDOS, COMO NA REPULSA DE UMA VISÃO, VAI RECUANDO, RECUANDO ATÉ A PORTA E, DEPOIS DE NELA HAVER DESAPARECIDO, SOLTA UM GRITO ESTRIDENTE).
- EUFÊMIA - (BATIA A CABEÇA E MENEIA-A DESOLADAMENTE DIZENDO-EM TOM SOMBRIO) O mal secreto de Raimundo Correia. Ah, poetas... poetas!

BIBI (AO FUNDO) - Entes, dr. (Dr. Patureba aparece, muito miope, apalpando o terreno com o guarda-chuva. Bibi toma-lhe o chapéu e o guarda-chuva e apresenta-o a Eufêmia.) O dr. Patureba aqui da Casa de Saúde ao lado. Senhorita Eufêmia Anobac. (O dr. aperta, por engano a mão de Bibi. Não dá. (Tomando a mão de Eufêmia e colocando-a na mão do dr.) A mão dela é esta, a minha.

DOUTOR - Dela?... Sua?... Como?...

BIBI - Digo minha porque me foi dada: somos noivos.

Doutor - Ah! Compreendo: é uma mão comum de dois. Compreendo... (Acavala dois pares de óculos no nariz e experimenta a vista. Não satisfeito acrescenta um pincenez) Muito bem. (SENTANDO-SE) A doente é a senhorita, não? Ora vamos lá. Com licença. Eu vejo muito pouco, só de perto. (CHEGA-SE MUITO A EUFÊMIA E TOMA-LHE O PULSO) Pulso um pouco agitado. Mas isto em noivos é natural. Deixe ver a língua.

EUFÊMIA - Para que, dr.?

DOUTOR - Como para quê? A língua está para o corpo, minha menina, como uma vitrine para uma casa de negócios: é um mostrador, compreendo? O exame da língua põe o médico ao corrente do que há por dentro. (EUFÊMIA MOSTRA-LHE A LÍNGUA) Assim. Um pouco saburra. Se a menina fosse homem, eu diria que fumava demais. Vamos adiante.

EUFÊMIA - (LEVANTANDO-SE VIVAMENTE) Dr., meu caso não é dos que se estudam na língua, não é... Como direi, coisa de que se exponha à mostra na vitrine.

DOUTOR - Por quê?

EUFÊMIA - Porque... ninguém expõe contrabandos.

DOUTOR - Contrabandos... como contrabandos?...

EUFÊMIA - Eu explico, mas só ao senhor.

BIBI - Fazes cerimônia comigo, teu noivo?...

EUFÊMIA - Não é cerimônia, Bibi, é... (CUSTÓDIA ENTRANDO APRESSADA)

CUSTÓDIA - Desculpe-me, dr. eu estava lá dentro dando umas ordens. Sua senhora, bem? Os meninos?...

DOUTOR - Todos bem, obrigado.

CUSTÓDIA - Então?... Já examinou, dr.?

DOUTOR - Ia examiná-la agora, mas... Pelos modos... Acho-a muito escrupulosa.

EUFÊMIA - Sim, preciso ficar a sós com o dr.

CLEMENTE - (ENTRA PELO FUNDO COM UM GUARDANAPO NO PESCOÇO. VENDO O MÉDICO DETÉM-SE. TIRA O GUARDANAPO E CHAMANDO BIBI À PARTE, PERGUNTA-LHE B. IXINHO) Que houve aqui com Iracema? Fui encontrá-la na varanda, banhada em lágrimas.

(CUSTÓDIA E EUFÊMIA DISCUTEM NERVOSAMENTE)

BIBI - Não sei.



- DOUTOR - O sr. é o pai?
- CLEMENTE - Não, dr., padrinho apenas.
- BIBI - É verdade, não os apresentei. (APRESENTANDO).
Cel. Clemente levantou-se e foi até Dr. Patureba.
- DOUTOR - Felismino Patureba, especialista de moléstias das senhoras, para o servir.
- CLEMENTE - Muito obrigado, dr.
- CUSTÓDIA - Mas então, dr... Como há de ser? Ela insiste em ir
- DOUTOR - No estado em que ela está é bom não contrariá-la. Somos vizinhos, a Casa de São João é aqui, a dois passos. É sair de uma porta e entrar em outra. Que tem isso? Ela vai comigo. Até lá, em casa é melhor porque temos tudo à mão.
- CUSTÓDIA - Mas então eu hei de deixar minha filha só com um homem?
- DOUTOR - (FORMALIZADO) Eu não sou homem, minha senhora.
- CUSTÓDIA - O senhor!?
- CLEMENTE - Essa agora!...
- DOUTOR - Eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo, é neutro.
- BIBI - Lá isso...
- EUFÊMIA - (DECIDIDA) Vou só. Só ou então... (AO DOUTOR) Volte por o chapéu. Com licença.
- CUSTÓDIA - Mas... (TROCA OLHARES COM CLEMENTE) Não sei... Mas... acho isto assim não sei como. Que eu não vá, enfim... Até é bom porque não tenho coragem para essas coisas. Mas uma pessoa da família... Não está direito.
- DOUTOR - Por mim, minha senhora, pode ficar descansada. Não é para me gabar, mas tenho visto muita coisa. Por estas mãos tem passado o que o Rio tem de mais elegantes.
- CLEMENTE - Há um meio. Não por causa do dr. em quem todos nós confiamos, mas pela maledicência.
- CUSTÓDIA - A língua do mundo.
- CLEMENTE - Eu vou na frente, meto-me lá num canto e quando o dr. terminar o exame, apareço e volto com ela.
- DOUTOR - É. Pode ficar na secretaria, esta muito bem. Entim... eu estou por tudo.
- CUSTÓDIA - É só por causa da boca do mundo, dr. O sr. nem imagina esta vizinhança por aí. Não escapa ninguém.
- BIBI - Papai não tinha uma entrevista ao meio-dia?
- CLEMENTE - (DISTRÁIDO) Hein?... Ora... Vou à noite. (À CUSTÓDIA E AO DOUTOR) Bem, vou indo.
- CUSTÓDIA - Olhe, compadre, fale-me pelo telefone.





- CLEMENTE - Sim, sim...
- DOUTOR - Espera na secretaria. (CLEMENTE SÁI)
- CUSTÓDIA - Sera preciso ferro, dr.?
- DOUTOR - Não sei, minha senhora. Só vendo. Mas ainda que seja preciso, não será para hoje. Hoje farei apenas exame.
- CUSTÓDIA - Seja tudo pelo amor de Deus! (EUFÊMIA APARECE)
- EUFÊMIA - As suas ordens, doutor.
- CUSTÓDIA - (CHORAMINGANDO) Ah! Minha filha... tem coragem
- EUFÊMIA - Eu vou apenas conversar com o dr. mamãe. Preciso estar a sós com ele.
- BIBI - (BAIXO) Ingrata!
- EUFÊMIA - (COM JMA RABANADA) Não me amoles! (A CUSTÓDIA) Hoje decide-se o meu destino: sim ou não!
- CUSTÓDIA - Que é isso, menina!
- EUFÊMIA - É o que lhe digo! Vamos dr.
- CUSTÓDIA - Você também nem parece homem, Bibi.
- BIBI - Que quer a senhora que eu faça, se ela não quer.
- CUSTÓDIA - Vai minha filha. Que Deus te acompanhe.
- DOUTOR - As suas ordens, minha senhora. E fique tranquila. Esta mão até hoje não errou golpe. Fique tranquila. (CUSTÓDIA E BIBI ACOMPANHAM ATÉ O FUNDO. ELA ESTÁ CHORANDO. BIBI LEVA O MÉDICO ATÉ A PORTA).
- IRACEMA - (APARECE E VÊ CUSTÓDIA CHORANDO, ABRAÇA-A, NERVOUSA E INTERROGA-A, AFLITA) Que é? Que houve? (OLHANDO EM VOLTAS) Onde está sinhá?
- CUSTÓDIA - Foi com o dr. para a casa de saúde.
- IRACEMA - Para a casa de saúde?
- CUSTÓDIA - Parece que tem de ser operada!
- IRACEMA - Operada?! Ah! (CAI DESFALECIDA)
- CUSTÓDIA - Virgem mãe do céu (OS GRITOS) Bibi! Donária! Acudam.
- BIBI - Que foi?
- CUSTÓDIA - Iracema teve uma coisa. Olha como está esfriando. Chame Donária.
- BIBI - Minha pobre irmã (CORRENDO AO FUNDO EM GRANDE AFLIÇÃO). Donária! (VOLTA E AJOEJHA JUNTO A IRACEMA e PÕE-SE A BATER-LHE NAS MÃOS E ESFREGAR-LHE OS PULSOS) Iracema! Minha irmã.
- CUSTÓDIA - O coração dela está parando, Bibi. Valha-me Nossa Senhora!
- DONÁRIA - (ENTRA APAVORADA; DE AVENTAL) - Que é? (VENDO IRACEMA) Misericórdia. Mas que foi, minh'ama?
- CUSTÓDIA - Foi porque eu disse que Sinhá vai ser operada.
- DONÁRIA - (COM AS MÃOS NA CABEÇA) Virgem! Operada... Sinhá... (DEBIL. A CHORAR DESPERADAMENTE).
- CUSTÓDIA - Que é isso, rapariga! Vocês em vez de me darem coragem... já se viu uma coisa assim?... Cale a boca.
- DONÁRIA - Donária! Cortada de sinhá. Aqule diabo do cheira-cheira... Não é atoa que eu embirro com ele.





(IRACEMA VOLTA A SI, SENTA-SE E OLHANDO EM VOLTA)

CUSTÓDIA - Iracema!
 BIBI - Minha irmã (CHAMADA AO TELEFONE, BIBI CORRE A ATENDER)
 CUSTÓDIA - (A IRACEMA MAS VOLTA PARA O TELEFONE) Estás melhor, minha filha?

DONÁRIA - Pobrezinha de Nha Eufêmia nas mãos daquele diabo que não se enxerba.
 BIBI - (AO TELEFONE) Beira-mar: oito, nove, seis, quatro.
 CUSTÓDIA - (DESLIGA) Chega de chorar, Donária. (A IRACEMA) Estás melhor-zinha? (A BIBI) Quem é?

BIBI - (SENTANDO-SE AO LADO DE IRACEMA) Foi engano.
 IRACEMA - Que fatalidade! (ABRÇA-SE EM CUSTÓDIA SOLUÇANDO).



PARO - FIM DO PRIMEIRO ATO

.....

SEGUNDO ATO

.....

CUSTÓDIA - (SENTADA NO SOFÁ, SUSPIRA COM DESALENTO) Ai... ai...
 (A DONÁRIA QUE ESTÁ ENCOSTADA NUM CANTO). Já acendeste a lamparina do oratório?

DONÁRIA - Já minha senhora. Mas eu achava que; para uma coisa assim, era melhor uma velha de cera. Lamparina a gente acende todos os dias, já não tem força: os santos nem ligam. Cera é cera, minh'ama.

BIBI - Tudo é luz, Donária.
 DONÁRIA - Não, seu Bibi: vela não é azeite. A prova é que ninguém manda lamparina para a igreja. O que se manda é cera. Eu não mandei uma barriga? Mandei. Vosmecê pensa que os santos não veem essas coisas. Ora se veem...! Santo Antônio, então....!

CUSTÓDIA - Pois vai buscar a vela, rapariga. Vai duma vez.

DONÁRIA - De quanto?
 CUSTÓDIA - Dez tostões. Pois não cheia?
 DONÁRIA - De dez tostões? Uma vela de dez tostões é pouco mais do que um fósforo. Eu, para mim, costume comprar de mil e quinhentos.

CUSTÓDIA - (IMPACIENTE) Pois compra, rapariga, compra!
 DONÁRIA - Ue! Minh'ama não se agada. Eu não tenho culpa!? Está tudo pela hora de...!

CUSTÓDIA - (ENFEZADA) Morto, morto. Até parece agouro.
 DONÁRIA - (RESMUNGANDO) Hum... Nessa senhora! (SAI)

BIBI - (CONSULTANDO O RELÓGIO) - Vinte minutos para uma.



- CUSTÓDIA - Está demorando muito. E o compadre, nada? Se você tocasse para lá, Bibi?
- BIBI - Não. Se papai não fala é porque a operação ainda não terminou.
- CUSTÓDIA - (ALARMADA) Operação! Que operação?! Pois ela vai ser operada? (COM AS MÃOS NA CABEÇA) Bem que eu estava adivinhando. (PÕE-SE A ANDAR DE UM PARA OUTRO LADO, DESESPERADA).
- BIBI - Espere. Tenha calma. Eu queria dizer exame.
- CUSTÓDIA - (AVOADA) Não! Não! (CHAMADA AO TELEFONE) (Alvorçada). Vai ver, Bibi. (BIBI CORRE AO APARELHO E CUSTÓDIA FICA EM ATITUDE ESPECTANTE)
- BIBI - Alô? Como? Aqui é Beira-Mar: oito, novo, seis, quatro. (UM INSTANTE) Beira-mar.
- CUSTÓDIA - Que é?
- BIBI - Pois não (DESLIGA)
- CUSTÓDIA - Que é?
- BIBI - Engano. (PAUSA)
- CUSTÓDIA - Como irá Iracema? Estou com esta cabeça que nem sei! Também é tanta coisa em cima da gente.
- BIBI - Olha, d. Custódia, para mim, quer a senhora saber? Para mim a doença de Eufêmia e o cinema.
- ~~CUSTÓDIA - (SEM ENTENDER) Como cinema?~~
- ~~BIBI - Essas moças vão ao cinema, vêem coisas, impressionam-se e é isso.~~
- ~~CUSTÓDIA - Mas que coisas terá ela visto para ficar assim.~~
- ~~BIBI - Quem sabe lá? Eu só lho digo que muita cabeça de moça tem virado por causa do cinema. Quando nos casarmos ela só irá aos cinemas comigo e ainda assim só depois de eu haver visto a fita.~~
- ~~CUSTÓDIA - Ora, Bibi, se cinema virasse cabeças, então, meu filho, não sei que seria desta cidade. Qual! Eufêmia tem coisa muito seria. Queria Deus que eu não engano, mas para mim... (SUSPIRA) Ainda esta noite um cachorro uivou aí na vizinhança que parecia o diabo.~~
- BIBI - Ora, os cachorros uivam sempre que há luar. Tristeza.
- IRACEMA - (ENTRANDO) Nada ainda?
- CUSTÓDIA - Qual, minha filha! E você como vai? (FÁ-LA SENTAR AO SEU LADO)
- IRACEMA - Estou preocupada. (TOMANDO A MÃO DE CUSTÓDIA E ENCOSTANDO-A NO PEITO) Olha o meu coração como está.
- BIBI - Não há nada (CHAMADA AO TELEFONE)
- CUSTÓDIA - Vai ver, Bibi. (BIBI BAI ATENDER. AS DUAS MULHERES LEVANTAM-SE E ACERCAM-SE DO APARELHO ANSIOSAS. BAIXO A IRACEMA) Estou com medo.





BIBI - Alô (SÔFREGO) É papai? Sim, sou eu. Então?
(MOVIMENTO DAS MULHERES) Como? Um terno? Aqui? Só se for o meu. E eu? Um pijama que o sr. comprou? Com Iracema? (A IRACEMA) Você tem aí um pijama de papai?

IRACEMA - Tenho, um que ele comprou ontem. Pediu-me que lho reprogasse os botões.

BIBI - (AO TELEFONE) Mas para quem é o terno, papai?
(ESPANTADO) Como? Para Eufêmia?

CUSTÓDIA - Que é?
BIBI - (ATÔNITO) É papai que está pedindo um terno para Eufêmia.

CUSTÓDIA - (COM UMA RABANADA) Sra, teu pai está maluco.

BIBI - (AO TELEFONE) Mas por que papai? Que extravagância é esta? Não vem? Por quê? Como? (NERVOSO) Não é Eufêmia? Que diz? Hein? Eu... Quê? Eu macho?! NÃO Compreendo. (VIVISSIMOS SINAIS DE ASSOMBRO) Hein? Oh!!! (DEIXA CAIR O FONE E FICA ESTATELADO DIANTE DAS SENHORAS, DE OLHOS ESGARZADOS).

CUSTÓDIA - (NUM GRITO) Morreu! Minha filha morreu!

BIBI - (FALANDO COM VOZ SURDA) Sra, sua filha morreu. A senhora está sem filha e eu sem noiva, viuvo!

CUSTÓDIA - (ESCANDELIZADA) Como?! Pois era... E não aparecia. (A IRACEMA) Vá lá para dentro Iracema. (DE PUNHOS FECHADOS POR ENTREDENTES) Mas quem será o miserável? Eu esgano-o (IRACEMA FICA PARADA NO MEIO DA SALA E OLHA PARA UM E PARA OUTRO) (A BIBI) Menino ou menina? (FALANDO-LHE EM ROSTO, VOZ TRÁGICA) Quem sabe se não foi você, Bibi?!...

BIBI - Eu? Eu... Quê?

IRACEMA - (DE PÉ NO MEIO DA SALA OLHA OS DOIS DESCONFIADA)

CUSTÓDIA - Menino ou menina?

BIBI - Menino? Menina?

CUSTÓDIA - (FRENÉTICA) Pois você não disse que ela....?

BIBI - Ela? Não há mais ela. É ela.

CUSTÓDIA - (FRENÉTICA) Ele? Que ele? Homem, Bibi, eu não te entendo. Ele quem?

BIBI - Eufêmia.

CUSTÓDIA - Então Eufêmia é ele, Bibi?

BIBI - É sim senhora. O médico examinou.

CUSTÓDIA - O médico examinou... o médico examinou. E daí?

BIBI - É isso.

CUSTÓDIA - Isso o quê?

BIBI - Ela só pode vir para casa...

CUSTÓDIA - Carregada, eu sei. (DEPOIS DE UMA VOLTA) Se é por causa do pequeno...

BIBI - Que pequeno?

CUSTÓDIA - Que pequeno?... o do infame!



- BIBI -- E a senhora a dar-lhe com um infante. Que infante? (A IRACEIRA) Vai lá para dentro, Iracema. (ELA ENTRA DESCONFIADA)
- CUSTÓDIA-- E agora?
- BIBI -- Pois a senhora não compreende? (CUSTÓDIA FAZ UM GESTO NEGATIVO) Eu vou mandar o meu terno para Eufêmia.
- CUSTÓDIA-- Para Eufêmia... Tu terço, esse (SARCÁSTICA) Então Eufêmia ha de vir por ai vestida de homem?
- BIBI -- Naturalmente, porque esse é o traje que ela deve usar. (CUSTÓDIA ENCLAVINHA AS MÃOS E ENCARA-O BOQUIBERTA. EXPLICANDO COM MISTÉRIO) Dona Custódia, Eufêmia é um erro da natureza, que nos enganou a todos: a senhora, a mim....
- CUSTÓDIA-- Erro da natureza?... (DONÁRIA ENTRA)
- DONÁRIA -- Aqui esta a vela.
- CUSTÓDIA-- (IRRITADA) Deixa-me com esta vela, rapariga!
- DONÁRIA -- (APARTE) Credo! (ENTRA A EMBERRADA, COLOCANDO DE PASSAGEM O FONE DO BANCHE)
- BIBI -- (MISTERIOSAMENTE) Papai acaba de comunicar-me que Eufêmia é homem.
- CUSTÓDIA-- (NUM JATO) Seu pai perdeu a cabeça. (AMEAÇANDO-O COM OS PUNHOS) Então, minha filha?...
- BIBI -- É homem, tanto que, para voltar à casa, faz questão de um terno e, como não ha outro vou vestir o pijama de papai para mandar-lhe o meu.
- CUSTÓDIA-- (GIRA, GIRANDO ATORDONDA) Não. Não é possível! Vocês todos perderam a cabeça ou então sou eu que não estou regulando. Pois minha filha... Eufêmia... Isso é lá possível! (CHAMADA AO TELEFONE. BIBI ADIANTA-SE MAS CUSTÓDIA TOMA-LHE A FRENTE) Não! Eu mesmo falo. (AO TELEFONE) Quem fala? Aqui é Custódia Arrobas. (INTERROMPENDO) Não seja malcriado, sabe? (DESLIGA)
- BIBI -- (ESCAPELANDO-SE) Que hei eu de dizer aos meus íntimos.....! Com que cara vou aparecer em publico!... Isto vai ser um escândalo!...
- CUSTÓDIA-- Mas como foi?
- BIBI -- Sei lá como foi! (CHAMADA AO TELEFONE. CUSTÓDIA ACODE).
- CUSTÓDIA-- Alô! Sim, senhor. É o compadre? Ah, o dr.... Então, dr? (Pausa. O espanto vai pouco a pouco descompondo-lhe o resto) Mas não é possível, dr. O senhor viu bem? Mas... Não sei, dr. Só se foi coisa feita. Qual! Sim, senhor. Do primo, o noivo. Calculo! Esta inconsolável! Sim, senhor. (DESLIGA E FICA PALEADO, OS BRANÇOS CAÍDOS AO LONGO DO CORPO, MENCIONANDO A CABEÇA, DESOLADAMENTE).





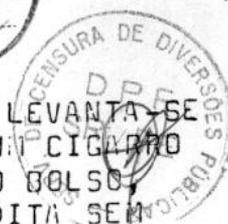
- BIBI - Então, d. Custódia? (ELA ENCARA-O COM AR DE IDIOTA). Esta convencida?
- CUSTÓDIA- (ACENA NEGATIVAMENTE. PAUSA) Olhe, Bibi, eu vou fazer 52 anos, tenho visto muita coisa neste mundo, mas assim... (BATE COM AS MÃOS NA FACE. OUTRO TOM) E agora? Que vou fazer com toda essa roupa que ela tem?
- BIBI - Ora a roupa...! A roupa é o menos, o resto é que é. Enfim... vou mandar-lhe o terno.
- CUSTÓDIA- É... que remédio! Está lá teimando - que não vem! Que não vem. Landa Donária levar.
- IRACEMA - (ENTRANDO PELA DIREITA COM EMBRULHO. A BIBI) Está aqui o pijama do papai. (A CUSTÓDIA) Então ela operou-se mesmo?
- CUSTÓDIA- Sei lá! Sei lá se operou. Olha, o que eu digo, depois disso, e que, de hoje em diante não me fio em mais ninguém.
- IRACEMA - Nem em mim, D. Custódia? (BIBI ENTRA COM O EMBRULHO)
- CUSTÓDIA- Nem em ti. Em ninguém! Pois se minha filha... (PERSIGNANDO-SE) Em nome de Padre, do Filho e do Espírito Santo! Uma menina que era um lírio... Bumba!... Homem. Eu sei lá. (ENTRA Gesticulando. IRACEMA SENTA-SE FOLHEANDO REVISTAS. DONÁRIA APRECE AO FUNDO, SEGUIDA DE AUGUSTA QUE TRAZ UMA BOLSA DE COURO)
- DONÁRIA - Hué! Minhãma não está aí? Está, d. Iracema?
- AUGUSTA - (DIRIGINDO-SE PARA IRACEMA DE MÃO ESTENDIDA MUITO LAMPEIRA E SARACOTEANDO) A senhora! Então, como vai! Não sabia que estava por cá.
- IRACEMA - (FRIAMENTE) Como vai a senhora, d. Augusta?
- AUGUSTA - Rolando... (FAZENDO-LHE MIMOS) Cada vez mais bonita, benze-a Deus! (PÕE A BOLSA NA CADEIRA) Já sei que veio tratar do enxoval, hein? (IRACEMA ENCOLHE OS OMBROS COM INDIFERENÇA) Quando chegou?
- IRACEMA - No sábado.
- AUGUSTA - Está aqui mesmo?
- IRACEMA - Sim, senhora: eu e papai. Bibi continua na pensão.
- AUGUSTA - Pois não imagina como eu tenho pensado na senhora. Recibi um sortimento do norte que é mesmo uma beleza! Rendas, bicos, cravos, labirinto, até nhanduti. E barras de saias, gofas, caboções, longos... Tenho vendido muito. Já viu as rendas de fibra de bananeira? Pois olhe, nem em Paris se faz coisa igual. (FAZ MENÇÃO DE ABRIR A BOLSA. IRACEMA DETEN-NA).
- IRACEMA - Não d. Augusta: depois. Estou com uma dor de cabeça que nem posso abrir os olhos.

- AUGUSTA - (TIRANDO DO BOLSO UM VIDRO DE SAIS) - Cheira isso. É um santo remédio. (A DONÁRIA) Donária, minha negra, você é capaz de arranjar-me uma xicrinha de café?
- DONÁRIA - Pois, não, d. Augusta.
- BIBI - (CHAMANDO-A) Donária!
- DONÁRIA - Senhor? (ENTRA)
- AUGUSTA + Pois é verdade... (PAUSA) Venho da casa de uma freguesa. Estou ostrompada. Ah! menina... Esta minha vida é uma penitência, não imagina. Para fazer negócio, tenho de fiar; uns pagam, mas há por aí uma certa gentinha que eu nem sei mesmo... é automóvel, Municipal, festas, sedas, Petrópolis, colares de pérolas e uma porcaria de vinte e cinco mil réis é um horror para a gente receber. Só em passagem de bunde tenho gasto mais do que fiei. Vou lá, bato e é aquela certeza: "não esta. Está no banho." Há dias fui lá de manhã, veio um sujeito de cara raspada e disse-me que ela tinha ido para S. Paulo. À tarde encontrei-a na Avenida. Pois quer saber? Quem teve vergonha fui eu, fiz que não vi. (INSISTINDO COM O VIDRO DE SAIS) Cheire um pouco. (IRACEMA ACEITA. DONARIA COM UM EMBRULHO ATRAVESSA A CENA, E SAI A CORRER) A senhora sofre de enxaquecas? (ANIMA-A).
- IRACEMA - Às vezes.
- AUGUSTA + Isto é estômago. Já sofri muito. Curei-me com banhos de mar. Por que não experimenta? (COM MALÍCIA) E olha, na sua idade, os banhos de mar fazem bem a tudo. Tenho uma freguesa que achou marido, e que marido, ali na Praia do Flamengo. Foi uma pesca e tanto.
- IRACEMA - (ABORRECIDA) Não penso em casamento, d. Augusta.
- AUGUSTA - (COM ENLEVO) É porque a senhora não sabe como é bom. Pois olhe, quando a gente tem sorte de achar um bom marido, não há nada melhor neste mundo.
- IRACEMA - A sra. é casada? (AUGUSTA FAZ TRISTEMENTE COM A CABEÇA UM GESTO NEGATIVO). Viúva (MESMO GESTO). Como sabe, então?
- AUGUSTA - (COM UM ARRANCADO SUSPIRO) Por informações, meu bem. Perdi o meu tempo de moça em maluquiças. Não conheci o mundo. Que quer a senhora? E não me faltaram partidos e bons! Mas tanto escolhi, tanto escolhi, que aqui estou. A vida era boa, e eu não sentia o tempo, que é como um morcego que, soprando esperança, vai levando a mocidade. Quando dei por mim era tarde: estava com a cabeça branca, sem dentes e cheia de rugas.
- IRACEMA - Nem por isso, d. Augusta. A sra. também não está tão velha assim.
- AUGUSTA - Ora, coraçãozinho... não estou velha... eu é que sei! É verdade que um quitandeiro lá da rua - não se enxerga o porcaria - andou com histórias comigo: presentinhos de laranjas, de bananas... Mas eu, pois sim (PUXANDO A PÁLPEBRA INFERIOR DE UM DOS OLHOS) Eu vejo longe! Comigo não há lambanças!

- O que ele queria sei eu: mais isso!!! (TOCANDO A MÃO ESPALMADA ORA NUMA ESPÁDUA ORA NOUTRA) cá, mais prá cá! Não, que me tem custado! (CUSTÓDIA DIA ENTRA ANUADA. AUGUSTA LEVANTA-SE COM ALVOROÇO E VAI-LHE AO ENCONTRO)
- CUSTÓDIA - (FRIAMENTE) - Como está, d. Augusta? (A IRACEMA) Falaram para cá?
- IRACEMA - Não senhora.
- AUGUSTA - Eu trouxe a sua encomenda.
- CUSTÓDIA - Que encomenda?
- AUGUSTA - Para o enxoval da menina.
- CUSTÓDIA - Ah! (FICA UM MOMENTO ALHEIADA E DE REPENTE) Olha, d. Augusta, fica o dito por não dito, eu agora tenho muito que fazer. Desculpe-me.
- AUGUSTA - (RESSENTIDA) A sra. parece que está sentida comigo, d. Augusta.
- CUSTÓDIA - Não. Sentida? Não, d. Augusta.
- AUGUSTA - Não tem razão. Bem sabe que, negócios à parte, eu sempre fui sua amiga. Conhecemo-nos há mais de vinte anos.
- CUSTÓDIA - (FALANDO À TOA) É verdade.
- AUGUSTA - Pois então?
- CUSTÓDIA - É... Mas... (DESORIENTADA) Eu nem sei... Se eu lhe contar a minha vida, a senhora ha de pensar que é mentira. A sra. esta me vendo aqui, assim, não é? Pois eu nem sei mesmo...
- AUGUSTA - Mas que tem?
- CUSTÓDIA - Que tenho? Eu sei lá, d. Augusta.
- AUGUSTA - Não sera algum embaraço no estomago? (BIBI APANHA À PORTA, DE PIJAMA, E ESTACA AO VER D. AUGUSTA. FAZ UM SINAL A IRACEMA PERGUNTANDO QUEM É)
- IRACEMA - Entra. Não faz mal, é d. Augusta. (BIBI ADIANTA-SE COM ACANHAMENTO)
- BIBI - Não repare.
- AUGUSTA - Reparar ~~xxx~~ em que? O sr. está tão bem. (A IRACEMA) É seu irmão, não?
- IRACEMA - Sim, senhora.
- AUGUSTA - Ora, com cerimônias... Pois não é tá decente? Eu tenho uma freguesa, e bem bonitinha, que anda assim em casa.
- IRACEMA - De pijama?
- AUGUSTA - Sim, senhora. Fica uma gracinha, não imagina.
- CUSTÓDIA - (BAIXO A BIBI) Você já mandou a roupa, Bibi?
- BIBI - Já, sim, senhora.
- CUSTÓDIA - E agora, com esta mulher metida aqui... Como há de ser? Esta é uma lingua!
- BIBI - Que se há de fazer! (OUTRO TOM) Mas eu ainda não acredito, d. Custódia, só vendo.
- CUSTÓDIA - E eu, Bibi.
- AUGUSTA - Mas, então, d. Custódia, nã quer ou não as rendas para a menina?
- CUSTÓDIA - Que menina?
- AUGUSTA - Sua filha?

S DP
SR PE
COM 28
Pr. No.
1948

SERVIÇO DE CENSURA
D P E
S P E
DIVERSOS
PUB. CAS.



- CUSTÓDIA - (COM UM MUXOXO) - Pois sim... (IRACEMA LEVANTA-SE E VAI DEBRUÇAR-SE À JANELA. BIBI BATE UM CIGARRO NA MESINHA, TIRA A CAIXA DE FÓSFOROS DO BOLSO, MAS FICA COMO ESQUECIDO. AUGUSTA INTERDITA SEM COMPREENDER OS MODOS MISTERIOSOS DOS QUE A CERCAM, OLHA PARA UM, PARA OUTRO. CUSTÓDIA PASSEIA NERVOSAMENTE PELA SALA, ESTRINCANDO OS DEDOS, VAI AO TELEFONE COMO PARA FALAR, DETÉM-SE DIANTE DO APARELHO E, SUGANDO OS OMBROS, VOLTA. AUGUSTA DISFARÇA O SEU MAL-ESTAR ABRINDO A BOLSA, EXAMINANDO-LHE O CONTEÚDO. RUMOR FORA. MOVIMENTO NA SALA).
- DONÁRIA - (APARECENDO, ESGAZEADA) Minh'ama! (VAI A CUSTÓDIA PRONTA A FALAR, PORÉM ESTA IMPÕE-LHE SILÊNCIO COM UM GESTO, FALANDO-LHE EM SEGUIDA) Sinhá passou debaixo do arco da velha, minha ama. (CLEMENTE APARECE AO FUNDO E, LOGO EM SEGUIDA EUFÊMIA, VESTINDO O TERNO DE BIBI, ESPANTO MUDO).
- CLEMENTE - (A PORTA, SOLENE) Que? Homo! *que é Homo*
 IRACEMA - (RINDO) Que é isso, gente?
 CUSTÓDIA - (ATIRANDO-SE PARA EUFÊMIA DE BRAÇOS ABERTOS) Minha filha!
- EUFÊMIA - (SOLENE) Filho, mamãe, filho.
 AUGUSTA - E não é que ela fica bem assim?
 EUFÊMIA - (ARROGANTE) Ela quem?
 AUGUSTA - (SORRINDO ENLEVADA) Quem há de sor?
 EUFÊMIA - (COM SUPERIORIDADE) Ele, minha senhora. Eu sou ele. Dela restam-me apenas os cabelos que vou mandar cortar hoje mesmo. (A CLEMENTE) Onde é o seu cabelereiro, padrinho?
- CLEMENTE - Eu corto por aí...
 EUFÊMIA - Isto é a corrente que me prende à outra vida. (METE FURIOSAMENTE OS DEDOS PELO PENTEADO SOLTANDO OS CABELOS QUE SE LHE DESPENHAM PELAS COSTAS SACUDINDO A CABEÇA TRIUNFANTE) Enfim! (A DONÁRIA) Vai à esquina e diz ao cabelereiro que venha aqui imediatamente cortar-me os cabelos.
- CUSTÓDIA - (ENÉRGICA) Nunca! Isso nunca!
 EUFÊMIA - (TRANQUILAMENTE) Vai Donária.
 BIBI - Eufêmia!
 (EUFÊMIA FULMINA-O COM UM OLHAR FURIBUNDO)
- Iracema - Sinhá!
 EUFÊMIA - (COM UM GESTO IMPERATIVO) Vai!
 AUGUSTA - (BAIXO À CUSTÓDIA) Se foi promessa, d. Custódia... tenho uma freguesa...
- CUSTÓDIA - Qual promessa, d. Augusta! Deixo-me pelo amor de Deus!...
- DONÁRIA - (HESITANTE) Mas, então...
 EUFÊMIA - Vai Donária e que venha já (DONÁRIA SAI)
 AUGUSTA - (À PARTE) Se não foi promessa, então, coitadinha! Está aqui, no hospício.
 EUFÊMIA - A vida agora sorri-me. (A IRACEMA) Não imaginas o que é isto, cá deste lado. Respiro outro ar e sinto-me livre enfim. (A BIBI) Dá cá um cigarro. Os meus ficaram no saco. (BIBI DÁ-LHE UM CIGARRO E ACENDE-O) Obrigado.



- CUSTÓDIA - (DEIXANDO-SE CAIR NUM SOFÁ) Eu não digo? Ninguém acredita.
- AUGUSTA - (APARTE) (PENSADA) - Fumando! Como está este mundo! (PAUSA) Rio de Janeiro quem te viu e quem te vê.
- CUSTÓDIA - (CORRE A CLEMENTE E BAIXO-LHE BAIXO, ESCANDALIZADA) Compadre, tenha paciência... veja se levada. Augusta tá lá para dentro. Eu já não tenho cara...
- IRACEMA - (MUITO MEIGA, ESTENDENDO OS BRAÇOS A EUFÊMIA) Sinhá!
- EUFÊMIA - (AFASTANDO IRACEMA) Iracema, cavou-se em abismo entre nós: tu és uma; eu sou outro. O passado morreu para nós.
- BIBI - E eu? Afinal que papel represento nisso tudo?
- CLEMENTE - (BAIXO A CUSTÓDIA) Pois não... (A AUGUSTA) Desculpe-me, d. Augusta, mas a senhora não podia esperar um minuto lá dentro, so enquanto resolvemos aqui uma questão de família?
- AUGUSTA - Não, Eu vou indo, Já é muito tarde e tenho que ir à Gávea, levar uns bicos a uma freguesa. (MISTERIOSAMENTE) Mas, diga-me uma coisa. (APINHA OS LÁBIOS INDICANDO EUFÊMIA) Cabeça virada, não?
- CLEMENTE - Cabeça? Não senhora; coisa pior, muito pior! Não foi a cabeça que virou!
- AUGUSTA - Então, o que foi? (CLEMENTE FAZ-LHE EM SEGREDO; ELA RECUR FORMALIZADA) Senhor? Eu sou donzela, sabe? (TOMA A BOLSA E VAI-DESPEDIR-SE DE CUSTÓDIA MUITO DIGNA) D. Custódia... (VOZ LACRIMOSA) A senhora conhece-me: sou pobre é verdade mas honrada; Não admito que me faltem com o respeito. Isso não!
- CUSTÓDIA - (ESPANTADA) - Mas quem lhe faltou aqui com o respeito, d. Augusta?
- AUGUSTA - Aquele senhor, seu filho... todos enfim. (ENXUGANDO AS LAGRIMAS)
- TODOS A UM SO TEMPO - Quê!!!
- AUGUSTA - Aquele senhor diz-me coisas que eu nunca ouvi, nunca!
- CLEMENTE - (BATENDO NO PEITO) Eu?!
- CUSTÓDIA - (BAIXO) Sempre a boca suja, compadre. O sr. não se emenda.
- CLEMENTE - (INDIGNADO) Boca suja! Perdão... (A AUGUSTA) Que disse eu? Eu sou um pai de família. O que eu lhe disse repito em voz alta diante de todos.
- AUGUSTA - O sr. não repete!
- CUSTÓDIA - Olhe as meninas, compadre!
- AUGUSTA - Não e capaz!
- CLEMENTE - Não repito?
- AUGUSTA - Não repete!
- CLEMENTE - Ora essa! (FURIOSO) O que eu lhe disse é a pura verdade. Tão pura como essa luz que nos alumia. (A EUFÊMIA) Você que é, menina? Diga a esta senhora. Que é? Homem ou mulher?





- EUFÊMIA - Homem!
- AUGUSTA - (DEPOIS DE RELANÇAR POR TODOS O OLHAR) Sabem que mais, eu não me presto a debiques. Troças, comigo, não. (ESPANTO GERAL) Eu não mereço ser tratada assim em sua casa, d. Custódia. Não mereço não. (CAMINHA PARA O FUNDO)
- CUSTÓDIA - Mas, acredite, d. Augusta, é a pura verdade.
- AUGUSTA - Acreditar em que, d. Custódia. Então eu sou tola?
- CLEMENTE - (DIRIGINDO PARA ELA) Mas... minha senhora.
- IRACEMA - (MESMO JOGO) D. Augusta...
- CUSTÓDIA - (ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO) Eu não digo!
- BIBI - D. Augusta...
- EUFÊMIA - (ENCOLHENDO OS OMBROS) Não quer acreditar, melhor. (AUGUSTA SAI)
- BIBI - Realmente...
- CLEMENTE - (IRRITADO) Está danada, porque perdeu uma freguesa, e atira a culpa em cima de mim. É boa.
- CUSTÓDIA - Ninguém acredita... Ninguém!
- EUFÊMIA - (SENTANDO-SE DE PERNA CRUZADAS) - Mas, afinal o que há nisto de extraordinário?
- CUSTÓDIA - Olha, Eufêmia... Seja como for o melhor é voce ficar como estas. Você tem vivido até hoje assim, por que ha de mudar? Isto vai ser uma atrapalhação para todos...
- EUFÊMIA - Como, atrapalhação?
- CUSTÓDIA - Eois então! Todo mundo conhece-te como Eufêmia, e eu hei de agora andar participando, explicando a uns e a outros que não es mais Eufêmia. Ponha o caso em ti, minha filha. A gente também tem vergonha. E depois... Ninguém toma a serio uma coisa assim. Ninguém. Eu, por mim, deixava as coisas como estão. Ninguém sabe. D. Augusta pensa que foi pagode. Melhor. Você continua como dantes, casa-se (ULHA ENTERNECE) (PARA BIBI, D. CLEMENTE) Não acha, compadre?
- CLEMENTE - Isso agora, comadre... é lá com eles.
- EUFÊMIA - (LEVANTANDO-SE COM IMPETO) Casar-me com Bibi! ? Eu?
- CUSTÓDIA - Depois aquele médico, um cateteco. Sei lá! Eu só digo que ainda porco a cabeça nessa barafunda.
- CLEMENTE - (ATARANTADO) E este homem aqui a ouvir essas coisas... (A IRACEMA, ACARIICIANDO-A) Va lá para dentro, filhaota.
- IRACEMA - (INGENUA) Ora, por que? Que pensam então? Eu sei tudo!
- CLEMENTE - Sabes de tudo?
- IRACEMA - (BAIXANDO OS OLHOS) Então, e não é de hoje.
- CLEMENTE - (AGARRANDO-A POR UM BRACO) Hehe? O que sales?
- CUSTÓDIA - Como? (COM AS MÃOS NA CABEÇA, A PARTE) Virgem!
- IRACEMA - Sinha nunca teve segredos para mim.
- CLEMENTE - Mau, mau! (SEVERO) Tu... então? (ACENO AFIRMATIVO DE IRACEMA) (A CUSTÓDIA) Sua filha, minha senhora... ou filho...
- CUSTÓDIA - (ENFEZADA) Olho, compadre; quer saber de uma coisa? É melhor não bolir comigo. Já estou cheia! (A EUFÊMIA) Você fez suas maluquicas e eu sou que pago.



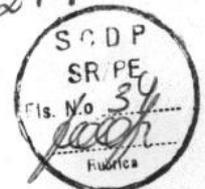
- EUFÊMIA - Maluquices!
- CLEMENTE - (A EUFÊMIA) A senhora... e senhor!... Ah! Mas eu vou por essa história em pratos limpos.
- EUFÊMIA - Mas, afinal, que há?
- IRACEMA - Eu dei a entender a Bibi.
- BIBI - A mim?
- IRACEMA - Sim, senhor. Mais de uma vez.
- BIBI - A mim, não. Tu nunca me disseste nada.
- CUSTÓDIA - (De mãos postas à parte) Que vergonha, meu Deus!
- IRACEMA - Como não disse?
- CUSTÓDIA - E por que não me disseste, a mim?
- CLEMENTE - E a mim?
- IRACEMA - Ora... porque... porque os senhores faziam questão do casamento, fosse como fosse. Mas a Bibi eu disse. Se ele teima é porque quer. (A BIBI) Então eu não te disse mais de uma vez que Sinhá não gostava de ti? Não disse? ...
- BIBI - (APARVALHADO) Sim, ... isso disseste.
- EUFÊMIA - (INTERVINDO) Peñdao... expliquemo-nos.
- CLEMENTE - (DESSASSOMBRADO) Mas então é isso que sabes? que ela..
- EUFÊMIA - (IMPERATIVA) Ele!...
- CUSTÓDIA - Deixa, minha filha, é o costume.
- CLEMENTE - (INSISTINDO) ... que ela? (A EUFÊMIA) Eu refiro-me ao passado. (A IRACEMA) Que ela não gostava de Bibi?
- IRACEMA - Pois então. (CLEMENTE RESPIRA ALIVIADO) E para mim, tudo isso que Sinhá está fazendo não passa de um pagode.
- EUFÊMIA - (GRAVE) Enganas-te, Iracema. Isto tudo é que há de mais serio nesta vida.
- IRACEMA - (SORRINDO COM INTENÇÃO) Pois sim. (OUTRO TOM) Eu quero muito bem Bibi. Mas acho que Sinhá tem razão. Uma moça que se casa contra a vontade, não pode ser feliz. Eu cá penso assim.
- CUSTÓDIA - (BAIXO A EUFÊMIA) Mas, então, por que não te queres casar com Bibi?
- EUFÊMIA - (SUPERIORMENTE) Não, mamão.
- CUSTÓDIA - Então, por que é?
- EUFÊMIA - É porque é mesmo.
- DONÁRIA - (APARECENDO AO FUNDO) Já dei o recado. Seu Batista vem aí.
- CUSTÓDIA - Que Batista?
- DONÁRIA - O barbeiro da esquina.
- CUSTÓDIA - O que vende o bicho? Que vem ele fazer aqui?
- DONÁRIA - Pois Sinhá não disse que queria cortar o cabelo?
- CUSTÓDIA - (Com um muxoxo) Ora!
- DONÁRIA - (DE TROMBAS) Eu faço o que mandam. (SAI PELO FUNDO RESMUNGANDO).
- CLEMENTE - (QUE MATUTAVA A UM SANTO, GRAVE) Comadre, a senhora dá-me um palavrão ou particular?
- CUSTÓDIA - (INTRIGADA) Pois não, compadre. Aqui mesmo?
- CLEMENTE - Não, é melhor lá dentro.
- CUSTÓDIA - Pois vamos, estou às suas ordens. (SAEM).



S.C.D.P.
SR/PE
Fls. No. 133
100h
Folhas

SECRETARIA DE DIVERSOS PUBLICOS
SECRETARIA DE DIVERSOS PUBLICOS

- IRACEMA - (BAIXO A EUFÊMIA) - A dona de casa não me ama.
- ENTR. A DIREITA SORRINDO
- BIBI - (DEPOIS DE OLHAR SE ESTÃO A SÓS. DESAFOGO) Enfim...
Sós...
- EUFÊMIA - Dá cá outro cigarro, Bibi.
- BIBI - Não. Agora não. Tem paciência. Estamos sós e é necessário que resolvamos a nossa situação. Isso não pode ficar assim. Somos noivos e o casamento, Sinhá, é uma coisa séria.
- EUFÊMIA - De acordo. Muito séria. É a base da família, o princípio fundamental da sociedade, etc., mas de cá o cigarro. Eu sem fumar não sou gente. (BIBI DÁ O CIGARRO) Fósforo. (BIBI ESTENDE) Muito bem, estou às tuas ordens.
- BIBI - CRUZANDO O BRAÇO E ENCOMENDANDO SEVERAMENTE) - Que queres tu dizer? Como pilhéria, acho-a de mau gosto. Tens alguma queixa de mim? Com fraqueza?
- EUFÊMIA - Eu? Não, por que?
- BIBI - Então que quer disse isso? Explicatô.
- EUFÊMIA - Severamente - Isto? Isto quer simplesmente dizer, meu amigo, que somos incompatíveis.
- BIBI - Incompatíveis?
- EUFÊMIA - Incompatibilíssimos. (COM SEVERIDADE) Bibi, durante 18 anos, vivi dentro de uma ilusão e de saias, aparentando o que não era e suportando o diabo. Por mais que eu dissesse como... não me lembro a quem: "il y a quelque chose là"... ninguém acreditava. Deram-me bonecas, ensinaram-me a fazer croché, puseram-me em uma escola de meninas, e eu... (DE REPENTE) Conhece a história do Patinho Torto?
- BIBI - Não.
- EUFÊMIA - Tu não a sei lá muito bem. Nunca tive jeito para histórias. Enfim, vou ver se consigo dar uma ideia. (À VONTADE) Era no reino dos patos. Um dia, passando por ali um bando de cisnes, a sentindo-se a rainha doles ligeiramente incomodada, meteu-se no mato onde descobriu um ninho cheio de ovos, exclamando logo, exultante: "oh, que achado! E foi como se houvesse entrado em uma maternidade, compreendes? (ACENO AFIRMATIVO) Os patos, aprem, sentindo um inimigo, levantaram tamanha granada, que os cisnes abalaram em alvoroço... E com eles, a Rainha Mãe. A pato, dona do ninho, deitou-se sobre os ovos, sem dar torto a mais um que ali aparecera... E chocou-os... No tempo próprio, saiu a ninhada. Entre os patinhos, porém, veio um tão esquisito, tão mal conformado, e com tão comprido pescoço que se tornou, desde logo, a vítima dos ramaques não só dos patos adultos, como dos próprios irmãos... como direi, leite, não... de choco. Apelidaram-no de O Patinho Torto. Pois, meu caro, o mostrego não era mais nem menos que um cisne e só deu



só deu por isso quando, fugindo à percepção dos patos, que o traziam de canto chorado, achou-se um dia, no lago entre outros cisnes. Vendo-os e comparando-se com eles, ficou surpreendido com a semelhança, compreendendo então, e com orgulho, que não era um aleijão, mas um lindo exemplar de animal superior, com outro porte, outra graça, que não tinham os patos. (LEVANTANDO-SE COM AR PIMPÃO) Pois meu caro Bibi, a minha história é, com pouca diferença, a do Patinho Torto.

- BIBI - Como?
- EUFÊMIA - Se eu te dissesse os comentários que faziam em volta de mim, os risinhos, os dísticos, que me acompanhavam nas ruas, nos bondes, nos bares, nos cinemas, onde quer que eu aparecesse. Horríveis, meu velho. (ENCARANDO-O) Olha que eu era... so mesmo tu.
- BIBI - Pois eu...
- EUFÊMIA - Homem, cala-te! Um dizia que eu era feito, ou feito um machado. Outro, que não tinha gosto, que era abruptalhada. Que estava muito boa para ir para a guerra, responder aos quatrocentos e vinte boches. Riam-se de meu buço. Achavam-me sem modo, e no Fluminense, quando eu torcia... não te digo nada, estive uma vez vai não vai quebrar a cara de um sujeito, um tal que espicha os olhos muito deslambidos para as arquibancadas, para ver...
- BIBI - Sei, o homem das pernas...
- EUFÊMIA - Sim. Pois, Bibi, a bruxa, a trouxa; o bacamarte... No outro sexo, era esse seu criado. O Patinho Torto cisne como tu e formoso, porque, como homem, tem paciência, poucos me passarão à frente.
- BIBI - Mas, e o atestado?
- EUFÊMIA - Que atestado?
- BIBI - Tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... Passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar de nome, anuncia nos jornais, vai a tabelião, quanto mais para mudar de sexo.
- EUFÊMIA - Sim, tens razão. Hei de ver isso. Mas voltando ao nosso caso... Compreendes que, com a mudança, tendo passado de pato ou pata à cisne, o nosso casamento é impossível. Continuemos como bons amigos, e as confidências que eu dantes fazia a Iracema; farei do-ravante a ti.
- BIBI - Qual. Eu não me conformo.
- EUFÊMIA - Não te conformas? Essa agora!
- BIBI - Não, Sinhá, eu... (INTRIGADO) como diabo eu hei de chamar-te agora?
- EUFÊMIA - Chamas-me como quiseres. Ainda não pensei na nova firma. Adotemos por enquanto esta: Eufêmia & Cia em liquidação.
- DONÁRIA - (Aparecendo ao fundo) Sinhá, seu Batista está aí.
- EUFÊMIA - Entre, seu Batista.
- BATISTA - (Aparecendo com um embrulho e vendo Eufêmia fica es-



- BIBI - Que fizeste, sinhá?
- EUFÊMIA - Apoderei-me da praça, tomando a bandeira ao inimigo.
- CUSTÓDIA - É agora, menina?
- EUFÊMIA - Agora, vou desfilar o pavilhão da vitória, o pavilhão do meu sexo!
- CUSTÓDIA - Que pavilhão, filho de Deus?...
- EUFÊMIA - A barba! A Sansão levou a tesoura as forças; a mim, fe-les vir... (UFEMIA) Agora sim, sou gente. (SOPELAN-DO AS TRANÇAS) Não pesam tanto os grilhões a uma gar-
ló como me pesava esta ignominia. Vou lançá-la ao fogo! (ENCAMINHA-SE PARA O FUNDO, CUSTÓDIA INTERCE-PTA E ARRANCA-LHE AS TRANÇAS)
- CUSTÓDIA - Nunca! Queimá-la... Nunca! (CONTEMPLANDO COM ENLEVO)
É preciso não ter coração. (CHORA ABRACANDO A TRANÇA E COBRINDO-A DE BEIJOS) Ah!... Minha trançinha queri-da! Trança do meu coração! Que sina a tua!
- EUFÊMIA - (Passando o braço pelos ombros de Custódia) Coragem, mamãe!
- BIBI - (BAIXINHO, A EUFÊMIA) - Mas então... tu?....
- EUFÊMIA - (A BIBI) Então... que? (A CUSTÓDIA) Levanta as mãos para o céu, mamãe, e agradeça o milagre que ele acaba de realizar. O seu amor de mãe não sofre com a mudança e eu, ou antes: nós lucramos com a transformação porque, passando a homem, falarei grosso doravante, tomando a direção dos nossos negócios que por falta de um pulso iam de água abaixo.
- CUSTÓDIA - E tu tens jeito de homem, Sinhá, tens?
- EUFÊMIA - No princípio, é natural que me atrapalhe um pouco, mas hei de aprender, deo não. Tudo se consegue com o verbo querer, e eu quero!
- CUSTÓDIA - Pois sim, vai querendo! Mas, queixa Deus que não te saia o trunfo as avessas. Se fosse só querer... En-
fim... ISSO é lá contigo. (MOVENDO TUM) E o mundo?
Que dirão por aí esses diabos que falam de tudo?
- BIBI - (MENEANDO A CABEÇA) É nisso que eu penso.
- EUFÊMIA - Falam enquanto não se lhes tapa a boca, mamãe; mas eu tenho rocha, não se incomoda. E que importa o mundo? Que fale! Quem dá ouvidos a vozes não vai para diante. Lembra-se da fábula do comenês e o filho. Que me im-
porta a mim o mundo?
- CUSTÓDIA - Sim, tu não te importas, mas eu... Eu é que vou ouvir
boa por aí.
- BIBI - (Esticando o beijo) E eu?
- EUFÊMIA - (A CUSTÓDIA) Se eu, quando era mulher não aturava de-
saforos, quanto mais agora. Que se metam comigo!
(A BIBI) E tu, desculpa-me, Bibi. Não é porque não te quero, é muito! que retiro a minha palavra, mas tu
compreendes. Dois bicudos não se beijam..



BIBI - So,
 BIBI - Sim, é verdade o que dizes?
 EUFÊMIA - Pois ainda duvidas?
 CUSTÓDIA - Sendo assim, ainda mesmo que ela quisesse, não seria possível. Duro com duro não faz bom muro; diz o ditado. O remédio agora... nem sei mesmo. (HEBERTADA) Nunca vi uma coisa assim. Até parece fã-tiço, palavra.
 BIBI - Papai está lá dentro?
 CUSTÓDIA - Está.
 BIBI - Com licença.
 CUSTÓDIA - (SEGUINDO BIBI, PENALIZADA) Ai, meu Deus, pobre ra-paz! Tanta coisa, tanta coisa pra nada. Olha que é mesmo para um homem perder a cabeça! Já é falta de sorte. Enfim, ainda podia ser pior. Imaginem no dia do casamento. Nossa Senhora! Nem é bom pensar. (EUFÊMIA REPUXA AS CALÇAS, INCOMODADA) Que é? Que tens?
 EUFÊMIA - São as calças.
 CUSTÓDIA - Eu não digo?! Tu não vais lá das pernas, minha filha. Afinal, deixa lá! São dezoito anos de saias e a gente habitua-se.
 EUFÊMIA - Não mamãe! Isto agora ou vai ou racha!
 CUSTÓDIA - Que é isso, menina!
 EUFÊMIA - (DANDO UM SANFENO AS CALÇAS) É o que lhe digo. (OUTRO TOM) Mas, afinal.... a sra. queria dizer-me alguma coisa? ...
 SRA CUST. - Sim... É... É uma coisa muito séria. Nem eu sei mesmo... como hei de dizer. Tu agora és homem e eu com homens... Francamente... Não esta em mim. Eu só falei a vontade com um homem neste mundo e esse Deus o tem na sua glória.
 EUFÊMIA - Mas, eu sou seu filho, mamãe....
 CUSTÓDIA - É... mas... não sei... enfim... façamos de conta que ainda és Eufemia.
 EUFÊMIA - Pois sim, mas só na intimidade. Para a sra. muito bem. Para os mais Eufêmia morreu. (CUSTÓDIA PERSIGNA-SE) Fale. Que há?
 CUSTÓDIA - (VEXADA) Foi o compadre que me disse. E ele tem razão, isso tem. Este mundo é de malandragem. Afinal de contas vocês viviam juntas. (ATRAFALHANDA) Eu mesma não sei.
 EUFÊMIA - Mamãe quer falar de Iracema?
 CUSTÓDIA - É...
 EUFÊMIA - (MUITO DIGNA) Iracema sempre foi para mim uma irmã.
 CUSTÓDIA - Eu sei. Mas o mundo minha filha... o mundo, você sabe, tem a boca muito grande.
 EUFÊMIA - Ora, o mundo!
 CUSTÓDIA - Não é "ora", não. O compadre diz que vão falar





- EUFÊMIA - Falar?
- CUSTÓDIA - É...
- EUFÊMIA - Falar de quê?
- CUSTÓDIA - Ora de que... de que é que se fala neste mundo
sonho da vida dos outros?
- EUFÊMIA - Mas, mamãe não me capoz?
- CUSTÓDIA - E não. Quem acha é o compadre.
- EUFÊMIA - Oh, (COM MUITO PUNDONOR) Mamãe, eu sou um homem de
bom!
- CUSTÓDIA - Eu sei, menina... eu sei. (À PARTE) Qual! Eu não me
posso conformar com essa história de homem. Não
posso!
- EUFÊMIA - (COM UM OLHAR À DIREITA) Olhe, aí vem Iracema.
Interrogue-a.
- CUSTÓDIA - Eu?
(IRACEMA ENTRA) - DESMAIA
- CUSTÓDIA - Ainda mais esta! Também nunca vi criatura assim para
ataques. Qualquer coisinha é isto.
- EUFÊMIA - Onde está o óter, mamãe?
- CUSTÓDIA - Que óter? Sei lá de óter? Eu não sei de mim, quanto
mais... eu vou mesmo e chamar o compadre. COMPADRE!
- EUFÊMIA - (PROCURANDO DESPERTAR IRACEMA) - Iracema! Ô Iracema!
(CLEMENTE E BIBI ENTRAM ALVOROÇADOS)
- CLEMENTE - O que é?
- BIBI - (VENDO IRACEMA DESFALECIDA) É Iracema com o ataque.
- CUSTÓDIA - Viu Sinhá com os cabelos cortados e foi logo...
- CLEMENTE - (À EUFÊMIA) Homem... você também... que pressa! Podia
ter esperado mais um pouco para prepararmos o espírito
da menina. Isso assim de repente (OUTRO TOM) Não há
por aí alguma coisa para dar-lhe a cheirar?
- BIBI - Isso passa. (IRACEMA DESPERTA) Está passando.
- CLEMENTE - (VENDO IRACEMA ABRIR OS OLHOS) Sou eu, filhota, então?
- CUSTÓDIA - Está melhorando. Quanto ir lá para dentro? É melhor.
Tire o colete, vá para a varanda.
(IRACEMA LEVANTA-SE E SAI COM CUSTÓDIA)
- CLEMENTE - (PREOCUPADO) A pequena é capaz de fazer alguma asnei-
ra! (À EUFÊMIA) O senhor! O senhor!
- EUFÊMIA - O padrinho suspeita-me de alguma coisa?
- CLEMENTE - Eu? Eu acho que isso não está direito. Isto não é
certo. A gente é o que é. Um homem é um homem.
- EUFÊMIA - É um gato o seu...
- CLEMENTE - Não é isto. Das duas, uma: ou você casa-se com Bibi
ou casa-se com Iracema.
- EUFÊMIA - Como?





CLEMENTE - Como? Ora como! Casando-se. Com Bibi você diz que não pode. E com Iracema?

EUFÊMIA - Hein?!

BIBI - Papai tem razão.

EUFÊMIA - Papai tem razão? Então isto é assim? Pois eu ainda bem não sei de uma alhada já me querem meter em outra ^{croche}

CLEMENTE - Olhada? E você acha que as coisas vão ficar assim, não? Você era a amiga mais íntima de minha filha não se dá ^{croche} com essa, na rua, dormindo juntas. De repente... Não! Tenha paciência.

BIBI - Papai tem razão.

CLEMENTE - Falci à comadre e estamos de acordo. Vou hoje mesmo tratar dos papéis.

EUFÊMIA - Dos papéis?!...

CLEMENTE - Pois então? Primeiro o estabelecimento da tua idoneidade.

BIBI - Papai tem razão.

CLEMENTE - Depois, dos papéis do casamento. Isto não pode ficar assim.

BIBI - Papai tem razão.

EUFÊMIA - (EXPLODINDO) Ah! Tem razão... tem razão! Você está danado com o que aconteceu e agora é papai tem razão... papai tem razão, Não amoles! (A CLEMENTE) Dêem-me tempo, que diabo! Deixem-me, ao menos respirar um pouco. Eu não tenho prática. Se ainda não me ajerto nas roupas quanto mais... Tenham paciência. Também não é assim. Não sou pau para toda obra.

CLEMENTE - Pois sim. Nem eu estou exigindo que seja hoje ou amanhã.

EUFÊMIA - Ponham o melhor "goal-keeper" do mundo a jogar de "back" e não do ver o fiasco.

CLEMENTE - (SEM ENTENDER A BIBI) Que diz ela?

BIBI - É a linguagem de futebol!

CLEMENTE - Ingles. Não entendo. (A EUFÊMIA) Que queres dizer?

EUFÊMIA - Queres dizer que sem treino nada se faz neste mundo.

CLEMENTE - Que treino? Quem falou em treino aqui?

EUFÊMIA - Falo eu, porque quero que eu jogue em uma posição que não conheço.

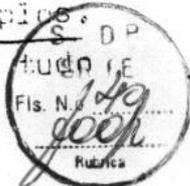
CLEMENTE - Jogar?

BIBI - Ela quer dizer- casar!

CLEMENTE - Então, casamento é jogo?

BIBI - É gíria de futebol.

- CLEMENTE - E que vem cá fazer o futebol? O caso é simples.
 EUFÊMIA - Pareco-lhé. Para quem está na arquibancada tudo é
 e simples. Entre em campo e há de ver.
 CLEMENTE - Que campo?
 EUFÊMIA - Nada.
 CLEMENTE - Pois é. Vocês criaram-se juntas, são quase da mesma
 idade, diferença de meses. Casem-se e dão uma satis-
 fação à sociedade, está tudo acabado. Você, com
 certeza, não está comprometida?
- EUFÊMIA - Eu?
 BIBI - Estava, comigo.
 EUFÊMIA - Você está de "off-side".
 CLEMENTE - Eu já não me entendo na língua, quando mais nas
 estrangeiras. Deixa-te de ingles. (OUTRO TOM) Gra, rapaz...
 Nós estamos falando sério. Não te metas. (A EUFÊMIA) Pois é o que eu digo. Uma menina direi-
 ta, como você foi, não podia comprometer-se. Sonda
 assim, se você há de andar por aí quebrando a cabe-
 ça, casa-se com uma pessoa conhecida.
- EUFÊMIA - Pois sim. Mas se eu lhe disser que Iracema não
 é livre!
- CLEMENTE - Não é livre? Como não é livre?
- EUFÊMIA - Sim. O sr. sabe que nós não tínhamos segredo uma
 para a outra. Conheço o coração de Iracema como
 conheço o meu. E então?
 CLEMENTE - E então o que?
- eufêmia - Como quer o sr. que eu me case com uma menina que
 deu o coração a outro?
 CLEMENTE - A outro? Que outro?
- EUFÊMIA - Outro homem.
 BIBI - Não é possível!
 EUFÊMIA - (SEVERAMENTE) Eu não minto, Bibi.
 CLEMENTE - Que homem?
 EUFÊMIA - Um homem.
 CLEMENTE - Duvido! Sem minha licença, duvido!
- eufêmia - Não lhe posso dizer. É um homem.
 CLEMENTE - Ah! É um homem... E você não pode dizer? Muito
 bonito! Duas moças solteiras escondendo um homem
 ao pai e ao padrinho. Muito bonito, não há dúvida,
 (FURIOSO) Pois eu vou chamá-la. Quero essa história
 em pratos limpos. (ENCAMINHA-SE AO FUNDO E VOLTA
 DE REPENTE) De mais, quando esse homem souber,
 que você também é o que é... só se for mesmo...
 (À BIBI) não te pareço?
- BIBI - É claro...





- CLEMENTE - Claríssimo. (A BIBI) Você casava-se, hein? Va-se? (GESTO NEGATIVO) Nem eu. (ENCARA EUFÊMIA) oço diz que precisa fazer não sei o quê.
- BIBI - Treinar-se.
- CLEMENTE - Isso! Pois treino-se à vontade, mas quando acorda de treinar-se, case-se. Se não quiser viver aqui, tem lá a fazenda e onde comem três, comem quatro. (A BIBI) Vaio chamar tua irmã. Estas coisas dão dem-se logo (CUSTÓDIA E IRACEMA APARECEM)
- BIBI - (VOLTANDO-SE) Aí está ela! (CLEMENTE A ATRÁS)
- CLEMENTE - (QUITO MEIGO) Então, filhota?
- IRACEMA - (LÂNGUIDA) Ah! Papai... (PENDE A CABEÇA NO SEU OMBRO) Sou muito sensível, perdoa-me. Estes apelos fazem-me tanto mal! Vibro que nem sei.
- CLEMENTE - Sim, mas não te incomodes. Está tudo arranjado. Fica-te em mim, que sou teu anjo da guarda. (FÁ- LA SENTAR, A CUSTÓDIA) Falei, comadre.
- CUSTÓDIA - (EM VOZ BAIXA E ANSIOSA) E então?
- CLEMENTE - (RADIANTE) Ora!
- CUSTÓDIA - Louvado seja Deus! Mas, olha, compadre, que isto seja breve, porque pode vir por aí outra história e eu já não posso comigo.
- CLEMENTE - Sim, sim... Nem há tempo a perder. A propósito: leve-me daqui os noivos.
- CUSTÓDIA - Que noivos?
- CLEMENTE - Que noivos!? Bibi e... Eufê... (CAINDO EM SI) Homem, tem razão: é o hábito, comadre. Veja se os leva, daqui, porque preciso conversar com a pequena.
- CUSTÓDIA - Pois não (CHAMANDO) Sinhá! (EUFÊMIA VOLTANDO-SE) Você não ouve? Bibi! Venham cá dentro um instante (SAEM OS TRÊS)
- CLEMENTE - (ESFREGANDO AS MÃOS) Pois é verdade, filhota. Está tudo arranjado.
- IRACEMA - Tudo que?
- CLEMENTE - O teu casamento.
- IRACEMA - (COM ESPANTO) meu!?,..
- CLEMENTE - Sim, o teu casamento. Não me consta que tenhas feito voto.
- IRACEMA - (PONDO-SE EM PÉ, VIVAMENTE) Meu casamento?! Com quem?
- CLEMENTE - Com quem há de ser? Com Sinhá.
- IRACEMA - (ASSOMBRADA) Com Sinhá! Papai está louco?! Casar-me com sinhá! (DESATA A RIR)



SCDP
34 SR FE
Fls. No. 92
100p

CLEMENTE - Ris!? Pois o caso não é para rir, minha filha é sério, muito sério!

IRACEMA - (ENCARANDA EM CLEMENTE) Não compreendo.

CLEMENTE - Como não compreendes?

IRACEMA - Pois sinhá não é mulher?

CLEMENTE - (À PARTE) Agora é que são elas!

IRACEMA - (INSISTINDO) Não é mulher?

CLEMENTE - Foi..

IRACEMA - Foi?!

CLEMENTE - Sim; foi, ou antes: passou por ser.

IRACEMA - Passou por ser... cada vez entendo menos..

CLEMENTE + (PUXANDO-A PARA SI) - Olha, senta-te aqui. (FALANDO PAULATINAMENTE). Quando Sinhá nasceu já lhe havia morrido o pai, você sabe. A probrozinha veio ao mundo de luto. Tanto que a ama de leite que lhe deram, era uma negra retinta. Pois bem, a comadre vendo-se só, sem o marido, sem o amparo de um homem - porque você sabe - um homem é tudo em uma casa - pensou, e pensou muito bem, que o melhor meio de criar e educar o filho sob as suas vistas era fazê-lo passar por uma menina. E assim, fez. Se ela lhe dissesse que era menino, ele havia de querer andar solto, em companhia doutos, fazendo travessuras, pela rua, com risco de ser vítima de algum desastre. Menina, não: era em casa, juntinho dela, com as suas bonocas, a sua cestinha de costura e etc. E assim, cresceu Sinhá certa de que era menina, não só pela educação mimosa que lhe davam, como também pelos vestidos. Não achas que a comadre fez bem?

IRACEMA - Mas...

CLEMENTE - Dom. Com a idade, você compreende, começaram a aparecer certas manifestações, como por exemplo: o buço, o gosto pelo cigarro, etc... etc... etc...

IRACEMA - Mas, se d. Custódia sabia que sinhá era homem, como consentiu o casamento dela com Bibi?

CLEMENTE - Como? Ora, como... (DE REPENTE) Por tua causa,

IRACEMA - Por minha causa?

CLEMENTE - Sim, por tua causa. Inteligente, como é, sinhá tornou-se, desde cedo, muito notada nos salões, sem ser bonita, mas simpática, tocando bem piano, falando varias linguas, recitando em francês, dançando tango e essas danças americanas na perfeição, entendendo como ninguém, desse lado de fora, e procurando alguma coisa de seu, nos ~~porque foi combinação minha com a comadre - para evitar~~





- ~~porque foi combinação minha com a comadre para evitarmos que a uma pedra, impressidade pelos seus dotes, e pedissem, essenciais, tratemos de por uma pedra no caminho essa pedra foi...~~
- IRACEMA - Bibi.
- CLEMENTE - Justo. ^e Canguçu, porém, o dia de revelarmos o segredo e tudo esclareceu-se. Esta aí o homem que só hoje entrou no uso e gozo dos seus direitos.
- ~~IRACEMA - E foi o dr. Paturoba?~~
- ~~CLEMENTE - O dr. Paturoba?...~~
- IRACEMA - Sim, esse da casa de saúde? Pois Sinhã não foi lá?
- CLEMENTE - Ah, sim... foi o dr. Paturoba, grande médico. Um pouco de cloroformio e... pronto! Quando ela abriu os olhos, ~~ela ele~~ (OUTRO TOM) E esse é o esposo que te destilamos, preparado com o maior carinho, criado como uma donzela, como tu que és a própria pureza, a glória e orgulho de teu velho pai! (DEIXA-A, NA FRONTE) E agora, que conheces o caso, responde: sim ou não?
- IRACEMA - Papai, não sei.
- CLEMENTE - Como não sabes?
- IRACEMA - A gente para casar-se deve primeiro ouvir o coração.
- CLEMENTE - Não queres bem a sinhã?
- IRACEMA - Muito! Mas a sinhã, a minha amiga de infância? Daí, porém... a querô-la para parido, vai muito.
- CLEMENTE - Não acho. A amizade está muito perto do amor: é só virar a esquina.
- IRACEMA - Preciso ouvir o coração.
- CLEMENTE - Mau conselheiro. Enfim... Ouve-o. Mas se breve, este caso deve ficar resolvido hoje. É urgente. (IRACEMA PENSATIVA) (CLEMENTE PARANDO) Uma quer treinar-se ou não sei que inglês, outra quer ouvir o coração num caso desses de: pão-pão, queijo-queijo.
- IRACEMA - (DE REPENTE) E que diz sinhã?
- CLEMENTE - Sinhã quer o casamento imediatamente. Assim que virôu homem, a primeira coisa que pediu foi a tua mão.
- IRACEMA - E Bibi?
- CLEMENTE - Ora... Bibi, Bibi era a pedra no caminho. Foi arredado. A passagem está livre.
- IRACEMA - (PAUSA) Preciso ouvir o coração, papai.
- CLEMENTE - Pois ouve-o à vontade. Se queres, eu saio, pode ser que o teu coração...
- IRACEMA - Não. fiquo. (LÂNGUIDA) Eu sou de uma sensibilidade, papai...





- CLEMENTE - Eu sei... (CONSULTANDO O RELÓGIO) Mas, não te de-
mores, porque tem ainda umas voltas a dar na ci-
dade, e faze *quês das* a sair daqui com a tua res-
poste.
- IRACEMA - (INDECISA) Não sei. (DEPOIS CONSIGO MESMA) Por ju-
 (A. CLEMENTE) Sente-se aqui, papai. Sente-se o ouça
 me. (SENTAM-SE) Uma noite, era em maio, nós das
 flôres. A lua...
- CLEMENTE - Sim. Conheço isso. É bonito, não há dúvida. Mas eu
tenho um negócio urgente lá em baixo. Vamos ao caso.
- IRACEMA - (RESSENTIDA) Oh! Papai, então não queres ouvir?
- CLEMENTE - Quero, quero. Mas sem a lua. É está claro, não achas?
Que vem fazer a lua de maio, às duas horas da tarde.
de uma quinta-feira de setembro?
- IRACEMA - Papai não tem alma.
- CLEMENTE - Parece-te. Queres que tenha alma quando tenho com-
promisso sério na cidade... (CONSULTA O RELOGIO)
- IRACEMA - Pois saiba, papai, que eu amo um homem, com todas
as veras de minha alma. É o astro de minha vida.
É a estrela Polar.
- CLEMENTE - Alguns cometa?
- IRACEMA - Seu Desidério;
- CLEMENTE - (NUM SALTO) O boticário?
- IRACEMA - O boticário... Porque não dizer farmacêutico?
É mais digno.
- CLEMENTE - Ora, menina... PALAVEN. Sempre pensei que tivesses
mais gosto. Um gasn... daquelas, que tresanda a un-
guentos e cataplasmas, a um quilômetro de distância.
Francamente, Iracema.....
- IRACEMA - Unguentos e cataplasmas... E o senhor já o ouviu
recitar o "Noivado do Sepulcro?"
- CLEMENTE - Eu? Quero lá saber de casamento em cemitério!
Casamento é entre vivos, com você e sinhá. Noivado
de Sepulcro! Ora, não me faltava mais nada. (RESU-
LUTO) Deixe lá o Desidério com as suas purgas e xa-
roparias. Eu sei isto o que é, Além dos colinos,
não vias quem quem lá em casa, senão o Desidério.
E deu-se contigo o mesmo que aconteceu a Eva.
- IRACEMA - Que Eva?



/ & 37

CLEMENTE - ~~A nossa primeira ^{meu} ~~meu~~ ^{que se} ~~meu~~ com Adão. Porque não havia outro homem no paraíso. Mas, minha filha, deixemo-nos de histórias. Entre um boticário da rua como Desidério, ^{meu amigo} ~~o~~ rapaz da cidade como Sinhá, bem educado, conversável, com um belo futuro diante de si, ~~não há um~~ ^{qual} ~~qual~~ ^{qual} Como é caso ou ~~nas~~ ^{na} casa?~~

IRACEMA - É a minha palavra?

CLEMENTE - Ora a tua, ~~ora~~ ^{ora} não vale pelo peso, palavras ~~levarias~~ ^{levarias} ~~das~~ ^{das} como ~~o~~ ^o vento leva.

IRACEMA - E se ele morrer de amor?

CLEMENTE - Qual morrer? Tem muito ~~morrer~~ ^{morrer} em casa, que se arrepende! (CONCLUSIVO) E se morrer, enterra-se e reza-se-lhe uma missa pela alma. (OUTRO TOM) Mas, deixemos o Desidério. Sinhá é o marido que ~~te~~ ^{te} convém. Demais, está tudo combinado.

IRACEMA - (HESITANTE) Não sei. (TIMIDAMENTE) Enfim, só vendo.

CLEMENTE - Como vendo?

IRACEMA - De certo. Eu não posso comprometer o meu futuro sem mais nem menos. Não, conheço sinhá...

CLEMENTE - Como não conheces sinhá? Essa agora...

IRACEMA - Quero dizer, não conheço esse sinhá... de cabelo cortado. Conheço a outra.

CLEMENTE - Pois é a mesma, muda apenas de roupa.

IRACEMA - Só?

CLEMENTE - Só. Pois então? (OUTRO TOM) Uina, minha filha, o segredo da felicidade conjugal, não é tão impenetrável como parece. Os noivos para lograrem-no, devem conhecer-se a fundo e, assim, evitam surpresas depois de casados: "Ah, porque você me enganou", "eu pensei que você era assado ou assado"... São queixas que se ouvem frequentemente, pronunciando discórdias domésticas. Com vocês não se dará isto. Vocês se conhecem desde pequenas, cresceram-se juntas. Não é verdade?

IRACEMA - -É... (MORDENDO O LENÇO) Mas eu tenho medo.

CLEMENTE - Medo? Medo de que? Então depois de tanto tempo, agora é que você tem medo?



- IRACEMA - (CABINHANDO PENSATIVA) Não sei.
- CUSTÓDIA - (ENTRA IRRIADIADA) Dáhem que é preciso ter paciência do santo.
- CLEMENTE - Que é comadre?
- CUSTÓDIA - Donária, há mais de meia hora que pedi o café e nada. Anda por aí, com certeza, atrás do bicho que dou, é um desesperto. (FALA-LHE EM SEGREDO) Como?
- CLEMENTE - (BAIXO) Contai-lhe uma história e foi tiro e queda. Achei um boticário no caminho mas isto...
- CUSTÓDIA - Um boticário!? Fazendo o que?
- CLEMENTE - Recitando o noivado do sepulcro.
- CUSTÓDIA - Que coisa! E para que?
- CLEMENTE - Para casar!
- CUSTÓDIA - Está vendo só! Feitigaria, não compaço?
- CLEMENTE - Sei lá. Varri fora. Está tudo arranjado.
- CUSTÓDIA - Passo então abraçá-la?
- CLEMENTE - Pois não.
- CUSTÓDIA - (A IRACEMA) Dá cá um abraço minha filha; (BEIJA-A) Que Deus vos faça felizes, Não é atoa que se diz que o casamento é mortalha no céu se talha, quem diz, que vende o dia, brincando de comadre, com bonecas, ainda háves de acabar morado e sua mulher? O que tem de ser, tem muita força, veja lá. (A CLEMENTE) Assim, como assim, ela não sai da família. Era noiva do Bibi (A IRACEMA) e casa com você, é a mesma coisa, não acha, comadre?
- CLEMENTE - Sem tirar nem por.

EUFÊMIA ENTRA VESTINDO PEIGNOIR BRANCO E FURANDO GRANDE

.BAFORADA, ASSOMBRA GERAL.

- CLEMENTE - (SARAPANTADO) Hein? Vindo outra vez?
- CUSTÓDIA - (EXULTANTE) Minha filha! Minha filha!
- IRACEMA - (DESAPONTADA) Ela? (A CLEMENTE) E ela?
- CLEMENTE - Sei lá. Essa criança era está pelo direito era pelo avesso, o diabo que a entenda.
- EUFÊMIA - (OLHANDO SURPRESA PARA TODOS) Que há? Que barafunda é esta? (COMPREENDENDO TUDO) Ah, sim... (SACUDINDO O PEIGNOIR) Que comédia! Ainda não estou prevenido, Bibi teve de ir à cidade e pediu-me a roupa dele

SCD
SR 15
Fls. No. 47
1000

e eu, falta de outra, meti-me de novo nessa
frandulagem em que andei tanto tempo amortalhado.
O "Colombo" : ele opera nada. Decididamente, preci-
so mudar de país.

CUSTÓDIA - (ENLEVADO) Como tá bem assim, minha filha. E acho até que não deves te vestir de outra maneira em casa pelo menos. Na rua, enfim... vá lá... me aqui...

EUFÊMIA - Não mamãe. O passado, passado. Não quero guardar lembranças do tempo horrível que vivi no outro sexo Homo sum!

CLEMENTE - De acordo. Posições definidas. É preciso firmar com um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à tarde, isso não! Não serve. A gente precisa saber com quem vive. (OUTRO TOM) Bem, agora outra coisa. (BAIXO) Está tudo arranjado.

EUFÊMIA
CLEMENTE
EUFÊMIA - Tudo! ? Tudo o que?
- O teu casamento com Iracema,
- Meu casamento? Mas isso assim, de pé pra mão, não é possível, padrinho. Eu preciso de um ano pelo menos. Se ainda nem roupa tenho. Então, é só casar? Estou chegando de outro sexo, ainda em traje de viagem, e já me querem complicar a vida! Não padrinho, tenha paciência, Embrulho comigo, não.

CLEMENTE - Embrulho... então você...?
EUFÊMIA - Ora, ouça-me: que diria o senhor de um lente que exigisse de um aluno de geografia, que prestasse exame.. digamos: de álgebra. sem uma só lição? Diria com certeza que era um idiota, não?

CLEMENTE - Um asno. Duas matérias são diferentes.
EUFÊMIA - Pois é o meu caso. É análogo ao que figurei... Eu sou o aluno e o senhor é o lente. (DESABAFANDO) Eu não sei patatina da matéria. Só hoje adquiri o compêndio, e o senhor exige que eu preste exame a mugue! Não, padrinho, figura triste não faço. Isso nunca!

BIBI - (ENTRANDO) Papai, quer alguma coisa da cidade?
CLEMENTE - Eu? Nada. Ah, espera... os jornais da tarde.
EUFÊMIA - Traz-me dois maços de cigarros, turco goiano médio.
CLEMENTE - (A EUFÊMIA) pois bem, dou-te um ano de prazo e contar de hoje. Para um rapaz anteligente como você, acho que chega e sobra.

Fim



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 48/87-SCDP/SR/DPF/PE

TÍTULO: OS MISTÉRIOS DO SEXO

CLASSIFICAÇÃO: 16 ANOS



LEITURA DE TEXTO

IDENTIFICAÇÃO: Peça teatral em três atos, autoria de Coelho Neto, com direção de Valdi Coutinho.

ENREDO: Numa família tradicional, descobre-se que uma filha (Eufemia) não é ela, e sim, ele. Pânico, surpresa, o novo homem criado como menina, rompe as amarras de sua educação e assume sua sonhada masculinidade.

MENSAGEM: Transcreve um fato comum em famílias interiores, sem transmitir uma mensagem definida. Explora com comichidade a perseverança da jovem que conseguiu realizar seu intento de viver como a natureza o fez.

PÚBLICO ALVO: Adolescente e Adulto.

LINGUAGEM: Comum, sem expressões de baixo calão, num tom quase cerimonioso.

GRAU DE PERSUASÃO: Mínimo.

PERSPECTIVA CENSÓRIA: Pela conotação dada ao aspecto central da peça, sem exploração negativa, que é a súbita transformação de uma mulher num homem, veiculando ainda uma linguagem correta e limpa, pode-se diminuir a impropriedade para maiores de dezesseis (16) anos, deste espetáculo, haja vista que esta faixa etária possui já uma consciência dos valores éticos absolutos, quase que consolidados.

PARECER: Pelo exposto, é nosso parecer pela liberação na íntegra do texto de "Os Mistérios do Sexo".

CLASSIFICAÇÃO: 16 Anos.

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Tema Complexo.

Recife, 09 de março de 1987

Visto
Em, 09/03/87

Lúcia de Riquelme Cristofolini
Mat. 2.415.700
Chefe do SCDP/SR/PE
Substituta

Joaquim Souza Netto Jr.
Censor Federal
Mat. 241-6589



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 49/97 SCDP/SR/DPF/PE



TÍTULO: " OS MISTÉRIOS DO SEXO "
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

T E X T O

AUTORIA: COELHO NETO

ENREDO

Às vésperas de seu casamento com Bibi, Eufêmia queixa-se de estranhas sensações sem causa determinada, ao mesmo tempo em que todos notam uma grande estranheza em seu comportamento, pois vivendo em meados do século, ela apresenta atitudes que mais se adequam aos rapazes.

Após ser examinada pelo médico da família, vem a constatação: Eufêmia é homem!

Cria-se uma confusão geral em torno do assunto, com os familiares atônitos sem saberem o que fazer. Surge a idéia de prosseguir o matrimônio como se nada tivesse acontecido, no entanto, logo foi afastada.

Como ponto final ao caso, acertou-se entre as famílias dos "noivos" que o casamento deveria acontecer, agora entre o rapaz que antes era tido como uma moça, e a irmã de Bibi, o antigo noivo.

AVALIAÇÃO

Trata-se de uma Obra que explora, de maneira cômica, as "estratagemas" causados pelo mau entendimento a respeito do sexo de uma pessoa, revelando os preconceitos da sociedade carioca de meados do século atual.

A linguagem é simples, e apesar de o tema apresentar-se picante, não faz uso de termos chulos, seguindo mesmo a forma de expressão daquela época, levando a crer que o público a ser atingido é o juvenil/adulto.

Para tal público, o grau de persuasão é ameno, devido à uma maior capacidade de assimilação do conteúdo da Obra, graças à já elevada maturidade.

A mensagem final é positiva, pois apesar da intensão de distrair, a Obra aborda os preconceitos de uma sociedade que ainda hoje subsistem mesmo que de forma velada.

CONTINUA...

Visto
Em 13/03/87
Lúcia de Figueiredo (Cristofoli)
24.15.1987
CD Referendo SCDP/SR/PE
Substituto SR/DPF

...CONTINUAÇÃO

Opino pela classificação de 14 (quatorze) anos para o Texto, de acordo com o Art. 1º, § 1º, da Lei 5.536/68. Fica a liberação da Peça condicionada ao exame do Ensaio Geral.

J.I. Conflitos Familiares

Recife, 11 de março de 1987.

João Carlos de Albuquerque Valença
João Carlos de Albuquerque Valença
Censor Federal
Mat. 022.2484

[Faint, mostly illegible text from the document body]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



Parecer nº 050/87-SCDP/SR/DPF/PE

Peça: "OS MISTÉRIOS DO SEXO"

Classificação Etária: 16 ANOS

T E X T O

Identificação: Peça teatral em 3 (três) atos de autoria de Coelho Neto.

Enredo: Uma viúva resolve criar seu filho homem como mulher, para ter mais controle sobre ele, porém aos dezoito, o jovem se revolta e assume sua identidade masculina. E ele era noivo do filho do padrinho, mas como na circunstância atual não pode se realizar o casamento, e resolvido pelo padrinho e a mãe do jovem, que ele deve se casar com a irmã do ex-noivo, por terem sido amigas íntimas. E no final dão ao jovem um prazo de um ano para experiências masculinas antes do casamento.

Mensagem: Não se pode ir contra a natureza, pois ela sempre se revela.

Linguagem: Interiorana, sem inconveniente de ordem censória, embora apresente certa malícia.

Público Alvo: Adolescente e adulto

Grau de Persuasão: Mediano

Perspectiva Censória: Este texto tem certificado vencido na DCDP, com classificação para 18 anos, no entanto pela forma cômica das cenas, consideramos a probabilidade de sua liberação para 16 anos.

Parecer: Pelo exposto, opino pela liberação do texto com impropriedade para 16 anos, condicionado ao exame de ensaio geral.

Justificativa de Impropriedade: LINGUAGEM MALICIOSA.

Recife, 09 de março de 1987.

Visto
Em 09/03/87
Lúcia de Ribarado Cristofolini
Mat. 2.415.788

Berladete Moura Queiroz
Censora Federal
Mat. 428



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



PARECER Nº 054/87-SCDP/SR/DPF/PE

TÍTULO: "OS MISTÉRIOS DO SEXO"
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

RELATÓRIO DO ENSAIO GERAL

AUTOR: COELHO NETO
DIRETOR: WALDI COUTINHO
GRUPO: ARTE VIVA
LOCAL: TEATRO APOLO
DATA: 07.03.87

HOR.: 19h

Cumprindo determinação do Chefe deste SCDP, examinei o ensaio geral da peça teatral acima identificada, conforme relato abaixo:

Apresentado na íntegra, o texto é uma comédia picante, enfocando o transexualismo decorrente de uma educação defeituosa.

Com vestuário adequado à época proposta pelo autor (século passado), a peça mostrou um cenário único (sala de visita), sem letreiros nem projeções de qualquer espécie. Do ponto de vista censório nada houve de restritivo, com referência a estes aspectos.

Não foi utilizado o sistema de iluminação, em face de problemas técnicos. E no que toca aos recursos sonoros nenhum agravante censório foi observado.

A linguagem, tanto a falada quanto a gestual, condiz com a faixa etária sugerida.

Explorando anomalia sexual capaz de gerar confusão de valores no público juvenil, o espetáculo apresenta consideráveis atenuantes: irrealismo e ridículo das cenas em formato de comédia e marcação moderada.

Pelo exposto e de conformidade com a legislação censória vigente, sugiro a liberação integral do referido espetáculo com impropriedade para menores de 16 (dezesseis) anos

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE - Temática baseada em anomalia sexual.

De acordo em 13/03/87

Recife, 09 de março de 1987.

Madja Ferraz S. de Assis
Chefe do SCDP
Substituta

Madja Ferraz S. de Assis
Censora Federal



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0574.p.293.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado N.º 12/87.

PEÇA OS MISTÉRIOS DO SEXO

ORIGINAL DE COELHO NETO

Válido em todo
Território Nacional

APROVADO PELA S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 06 de MARÇO de 19 92

Recife, 06 de MARÇO de 19 87

IMPROPRIO
ATÉ
16 ANOS

Lucia de Almeida Cristofolini
Chefe do SCDP/SR/PE

P/DERMEVAL BARRETO DE MATOS

TEATRO

TÍTULO * O PATINHO TORTO* OU *OS MISTÉRIOS DO SEXO *

AUTOR DA PEÇA: ≠ COELHO NETO *

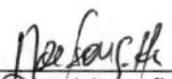
1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 18 ANOS *

Praça * SCDP/SR/PE *

Obs.: _____

DF. 19 / MARÇO / DE / 1987


Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.9____

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Não foi apresentada a validade do certificado anterior.
2. ARQUIVE-SE!

BR, 24/03/87


Luis Pedro de Sousa
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília - DF de _____ de 1.9____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

MI - DPF - SRA/BSB

BRASILIA

- 9 ABR 1976 016696

97
W

RECORRIDO POR *[Signature]*

EU *Orosimbo Luiz Pivaldi*
 Residente a Rua (Av.) *Cel. José Braz*
 N.º *1617* Apto. — Estado Civil *casado*
 venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar
 a Peça: *O PATINHO TORTO -*
 Autoria de: *COELHO NETTO*
 Trad. (Adap.) _____
 Que será representada a partir do dia *10* *MAIO* 1973
 na Cidade *MARILIA* Estado *SÃO PAULO*
 pelo Grupo ou Empresa *GETAM = GRUPO ESTUDANTIL DE*
 com Cobrança de Ingressos. *TEATRO AMADOR DE*
MARILIA
 Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.
 & Autorização da SBAT N.º _____

Nos referidos termos

P. deferimento

[Large signature]